CÂNTICO ESPIRITUAL *

(Primeira redação)

O "Cântico Espiritual", em sua primeira redação, ocupa o primeiro lugar por ordem cronológica, entre as grandes obras espirituais do Santo. Efetivamente, acabou de escrevê-lo em 1584.

O primeiro grupo das estrofes foi composto no cárcere de Toledo e o restante em Granada, provavelmente entre os anos 1582-84. Concluiu o comentário nesta última cidade, no ano de 1584, a pedido da Madre Ana de Jesus, priora das carmelitas descalças.

Páginas sublimes! Ele as chama "ditos de amor em inteligência mística". Revelam-nos a experiência "extraordinária" de São João da Cruz. Só ele podia pretender expor "os pontos e efeitos da oração... mais extraordinários", ele que os havia experimentado. O Santo aconselha-nos que as leiamos "com a simplicidade do espírito de amor que trazem". Certamente que não serão simples para todos: "Cada um... aproveita conforme sua maneira e riqueza de espírito".

São João da Cruz escreveu-as de joelhos. Talvez, lendo-as, sintamos também a necessidade de ajoelhar-nos para adorar as maravilhas da graça.

(Segunda redação)

São João da Cruz, ao ler seu "Cântico Espiritual", sentiu a desilusão que atormenta todos os artistas que

* Introdução do *Pe. Felipe Sainz de Baranda*, atual prepósito geral da Ordem dos Carmelitas Descalços, na Edição do *Pe. Simeão da Sagrada Família:* "Juan de la Cruz, Obras Completas".

não puderam plasmar sua imagem como sonhara. Insatisfeito com sua obra comentou novamente aquelas estrofes que tinham brotado de seu espírito tão espontâneas e com tanta fluidez. A segunda redação é o que chamamos Cântico B. *Contém uma estrofe a mais, a XI, que começa: "Descobre tua presença". Reorganizou a ordem das estrofes, e, com a nova ordem, receberam nova interpretação, novo sentido. Ampliou e estendeu o comentário, como se não pudesse suportar que sua alma, sabedora de tantas coisas, fosse incapaz de exprimi-las. Por isso esforçou-se por comunicar-nos algo do muito que possuía.*

A segunda redação é de 1586. Assim como a primeira, o Cântico B *é dedicado a Madre Ana de Jesus.*

É tarefa e incumbência de estudiosos analisar as diferenças de ambas as redações cotejando-as reciprocamente. É obra de almas espirituais e verdadeiros devotos de São João da Cruz viver e identificar-se com sua doutrina. Duas redações, mas a mesma experiência, os mesmos ensinamentos, o mesmo São João da Cruz.

CÂNTICO ESPIRITUAL

Explicação das Canções que tratam do exercício de amor entre a alma e Cristo, seu Esposo, em que se tocam e declaram alguns pontos e efeitos de oração a pedido da Madre Ana de Jesus, Priora das Descalças em São José em Granada.

PRÓLOGO

1. Como estas Canções, Revma. Madre, parecem ter sido escritas com algum fervor de amor de Deus, cuja sabedoria amorosa é tão imensa que atinge de um fim até outro, e a alma se exprime, de certo modo, com a mesma abundância e impetuosidade do amor que a move e inspira, não penso agora em descrever toda a plenitude e profusão nelas infundida pelo fecundo espírito de amor. Seria, ao contrário, ignorância supor que as expressões amorosas de inteligência mística, como são as das presentes Canções, possam ser explicadas com clareza por meio de palavras: é o Espírito do Senhor, que ajuda a nossa fraqueza, no dizer de São Paulo, e, habitando em nossa alma, pede para nós com gemidos inenarráveis, aquilo que nós mesmos mal podemos entender ou compreender para manifestá-lo. Na verdade, quem poderá escrever o que esse Espírito dá a conhecer às almas inflamadas no seu amor? Quem poderá exprimir por palavras o que ele lhes dá a experimentar? E quem, finalmente, dirá os desejos que nelas desperta? Decerto, ninguém o pode. De fato, nem as próprias almas

nas quais isto se passa podem exprimi-lo. Este é o motivo de empregarem figuras, comparações e semelhanças, para com elas esboçar apenas algo do que sentem; e da abundância do espírito transbordam segredos e mistérios, mais do que procuram, por meio de razões, explicá-los. Tais semelhanças, se não forem lidas com a simplicidade do espírito de amor e inteligência nelas encerrado, antes parecerão disparates do que expressões razoáveis. Assim podemos verificar nos divinos Cantares de Salomão e outros livros da Sagrada Escritura: não podendo o Espírito Santo dar a entender a abundância de seu sentido por termos vulgares e usados, fala misteriosamente por estranhas figuras e semelhanças. Daí vem que os santos doutores da Igreja, por muito que digam, e por mais que queiram dizer, jamais poderão acabar de explicar com palavras o que com palavras não se pode exprimir; portanto, o que desses livros se declara, ordinariamente fica muito abaixo do que eles em si contêm.

2. Essas Canções, tendo sido compostas em amor de abundante inteligência mística, não poderão ser explicadas completamente, nem, aliás, é esta minha intenção; quero somente dar alguma luz geral, porque V. Revma. assim o quis. Isto tenho por melhor. Julgando mais vantajoso declarar os ditos de amor em toda a sua amplidão, a fim de deixar cada alma aproveitar-se deles segundo seu próprio modo e capacidade espiritual, em vez de limitá-los a um só sentido. Assim, embora sejam de algum modo explicadas, não é necessário ater-se à explicação; porque a sabedoria mística, isto é, a sabedoria de amor de que tratam as presentes Canções, não há mister ser entendida distintamente para produzir efeito de amor na alma; pois age de modo semelhante à fé, na qual amamos a Deus sem o compreender.

3. Serei, portanto, muito breve, sem, contudo, deixar de estender-me em algumas partes onde o pedir a matéria, e quando se oferecer oportunidade de tratar e declarar certos pontos e efeitos de oração, muitos dos quais são tocados nestas Canções; por este motivo não

poderei deixar de explicar alguns deles. Deixarei de lado os mais comuns, para explicar rapidamente os mais extraordinários, sucedidos às almas que, com o favor de Deus, passaram do estado de principiantes. Assim faço por duas razões. Primeira: para principiantes há muita coisa escrita. Segunda: dirijo-me, por seu mandado, a V. Revma., a quem Nosso Senhor já fez a graça de tirar desses princípios e levar mais adentro no seio de seu divino amor. Espero, portanto, que, embora se escrevam aqui alguns princípios de teologia escolástica acerca do trato interior da alma com seu Deus, não será inútil haver falado algum tanto puramente ao espírito da maneira que o fizemos; na verdade, se a V. Revma. falta o exercício da teologia escolástica com que se entendem as verdades divinas, não lhe falta, porém, o da teologia mística que se sabe por amor, e na qual não somente se sabem, mas ao mesmo tempo se saboreiam tais verdades.

4. E para que mereça mais fé tudo quanto disser (e que desejo submeter a melhor juízo, e totalmente ao da Santa Madre Igreja) não penso afirmar coisa minha; tampouco me hei de fiar de experiência própria do que se haja passado em mim, ou que de outras pessoas espirituais haja conhecido, ou delas ouvido, embora tencione aproveitar-me de uma e de outra coisa. Tudo, porém, irei confirmando e declarando com citações da Escritura Divina, ao menos no que parecer de mais difícil compreensão. Nestas citações procederei deste modo: primeiro porei as sentenças em latim, e logo as declararei a propósito do que forem citadas. Porei em primeiro lugar todas as Canções juntas, e depois por sua ordem irei colocando cada uma de per si a fim de explicá-la. De cada Canção explicarei cada verso, pondo-o no princípio de sua explicação.

CANÇÕES DE AMOR ENTRE A ALMA E DEUS

ESPOSA

I

Onde é que te escondeste,
Amado, e me deixaste com gemido?
Como o cervo fugiste,
Havendo-me ferido;
Saí, por ti clamando, e eras já ido.

II

Pastores que subirdes
Além, pelas malhadas, ao Outeiro,
Se, porventura, virdes
Aquele a quem mais quero,
Dizei-lhe que adoeço, peno, e morro.

CANCIONES ENTRE EL ALMA Y EL ESPOSO

ESPOSA

I

¿Adónde te escondiste,
Amado, y me dejaste con gemido?
Como el ciervo huiste,
habiéndome herido;
salí tras ti clamando, y eras ido.

Canciones

II

Pastores los que fuerdes
allá por las majadas al otero,
si por ventura vierdes
aquel que yo más quiero,
decilde que adolezco, peno y muero.

III

Buscando meus amores,
irei por estes montes e ribeiras;
Não colherei as flores,
nem temerei as feras,
E passarei os fortes e fronteiras.

PERGUNTA ÀS CRIATURAS

IV

Ó bosques e espessuras,
Plantados pela mão de meu Amado!
Ó prado de verduras,
De flores esmaltado,
Dizei-me se por vós ele há passado!

RESPOSTA DAS CRIATURAS

V

Mil graças derramando,
Passou por estes soutos com presteza,

III

Buscando mis amores
iré por esos montes y riberas;
ni cogeré las flores
ni temeré las fieras,
y pasaré los fuertes y fronteras.

PREGUNTA A LAS CRIATURAS

IV

¡Oh bosques y espesuras
plantadas por la mano del Amado!,
¡oh prado de verduras
de flores esmaltado!,
decid si por vosotros ha pasado.

RESPUESTA DE LAS CRIATURAS

V

Mil gracias derramando
pasó por estos sotos con presura

E, enquanto os ia olhando,
Só com sua figura
A todos revestiu de formosura.

ESPOSA

VI

Quem poderá curar-me?!
Acaba de entregar-te já deveras;
Não queiras enviar-me
Mais mensageiro algum,
Pois não sabem dizer-me o que desejo.

VII

E todos quantos vagam,
De ti me vão mil graças relatando.
E todos mais me chagam;
E deixa-me morrendo
Um "não sei quê", que ficam balbuciando.

---

y, yéndoles mirando,
con sola su figura
vestidos los dejó de hermosura.

ESPOSA

VI

¡Ay!, ¿quién podrá sanarme?
Acaba de entregarte ya de vero;
no quieras enviarme
de hoy más ya mensajero,
que no saben decirme lo que quiero.

VII

Y todos cuantos vagan
de ti me van mil gracias refiriendo,
y todos más me llagan,
y déjame muriendo
un no sé qué que quedan bulbuciendo.

VIII

Mas como perseveras,
Ó vida, não vivendo onde já vives?
Se fazem com que morras
As flechas que recebes
Daquilo que do Amado em ti concebes?

IX

Por que, pois, hás chagado
Este meu coração, o não saraste?
E, já que mo hás roubado,
Por que assim o deixaste
E não tomas o roubo que roubaste?

X

Extingue os meus anseios,
Porque ninguém os pode desfazer;
E vejam-te meus olhos,
Pois deles és a luz,
E para ti somente os quero ter.

VIII

Mas ¿cómo perseveras,
¡oh vida!, no viviendo donde vives
y haciendo por que mueras
las flechas que recibes
de lo que del Amado en ti concibes?

IX

¿Por qué, pues has llagado
aqueste corazón, no le sanaste?
Y, pues me le has robado,
¿por qué así le dejaste
y no tomas el robo que robaste?

X

Apaga mis enojos,
pues que ninguno basta a deshacellos,
y véante mis ojos,
pues eres lumbre dellos,
y sólo para ti quiero tenellos.

XI

Mostra tua presença!
Mate-me a tua vista e formosura;
Olha que esta doença
De amor jamais se cura,
A não ser com a presença e com a figura.

XII

Ó cristalina fonte,
Se nesses teus semblantes prateados
Formasses de repente
Os olhos desejados
Que tenho nas entranhas debuxados!

XIII

Aparta-os, meu Amado,
Que eu alço o vôo.

ESPOSO

Oh! volve-te, columba,
Que o cervo vulnerado

XI

Descubre tu presencia,
y máteme tu vista y hermosura,
mira que la dolencia
de amor, que no se cura
sino con la presencia y la figura.

XII

¡Oh cristalina fuente,
si en esos tus semblantes plateados
formases de repente
los ojos deseados
que tengo en mis entrañas dibujados!

XIII

¡Apártalos, Amado,
que voy de vuelo!

ESPOSO

— Vuélvete, paloma,
que el ciervo vulnerado

No alto do outeiro assoma,
Ao sopro de teu vôo, e fresco toma.

ESPOSA

XIV

No Amado acho as montanhas,
Os vales solitários, nemorosos,
As ilhas mais estranhas,
Os rios rumorosos,
E o sussurro dos ares amorosos;

XV

A noite sossegada,
Quase aos levantes do raiar da aurora;
A música calada,
A solidão sonora,
A ceia que recreia e que enamora.

---

por el otero asoma
al aire de tu vuelo, y fresco toma.

ESPOSA

XIV

Mi Amado, las montañas,
los valles solitarios nemorosos,
las ínsulas extrañas,
los rios sonorosos,
el silbo de los aires amorosos;

XV

La noche sosegada
en par de los levantes del aurora,
la música callada,
la soledad sonora,
la cena que recrea y enamora.

XVI

Caçai-nos as raposas,
Que está já toda em flor a nossa vinha;
Enquanto destas rosas
Faremos uma pinha,
E ninguém apareça na colina!

XVII

Detém-te, Aquilão morto!
Vem, Austro, que despertas os amores:
Aspira por meu horto,
E corram seus olores,
E o Amado pascerá por entre as flores.

XVIII

Ó ninfas da Judéia,
Enquanto pelas flores e rosais
Vai recendendo o âmbar,
Ficai nos arrabaldes
E não ouseis tocar nossos umbrais.

XVI

Cazadnos las raposas,
que está ya florecida nuestra viña,
entanto que de rosas
hacemos una piña,
y no parezca nadie en la montiña.

XVII

Detente, cierzo muerto;
ven, austro, que recuerdas los amores,
aspira por mi huerto
y corran sus olores,
y pacerá el Amado entre las flores.

XVIII

¡Oh ninfas de Judea!,
en tanto que en las flores y rosales
el ámbar perfumea,
morá en los arrabales
y no queráis tocar nuestros umbrales.

XIX

Esconde-te, Querido!
Voltando tua face, olha as montanhas;
E não queiras dizê-lo,
Mas olha as companheiras
Da que vai pelas ilhas mais estranhas.

ESPOSO

XX

A vós, aves ligeiras,
Leões, cervos e gamos saltadores,
Montes, vales, ribeiras,
Águas, ventos, ardores,
E, das noites, os medos veladores:

XXI

Pelas amenas liras
E cantos de sereias, vos conjuro
Que cessem vossas iras,

XIX

Escóndete, Carillo,
y mira con tu haz a las montañas
y no quieras decillo;
mas mira las campañas
de la que va por ínsulas extrañas.

ESPOSO

XX

A las aves ligeras,
leones, ciervos, gamos saltadores,
montes, valles, riberas,
aguas, aires, ardores
y miedos de las noches veladores:

XXI

Por las amenas liras
y canto de serenas, os conjuro
que cesen vuestras iras

E não toqueis no muro,
Para a Esposa dormir sono seguro.

XXII

Entrou, enfim, a Esposa
No horto ameno por ela desejado;
E a seu sabor repousa,
O colo reclinado
Sobre os braços dulcíssimos do Amado.

XXIII

Sob o pé da macieira,
Ali, comigo foste desposada;
Ali te dei a mão,
E foste renovada
Onde a primeira mãe foi violada.

ESPOSA

XXIV

Nosso leito é florido,
De covas de leões entrelaçado,
Em púrpura estendido,

---

y no toquéis al muro,
por que la esposa duerma más seguro.

XXII

Entrado se há la esposa
en el ameno huerto deseado,
y a su sabor reposa,
el cuello reclinado
sobre los dulces brazos del Amado.

XXIII

Debajo del manzano,
allí conmigo fuiste desposada,
allí te di la mano,
y fuiste reparada
donde tu madre fuera violada.

ESPOSA

XXIV

Nuestro lecho florido,
de cuevas de leones enlazado,
en púrpura tendido,

De paz edificado,
De mil escudos de ouro coroado.

XXV

Após tuas pisadas
Vão discorrendo as jovens no caminho,
Ao toque de centelha,
Ao temperado vinho,
Dando emissões de bálsamo divino.

ESPOSA

XXVI

Na interior adega
Do Amado meu, bebi; quando saía,
Por toda aquela várzea
Já nada mais sabia,
E o rebanho perdi que antes seguia.

XXVII

Ali me abriu seu peito
E ciência me ensinou mui deleitosa;

---

de paz edificado,
de mil escudos de oro coronado.

XXV

A zaga de tu huella
las jóvenes discurren al camino,
al toque de centella,
al adobado vino:
emisiones de bálsamo divino.

ESPOSA

XXVI

En la interior bodega
de mi Amado bebí, y, cuando salía
por toda aquesta vega,
ya cosa no sabía
y el ganado perdí que antes seguía.

XXVII

Allí me dio su pecho,
allí me enseñó ciencia muy sabrosa,

E a ele, em dom perfeito,
Me dei, sem deixar coisa,
E então lhe prometi ser sua esposa.

XXVIII

Minha alma se há votado,
Com meu cabedal todo, a seu serviço;
Já não guardo mais gado,
Nem mais tenho outro ofício,
Que só amar é já meu exercício.

XXIX

Se agora, em meio à praça,
Já não for mais eu vista, nem achada,
Direis que me hei perdido,
E, andando enamorada,
Perdidiça me fiz e fui ganhada.

XXX

De flores e esmeraldas,
Pelas frescas manhãs bem escolhidas,

---

y yo le di de hecho
a mí sin dejar cosa;
allí le prometí de ser su esposa.

XXVIII

Mi alma se há empleado
y todo mi caudal en su servicio;
ya no guardo ganado,
ni ya tengo otro oficio,
que ya sólo en amar es mi ejercicio.

XXIX

Pues ya si en el ejido
de hoy más no fuere vista ni hallada,
diréis que me he perdido,
que, andando enamorada,
me hice perdidiza, y fuí ganada.

XXX

De flores y esmeraldas,
en las frescas mañanas escogidas,

Faremos as grinaldas
Em teu amor floridas,
E num cabelo meu entretecidas.

XXXI

Só naquele cabelo
Que em meu colo a voar consideraste,
— Ao vê-lo no meu colo, —
Nele preso ficaste,
E num só de meus olhos te chagaste.

XXXII

Quando tu me fitavas,
Teus olhos sua graça me infundiam;
E assim me sobreamavas,
E nisso mereciam
Meus olhos adorar o que em ti viam.

XXXIII

Não queiras desprezar-me,
Porque, se cor trigueira em mim achaste,

---

haremos las guirnaldas,
en tu amor floridas
y en un cabello mío entretejidas.

XXXI

En sólo aquel cabello
que en mi cuello volar consideraste,
mirástele en mi cuello
y en él preso quedaste,
y en uno de mis ojos te llagaste.

XXXII

Cuando tú me mirabas,
su gracia en mí tus ojos imprimian:
por eso me adamabas,
y en eso merecían
los míos adorar lo que en ti vían.

XXXIII

No quieras despreciarme;
que, si color moreno en mí hallaste,

Já podes ver-me agora,
Pois, desde que me olhaste,
A graça e a formosura em mim deixaste.

XXXIV

Eis que a branca pombinha
Para a arca, com seu ramo, regressou;
E, feliz, a rolinha
O par tão desejado
Já nas ribeiras verdes encontrou.

XXXV

Em solidão vivia,
Em solidão seu ninho há já construído;
E em solidão a guia,
A sós, o seu Querido,
Também na solidão, de amor ferido.

XXXVI

Gozemo-nos, Amado!
Vamo-nos ver em tua formosura,

---

ya bien puedes mirarme
después que me miraste,
que gracia y hermosura en mí dejaste.

XXXIV

La blanca palomica
al arca con el ramo se ha tornado,
y ya la tortolica
al socio deseado
en las riberas verdes ha hallado.

XXXV

En soledad vivía
y en soledad ha puesto ya su nido,
y en soledad la guía
a solas su querido,
también en soledad de amor herido.

XXXVI

Gocémonos, Amado,
y vámonos a ver en tu hermosura

No monte e na colina,
Onde brota a água pura;
Entremos mais adentro na espessura.

XXXVII

E, logo, as mais subidas
Cavernas que há na pedra, buscaremos;
Estão bem escondidas;
E juntos entraremos,
E das romãs o mosto sorveremos.

XXXVIII

Ali me mostrarias
Aquilo que minha alma pretendia,
E logo me darias,
Ali, tu, vida minha,
Aquilo que me deste no outro dia.

XXXIX

E o aspirar da brisa,
Do doce rouxinol a voz amena,

---

al monte y al collado,
do mana el agua pura;
entremos más adentro en la espesura.

XXXVII

Y luego a las subidas
cavernas de la piedra nos iremos
que están bien escondidas,
y allí nos entraremos,
y el mosto de granadas gustaremos.

XXXVIII

Allí me mostrarías
aquello que mi alma pretendía,
y luego me darías
allí tú, vida mía,
aquello que me diste el otro día:

XXXIX

El aspirar del aire,
el canto de la dulce filomena,

O souto e seu encanto,
Pela noite serena,
Com chama que consuma sem dar pena.

XL

Ali ninguém olhava;
Aminadab tampouco aparecia;
O cerco sossegava;
Mesmo a cavalaria,
Só à vista das águas, já descia.

---

el soto y su donaire
en la noche serena,
con llama que consume y no da pena.

XL

Que nadie lo miraba...
Aminadab tampoco parecía;
y el cerco sosegaba
y la caballería
a vista de las aguas descendía.

ARGUMENTO

1. A ordem seguida nestas canções vai desde que uma alma começa a servir a Deus até chegar ao último estado de perfeição, que é o matrimônio espiritual; por isso, nas mesmas canções, tocam-se os três estados ou vias de exercício espiritual, pelas quais passa a alma até atingir o dito estado. Estas vias são: purgativa, iluminativa e unitiva. E são explicadas algumas propriedades e efeitos em relação a cada uma delas.

2. As primeiras canções tratam dos principiantes, isto é, da via purgativa. As seguintes tratam dos adiantados, quando se faz o desposório espiritual, e esta é a via iluminativa. Depois, seguem-se outras canções, referentes à via unitiva, que é a dos perfeitos, onde se realiza o matrimônio espiritual. Esta via unitiva, já dos perfeitos, vem depois da iluminativa que é própria dos adiantados. As últimas canções, enfim, tratam do estado beatífico, único intento da alma chegada ao estado de perfeição.

COMEÇA A EXPLICAÇÃO DAS CANÇÕES DE AMOR ENTRE A ESPOSA E O ESPOSO, CRISTO

ANOTAÇÃO

1. Caindo a alma na conta do que está obrigada a fazer, vê como a vida é breve (Jó 14,5), e quão estreita é a senda da vida eterna (Mt 7,14); considera que mesmo o justo dificilmente se salva (1Pd 4,18), e que as coisas do mundo são vãs e ilusórias, pois tudo se acaba como a água corrente (2Rs 14,14). Sabe que o tempo é incerto, a conta rigorosa, a perdição muito fácil, e a salvação bem difícil. Conhece, por outra parte, a sua enorme dívida para com Deus que lhe deu o ser a fim de que a alma pertencesse totalmente a ele; deve, portanto, só a Deus, o serviço de toda a sua vida. Em ter sido remida por ele, ficou-lhe devedora de tudo, e na necessidade de corresponder ao seu amor, livre e voluntariamente. E em outros mil benefícios se acha obrigada para com Deus, antes mesmo que houvesse nascido. E, no entanto, compreende agora como grande parte de sua vida transcorreu em vão, não obstante a razão e conta que terá de dar a respeito de tudo, tanto do princípio como do fim, até o último ceitil (Mt 5,26) quando Deus vier esquadrinhar Jerusalém com tochas acesas (Sb 1,12), e que já é tarde, e talvez chegado o último dia (Mt 20,5)! E assim a alma, sobretudo, por sentir a Deus muito afastado e escondido, em razão de ter ela querido esquecer-se tanto dele no meio das criaturas, tocada agora de pavor e de íntima dor no coração à vista de tanta perdição e perigo, renuncia a todas as coisas; dá de mão a todo negócio; e sem dilatar mais

dia nem hora, com ânsia e gemido a brotar-lhe do coração já ferido pelo amor de Deus, começa a invocar seu Amado, e diz:

Canção I

Onde é que te escondeste,
Amado, e me deixaste com gemido?
Como o cervo fugiste,
Havendo-me ferido;
Saí, por ti clamando, e eras já ido.

EXPLICAÇÃO

2. Nesta primeira canção, a alma enamorada de seu Esposo, o Verbo de Deus, desejando unir-se a ele por visão clara de sua essência, expõe suas ânsias de amor. Queixa-se a ele de sua ausência, mais ainda porque, depois de havê-la ferido e chagado com seu amor, — pelo qual saiu a alma de todas as coisas criadas e de si mesma, — ainda a faça sofrer essa ausência de seu Amado, e não queira ainda desatá-la da carne mortal para poder gozar dele na glória da eternidade. E assim diz:

Onde é que te escondeste?

3. Como se dissera: Ó Verbo, meu Esposo, mostra-me o lugar onde estás escondido. Nisto lhe pede a manifestação de sua divina essência, porque o lugar onde está escondido o Filho de Deus é, conforme a palavra de São João, o seio do Pai (Jo 1,18), que é a essência divina, a qual está alheia a todo olhar mortal, e escondida a todo humano entendimento. Por este motivo, Isaías, falando a Deus, exclamou: "Verdadeiramente tu és Deus escondido" (Is 45,15). Daqui podemos concluir

que as maiores comunicações, e as mais elevadas e sublimes notícias de Deus, que a alma possa ter nesta vida, nada disso é Deus em sua essência, nem tem a ver com ele, pois, na verdade, Deus permanece sempre escondido para a alma. É conveniente, então, que ela o tenha sempre como escondido, e acima de todas essas grandezas e o busque sempre escondido, dizendo: Onde é que te escondeste? Porque nem a elevada comunicação de Deus, nem a sua presença sensível, é testemunho certo de sua presença, pela graça; nem tampouco a secura e carência de tudo isso é sinal de sua ausência na alma. Testemunha-o o profeta Jó quando diz: "Se vier a mim não o verei, e se for embora, não o entenderei" (Jó 9,11).

4. Por aqui havemos de entender o seguinte: se a alma sentir grande comunicação, ou sentimento, ou notícia espiritual, não é isso razão para persuadir-se de que aquela experiência consiste em possuir ou contemplar a Deus, clara e essencialmente; ou para crer que recebe mais de Deus, ou está mais unida a ele, por mais fortes que sejam tais experiências. Do mesmo modo, não há de pensar que, em faltando todas essas comunicações espirituais sensíveis, permanecendo ela na secura, treva e desamparo, Deus lhe falta, mais do que na consolação. Na realidade, não poderá assegurar-se de estar em graça no primeiro caso, nem saberá se está fora dela no segundo, dizendo o Sábio: "Ninguém sabe se é digno de amor ou de ódio na presença de Deus" (Ecl 9,1). Deste modo, o principal intento da alma neste verso, não é pedir apenas a devoção afetiva e sensível, na qual não há certeza nem claridade da posse do Esposo nesta vida mortal; é, principalmente, pedir a clara presença e visão de sua divina essência, na qual deseja estar segura e satisfeita na vida eterna.

5. Isso mesmo quis significar a Esposa nos Cantares divinos, quando, em seu desejo de unir-se à divindade do Verbo, seu Esposo, pediu essa graça ao Pai dizendo: "Mostra-me onde te apascentas, e onde te recostas ao

meio-dia" (Ct 1,6). Ora, pedir que lhe mostrasse onde se apascenta era pedir lhe manifestasse a essência do Verbo Divino, Filho de Deus, porque o Pai não se apascenta em outra coisa a não ser em seu único Filho, que é a sua glória. Ao pedir que lhe mostrasse o lugar onde se recostava, fazia a mesma súplica, pois só o Filho é o deleite do Pai que não se recosta em outro lugar, nem se acha senão neste Filho amado no qual se repousa, comunicando-lhe toda a sua essência, ao meio-dia, isto é, na eternidade onde sempre o está gerando e o tem gerado. Essa refeição, pois, do Verbo Esposo, em que o Pai se apascenta com infinita glória, e esse leito florido, onde com infinito deleite de amor se recosta, profundamente escondido a todo olhar mortal de criatura, é o que pede aqui a alma Esposa quando diz: Onde é que te escondeste?

6. E, para que esta alma sequiosa venha a encontrar o Esposo e unir-se a ele, por união de amor, conforme é possível nesta vida, e consiga entreter sua sede com esta gota que do Amado se pode gozar aqui na terra, será bom que lhe respondamos em nome do Esposo a quem ela se dirige. Vamos, portanto, mostrar-lhe o lugar mais certo onde ele está escondido, e aí possa a alma achá-lo seguramente, com a perfeição e o deleite compatíveis com esta vida; deste modo não irá a alma errante, e em vão, atrás das pisadas das companheiras. Para alcançar este fim, é necessário observar aqui o seguinte: o Verbo, Filho de Deus, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, está essencial e presencialmente escondido no íntimo ser da alma. Para achá-lo, deve, portanto, sair de todas as coisas segundo a inclinação e a vontade, e entrar em sumo recolhimento dentro de si mesma, considerando todas as coisas como se não existissem. Santo Agostinho assim dizia, falando com Deus no Solilóquios: "Não te achava fora, Senhor, porque mal te buscava fora, estando tu dentro" (Sol. 31). Está Deus, pois, escondido na alma, e aí o há de buscar com amor o bom contemplativo, dizendo: onde é que te escondeste?

7. Eia, pois, ó alma formosíssima entre todas as criaturas, que tanto desejas saber o lugar onde está teu Amado, a fim de o buscares e a ele te unires! Já te foi dito que és tu mesma o aposento onde ele mora, o retiro e esconderijo em que se oculta. Nisto tens motivo de grande contentamento e alegria, vendo como todo o teu bem e esperança se acham tão perto de ti, a ponto de estar dentro de ti; ou, por melhor dizer, não podes estar sem ele. Vede, diz o Esposo, que o reino de Deus está dentro de vós (Lc 17,21). E o seu servo, o apóstolo São Paulo, o confirma: "Vós sois o templo de Deus (2Cor 5,16).

8. Grande consolação traz à alma o entender que jamais lhe falta Deus, mesmo quando se achasse (ela) em pecado mortal; quanto mais estará presente naquela que se acha em estado de graça! Que mais queres, ó alma, e que mais buscas fora de ti, se tens dentro de ti tuas riquezas, teus deleites, tua satisfação, tua fartura e teu reino, que é teu Amado a quem procuras e desejas? Goza-te e alegra-te em teu interior recolhimento com ele, pois o tens tão próximo. Aí o deseja, aí o adora, e não vás buscá-lo fora de ti, porque te distrairás e cansarás; não o acharás nem gozarás com maior segurança, nem mais depressa, nem mais de perto, do que dentro de ti. Há somente uma coisa: embora esteja dentro de ti, está escondido. Mas, já é grande coisa saber o lugar onde ele se esconde, para o buscar ali com certeza. É isto o que pedes também aqui, ó alma, quando, com afeto de amor, exclamas: Onde é que te escondeste?

9. No entanto, dizes: Se está em mim aquele a quem minha alma ama, como não o acho nem o sinto? A causa é estar ele escondido, e não te esconderes também para achá-lo e senti-lo. Quando alguém quer achar um objeto escondido, há de penetrar ocultamente até o fundo do esconderijo onde ele está; e quando o encontra, fica também escondido com o objeto oculto. Teu amado Esposo é esse tesouro escondido no campo de tua alma, pelo qual o sábio comerciante deu todas as suas riquezas (Mt 13,44); convém, pois, para o achares que, es-

quecendo todas as tuas coisas e alheando-te a todas as criaturas, te escondas em teu aposento interior do espírito; e, fechando a porta sobre ti (isto é, tua vontade a todas as coisas), ores a teu Pai no segredo. E assim, permanecendo escondida com o Amado, então o perceberás às escondidas, e te deleitarás com ele às ocultas, isto é, acima de tudo o que pode alcançar a língua e o sentido.

10. Eia, pois, alma formosa, já sabes agora que em teu seio mora escondido o Amado de teus desejos: procura, portanto, ficar com ele bem escondida, e no teu seio o abraçarás e sentirás com afeto de amor. Olha que a esse esconderijo te chama o Esposo por Isaías dizendo: "Anda, entra em teus aposentos, fecha tuas portas sobre ti", isto é, todas as tuas potências a todas as criaturas, "esconde-te um pouco até um momento" (Is 26,20), quer dizer, por este momento da vida temporal. Decerto se nesta vida tão breve guardares, ó alma, com todo o cuidado teu coração, como diz o Sábio (Pr 4,23), sem dúvida alguma, dar-te-á Deus o que promete ele mesmo por Isaías nestes termos: "Dar-te-ei os tesouros escondidos e descobrir-te-ei a substância e os mistérios dos segredos" (Is 45,3). Esta substância dos segredos é o mesmo Deus, pois é ele a substância da fé e o seu conceito, sendo a mesma fé o segredo e o mistério. Quando nos for manifestado aquilo que Deus nos tem encoberto e escondido sob a fé, a qual, segundo diz São Paulo, encerra o que há de perfeito em Deus, então se manifestará à alma a substância e os mistérios dos segredos. Nesta vida mortal, jamais penetrará tão profundamente neles como na eternidade, por mais que se esconda; todavia, se procurar, como Moisés (Ex 33,22) esconder-se na caverna de pedra — que é a verdadeira imitação da perfeição da vida do Filho de Deus, Esposo da alma, — com o amparo da destra do Senhor, merecerá que lhe sejam mostradas as costas de Deus, isto é, chegará nesta vida a tanta perfeição, a ponto de unir-se e transformar-se por amor no Filho de Deus, seu Esposo. E, assim,

há de sentir-se tão unida a ele e tão instruída e sábia em seus mistérios que, em relação ao conhecimento de Deus nesta vida, não lhe será mais necessário dizer: onde é que te escondeste?

11. Já te foi dito, ó alma, como hás de proceder a fim de encontrares o Esposo em teu esconderijo. Se outra vez, porém, o queres ouvir, escuta, então, uma palavra cheia de substância e de verdade inacessível: é preciso buscá-lo na fé e no amor, sem querer satisfação em coisa alguma, nem tampouco gozar ou compreender mais do que deves saber em tudo. Estes — a fé e o amor, — são os dois guias de cego que te conduzirão por onde não sabes, levando-te além, ao esconderijo de Deus. Efetivamente, a fé, este segredo do qual falamos, é como os pés com que a alma vai a Deus; e o amor, o guia que a conduz. Andando ela no trato e manuseio desses mistérios e segredos da fé, merecerá que o amor lhe descubra o que está encerrado na fé: o Esposo a quem deseja unir-se, nesta vida, por graça especial de divina união com Deus, conforme dissemos, e depois, na outra, por glória essencial, gozando-o face a face e não mais escondido (já de modo algum escondido). No entanto, mesmo que a alma chegue a essa união (que é o mais alto estado acessível nesta vida) o Amado permanece sempre escondido no seio do Pai. E como toda a sua aspiração é gozar dele na vida eterna, continua dizendo: onde é que te escondeste?

12. Fazes muito bem, ó alma, em buscar o Amado sempre escondido, porque muito exaltas a Deus, e muito perto dele te chegas, quando o consideras mais elevado e profundo que tudo quanto podes alcançar. Por esta razão, não te detenhas, seja em parte, seja no todo, naquilo que tuas potências podem apreender. Quero dizer: jamais desejes satisfazer-te nas coisas que entenderes de Deus; antes procura contentar-te no que não compreenderes a respeito dele. Nunca te detenhas em amar e gozar nessas coisas que entendes ou experimentas, mas, ao contrário, põe teu amor e deleite naquilo que não

podes entender ou sentir; porque isso, como dissemos, é buscar a Deus na fé. Visto como Deus é inacessível e escondido, conforme também já explicamos, por mais que te pareça achá-lo, senti-lo ou entendê-lo, sempre o hás de considerar escondido, e o hás de servir escondido às escondidas. E não sejas como tantos incipientes que consideram a Deus de modo mesquinho, pensando estar ele mais longe ou mais oculto, quando não o entendem, nem o gozam, nem o sentem; mais verdade é o contrário, porque chegam mais perto de Deus quando menos distintamente o percebem. Assim o testifica o profeta Davi: "Pôs nas trevas o seu esconderijo" (Sl 17,12). Logo, ao te aproximares de Deus, forçosamente hás de sentir trevas, pela fraqueza de teus olhos. Fazes, pois, muito bem, em toda ocasião, seja de adversidade ou prosperidade temporal ou espiritual, em considerar sempre a Deus como escondido, e desse modo clamar a ele, dizendo: onde é que te escondeste,

Amado, e me deixaste com gemido?

13. A alma o chama aqui de Amado, para mais o mover e inclinar a seus rogos, pois quando Deus é amado, com grande facilidade atende as petições de quem o ama. Assim o diz por São João: "Se permanecerdes em mim, tudo o que quiserdes pedireis e dar-se-vos-á" (Jo 5,7). Daqui se conclui que a alma, na verdade, só pode chamar a Deus de Amado, quando está toda unida com ele, não tendo o coração apegado a coisa alguma fora de Deus, e assim, de ordinário, traz o seu pensamento nele. Por falta disso, queixou-se Dalila a Sansão: como podia dizer ele que a amava, se o seu espírito não estava com ela? (Jz 16,15). O espírito inclui o pensamento e a inclinação. Daí vem o chamarem alguns ao Esposo de Amado, e não o é na realidade. Não têm firme em Deus o coração, e, assim, seus rogos não valem tanto na presença do Senhor. Este é o motivo pelo qual não conseguem logo ser atendidos em suas

petições, até que, perseverando na oração, venham a permanecer mais continuamente na presença de Deus, e tenham o coração mais unido com ele, com inclinação de amor; porque de Deus nada se alcança a não ser por amor.

14. Logo acrescenta a alma: E me deixaste com gemido. Nessa expressão convém observar que a ausência do Amado causa no amante um contínuo gemido; porque nada mais amando fora dele, em nada pode descansar ou achar alívio. Aqui se conhecerá quem ama verdadeiramente a Deus: o que não se contenta em coisa alguma fora dele. Como, porém, posso dizer que se contenta?! Jamais estará contente, embora possua todas as coisas juntas; antes, quanto mais tiver, menos se contentará. Na verdade, a satisfação do coração não se acha na posse das coisas, e sim no despojamento de todas elas, em pobreza de espírito. Nisto consiste a perfeição do amor com que se possui a Deus, em muita união e particular graça; por conseguinte, só em chegando a esse ponto é que a alma vive aqui na terra com alguma satisfação; não, porém, com fartura. O profeta Davi, com toda a sua perfeição, só no céu esperava ser plenamente saciado, e assim disse: "Saciar-me-ei quando aparecer tua glória" (Sl 16,15). Não basta, portanto, a paz e tranqüilidade ou o contentamento do coração, a que a alma pode chegar nesta vida, para deixar de sentir no íntimo de si mesma esse gemido (embora pacífico e não penoso), na esperança do que lhe falta. O gemido é anexo à esperança, e assim o dizia o Apóstolo quando declarava senti-lo, não só ele, mas todos os cristãos, embora perfeitos: "Nós que temos as primícias do Espírito gememos dentro de nós, esperando a adoção de filhos de Deus" (Rm 8,23). Este gemido, pois, tem agora a alma dentro de si, no coração enamorado; porque onde o amor fere, aí está o gemido da ferida clamando sempre com o sentimento da ausência, mormente quando já saboreou alguma comunicação suave e deleitosa do Esposo que, em se ausentando, deixou a

alma de repente sozinha e na secura. Por esta causa, logo exclama ela:

Como o cervo fugiste

15. Convém notar, a este respeito, como nos Cantares a Esposa compara o Esposo ao cervo e à cabra montesa, dizendo: "Semelhante é meu Amado à cabra e ao filho dos cervos" (Ct 2,9). Assim o faz, não somente por ser ele estranho e solitário, fugindo às companhias, como o cervo, mas também pela rapidez em esconder-se e manifestar-se. De fato, é deste modo que procede o Amado nas visitas que costuma fazer às almas devotas, regalando-as e animando-as, bem como nas ausências e esquivanças que lhes faz sentir, depois de tais visitas, a fim de que sejam provadas, humilhadas e ensinadas, tornando mais sensível então a dor da ausência. E assim o dá a entender a mesma alma nas palavras seguintes quando diz:

Havendo-me ferido

16. Como se dissesse: "Não me bastava somente a pena e dor que ordinariamente padeço em tua ausência? Por que, ferindo-me mais ainda de amor com tuas flechas, e aumentando a paixão e desejo de tua vista, agora foges com ligeireza de cervo, e não te deixas apreender sequer um pouco?"

17. Para melhor explicar este verso, convém saber que, além de muitas outras espécies de visitas feitas por Deus à alma, nas quais a fere e transporta de amor, costuma ele dar uns toques de amor bem escondidos. São estes como setas de fogo que vêm ferir e transpassar a alma, deixando-a toda cauterizada com amoroso fogo; estas, propriamente, se chamam feridas de amor, e a elas se refere aqui a mesma alma.

Inflamam de tal modo a vontade com tanta veemência, que a alma fica a se abrasar em fogo e chama de amor, tão fortemente, a ponto de parecer consumir-se naquela frágua, saindo fora de si, a renovar-se toda, e transformando-se em novo ser, como a fênix que se queima, e renasce das cinzas. O profeta Davi fala sobre isso, nestes termos: "Foi inflamado meu coração e os meus rins se mudaram, e fui reduzido a nada, e não o soube" (Sl 72,21-22).

18. Os apetites e afetos, aqui figurados pelos rins, segundo o Profeta, são todos alterados e mudados em divinos, naquela inflamação do coração, e a alma por amor é reduzida a nada, sem mais coisa alguma saber senão amor. Esta mudança produzida nestes rins, isto é, nos afetos, causa então grande tormento e ânsia por ver a Deus, e com tal intensidade que parece intolerável à alma aquele rigor com que procede o amor para com ela. Não se queixa por havê-la ferido o Amado, antes tem essas feridas por saúde; mas por a ter deixado assim penando de amor, e porque não a feriu mais fortemente, acabando-a de matar, para achar-se ela unida com ele em vida de amor perfeito. Por isto, exclama declarando sua dor: "Havendo-me ferido".

19. Quer dizer: deixando-me assim chagada e morrendo com estas feridas de teu amor, tu te escondeste com tanta ligeireza, como o cervo. É sobremodo grande este sentimento, porque naquela ferida de amor causada por Deus na alma, levanta-se o afeto da vontade com súbita rapidez à posse do Amado cujo toque sentiu. E com essa mesma rapidez sente a ausência, e o não poder possuí-lo aqui na terra à medida do seu desejo. Daqui procede sentir ao mesmo tempo o gemido da ausência com a presença do Amado, porque tais visitas não são como outras que Deus faz à alma para recreá-la e satisfazê-la. Nestas referidas agora, o Amado vem mais para ferir do que para sarar, e mais para afligir do que para satisfazer; tem por fim avivar a lembrança e aumentar o

apetite, e conseqüentemente a dor e ânsia de ver a Deus. Chamam-se feridas espirituais de amor, e são extremamente saborosas e desejáveis para a alma. E assim, quereria ela estar sempre morrendo mil mortes a estas lançadas, porque a fazem sair de si e entrar em Deus. Isto dá a entender a mesma alma no verso seguinte, dizendo:

Saí, por ti clamando, e eras já ido

20. Nas feridas de amor não pode haver remédio senão da parte daquele que feriu. Eis por que esta alma chagada saiu na força do fogo produzido pela ferida, após seu Amado que a havia ferido, clamando a ele para que a curasse. Convém saber que este sair entende-se aqui, espiritualmente, de duas maneiras, para ir em busca de Deus: a primeira, saindo de todas as coisas; o que se faz por aborrecimento e desprezo delas; a segunda, saindo de si mesma por esquecimento próprio, o que se realiza por amor de Deus. Quando este amor toca a alma tão verdadeiramente como vamos declarando agora, de tal maneira a levanta que, não somente faz a alma sair de si por esquecimento próprio, mas ainda a arranca de seus quícios e dos seus modos e inclinações naturais. Leva-a, então, a clamar por Deus, como se dissesse: Esposo meu, naquele teu toque e ferida de amor, arrancaste minha alma, não só de todas as coisas, mas também de si mesma (pois, de fato, parece que até do corpo a desprende), e me elevaste a ti, clamando por ti, já desapegada de tudo para apegar-me a ti. E eras já ido.

21. Como a dizer: no momento em que quis aprender tua presença, não mais te achei, ficando então desprendida de tudo que havia deixado, sem poder, no entanto, unir-me ao que desejava; estive penando nos ares do amor sem apoiar-me em ti nem em mim. O que a

alma chama aqui "sair para ir buscar o Amado", a Esposa dos Cantares chama "levantar", dizendo: "Levantar-me-ei e buscarei ao que ama minha alma, rodeando a cidade pelos arrabaldes e praças. Busquei-o", diz, "e não o achei, e chagaram-me" (Ct 3,2 e 5,7). A expressão "levantar-se a alma Esposa, empregada nos Cânticos, significa, em sentido espiritual, elevar-se de baixo para cima. Isto mesmo quer dizer aqui a alma com o termo "sair", isto é, abandonar seu modo rasteiro de amar, para subir ao elevado amor de Deus. Nos Cantares, declara ainda a Esposa que ficou chagada por não ter achado o Esposo; e aqui também a alma diz que está ferida de amor, tendo-a deixado assim o Amado. Eis a razão de viver sempre o enamorado penando com a ausência. Já está entregue ao seu amor,[1] e espera que lhe seja retribuída essa entrega, que vem a ser o dom do próprio Amado: contudo, não acaba ele de se dar. Havendo já perdido todas as coisas e a si mesma pelo Amado, não achou o lucro de sua perda, pois carece a alma da posse daquele a quem ama.[2]

22. Esta pena e sentimento da ausência de Deus, no tempo dessas divinas feridas, costuma ser tão grande nas almas que vão chegando ao estado de perfeição, que, se o Senhor não velasse com sua providência, morreriam. Já têm sadio o paladar da vontade, e o espírito purificado e bem disposto para Deus; quando, pois, nessas feridas, se lhes dá a provar algo da doçura do amor divino que elas sobremodo apetecem sofrem também de maneira extrema. Sentem que lhes é mostrado, como por resquícios, um bem infinito, e, todavia, não lhes é concedido; assim lhes é inefável a pena e tormento.

1. 1ª redação do *Cântico:* "Já está entregue a Deus, esperando a retribuição na mesma moeda, isto é, a entrega da gloriosa visão e posse de Deus. Por isto clama, pedindo-a, e, contudo, não lhe é dada nesta vida.
2. 1ª redação do *Cântico:* ...e por cujo amor se perdeu. Quem, pois, está penando por Deus, é sinal de que está entregue a Deus e o ama.

Canção II

Pastores que subirdes
Além, pelas malhadas, ao Outeiro,
Se, porventura, virdes
Aquele a quem mais quero,
Dizei-lhe que adoeço, peno, e morro.

EXPLICAÇÃO

1. Nesta canção, a alma quer aproveitar-se de terceiros e medianeiros junto a seu Amado, e a eles pede lhe dêem parte de sua dor e pena; porque é próprio do amante, quando pela presença não pode comunicar-se com o Amado, fazê-lo com os melhores meios a seu alcance. Assim a alma quer servir-se aqui de seus desejos, afetos e gemidos como de mensageiros que sabem perfeitamente manifestar o segredo de seu coração àquele que ama. A isso os solicita, então, dizendo:

Pastores que subirdes.

2. Chama pastores aos próprios desejos, afetos e gemidos pela razão de apascentarem-na com bens espirituais. Pastor significa apascentador; mediante esses pastores costuma Deus comunicar-se à alma, dando-lhe alimento divino, e sem eles pouco é o que concede. Por isto, prossegue: "Os que subirdes". Como se dissesse: os que de puro amor sairdes; pois nem todos os afetos e desejos sobem até Deus, mas somente os que brotam do verdadeiro amor.

Além, pelas malhadas, ao Outeiro

3. Dá o nome de malhadas às hierarquias e coros angélicos, pelos quais gradativamente vão subindo nossos gemidos e orações a Deus, a quem a alma denomina

Outeiro, por ser ele a suma alteza. Em Deus, como no outeiro, se observam e descortinam todas as coisas; abaixo dele ficam essas malhadas superiores e inferiores, isto é, as ordens angélicas que, conforme já dissemos, conduzem as nossas orações e gemidos, oferecendo-os a Deus. Assim o declarou o Anjo a Tobias, dizendo: "Quando oravas com lágrimas e enterravas os mortos, eu oferecia tua oração a Deus" (Tb 12,12). Os próprios anjos podem ser também designados por esses pastores da alma, pois não somente levam a Deus nossos recados, mas trazem os de Deus a nós. Apascentam assim nossas almas, como bons pastores, com as suaves comunicações e inspirações do mesmo Deus que deles se utiliza para conceder-nos graças. São ainda os anjos que nos amparam e defendem dos lobos, isto é, dos demônios. Quer a alma compreenda por pastores os afetos, ou os anjos, a uns e outros deseja que lhe sirvam de medianeiros e intermediários para seu Amado, e, portanto, diz a todos:

Se, porventura, virdes.

4. É tanto como dizer: será para mim grande ventura e felicidade se chegardes à sua presença de maneira que ele vos veja e escute. Notemos oportunamente que, embora Deus tudo saiba e compreenda, perscrutando os mais íntimos pensamentos da alma, — e assim o afirma Moisés (Dt 31,21) — só achamos que ele conhece nossas necessidades e orações quando as remedeia e atende. Nem todas essas petições e indigências chegam a tanto de serem ouvidas por Deus, de modo a receberem logo o remédio. É preciso que se apresentem a seus divinos olhos, com suficiente fervor, tempo e número; só então se diz que o Senhor as vê e ouve. Temos disso a confirmação no que diz o Êxodo. Depois de 400 anos de aflições do povo de Israel cativo no Egito, é que Deus disse a Moisés: "Vi a aflição do meu povo, e desci para livrá-lo" (Ex 3,7-8) e, no entanto, desde o princípio, tudo lhe era patente. O arcanjo São Gabriel também disse a

Zacarias que não temesse, porque Deus já ouvira sua oração, em dar-lhe o filho que ele vinha pedindo desde muitos anos (Lc 1,13); e, na verdade, o Senhor sempre conhecera aquela petição. Compreenda, pois, a alma que, se Deus não lhe concede logo a realização de seus pedidos, e não vem em socorro de suas necessidades, nem por isto deixará de acudir na ocasião propícia. É ele "o auxiliador no tempo oportuno e na tribulação", como diz Davi (Sl 9,10), e virá em seu auxílio se ela não desanimar nem cessar de pedir. Isto exprime a alma neste verso quando exclama: "Se, porventura, virdes": se acaso, diz, for chegado o tempo em que haja Deus por bem outorgar minhas petições.

Aquele a quem mais quero

5. Como se dissesse: a quem amo acima de todas as coisas. É verdadeira esta afirmação quando a alma não se deixa acovardar por nenhum obstáculo, para fazer e padecer pelo Amado qualquer trabalho em seu serviço. E quando pode sinceramente dizer as palavras do verso seguinte, é também sinal de amar ao Esposo sobre todas as coisas. Assim, pois, diz o verso:

Dizei-lhe que adoeço, peno, e morro

6. Nestas três palavras a alma apresenta três necessidades: doença, pena e morte. Quem ama deveras a Deus, com alguma perfeição de amor, ordinariamente padece em sua ausência, de três modos, segundo as três potências da alma, que são: entendimento, vontade e memória. Quanto ao entendimento, diz a alma que adoece por não ver a seu Deus. É ele a saúde do entendimento, conforme o declara por Davi: "Eu sou tua saúde" (Sl 34,3). Quanto à vontade, diz que sofre sem a posse de Deus, pois é ele o refrigério e deleite da vontade, como

o atestam as palavras do mesmo Davi: "Com a torrente de seu deleite as fartarás" (Sl 35,9). Quanto à memória, diz a alma que morre. Ao lembrar-se, com efeito, da carência em que se vê de todos os bens do entendimento, — isto é, da vista de Deus, — e de todos os deleites da vontade, — a saber, da posse de Deus, — na convicção de lhe ser possível também carecer do seu Amado para sempre entre os perigos e ocasiões desta vida, padece (a alma) em sua memória grande sentimento, semelhante à morte, pois constata claramente essa carência da perfeita e certa posse de seu Deus, o qual na verdade é a própria vida da alma, segundo as palavras de Moisés: "ele certamente é sua vida" (Dt 30,20).

7. Essas três maneiras de necessidade representou também Jeremias a Deus, nas trevas, quando disse: "Recorda-te de minha pobreza, e do absinto e fel" (Lm 3,19). A pobreza se refere ao entendimento, porque a ele pertencem as riquezas da sabedoria do Filho de Deus, no qual, como diz São Paulo, "estão encerrados todos os tesouros de Deus" (Cl 2,3). O absinto, erva amaríssima, refere-se à vontade, porque a essa potência cabe a doçura da posse de Deus, e, em lhe faltando, permanece na amargura. Vemos, aliás, no Apocalipse, pelas palavras do Anjo a São João, como a amargura diz respeito à vontade: "Que, em comendo aquele livro, far-lhe-ia amargar o ventre" (Ap 10,9), simbolizada no ventre a vontade. O fel se refere não só à memória, mas a todas as potências e forças da alma, pois o fel significa a morte da mesma alma, conforme dá a entender Moisés, no Deuteronômio, dirigindo-se aos condenados: "Fel de dragões será o seu vinho e veneno mortal de áspides" (Dt 32,33). Nessas palavras se exprime a carência de Deus, a qual é morte para a alma. Essas três necesidades e penas estão fundadas nas três virtudes teologais, fé, caridade e esperança, em relação às três potências, na ordem aqui observada: entendimento, vontade e memória.

8. Convém notar como a alma, nesse verso, não faz outra coisa, a não ser representar sua pena e necessidade ao Amado.

Quem ama discretamente, não cuida de pedir o que deseja ou lhe falta: basta-lhe mostrar sua necessidade para que o Amado faça o que for servido. Assim procedeu a bendita Virgem com o amado Filho nas bodas de Caná; não lhe pediu diretamente o vinho, mas disse apenas: "Não têm vinho" (Jo 2,3).

As irmãs de Lázaro não mandaram pedir ao Mestre que curasse o irmão; mandaram dizer-lhe tão-somente: "Eis que está enfermo aquele a quem amas" (Jo 11,3). Isto se deve fazer por três razões. Primeira: melhor sabe o Senhor o que nos convém, do que nós mesmos. Segunda: mais se compadece o amado, vendo a necessidade do amante e sua resignação. Terceira: mais segura vai a alma quanto ao amor de si mesma e ao juízo próprio, manifestando sua indigência, do que pedindo o que lhe falta. Justamente assim, nem mais nem menos, faz agora a alma, apresentando sùas três necessidades, como se exclamasse: "Dizei a meu Amado que, se adoeço, e só ele é minha saúde, venha dar-me saúde; se estou penando, e só ele é meu gozo, venha dar-me gozo; se morro, e só ele é minha vida, venha dar-me vida".

Canção III

Buscando meus amores,
Irei por estes montes e ribeiras;
Não colherei as flores,
Nem temerei as feras,
E passarei os fortes e fronteiras.

EXPLICAÇÃO

1. Vê a alma que para achar o Amado não lhe bastam gemidos e orações, nem tampouco a ajuda de bons ter-

ceiros, como fez na primeira canção e na segunda. Sendo verdadeiro o grande desejo com que busca o seu Dileto, e o amor que a inflama muito intenso, não quer deixar de fazer algumas diligências, quanto é possível de sua parte; porque a alma verdadeiramente amorosa de Deus não põe delongas em fazer quanto pode para achar o Filho de Deus, seu Amado. Mesmo depois de haver empregado todas as diligências, não se contenta, e julga haver feito nada. Assim, nesta terceira canção, quer buscar o Amado agindo por si mesma. Diz então o modo como há de proceder a fim de o achar, e é o seguinte: empregar-se nas virtudes e exercícios espirituais da vida ativa e contemplativa. Para isto fazer, não quer admitir deleites ou regalos de espécie alguma; nem bastarão para detê-la, impedindo seu caminho, todas as forças e assaltos dos três inimigos da alma, que são mundo, demônio e carne. Diz, portanto:

Buscando meus amores.

2. Isto é, meu Amado. Bem dá a entender aqui a alma como, para achar deveras a Deus, não é suficiente orar de coração e de boca; não basta ainda ajudar-se de benefícios alheios; mas é preciso, juntamente com isso, fazer de sua parte o que lhe compete. Maior valor costuma ter aos olhos de Deus uma só obra da própria pessoa, do que muitas feitas por outras em lugar dela. Por este motivo, lembrando-se a alma das palavras do Amado, — "Buscai e achareis" (Lc 11,9), determina-se a sair ela mesma, do modo acima referido, para buscar o Esposo por obra, e não ficar sem achá-lo. Não faz como aqueles que não querem lhes custe Deus mais do que palavras, e ainda menos, pois não são capazes de fazer, por amor de Deus, quase coisa alguma que lhes dê trabalho. Há alguns que nem mesmo se animam a levantar se de um lugar agradável e deleitoso, para contentar o Senhor; querem que lhes venham à boca e ao coração os sabores divinos, sem darem um passo na mortifica-

ção e renúncia de qualquer de seus gostos, consolações ou quereres inúteis. Tais pessoas, porém, jamais acharão a Deus, por mais que o chamem a grandes vozes, até que se resolvam a sair de si para o buscar. Assim o procurava a Esposa nos Cantares, e não o achou enquanto não saiu a buscá-lo, como diz por estas palavras: "Durante a noite no meu leito busquei Aquele a quem ama a minha alma; busquei-o e não o achei. Levantar-me-ei e rodearei a cidade; buscarei pelas ruas e praças públicas aquele a quem ama a minha alma" (Ct 3,1-2). E depois de haver sofrido alguns trabalhos, diz então que o achou.

3. Daqui podemos concluir: a alma que busca a Deus, querendo permanecer em seu gosto e descanso, de noite o busca, e, portanto, não o achará; mas a que o buscar pelas obras e exercícios de virtudes, deixando à parte o leito de seus gostos e deleites, esta, sim, achá-lo-á, pois o busca de dia. De fato, o que de noite não se percebe, de dia aparece. Esta verdade é bem declarada pelo Esposo no Livro da Sabedoria, quando diz: "Clara é a sabedoria e nunca se murcha, e facilmente é vista por aqueles que a amam, e encontrada pelos que a buscam. Antecipa-se aos que a desejam, de tal sorte que se lhes patenteia primeiro. Aquele que vela desde manhã para a possuir não terá trabalho, porque a encontrará sentada à sua porta" (Sb 6,13-15). Estas palavras mostram como, em saindo a alma da casa de sua própria vontade, e do leito de seu próprio gosto, ao acabar de sair, logo achará ali fora a Sabedoria divina que é o Filho de Deus, seu Esposo. Eis o motivo de ela dizer agora: buscando meus amores

Irei por estes montes e ribeiras

4. Pelos montes, que são altos, entende aqui as virtudes. Assim diz, em primeiro lugar, por serem elas elevadas; e, em segundo, por causa da dificuldade e trabalho que temos para alcançá-las. Quer, pois, a alma

dizer como, pelas virtudes, ir-se-á exercitando na vida contemplativa. Pelas ribeiras, que são baixas, compreende as mortificações, penitências, e exercícios espirituais por meio dos quais se irá aplicando na vida ativa, juntamente com a contemplativa a que já se referiu; porque uma e outra são necessárias para buscar a Deus, com segurança, e adquirir as virtudes. É o mesmo que dizer: buscando meu Amado, irei pondo por obra as virtudes mais excelsas, e humilhar-me-ei nas mortificações baixas e nos exercícios humildes. Assim se exprime a fim de mostrar como o caminho para procurar a Deus consiste em praticar o bem para com ele, e mortificar o mal em si mesma, pela maneira que vai expondo nos versos seguintes:

Não colherei as flores

5. Porquanto para buscar a Deus [illegible]uer um coração despojado e forte, livre de todos os males e bens que não são puramente Deus, a alma descreve, no presente verso, e também nos seguintes, a liberdade e fortaleza que há de ter para o buscar. Aqui começa a dizer que neste caminho não colherá as flores que encontrar. Nelas simboliza todos os contentamentos e deleites que se apresentarem em sua vida, os quais poderiam impedir-lhe a passagem, se os quisesse admitir e apreender. São de três espécies: temporais, sensíveis e espirituais. Tanto uns como outros ocupam o coração, e servem de obstáculo à desnudez espiritual requerida para o caminho reto de Cristo, se a alma neles repara e se detém. Por isto diz que não colherá coisa alguma dessas, ao buscar o Amado. Como se dissesse: não apegarei meu coração às riquezas e vantagens que me oferecer o mundo; não admitirei os contentamentos e deleites da minha carne; tampouco hei de prestar atenção aos gostos e consolações de meu espírito; para que em nada disto me detenha na busca de meus amores, pelos montes das virtudes e dos trabalhos. A alma toma o conselho que dá o profeta Davi nas palavras dirigidas aos que

vão por esse caminho: "Se as riquezas abundarem não apegueis a elas o vosso coração" (Sl 61,11). Essas riquezas significam, ao nosso propósito, os gostos sensíveis, e outros bens temporais, e as consolações do espírito. Convém notar que não são apenas os bens temporais e os deleites do corpo que impedem e contradizem o caminho de Deus; também as consolações e gostos espirituais, se a alma os conserva como proprietária ou os procura, são empecilho à via da cruz de Cristo, seu Esposo. Quem quiser adiantar-se, precisa, portanto, não andar a colher essas flores. E não só isto: é necessário ainda ter ânimo e fortaleza para dizer:

Nem temerei as feras,
E passarei os fortes e fronteiras

6. São estes os versos que designam os três inimigos da alma, isto é, mundo, demônio e carne, — inimigos a lhe fazerem guerra e dificultarem o caminho. Pelas feras compreende o mundo, pelos fortes, o demônio, e pelas fronteiras, a carne.

7. Chama feras ao mundo, porque à alma que começa o caminho de Deus, este mundo se lhe afigura, na imaginação, como feras bravias a lhe fazerem ameaças. E isto principalmente por três modos: primeiro, persuadindo que lhe há de faltar o favor do mundo, e perderá amigos, crédito, valor, e quiçá a fazenda; segundo, como há de agüentar a falta de todo contentamento ou deleite mundano, sem jamais poder gozar regalos terrenos? Esta é uma outra fera não menor; terceiro, que se hão de levantar contra ela as línguas, e farão burla, com muitos ditos e mofas, desprezando-a; e esta fera é ainda mais bravia. De tal maneira essas coisas se antepõem diante de certas almas, que se torna muito difícil para elas, não só a perseverança na luta contra as ditas feras, mas até mesmo a possibilidade de começarem o caminho.

8. A algumas almas generosas, costumam, porém, atacar outras feras mais interiores, como são dificuldades espirituais, tentações, tribulações e trabalhos de muitas espécies, pelos quais convém passar. São enviados por Deus àqueles que ele quer elevar a uma alta perfeição. E, assim, prova essas almas, examinando-as como ao ouro na fornalha, conforme as palavras de Davi: "Muitas são as calamidades dos justos, mas de todas elas os livra o Senhor" (Sl 33,20). Todavia, a alma bem enamorada, que estima seu Amado sobre todas as coisas, confiando em seu divino amor e graça, não acha muito em dizer: nem temerei as feras e passarei os fortes e fronteiras.

9. Aos demônios, — segundo inimigo — chama fortes, porque com grande força procuram tomar a passagem deste caminho. Dá-lhes também este nome, por serem suas tentações e astúcias mais fortes e duras de vencer, e mais difíceis de descobrir, do que as do mundo e da carne. Além disso, os demônios se aproveitam desses dois outros inimigos para se fortalecerem, e, juntamente com o mundo e a carne, dão forte guerra à alma. Falando Davi a respeito deles, emprega o mesmo nome de fortes, quando diz: "Os fortes pretenderam minha alma" (Sl 53,5). Refere-se também o profeta Jó à fortaleza do demônio, nestes termos: "Não há poder sobre a terra que se lhe compare, pois foi feito para não ter medo de nada" (Jó 41,24). Como a dizer: nenhum poder humano é comparável ao do demônio, logo, só o poder divino basta para vencê-lo, e só a luz divina é capaz de entender seus ardis. Donde, a alma que quiser vencer a fortaleza de tal inimigo, não o poderá sem oração; jamais conseguirá entender suas ciladas, sem mortificação e humildade. Bem o confirma São Paulo, admoestando os fiéis com estas palavras: "Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio. Porque nós não temos que lutar contra a carne e o sangue" (Ef 6,11-12) — entendendo por sangue o mundo, e, pela armadura de Deus, a oração e a cruz de

Cristo, onde se acha a humildade e mortificação de que falamos.

10. Diz também a alma que passará as fronteiras. Estas significam, como dissemos, as repugnâncias e rebeliões naturais da carne contra o espírito. Declara, efetivamente, São Paulo: "A carne tem desejos contrários ao espírito" (Gl 5,17); põe-se ela como fronteira, resistindo ao caminho espiritual. Esta fronteira há de transpor a alma, rompendo as dificuldades e derribando, com força e determinação do espírito, todos os apetites sensuais e inclinações da natureza. Enquanto existem na alma, de tal maneira permanece o espírito impedido, que não lhe é possível passar à verdadeira vida e deleite espiritual. Isto é muito bem provado por São Paulo quando diz: "Se pelo espírito fizerdes morrer as obras da carne, vivereis" (Rm 8,13), isto é, se mortificardes as inclinações da carne e seus apetites. Eis, portanto, o estilo em que a alma se exprime nesta canção, dizendo como é mister proceder no caminho espiritual, a fim de buscar a seu Amado. Trata-se, em suma, de agir com muita constância e valor, para não se abaixar a colher flores: ter coragem de não temer as feras e fortaleza, de transpor os fortes e as fronteiras; enfim, é preciso cuidar tão-somente em ir pelos montes e ribeiras das virtudes, como já se disse.

Canção IV

Ó bosques e espessuras,
Plantados pela mão de meu Amado!
Ó prado de verduras,
De flores esmaltado,
Dizei-me se por vós ele há passado!

EXPLICAÇÃO

1. A alma já deu a entender como convém dispor-se para começar este caminho: não procurar deleites e gostos, e ter fortaleza para vencer as tentações e di-

ficuldades. Nisto consiste o exercício do conhecimento próprio, que é a primeira coisa requerida para chegar ao conhecimento de Deus. Agora, nesta canção, começa a caminhar, pela consideração e conhecimento das criaturas, ao conhecimento de seu Amado, criador delas. Efetivamente, depois do exercício do conhecimento próprio, a consideração das criaturas é a primeira que se acha neste caminho espiritual como meio para ir conhecendo a Deus. Nas criaturas, vê a alma a grandeza e excelência do Criador, segundo as palavras do Apóstolo: "As coisas invisíveis de Deus tornam-se conhecidas à alma pelas coisas visíveis e criadas" (Rm 1,20). Na presente canção fala, pois, com as criaturas, perguntando-lhes por seu Amado. É de notar que, como diz Santo Agostinho, a pergunta feita pela alma às criaturas é a própria consideração que nelas faz do Criador. Nesta canção, portanto, encerra-se, de uma parte, a consideração dos elementos e demais criaturas inferiores; de outra, a consideração dos céus com as criaturas e coisas materiais criadas neles por Deus, incluindo também a consideração dos espíritos celestiais. E assim diz:

Ó bosques e espessuras

2. Dá o nome de bosques aos elementos que são: terra, água, ar e fogo. São como ameníssimos bosques, povoados de espesso número de criaturas, às quais a alma chama aqui espessuras, justamente por causa do grande número e variedade que delas há, em cada um desses elementos. Na terra, existem inumeráveis variedades de animais e plantas; na água, inumeráveis diferenças de peixes; no ar, muita diversidade de aves; e o elemento do fogo concorre, com suas propriedades, para animar e conservar tudo. Cada espécie de animais, pois, vive em seu elemento, e está colocada e plantada nele como em seu bosque, ou região, onde nasce e cresce. Na verdade, Deus ordenou assim na obra da criação; mandou à terra que produzisse as plantas e os animais, e à água

dos mares, os peixes; ao ar, fez morada das aves. Vendo a alma que ele assim o ordenou e assim foi feito, diz então o seguinte verso:

Plantados pela mão de meu Amado!

3. Nisso está a consideração de que estas diferenças e grandezas, só a mão do Amado Deus as pôde fazer e criar. Notemos bem que a alma diz advertidamente: pela mão do Amado. Se Deus faz muitas outras coisas por mão alheia, como pelos anjos e homens, no entanto, a obra da criação jamais fez ou quer fazer por outra mão que não seja a sua própria. A alma, pois, inclina-se muito ao amor de Deus, seu Amado, pela consideração das criaturas, vendo que são coisas feitas diretamente pela mão dele. Prossegue dizendo:

Ó prado de verduras

4. Esta é a consideração do céu, ao qual chama prado de verduras, porque as coisas nele criadas estão sempre com verdor imarcescível; não fenecem nem murcham com o tempo. Nelas, como em frescas verduras, se recreiam e deleitam os justos. Nesta consideração é compreendida também toda a diferença e variedade das formosas estrelas e outros astros celestiais.

5. Este nome de verduras dá também a Santa Igreja às coisas celestiais quando, ao rogar a Deus pelas almas dos fiéis defuntos, dirigindo-se a elas, se exprime nestes termos: "Constitua-vos o Senhor entre as verduras deleitáveis". Diz igualmente a alma que este prado de verduras está

De flores esmaltado

6. Pelas flores simboliza os anjos e as almas santas, com os quais está adornado e aformoseado aquele lugar, à semelhança de um delicado e precioso esmalte sobre um vaso de ouro puríssimo.

Dizei-me se por vós ele há passado.

7. Esta pergunta é a consideração já explicada acima. Como se dissesse: dizei as excelências que Deus em vós criou.

Canção V

Mil graças derramando,
Passou por estes soutos com presteza.
E, enquanto os ia olhando,
Só com sua figura
A todos revestiu de formosura.

EXPLICAÇÃO

1. Nesta canção, as criaturas respondem à alma; a resposta, conforme afirma também Santo Agostinho, é o testemunho da grandeza e excelência de Deus, dado nas mesmas criaturas à alma que, pela consideração, as interroga. Assim, encerra-se nesta canção, em substância, o seguinte: Deus criou todas as coisas com grande facilidade e rapidez, deixando nelas um rastro de quem ele é. Não somente lhes tirou o ser do nada, mas dotou-as de inúmeras graças e virtudes, aformoseando-as com admirável ordem e indefectível dependência entre si. Tudo isto fez por meio da sua Sabedoria, com a qual as criou, e esta é o Verbo, seu Unigênito Filho. São estas as palavras da canção:

Mil graças derramando

2. Por estas mil graças que, conforme diz o verso, ia derramando o Criador, são compreendidas as inumeráveis multidões de criaturas. Para isto significar, põe

aqui o número máximo, de mil, a fim de dar a entender a grande cópia dessas criaturas, que são chamadas graças pelos muitos encantos de que Deus as dotou. E enquanto as ia derramando, isto é, com elas povoando toda a terra,

Passou por estes soutos com presteza

3. Passar pelos soutos é criar os elementos, designados aqui por esta palavra. Passando pelos soutos, derramava mil graças, porque os adornava de muitas criaturas, cheias de encantos. Além do mais, sobre as mesmas criaturas derramava as mil graças, dando-lhes virtude para concorrerem com a geração e conservação de todas elas. Diz ainda que passou: as criaturas são, na verdade, como um rastro da passagem de Deus, em que se vislumbram sua magnificência, poder, sabedoria, e outras virtudes divinas. Esta passagem foi com presteza: as criaturas são as obras menores de Deus, e ele as fez como de passagem, pois as maiores, em que mais se revelou, e dignas de sua maior atenção, consistem nas da encarnação do Verbo e mistérios da fé cristã. Em comparação destas, todas as outras foram feitas como de passagem, e com presteza.

E, enquanto os ia olhando,
Só com sua figura
A todos revestiu de formosura

4. Segundo a palavra de São Paulo, o Filho de Deus é o resplendor de sua glória e figura de sua substância (Hb 1,3). Convém, portanto, saber que, só com esta figura de seu Filho, olhou Deus todas as coisas, isto é, deu-lhes o ser natural, comunicando-lhes muitas graças e dons de natureza, de modo a torná-las acabadas e perfeitas. Assim o dizem estes termos do Gênesis: "Olhou Deus todas as coisas que havia feito, e eram

muito boas" (Gn 1,31). Para Deus achar as coisas muito boas, significa o mesmo que as criar muito boas no Verbo, seu Filho. Não bastou comunicar-lhe o ser, e as graças naturais com o seu olhar, como dissemos; mas tão-somente com essa figura de seu Filho, deixou-as revestidas de formosura, comunicando-lhes o ser sobrenatural. E isto se realizou quando Deus se encarnou, exaltando o homem na formosura divina, e, conseqüentemente, elevando nele todas as criaturas, pelo fato de se haver unido o próprio Deus com a natureza de todas elas no homem. Assim disse o mesmo Filho de Deus: "Se eu for exaltado da terra, atrairei a mim todas as coisas" (Jo 12,32). Nesta exaltação da encarnação de seu Filho, e da glória de sua ressurreição segundo a carne, aformoseou o Pai as criaturas não só parcialmente, mas, podemos dizer, deixou-as totalmente vestidas de formosura e dignidade.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Falemos agora segundo o sentido e afeto da contemplação. Além de tudo quanto já dissemos, é preciso saber que, na viva contemplação e conhecimento das criaturas, a alma vê claramente como existe nelas grande abundância de graças e virtudes, e muita formosura com que Deus as dotou. Aos olhos da alma, parece que estão vestidas de admirável e natural virtude, derivada daquela infinita formosura sobrenatural, própria à figura de Deus cujo olhar reveste de beleza e alegria a terra e os céus. Assim também, ao abrir o Criador sua mão, enche de bênção a todo animal, conforme diz Davi (Sl 144,16). A alma, portanto, chagada de amor por esse rastro de formosura de seu Amado, percebido nas criaturas, e com ânsias de ver aquela formosura invisível manifestada nessa beleza visível diz a seguinte canção:

Canção VI

Quem poderá curar-me?!
Acaba de entregar-te já deveras;
Não queiras enviar-me
Mais mensageiro algum,
Pois não sabem dizer-me o que desejo.

EXPLICAÇÃO

2. Com os sinais que as criaturas deram do Amado à alma, mostrando-lhe em si mesmas um rastro da formosura e excelência dele, aumentou nela o amor, e, conseqüentemente, cresceu mais a dor da ausência. Na verdade, quanto melhor a alma conhece a Deus, mais cresce nela o desejo e ânsia de vê-lo. E como sabe não existir coisa alguma que possa curar sua doença, a não ser a presença e vista do Amado, desconfiada de qualquer outro remédio, pede a ele, nesta canção, a entrega e posse dessa mesma presença. Diz-lhe, então, que não queira mais, de hoje em diante, entretê-la com outras quaisquer notícias e comunicações suas, nem com visos de sua excelência, porque servem mais para aumentar-lhe a dor e as ânsias, do que para satisfazer-lhe a vontade e desejo. Esta vontade não se contenta e satisfaz com coisa alguma menos do que sua vista e presença: seja ele servido, pois, de entregar-se a ele já deveras, em acabado e perfeito amor. E assim exclama:

Quem poderá curar-me?!

3. Como se dissera: Entre todos os deleites do mundo, e contentamentos dos sentidos, e todos os gostos e suavidade do espírito, decerto nada poderá curar-me, nada conseguirá satisfazer-me. E já que assim é,

Acaba de entregar-te já deveras

4. Cumpre notar aqui, como qualquer alma que ama verdadeiramente, não pode querer satisfação ou contentamento até possuir deveras a Deus. Todas as outras coisas, com efeito, não somente não a satisfazem, mas, ao contrário, como dissemos, aumentam a fome e desejo de ver a Deus como ele é. Assim, a cada vista que recebe do Amado, seja por conhecimento, ou sentimento, ou qualquer outra comunicação, torna-se-lhe pesado o entreter-se com tão pouco. Essas comunicações de Deus são como mensageiros que dão à alma recados, trazendo-lhe notícia de quem é ele, aumentando e despertando mais nela o apetite, à semelhança de migalhas para uma grande fome. Eis por que diz: acaba de entregar-te já deveras.

5. Tudo quanto nesta vida se pode conhecer a respeito de Deus, por muito que seja, não é conhecimento verdadeiro, mas parcial e mui remoto; só o conhecimento de sua essência é verdadeiro, e este pede aqui a alma, não se contentando com todas as outras comunicações. Por isto é que se apressa em dizer:

Não queiras enviar-me
Mais mensageiro algum

6. Como se dissesse: Não queiras, doravante, que te conheça tão por medida, nestes mensageiros de notícias e sentimentos que se me dão de ti, tão remotos e alheios do desejo que minha alma tem de ti. Os mensageiros, para um coração ansioso pela presença, bem sabes, Esposo meu, aumentam a dor: de uma parte, por renovarem a chaga com a notícia que trazem, e de outra, porque parecem dilações de tua vinda. Peço-te, pois, que de hoje em diante não queiras enviar-me essas notícias remotas. Se até aqui pude passar com elas, pela

razão de não te conhecer nem te amar muito, agora, a grandeza do amor que há em mim já não pode satisfazer-se com esses recados; acaba, portanto, de entregar-te. Dizendo mais claramente: Isto, Esposo meu, que andas concedendo de ti parceladamente à minha alma, acaba por dar de uma vez. O que me tens mostrado como por resquícios, acaba de mostrá-lo às claras. Quanto me comunicas por intermediários, como de brincadeira, acaba de fazê-lo a sério, dando-te a mim diretamente. Na realidade, às vezes, em tuas visitas, parece que vais entregar-me a jóia de tua posse: e quando minha alma considera bem, acha-se sem ela, porque a escondes, e isto é dar de brincadeira. Entrega-te, pois, já deveras, dando-te todo a toda minha alma, para que ela te possua todo, e não queiras enviar-me mais mensageiro algum,

Pois não sabem dizer-me o que desejo

7. Como se quisesse dizer: Eu te quero todo, e eles não sabem nem podem dizer-me tudo de ti: coisa alguma da terra, nem do céu, pode dar à alma a notícia que ela deseja ter de ti, e assim, eles não sabem dizer-me o que desejo. Em lugar, pois, destes mensageiros, sê tu o mensageiro e as mensagens.

Canção VII

E todos quantos vagam,
De ti me vão mil graças relatando,
E todos mais me chagam;
E deixa-me morrendo
Um "não sei quê", que ficam balbuciando.

EXPLICAÇÃO

1. A alma, na canção passada, mostrou estar enferma ou ferida de amor pelo seu Esposo, por causa da notícia que as criaturas irracionais lhe deram dele. Agora, nesta, dá a entender como está chagada de amor, em razão de outra notícia mais alta, que do Amado recebe por meio das criaturas racionais, mais nobres do que as outras, a saber, os anjos e os homens. Diz, além disso, que está morrendo de amor, devido a uma imensidade admirável, revelada a seus olhos, por meio dessas criaturas, sem, contudo, acabar de revelar-se de todo. A isto denomina um "não sei quê", pelo fato de não se saber exprimir; pois é tal, que faz a alma ficar morrendo de amor.

2. Daqui podemos inferir que em matéria de amor há três maneiras de penar pelo Amado, relativas às três notícias provindas dele à alma. A primeira chama-se ferida. É mais remissa, e mais brevemente passa, à semelhança de uma ferida; nasce da notícia recebida pela alma das criaturas, que são as obras de Deus menos elevadas. Desta ferida, chamada também aqui enfermidade, fala a Esposa nos Cantares dizendo: "Conjuro-vos, filhas de Jerusalém, que, se achardes o meu Amado, lhe digais que estou enferma de amor (Ct 5,8); entendendo por filhas de Jerusalém as criaturas.

3. A segunda se denomina chaga, e faz mais impressão na alma do que a ferida, e por isto dura mais tempo. É como a ferida já transformada em chaga, e com ela, na verdade, a alma sente estar chagada de amor. Esta chaga se abre na alma mediante a notícia das obras da encarnação do Verbo e mistérios da fé; por serem obras de Deus mais elevadas, encerrando maior amor do que as obras das criaturas, produzem na alma maior efeito de amor. E, assim, se o primeiro efeito é como ferida, este segundo é como chaga já aberta e permanente. Falando dessa chaga nos Cantares, dirige-se o Esposo à alma nestes termos: "Chagaste meu coração, irmã minha, chagaste meu coração com um de teus olhos, e

com um cabelo de teu colo" (Ct 4,9). O olho simboliza aqui a fé na encarnação do Esposo, e o cabelo significa o amor da mesma encarnação.

4. A terceira maneira de penar no amor é como morrer; tem já então a chaga afistulada, ou, antes, a própria alma está toda feita uma fístula, e assim vive a morrer, até que, matando-a o amor, faça-a viver vida de amor, transformando-a em amor. Este morrer de amor é produzido na alma mediante certo toque de notícia altíssima da Divindade, e é o "não sei quê", referido nesta canção, apenas balbuciado; toque não contínuo nem muito intenso, pois, se o fosse, desatar-se-ia a alma do corpo; pelo contrário, passa depressa, e a deixa morrendo de amor, tanto mais que não acaba de morrer de amor. Isto é o que se chama amor impaciente, e dele se trata no Gênesis, quando a Escritura diz ter sido tão grande o amor de Raquel no desejo de conceber filhos, que disse a seu esposo Jacó: "Dá-me filhos, senão morrerei" (Gn 30,1). É como se a alma dissesse: Quem me dará a mim, que aquele que me começou a matar, esse me acabe?

5. Estas duas maneiras de penar no amor, a saber, a chaga e a morte, são causadas pelas criaturas racionais, como diz a alma na canção presente. Refere-se à chaga, quando declara que as criaturas lhe vão relatando mil graças do Amado, nos mistérios da Sabedoria de Deus, ensinados pela fé. O morrer é significado pela alma quando diz que "ficam balbuciando", e refere-se ao sentimento e notícia da Divindade, manifestada algumas vezes no que a alma ouve dizer.

Por isto, prossegue:

E todos quantos vagam

6. As criaturas racionais, compreende a alma, aqui, por "todos quantos vagam", a saber, os anjos e os homens. Entre todas as criaturas, somente estas se ocupam em Deus com a capacidade de o conhecer. É a

significação do vocábulo "vagam", o qual em latim diz *vacant*. E, assim, quer dizer: todos quantos "vagam" a Deus, isto é, se ocupam de Deus. Isto fazem uns, contemplando-o e gozando-o no céu, como os anjos; outros, amando-o e desejando-o na terra, como os homens. Por meio dessas criaturas racionais a alma conhece a Deus, ora pela consideração da excelência divina sobre todas as coisas criadas, ora pelo que elas nos ensinam a respeito de Deus; as primeiras o revelam por inspirações secretas, como fazem os anjos; as segundas, que são os homens, pelas verdades da Sagrada Escritura. É o que leva a alma a dizer:

De ti me vão mil graças relatando

7. Isto é, dão-me a compreensão de admiráveis realidades de tua graça e misericórdia nas obras de tua encarnação, bem como nas verdades da fé que de ti me declaram e me vão sempre referindo mais e mais; porque, quanto mais quiserem dizer, mais graças poderão descobrir-me de ti.

E todos mais me chagam

8. Enquanto os anjos me inspiram, pois, e os homens me ensinam, a teu respeito, mais me enamoram de ti, e assim todos eles mais me chagam.

E deixa-me morrendo
Um "não sei quê" que ficam balbuciando

9. Como se dissesse: além de me chagarem essas criaturas, nas mil graças que me dão a entender de ti, há ainda um "não sei quê" inexprimível que se sente restar por dizer. É como um altíssimo rastro de Deus a descobrir-se à alma, ficando, todavia, somente no rastro;

ou como uma elevadíssima compreensão de Deus, que não se sabe expressar; e, por isso, a alma aqui o chama um "não sei quê". Se em outros conhecimentos mais compreensíveis para mim, me sinto ferida e chagada de amor, neste que não acabo de entender, embora tenha dele tão subida experiência, sinto-me morrer. Assim acontece, por vezes, às almas já adiantadas, às quais faz Deus esta mercê: naquilo que ouvem, vêem ou entendem, e mesmo, por ocasiões, sem qualquer desses meios, concede-lhes o Senhor uma subida notícia, em que lhes é dado entender ou sentir a grandeza e transcendência de Deus. Neste sentimento, experimenta a alma uma impressão tão elevada do mesmo Deus, que claramente tem a convicção de ficar tudo por entender. E esse sentir e entender quão imensa é a Divindade, a ponto de jamais poder ser totalmente compreendida, é sobremaneira elevado. Uma das grandes graças, pois, que, de passagem, Deus faz nesta vida a uma alma é dar-lhe claramente uma compreensão e estima tão subida de si mesmo, que entenda com evidência não ser possível compreendê-lo ou senti-lo tal como ele é. Sucede, de certo modo, como aos bem-aventurados na visão beatífica: os que conhecem a Deus mais de perto entendem mais distintamente o infinito que lhes fica por conhecer; aqueles, porém, que o vêem menos não percebem com tanta distinção o que lhes resta ainda por ver, como acontece aos primeiros.

10. Não chegará à perfeita compreensão disso, penso eu, quem não o houver experimentado. Só a alma que o experimenta, vendo que lhe fica por entender aquilo que tão altamente sente, chama-lhe "um não sei quê". E se o não compreende, muito menos o sabe dizer, embora, como explicamos, bem o saiba sentir. É esta a razão de alegar que as criaturas ficam balbuciando, pois não lho acabam de descobrir. É o que significa a palavra balbuciar, a saber, fala de crianças, não acertando a exprimir e manifestar o que há por dizer.

Canção VIII

Mas como perseveras,
Ó vida, não vivendo onde já vives?
Se fazem com que morras
As flechas que recebes
Daquilo que do Amado em ti concebes?

EXPLICAÇÃO

1. Como a alma se vê morrer de amor, segundo acaba de dizer, e, no entanto, não acaba de morrer para ir gozar do Amor com liberdade, queixa-se da duração da vida corporal por cuja causa se lhe retarda a vida espiritual. Nesta canção, pois, fala com a mesma vida de sua alma, encarecendo a dor que lhe causa. O sentido da canção é o seguinte: Vida de minha alma, como podes perseverar nesta vida carnal, que é para ti morte e privação daquela verdadeira vida do espírito em Deus, na qual, por essência, amor e desejo, mais realmente vives do que no corpo? E se não fosse tal motivo suficiente para saíres deste corpo de morte, a fim de viveres e gozares a vida de teu Deus, como podes ainda permanecer em corpo tão frágil? Além disso, bastariam por si mesma, para acabar-te a vida, as feridas de amor que recebes, com a comunicação das grandezas da parte do Amado, pois todas elas te deixam veementemente ferida de amor. E, assim, recebes tantos toques e feridas que matam de amor, quantas são as maravilhas que do Amado sentes e entendes.

Segue-se o verso:

Mas como perseveras,
Ó vida, não vivendo onde já vives?

2. Para compreender essas palavras, é necessário saber que a alma vive mais onde ama do que no corpo que

ela anima; porque não tira sua vida do corpo, antes o vivifica, e ela vive por amor naquilo que ama. Além dessa vida de amor que faz viver em Deus a alma que o ama, tem ela natural e radicalmente sua vida em Deus, como o têm todas as coisas criadas, segundo diz São Paulo por estas palavras: "Nele vivemos, nos movemos e somos" (At 17,28), isto é, em Deus temos a nossa vida, nosso movimento e nosso ser. Declara também São João que "tudo quanto foi feito era vida em Deus" (Jo 1,4). A alma percebe muito bem que a sua vida natural está em Deus, pelo ser que nele tem; e que igualmente está nele a sua vida espiritual, pelo amor com que o ama. Daí a sua queixa e mágoa de que tenha tanto poder uma vida tão frágil, em corpo mortal, a ponto de impedir-lhe o gozo de outra vida em Deus por natureza e amor. É grande aqui o encarecimento com que a alma se exprime, manifestando seu pesar em padecer dois contrários, a saber: vida natural no corpo, e vida espiritual em Deus. De fato, são dois contrários, porque um repugna ao outro, e vivendo ela em ambos, forçosamente há de sofrer grande tormento. A vida penosa lhe impede a vida saborosa, pois a vida natural é como morte para a alma, por privá-la da vida espiritual em que tem todo o seu ser e existência por natureza, e todas as suas operações e afeições por amor. A fim de melhor dar a entender o rigor dessa frágil vida, acrescenta logo:

Se fazem com que morras
As flechas que recebes

3. Como a dizer: além de tudo, como podes perseverar no corpo, se para tirar-te a vida bastam somente os toques de amor (simbolizados pelas flechas), dados pelo Amado em teu coração? Esses toques de tal maneira fecundam a alma e o coração em inteligência e amor de Deus, que bem se pode dizer que concebe de

Deus, como o exprime o verso seguinte com estas palavras:

Daquilo que do Amado em ti concebes?

4. Querendo significar: da grandeza, formosura, sabedoria, graça e virtudes que no Amado percebes.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. O cervo, quando está ervado, não descansa nem sossega, buscando aqui e ali remédios; mergulha-se, ora em certas águas, ora em outras; e, todavia, sempre vai crescendo mais ainda, em todas as ocasiões, e com os remédios que toma, aquele toque da erva, até apoderar-se inteiramente do coração e dar-lhe a morte. Assim acontece à alma que anda tocada da erva do amor, como esta de que falamos: nunca cessa de buscar remédios para sua pena, mas, longe de os achar, tudo quanto pensa, diz e faz, antes lhe serve para aumentar seu sofrimento. Conhece bem esta verdade, e vê que não tem outro remédio senão pôr-se nas mãos de quem a feriu, para que ele, livrando-a de toda pena, acabe de matá-la com a força do amor. Volta-se, então, para seu Esposo, que é o causador de tudo isto, e diz-lhe a seguinte canção:

Canção IX

Por que, pois, hás chagado
Este meu coração, o não saraste?
E, já que mo hás roubado,
Por que assim o deixaste
E não tomas o roubo que roubaste?

EXPLICAÇÃO

2. Volve, pois, a alma, nesta canção, a falar com seu Amado, queixando-se de sua dor; porque o amor impaciente, de que a alma mostra aqui estar possuída, não sofre dilações, nem dá descanso à sua pena, e propõe de todos os modos as suas ânsias, até encontrar o remédio. Vê-se chagada e sozinha, sem ter quem a possa curar ou dar-lhe remédio, a não ser o seu Amado, que a chagou. Diz, portanto, a ele: se lhe abriu uma chaga no coração com o amor de seu conhecimento, por que não curou esse coração com a vista de sua presença? Se também lho há roubado pelo amor com que a enamorou, arrancando-o à posse da alma, qual o motivo de o deixar assim, sem mais pertencer a ela? — Quem ama, é certo que já não possui o coração, pois o deu ao Amado. — Pergunta-lhe ainda a Esposa: por que não pôs de uma vez o coração dela no dele, tomando-o inteiramente para si, em perfeita e acabada transformação de amor na glória?

E assim diz:

Por que, pois, hás chagado
Este meu coração, o não saraste?

3. Não se queixa porque o Amado a chagou; pois o enamorado, quanto mais ferido, mais recompensado se sente. Sua querela é porque, havendo ele chagado o coração da amada, não o curou, acabando-a de matar. As feridas de amor são tão suaves e deleitosas que não podem satisfazer a alma, senão quando a fazem morrer. São, contudo, de tal modo saborosas, que a mesma alma desejaria que a chagassem até acabarem por matá-la. Esta é a razão de exclamar: "Por que, pois, hás chagado este meu coração, o não saraste?" Como se dissesse: Por que, se o feriste até chagá-lo, não o saras, acabando-me de matar de amor? Ês tu a causa da chaga, produzindo doença de amor: sê também a causa da saúde,

em morte de amor; desta maneira, o coração que está chagado com a dor de tua ausência, ficará curado com o deleite e glória de tua doce presença. E acrescenta:

E, já que mo hás roubado,
Por que assim o deixaste?

4. Roubar não é outra coisa senão desapropriar a alguém do que é seu, e apoderar-se disso quem rouba. Esta queixa apresenta aqui a alma ao Amado e lhe diz: uma vez que lhe roubou o coração por amor, tirando-o da sua posse e poder, por que o deixou assim, sem se apoderar de todo, e não o tomou inteiramente para si, como faz o ladrão com o objeto roubado, levando-o de fato, consigo?

5. Por esta razão diz-se do enamorado, que tem o coração roubado, ou arroubado, por aquele a quem ama, pois o tem fora de si, e posto no objeto amado; não tem mais coração para si, pois só o tem para aquele que ama. Nisto conhecerá deveras a alma se ama a Deus puramente, ou não: se na verdade o ama, não terá coração para si mesma, nem para reparar no próprio gosto ou proveito; só o terá para honra e glória de Deus, e para dar-lhe gosto. Quanto mais tem coração para si mesma, menos o tem para Deus.

6. Verificar-se-á se o coração está bem roubado por Deus, em uma destas duas coisas: se tem ânsias de amor por Deus, se não gosta de outra coisa senão dele, como sucede agora à alma. A razão é esta: não pode o coração humano estar em paz e sossego sem alguma posse, e quando está bem preso, já não se possui a si mesmo, nem a coisa alguma, como dissemos. Se, no entanto, não possui ainda perfeitamente o objeto amado, sentirá inquietação na mesma medida em que ele lhe falta, e só descansará quando o possuir de modo a satisfazer-se. Até então estará sempre a alma como um recipiente vazio que espera ser enchido, ou como um faminto que deseja comida; ou como o enfermo que

suspira pela saúde, e como quem estivesse suspenso no ar sem ter onde se apoiar. Desta forma está o coração bem enamorado. E sentindo-o aqui a alma, por experiência, diz: Por que assim o deixaste? Isto é, vazio, faminto, solitário, chagado e doente de amor, suspenso no ar.

E não tomas o roubo que roubaste?

7. Por assim dizer: por que não tomas o coração que roubaste por amor, a fim de o encher e fartar, fazendo-lhe companhia, curando-o, e, enfim, concedendo-lhe estabilidade e repouso perfeito em ti? A alma enamorada, por maior conformidade que tenha com o Amado, não pode deixar de desejar a paga e o salário de seu amor, e por causa dessa recompensa é que serve ao Amado. Do contrário, não seria verdadeiro amor, porque o seu salário e paga não é outra coisa, nem tem aqui a alma outro desejo, senão mais amor, até chegar à perfeição do mesmo amor. Na verdade, o amor não se paga a não ser com o próprio amor; assim o deu a entender o profeta Jó, quando disse, sentindo ânsia e desejo semelhantes aos da alma nesta canção: "Assim como o servo deseja a sombra, e o jornaleiro o fim de sua obra, assim tive vazios os meses e contei as noites trabalhosas para mim. Se dormir, direi: quando chegará o dia em que me levantarei? E logo volverei outra vez a esperar a tarde, e serei cheio de dores até as trevas da noite" (Jó 7,2). O mesmo acontece à alma abrasada no amor de Deus: deseja a perfeição do amor, para achar nele o descanso completo, assim como o servo fatigado pelo estio deseja o alívio da sombra; e, à semelhança do mercenário que espera o fim da obra, espera também ela que termine a sua. Note-se bem não ter dito o profeta Jó que o jornaleiro aguardava o fim de seu labor, mas sim o término de sua obra. Nisto dá a entender o que vamos explicando, isto é, como a alma que ama não espera o fim de seu trabalho, mas o fim de sua obra, porque esta sua obra é amar. É, portanto, da obra do amor

que espera o fim e remate, o qual consiste na perfeição e acabamento do amor de Deus. Até realizar-se a sua aspiração, está sempre como essa figura descrita por Jó, achando os dias e meses vazios, e contando as noites trabalhosas e prolongadas para si. Na explicação acima, ficou demonstrado que a alma amante de Deus não há de pretender nem esperar outro galardão de seus serviços, a não ser a perfeição do divino amor.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Quando a alma chega, no amor, a este extremo, está como um enfermo muito fatigado, o qual, havendo perdido o gosto e apetite, tem fastio de todos os manjares, e com todas as coisas se cansa e incomoda. Em tudo quanto lhe vem ao pensamento, ou se oferece à sua vista, só tem um apetite e desejo: o de sua saúde. Qualquer outra coisa que não o leve a isto torna-se, para ele, pesada e aborrecida. A alma atingida desta doença do amor divino manifesta, portanto, três propriedades. A primeira é ter sempre presente aquele "ai!" de sua saúde que é seu Amado, em todas as coisas que se lhe oferecem a tratar; embora obrigada a ocupar-se nelas, por não poder escusar, tem sempre o coração fixo no Esposo. A segunda, proveniente da primeira, é ter perdido o gosto para tudo. A terceira, conseqüente à segunda, é achar aborrecidas e pesadas não só todas as coisas, mas ainda quaisquer relações.

2. A conclusão que podemos tirar de tudo isso é a seguinte: como a alma tem agora o paladar da vontade afeito e deliciado neste manjar do amor de Deus, em qualquer coisa ou ocasião que se apresenta, logo incontinenti se inclina a buscar seu Amado, gozando-o naquilo, sem fazer caso de outros gostos ou conveniências. Assim o fez Maria Madalena, quando andava a procurar seu Mestre no horto; pensando que o hortelão fosse ele, disse-lhe, sem qualquer razão e acordo: "Se tu mo tomaste, dize-me, e eu o buscarei" (Jo 20,15). A alma, nesta canção, traz em si a mesma ânsia de achar o

Amado em todas as coisas; não o achando logo à medida de seu desejo, antes muito ao contrário, não somente lhe falta o gosto nelas, mas também lhe causam tormento, às vezes grandíssimo. Semelhantes almas padecem muito no trato com o mundo e outros negócios, pois mais a estorvam do que a ajudam na sua pretensão.

3. Estas três propriedades, bem mostrou ter a Esposa dos Cantares, quando buscava seu Esposo, dizendo: "Busquei-o e não o achei. Acharam-me os que rodeavam a cidade, e chagaram-me, e os guardas dos muros me tiraram o manto" (Ct 5,6-7). Os que rodeiam a cidade, são os tratos do mundo; quando encontram alguém à procura de Deus, então lhe fazem muitas chagas de dores, penas e desgostos, em razão de a alma não achar neles o que pretende, mas, ao contrário, só lhe servirem de impedimento. Os que defendem o muro da contemplação, para que a alma não possa entrar, são os demônios e os negócios mundanos; tiram-lhe o manto da paz e quietude dessa amorosa contemplação, e com isto sofre a mesma alma, enamorada de Deus, mil aborrecimentos e contrariedades. E ao ver como não pode livrar-se deles, nem pouco nem muito, enquanto estiver aqui na terra, prossegue as súplicas ao seu Amado, dizendo a seguinte canção:

Canção X

Extingue os meus anseios,
Porque ninguém os pode desfazer;
E vejam-te meus olhos,
Pois deles és a luz,
E para ti somente os quero ter.

EXPLICAÇÃO

4. A alma continua, portanto, na presente canção, a pedir ao Amado se digne pôr termo às suas ânsias e

penas, visto como não há outro senão ele só que o possa fazer. Pede que seja de modo a tornar-se possível contemplá-lo com seus próprios olhos, pois é o Amado a sua luz, e a alma não os quer empregar em outra coisa a não ser unicamente nele. Então diz:

Extingue os meus anseios

5. O desejo veemente do amor tem esta peculiaridade que já observamos: toda ação, ou palavra, não conforme àquilo que a vontade ama, produz nela cansaço, fadiga e aborrecimento; torna-a insatisfeita por ver que não se realiza o seu desejo. A todas essas inquietações, em sua sede de ver a Deus, a alma chama aqui "anseios", os quais nada poderia dissipar a não ser a posse do Amado. Suplica-lhe, pois, que os venha extinguir com sua presença dando-lhes refrigério, como faz a água fresca ao que está abatido pelo calor. Emprega, de propósito, a palavra "extingue", para mostrar que está padecendo com fogo de amor.

Porque ninguém os pode desfazer

6. Para mover o Amado e melhor persuadi-lo a atender seu pedido, a alma afirma que só ele, exclusivamente, é capaz de satisfazer sua necessidade; e, portanto, seja ele próprio que apague os seus anseios. Notemos, a este propósito, como é verdade que Deus está bem prestes a consolar uma alma e satisfazer suas necessidades, quando ela não acha contentamento nem pretende consolo algum fora dele. E, assim, quando a alma não tem coisa que a entretenha fora de Deus, não pode ficar muito tempo sem receber a visita do Amado.

E vejam-te meus olhos

7. Quer dizer: Veja-te eu face a face com os olhos de minha alma,

Pois deles és a luz

8. A luz sobrenatural dos olhos da alma, sem a qual permanece em trevas, é Deus; mas aqui ela o chama luz de seus olhos, por encarecimento de amor, assim como costuma fazer quem muito ama a pessoa amada, a fim de declarar-lhe sua afeição. É como se dissesse nos dois versos acima: se os olhos de minha alma outra luz não têm por natureza e por amor, senão a ti, vejam-te meus olhos, pois, de todos os modos, és deles a luz. Essa luz parecia faltar a Davi quando com pesar exclamava: "A luz dos meus olhos, essa não está comigo" (Sl 37,11). E a Tobias quando disse: "Que gozo poderá ser o meu, pois estou sentado em trevas e não vejo a luz do céu?" (Tb 5,12). Nessa luz desejava ele a clara visão de Deus, porque a luz do céu é o Filho de Deus, conforme declara São João: "A cidade celestial não tem necessidade de sol nem de luz que brilhem nela, porque a claridade de Deus a alumia e a sua lucerna é o Cordeiro" (Ap 21,23).

E pará ti somente os quero ter

9. Assim dizendo,[1] quer a alma obrigar o Esposo a que lhe permita ver essa luz de seus olhos: não só porque, sem ter outra, ficará nas trevas, mas também pela razão de não os querer ter para coisa alguma fora dele. Muito justamente sofre a privação da luz divina a alma que põe os olhos de sua vontade em outra luz, querendo possuir algo fora de Deus, pois nisto tem impedida a vista para receber a iluminação dele. Assim também é conveniente que mereça receber a luz divina aquela alma que fecha os olhos a todas as coisas para os abrir somente a Deus.

1. A 1ª redação do *Cântico* começa aqui com estas palavras: "No verso antecedente, a alma deu a entender como seus olhos estarão em trevas sem a vista do seu Amado, pois é ele sua luz; e com isto o obriga a dar-lhe esta luz da glória. No verso atual, mais ainda quer obrigar o Esposo..."

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. É preciso saber que o amoroso Esposo das almas não as pode ver sofrendo muito tempo sozinhas, como acontece a esta de que vamos tratando. Conforme ele próprio diz pelo profeta Zacarias, as penas e queixas daquelas que ama lhe tocam nas pupilas dos olhos (Zc 2,8), principalmente quando os sofrimentos de tais almas são por seu amor. A mesma coisa diz também por Isaías: "Antes que eles clamem, eu ouvirei, ainda estando com a palavra na boca, os escutarei" (Is 65,24). E o Sábio, referindo-se a Deus, tem estas palavras: "Se o buscar a alma como ao dinheiro, achá-lo-á" (Pr 2,4). Assim, a esta alma enamorada, que busca o Amado com maior cobiça do que ao dinheiro, — pois deixou todas as coisas e a si mesma por seu amor, — parece que Deus manifestou alguma presença espiritual de si, atendendo esses rogos tão inflamados. Nessa presença revelou alguns vislumbres muito profundos de sua divindade e formosura, e com isso aumentou muito mais o fervor da alma, e o desejo de o ver. Costumam, às vezes, jogar água na frágua, para que cresça e se inflame mais o fogo: assim também faz o Senhor com algumas almas chegadas a essas calmas de amor. Dá-lhes certos visos de sua excelência, para mais afervorá-las e as ir dispondo melhor para as mercês que lhes quer fazer depois. Como a alma percebeu e sentiu, naquela obscura presença, o sumo bem e a divina formosura ali encoberta, morrendo em desejo de vê-la, diz a canção seguinte:

Canção XI

Mostra tua presença!
Mate-me a tua vista e formosura;
Olha que esta doença
De amor jamais se cura,
A não ser com a presença e com a figura.

EXPLICAÇÃO

2. Deseja a alma ver-se enfim possuída por este grande Deus cujo amor lhe roubou e feriu o coração; e, não podendo mais suportar, pede determinadamente nesta canção lhe descubra e mostre sua formosura, isto é, sua divina essência, e, para isto, lhe venha dar a morte com a sua vista; que a desprenda de uma vez do corpo com o qual não o pode ver e gozar conforme deseja. Representa ao Amado a doença e ânsia do coração, em que persevera penando por seu amor, sem poder achar outro remédio a não ser essa gloriosa vista de sua divina essência. Segue-se o verso:

Mostra tua presença

3. Para explicação disso, é necessário saber que há três espécies de presença de Deus na alma. A primeira é por essência: desta maneira está ele presente não só nas almas boas e santas, mas também nas más e pecadoras, assim como em todas as criaturas; porque com essa presença essencial lhes dá vida e ser; se lhes faltasse, todas se aniquilariam deixando de existir, e, portanto, com esta espécie de presença, sempre permanece na alma. A segunda é a presença pela graça, em que Deus habita na alma, satisfeito e contente com ela; nem todas gozam dessa espécie de presença, pois as que estão em pecado mortal perdem-na; e a alma não pode saber naturalmente se a possui. A terceira é por afeição espiritual, e em muitas almas piedosas costuma Deus conceder algumas manifestações espirituais de sua presença, por diversos meios, a fim de proporcionar-lhes consolação, deleite e alegria. Essas presenças são também, como todas as outras, encobertas; nelas Deus não se mostra tal qual é, porque não o sofre a condição desta vida mortal. Assim, de qualquer espécie de presença, pode ser entendido o verso já citado: "mostra tua presença".

4. A alma não pede a Deus que se faça presente nela, pois é certo que ele o está, ao menos do primeiro modo; pede a manifestação dessa preença, seja natural, ou espiritual, ou afetiva, descobrindo-a de maneira que possa vê-lo em sua divina essência e formosura. E que, assim como por meio de sua presença essencial, está ele dando ser natural à alma, e pela presença da graça a aperfeiçoa, também a glorifique manifestando-lhe sua glória. A alma, de que aqui falamos anda abrasada em fervores e afetos de amor de Deus; e assim essa presença cuja manifestação pede ao Amado deve ser entendida principalmente no sentido de certa presença afetiva em que o Esposo se descobriu a ela. Foi tão subida essa presença, que a alma julgou e sentiu estar ali um imenso Ser encoberto, do qual Deus lhe comunicou alguns vislumbres um tanto obscuros de divina formosura. É tal o efeito produzido por eles na alma, que a fazem cobiçar com veemência, desfalecendo no desejo de algo que percebe oculto sob aquela presença, conforme sentia Davi quando disse: "Cobiça e defalece minha alma nos átrios do Senhor" (Sl 83,1). Na verdade, a alma então desfalece com o desejo de engolfar-se naquele sumo bem que lhe parece presente, e ao mesmo tempo encoberto; e embora esteja oculto, mui notoriamente experimenta a alma o bem e deleite ali encerrado. Em razão disso, é atraída e arrebatada por esse bem infinito, com maior força do que qualquer coisa natural o é para o seu próprio centro. Com tão extrema cobiça e profundo apetite, não podendo mais conter-se, diz a alma: Mostra tua presença!

5. O mesmo aconteceu a Moisés no Monte Sinai. Quando estava em presença de Deus, percebia tão elevados e profundos sinais da grandeza e formosura da divindade do Senhor, ali encoberta, que, não o podendo sofrer, rogou-lhe por duas vezes que mostrasse a sua glória, com estas palavras: "Tu dizes que me conheces pelo meu próprio nome, e que achei graça diante de ti: se na verdade assim é, mostra-me tua face para que

te conheça e ache diante de teus olhos a graça divina perfeita que desejo" (Ex 33,13), isto é, mereça chegar ao perfeito amor da glória de Deus. O Senhor, porém, respondeu dizendo: "Não poderás ver a minha face, porque não me pode ver o homem e permanecer vivo" (Ex 33,20). Como se dissera: difícil coisa me pedes, Moisés; porque é tanta a formosura de meu rosto, e tão grande o deleite da vista de meu ser que não a poderá suportar tua alma nesta espécie de vida tão fraca. Está a alma ciente desta verdade, seja pelas palavras de Deus a Moisés, seja pelo que ela mesma sente nessa presença velada do Esposo: não o poderá ver em sua divina formosura enquanto estiver em vida mortal, onde, só de o vislumbrar, desfalece. Previne, assim, a resposta que lhe pode ser dada como a Moisés, dizendo:

Mate-me a tua vista e formosura

6. Como a dizer: se é tanto o deleite causado pela vista do teu ser e formosura, que não pode sofrê-la minha alma, sem ter de morrer vendo-a, — mate-me, pois, tua vista e formosura.

7. Duas vistas, é sabido, matam o homem, por não poder suportar a força e efeito delas. Uma, é a do basilisco, a qual vista, dizem, mata imediatamente. Outra, é a de Deus. São, porém, muito diferentes em suas causas: porque uma vista mata com grande veneno, e a outra com imensa saúde e bem de glória. A alma, pois, não faz muito em querer morrer à vista da formosura divina a fim de gozá-la para sempre. Se percebesse um só vestígio da beleza e sublimidade de Deus, não desejaria apenas uma morte, como aqui, para contemplá-la eternamente, mas mil acerbíssimas mortes e sofreria alegremente, a fim de vê-la, sequer por um instante; e depois de a ter visto, pediria para padecer outras tantas mortes por vê-la outro tanto.

8. Para melhor compreensão deste verso, é necessário saber que a alma fala aqui condicionalmente: ao pedir que a mate aquela vista e formosura, supõe que não a pode ver sem morrer. Se o pudesse, não pediria que a matasse. Querer morrer é, com efeito, imperfeição natural; suposto, porém, que não se coaduna a vida humana corruptível com a vida imarcescível de Deus, então pode: Mate-me, etc.

9. Esta doutrina expõe São Paulo aos coríntios, quando diz: "Não queremos ser despojados, mas sobrevestidos, a fim de que aquilo que é mortal seja absorvido na vida" (2Cor 5,4), isto é, não desejamos ser despojados da carne, mas revestidos de glória. E o mesmo Apóstolo, vendo como não é possível viver simultaneamente na glória e no corpo mortal, exprime aos filipenses o seu desejo de ser desatado da carne para estar com Cristo (Fl 1,23). Surge, todavia, uma dúvida a esse respeito: por que motivo os filhos de Israel, em seu tempo, fugiam com temor da vista de Deus, a fim de não morrerem, conforme dizia Manué à sua mulher (Jz 13,22), e esta alma deseja agora morrer com a mesma vista de Deus? Respondemos que por dois motivos. Primeiro: naquele tempo, embora morressem os homens na graça de Deus, não o poderiam ver até que viesse Cristo; muito melhor, portanto, era para eles viver neste mundo aumentando os merecimentos e gozando vida natural, do que no limbo, sem merecer, padecendo trevas e ausência espiritual de Deus. E assim, tinham por grande mercê e benefício de Deus o viver muitos anos.

10. Segundo motivo: em virtude do amor. Como aqueles filhos de Israel não estavam tão fortalecidos no amor de Deus, nem tão amorosamente unidos a ele, temiam morrer à sua vista. Agora, porém, na lei da graça, em que morrendo o corpo pode a alma ver a Deus, é mais sensato desejar viver pouco, e morrer para o contemplar. Mesmo se assim não fora, a alma que ama a Deus — como esta aqui — não tem medo

de morrer à sua vista; porque o verdadeiro amor recebe com igual conformidade tudo quanto lhe vem da parte do Amado, seja coisas prósperas ou adversas e até castigos, só pelo fato de serem queridas por ele, e nelas acha gozo e deleite. Segundo a palavra de São João, "a perfeita caridade expele todo temor" (Jo 4,18). À alma que ama, não pode ser amarga a morte, pois nela acha todas as doçuras e deleites do amor. Tampouco é triste a sua lembrança, pois traz juntamente a alegria. Também não a agrava, nem lhe causa pena, sendo o remate de todos os seus pesares e tristezas e o princípio de todo o seu bem. Antes a tem por esposa e amiga, e com sua memória se goza, como no dia de desposório e bodas, desejando mais ardentemente a chegada desse dia e dessa hora da morte, do que desejaram os reis da terra reinos e principados. Dessa espécie de morte diz o Sábio: "Ó morte! bom é o teu juízo para o homem que se sente necessitado" (Eclo 41,3). Ora, se a morte é boa para quem está necessitado das coisas terrenas, — embora não venha satisfazer essas necessidades, senão muito ao contrário, há de despojar o homem de quanto possui, — quanto melhor será o juízo dela para a alma necessitada de amor, como esta de que tratamos que está clamando por mais amor? Sim, porque não somente não a despojará do que tinha, mas há de ser causa da consumação de amor tão desejada, satisfazendo plenamente suas necessidades. Tem, pois, razão a alma em atrever-se a dizer sem temor: Mate-me a tua vista e formosura. Sabe muito bem que no mesmo instante em que a visse, seria arrebatada à mesma formosura, absorvida na mesma formosura, tornando-se formosa como a própria formosura divina, abastada e enriquecida como essa mesma formosura. Por isso diz Davi: "A morte dos santos é preciosa diante do Senhor" (Sl 115,15); o que não poderia ser, se não participassem de suas grandezas; pois nada há de precioso diante de Deus senão o que ele é em si. Assim é que a alma quando ama, longe de temer a morte, antes

a deseja. O pecador, porém, sempre tem medo de morrer, porque suspeita que a morte há de tirar-lhe todos os bens e dar-lhe todos os males. "A morte dos pecadores é péssima", declara Davi (Sl 33,22). É esta a razão de lhes ser amarga a sua memória, como diz o Sábio (Eclo 41,1); por amarem muito a vida deste século, e pouco a do outro, temem grandemente a morte. Quanto à alma que ama a Deus, mais vive na outra vida, do que nesta; mais vive, é certo, onde ama do que no corpo onde anima; e assim faz pouco caso da vida temporal. Pede, portanto, ao Amado: Mate-me a tua vista, etc.

Olha que esta doença
De amor jamais se cura,
A não ser com a presença e com a figura

11. Se a doença de amor não puder ser curada senão com a presença e figura do Amado, é porque, sendo diferente essa doença das outras comuns, diferente também é seu remédio. Naquelas, para seguir boa filosofia, curam-se contrários com contrários; o amor, porém, só acha cura em coisas conformes a ele. Com efeito, a saúde da alma é o amor de Deus; ora, quando a alma não tem perfeito amor de Deus, não tem perfeita saúde; logo, está enferma, pois a enfermidade não é mais que falta de saúde. Assim, quando a alma nenhum grau de amor tem, está morta; se tem algum grau desse amor divino, por mínimo que seja, está viva, mas muito debilitada e enferma, pelo pouco amor que tem; e quanto mais o amor for aumentando, tanto mais saúde vai tendo; enfim, chegando ao amor perfeito, será também perfeita sua saúde.

12. Por conseqüência, é necessário saber que o amor jamais chegará à perfeição até que se juntem os amantes em unidade, transfigurando-se um no outro; só então estará o amor totalmente perfeito. A alma, nesta canção,

sente em si mesma certo debuxo de amor, — é a doença referida — e deseja que ele se acabe de pintar, com essa figura apenas debuxada que é seu Esposo, o Verbo Filho de Deus, o qual, no dizer de São Paulo, "é o resplendor da glória do Pai e figura de sua substância" (Hb 1,3). Esta é a figura que aqui compreende a alma, e nela deseja transfigurar-se por amor; e, por isto, exclama: "Olha que esta doença de amor jamais se cura, a não ser com a presença e com a figura.

13. Bem se denomina doença o amor não perfeito; porque assim como o enfermo está debilitado, e não pode trabalhar, assim a alma que está fraca no amor, o está igualmente para praticar virtudes heróicas.

14. Podemos entender também de outro modo. Quem sente em si doença de amor, isto é, falta de amor, é sinal de que tem algum amor, e, pelo que tem, vê o que ainda lhe falta. Quem não sente faltar-lhe amor, é sinal de que nenhum amor possui, ou então está perfeito nele.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. A alma, por este tempo, sente-se atraída com tanta veemência para ir a Deus, como a pedra que vai chegando ao seu centro; ou como a cera que começou a receber a impressão do selo, e não se lhe acabou de gravar a figura dele. Além disso, conhece estar como a imagem que levou só a primeira mão, e ficou apenas no esboço; clama, pois, àquele que nela fez o debuxo, pedindo que a acabe de pintar e modelar. E cheia de uma fé tão iluminada que a faz vislumbrar certas manifestações divinas muito claras, da grandeza de seu Deus, fica sem saber o que faça. Volta-se então para a mesma fé, que encerra e oculta a figura e beleza do Amado, e da qual também recebe os debuxos dele e prendas do seu amor. Falando, pois, com a fé, diz a seguinte canção:

Canção XII

Ó cristalina fonte,
Se nesses teus semblantes prateados
Formasses de repente
Os olhos desejados
Que tenho nas entranhas debuxados!

EXPLICAÇÃO

2. Com imenso desejo suspira a alma pela união do Esposo, e vê que não acha meio nem remédio algum em todas as criaturas. Volve-se, então, a falar com a fé, como a que mais ao vivo lhe há de dar luz sobre o Amado, e a toma por meio para levá-la à realização do que deseja. Na verdade, não há outro meio pelo qual se chegue à verdadeira união e desposório espiritual com Deus, conforme declara o Senhor por Oséias, nestes termos: "Desposar-te-ei na fé" (Os 2,20). E a alma, com o desejo em que arde, diz ao Esposo as palavras seguintes que exprimem o sentido da canção: Ó fé de meu Esposo Cristo! Se as verdades que do Amado infundiste em mim, encobertas com obscuridade e treva, — por ser a fé hábito obscuro, no dizer dos teólogos, — manifestasses agora com claridade! se me descobrisses num momento tudo o que me comunicas por conhecimentos obscuros e indecisos, apartando-te tu mesma de todas essas verdades, — porque a fé é coberta e véu das verdades de Deus, — transformando-as de modo perfeito e completo em manifestações de glória! Prossegue assim o verso:

Ó cristalina fonte

3. Chama a fé de "cristalina" por dois motivos: primeiro, por ser de Cristo seu Esposo; segundo, porque tem as propriedades do cristal, sendo pura nas verdades

e ao mesmo tempo forte, clara e limpa de quaisquer erros e de noções naturais. Dá-lhe o nome de "fonte", porque dela manam à alma as águas de todos os bens espirituais. Cristo, nosso Senhor, falando com a Samaritana, deu esse nome de fonte à mesma fé, dizendo que todos aqueles que nele cressem teriam em si uma fonte cujas águas jorrariam para a vida eterna (Jo 4,14). E esta água era o espírito que haviam de receber, pela fé, os crentes (Jo 7,39).

Se nesses teus semblantes prateados

4. Às proposições e artigos que propõe a fé, a alma chama semblantes prateados. Para compreensão desse verso e dos seguintes, precisamos saber que a fé é aqui comparada à prata, nas proposições que nos ensina; quanto à substância encerrada na fé, e as verdades nela contidas, são comparadas ao ouro. De fato, essa mesma substância que agora cremos, vestida e encoberta com a prata da fé, veremos e gozaremos dela na outra vida sem mais véu, despojado da fé, então, o ouro. Falando a este respeito, Davi diz assim: "Se dormirdes entre os dois coros, as penas da pomba serão prateadas, e as pontas de suas asas serão cor de ouro" (Sl 67,14). Com estas palavras, quero dizer: Se fecharmos os olhos do entendimento às coisas superiores e inferiores (que significa "dormir no meio"), ficaremos na fé, simbolizada na pomba cujas penas prateadas são as verdades que nos ensina; pois, nesta vida, a fé nos propõe essas verdades obscuras e encobertas, razão pela qual são aqui chamadas semblantes prateados; no fim, porém, da fé, quando esta se acabar pela clara visão de Deus, então ficará descoberta a substância da fé, não mais revestida de prata, e sim, da cor de ouro. A fé, efetivamente, nos dá e comunica o próprio Deus, coberto, todavia, com prata de fé; mas nem por isso deixa de no-lo dar verdadeiramente. É como quem nos desse um vaso de ouro recoberto de prata, que, pelo fato de estar prateado, não

deixaria de ser o dom de um vaso de ouro. Assim, quando a Esposa, nos *Cantares*, desejava a posse do Amado, recebeu de Deus a promessa de que lha daria tanto quanto fosse possível nesta vida, dizendo ele: "Nós te faremos umas cadeias de ouro, marchetadas de prata" (Ct 1,10). Com isto prometia dar-se a ela encoberto pela fé. Dirigindo-se agora, pois, à fé, exclama a alma: Oh! se nesses teus semblantes prateados, — que são os artigos já referidos, — que cobrem o ouro dos divinos raios, isto é, dos olhos desejados, e acrescenta logo:

Formasses de repente
Os olhos desejados

5. Pelos olhos são simbolizadas, como já dissemos, as verdades divinas, e as irradiações de Deus, que, repetimos, nos são propostas nos artigos de fé sob forma velada e indeterminada. Como se dissesse: Oh! se essas verdades que confusa e obscuramente me ensinas, encobertas sob teus artigos de fé, acabasse de dar-me clara e determinadamente despojadas de véus, como pede o meu desejo! O motivo de chamar aqui olhos a estas verdades é a grande presença do Amado que sente a alma, pois parece que sempre a está olhando, e assim diz:

Que tenho nas entranhas debuxados!

6. Estão debuxados nas entranhas, isto é, na alma, segundo o entendimento e a vontade. De fato, é pela fé que são estas verdades infundidas na alma, segundo o entendimento. Como a notícia delas não é perfeita, diz que estão apenas debuxadas. O debuxo não é perfeita pintura: do mesmo modo, a notícia da fé não é perfeito conhecimento. Assim, as verdades que se infundem na alma pela fé estão como em debuxo; quando

forem manifestadas em clara visão, estarão nela como em perfeita e acabada pintura, conforme a palavra do Apóstolo: "Quando vier o que é perfeito" — a clara visão — "acabar-se-á o que é parcial" — o conhecimento pela fé (1Cor 13,10).

7. Além deste debuxo da fé, há na alma que ama, outro debuxo de amor, segundo a vontade. Aí se debuxa de tal maneira a figura do Amado, e tão conjunta e vivamente se retrata, quando há união de amor, que verdadeiramente é possível afirmar que o Amado vive no amante, e o amante no Amado; é tão perfeita a semelhança realizada pelo amor na transformação dos amados, que podemos dizer: cada um é o outro, e ambos são um só. Explica-se isto pela posse de si mesmo que um dá ao outro, na união e transformação de amor, na qual cada um se deixa e troca pelo outro; assim, cada um vive no outro, sendo um e outro, entre si, um só, por essa mesma transformação de amor. Isto quis dar a entender São Paulo quando disse: "Vivo eu, já não eu, mas Cristo é que vive em mim" (Gl 2,20). Em dizer: vivo eu, já não eu, mostrou que, embora ele vivesse, não era sua aquela vida, pois estava transformado em Cristo, e sua vida era mais divina que humana; donde acrescenta que não vivia mais ele, senão Cristo nele.

8. Segundo esta semelhança de transformação, podemos afirmar que a vida do Apóstolo e a vida de Cristo eram uma só e mesma vida, por união de amor. Esta realidade será perfeita no céu, em vida divina, naqueles que houverem merecido ver-se em Deus. Transformados em Deus, viverão vida de Deus, e não vida sua, embora seja sua própria vida porque a vida de Deus será vida sua. Verdadeiramente poderão dizer: vivemos nós, mas não vivemos nós, pois vive Deus em nós. Este estado é possível aqui na terra, como vemos que o foi em São Paulo; não, porém, de modo total e perfeito, mesmo na alma elevada a tão profunda transformação de amor como o matrimônio espiritual, que é o mais alto estado

a que se pode chegar nesta vida. Enquanto estamos aqui, toda união se pode chamar debuxo de amor, comparada àquela perfeita figura de transformação na glória. Quando se alcança, todavia, esse debuxo de transformação, nesta vida mortal, é imensa felicidade, porque nisso se contenta grandemente o Amado. No desejo de ver a Esposa guardá-lo assim, em forma de debuxo, em sua alma, disse-lhe o Esposo nos *Cantares*: "Põe-me como um selo sobre teu coração, como um selo sobre teu braço" (Ct 8,6). O coração significa a alma, na qual Deus permanece como selo, pelo debuxo da fé, aqui na terra, como ficou referido; o braço simboliza a vontade forte, em que ele está como selo pelo debuxo do amor, conforme também dissemos.

9. De tal maneira anda a alma nesse tempo, que não quero deixar de dizer algo sobre isso, embora em breves palavras, mesmo quando por palavras não se possa exprimir. A substância corporal e espiritual que a anima parece secar-se em extrema sede da fonte viva de Deus. Esta sede é semelhante à que sentia Davi quando disse: "Como o cervo deseja as fontes das águas, assim minha alma deseja a ti, Deus. Teve minha alma sede do Deus forte e vivo: quando virei e aparecerei diante da face de Deus?" (Sl 41,3). Fica a alma tão atormentada por esta sede, que nada lhe custaria atravessar pelo meio dos filisteus, como fizeram os guerreiros de Davi quando foram encher o vaso de água na cisterna de Belém, que figurava Cristo (1Cr 11,18). Dificuldades do mundo, fúrias dos demônios, penas infernais, tudo seria pouco para a alma sofrer, a troco de engolfar-se no abismo dessa fonte de amor. A este propósito se entendem as palavras dos *Cantares*: "Forte é a dileção como a morte, e dura é sua emulação como o inferno" (Ct 8,6). Na verdade não se pode crer quão veemente seja o desejo de possuir aquele bem, e a pena que a alma experimenta, ao ver que, em se aproximando para prová-lo, não lhe é concedido; porque é tanto maior o tormento e dor que se sente com a negação daquilo que se deseja, quanto mais de perto e mais à vista se percebe.

Falando de modo espiritual, a este respeito, disse Jó: "Antes que coma, suspiro; e como o ímpeto das águas é o rugido e bramido de minha alma" (Jó 3,24). Entende pela comida, a Deus, a quem a alma apetece; pois na mesma medida do apetite e conhecimento do manjar, é a pena que por ele sofre.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. A causa de padecer tanto a alma pelo desejo de Deus a este tempo é que vai chegando mais junto dele; conseqüentemente, vai sentindo mais o vazio de sua ausência, e sofrendo trevas muito espessas no interior, onde a purifica e seca o fogo espiritual, a fim de que, purificada, possa enfim unir-se com Deus. Enquanto não apraz ao mesmo Deus esclarecer a alma com algum raio de luz sobrenatural que o revele, ela só o percebe como intolerável treva; porque, estando o Senhor espiritualmente muito perto, a luz divina obscurece a luz natural com seu excesso. Tudo isto exprimiu bem Davi nestas palavras: "Nuvens e escuridão estão ao redor dele... o fogo irá diante dele" (Sl 96,2). Noutro Salmo diz: "Ocultou-se nas trevas como em seu pavilhão, e o seu tabernáculo em redor de si é como água tenebrosa nas nuvens do ar. Diante do resplendor de sua presença há nuvens, granizo e carvões em brasa" (Sl 17,12-13). Assim o sente a alma, ao aproximar-se de Deus, e quanto mais perto chega, com maior força experimenta tudo isso, até que o Senhor a faça penetrar em seus divinos resplendores por transformação de amor. Entrementes, está a alma, sempre como Jó, dizendo: "Quem me dera saber encontrar Deus, e chegar até ao seu trono" (Jó 23,3). O Senhor, todavia, em sua imensa piedade, alterna, na alma, trevas e vazios, com regalos e consolações; porque, assim como são as suas trevas, assim também é a sua luz (Sl 138,12). Com o fim de exaltar e glorificar seus escolhidos, é que Deus os humilha e aflige. Deste modo, enviou ele à alma, em meio aos so-

frimentos, certos raios divinos de si mesmo, com tanta glória e força de amor, que a comoveram inteiramente, e toda a natureza se lhe desconjuntou. Então, naturalmente amedrontada, cheia de grande pavor, dirige ao Amado as primeiras palavras da canção seguinte que ele prossegue depois até o fim.

Canção XIII

Aparta-os, meu Amado,
Que eu alço o vôo.

ESPOSO

Oh! volve-te, columba,
Que o cervo vulnerado
No alto do outeiro assoma,
Ao sopro de teu vôo, e fresco toma.

EXPLICAÇÃO

2. Nos grandes desejos e fervores de amor que manifestou a alma nas canções antecedentes, costuma o Amado visitar a Esposa, de modo casto, delicado e amoroso, com grande força de amor. Ordinariamente, na proporção em que foram grandes os fervores e ânsias de amor na alma, soem ser também extremos os favores e visitas de Deus. Vimos como esta alma com tantos anseios desejou contemplar os olhos divinos que descreveu na canção passada; e assim o Amado, satisfazendo esses desejos, descobriu-lhe agora alguns raios de sua grandeza e divindade. Foram tão sublimes, e com tanta força comunicados, que a fizeram sair de si por arroubamento e êxtase. E, como no princípio, costuma isso acontecer com grande prejuízo e temor da natureza, não podendo a alma sofrer tal excesso em

corpo tão fraco, diz nesta canção: Aparta-os, meu Amado. Querendo significar: aparta de mim estes teus olhos divinos, porque me fazem voar, e sair de mim mesma à suma contemplação, acima de minha capacidade natural. Assim disse, por lhe parecer que o espírito alçava o vôo do corpo, conforme seu desejo. Pede ao Amado que aparte os olhos, isto é, não lhe comunique seus divinos favores estando a alma presa ao corpo, pois não seria capaz de os gozar à vontade; mas que os conceda naquele vôo fora da carne. Em vez de satisfazer o desejo da amada, o Esposo apressou-se em impedi-lo e em cortar-lhe o vôo, dizendo: Volve-te, columba, porque a comunicação recebida de mim agora não é ainda gloriosa como pretendes. Volve-te a mim, pois sou eu o Esposo a quem buscas, chagada de amor. Também eu, qual cervo ferido de teu amor, começo a mostrar-me a ti em tua alta contemplação, tomando alívio e refrigério no amor dessa tua contemplação. Diz, portanto, a alma ao Eposo:

Aparta-os, meu Amado

3. Conforme já dissemos, a alma inflamada em grandes desejos de contemplar a Divindade do Esposo, simbolizada nesses olhos divinos, recebeu dele interiormente tão sublime comunicação e notícia que chegou a exclamar: Aparta-os, meu Amado. Ó miséria imensa de nossa natureza aqui na terra! Aquilo que a alma deseja com mais veemência, sendo para ela vida mais abundante, — a comunicação e conhecimento de seu amado, — quando lhe é concedido, não o pode receber sem que lhe custe quase a vida. De sorte que esses mesmos olhos, procurados com tão grande solicitude e ânsia, usando de tantas diligências para os alcançar, quando os recebe vê-se obrigada a dizer: aparta-os, meu Amado.

4. Por vezes é tão grande o tormento sentido pela alma em semelhantes visitas de arroubamentos que não há outro que cause tão forte desconjuntamento dos

ossos, e ponha em tanto aperto a natureza. E o faz de tal maneira que, se Deus não providenciasse, acabar-se-lhe-ia a vida. Na verdade, assim o experimenta quem passa por isto; pois sente como se a alma fosse desprendida da carne, e desamparasse o corpo. A razão é não ser possível receber semelhantes mercês, estando a alma presa ainda ao corpo. O espírito humano é elevado a comunicar-se com o Espírito Divino que a ele vem; logo, forçosamente há de desamparar, de certo modo, a carne. Donde padece o corpo e, conseqüentemente, também a alma no mesmo corpo, pela unidade que têm ambos numa só pessoa. O grande tormento, pois, que sente a alma na ocasião de visitas dessa espécie, e o extremo pavor que causa essa comunicação por via sobrenatural, levam-na a dizer: Aparta-os, meu Amado.

5. Pelo fato de pedir a alma que os aparte, não se há de entender que ela deseje o afastamento dos olhos divinos. Esse pedido provém apenas do temor natural, como já explicamos. Assim, embora lhe custasse muito mais, não quereria perder essas visitas e mercês do Amado, pois, ainda que o natural padeça, o espírito voa ao recolhimento sobrenatural e aí goza do espírito do Amado, conforme deseja e pede a mesma alma. Não quisera, porém, receber tais graças estando no corpo onde não pode recebê-las com plenitude, mas só aos pouquinhos e com sofrimento. Com o vôo do espírito fora da carne é que deseja receber as comunicações divinas, podendo então delas gozar livremente. Por isto disse: "Aparta-os, meu Amado", isto é, não me mostres esses olhos, estando minha alma presa ainda ao corpo,

Que eu alço o vôo

6. Como se dissera: eu alço o vôo, saindo da carne, para que mos comuniques fora dela, pois são eles que me fazem voar fora da carne. Para melhor entender qual seja esse vôo, é preciso notar como na visita do

Espírito divino, o espírito humano é arrebatado com grande força a comunicar-se com esse Espírito de Deus. Aniquila as forças do corpo, deixando a alma de sentir e de ter nele suas ações, porque as tem agora em Deus. Foi assim que São Paulo pôde dizer, a respeito daquele seu arroubamento, que não sabia se o tivera, estando no corpo ou fora do corpo (2Cor 12,2). Não quer isto significar que a alma destrói e desampara o corpo quanto à vida natural, mas somente deixa de ter nele seu agir. Por isso o corpo perde os sentidos nestes raptos e vôos do espírito, e mesmo se lhe causassem grandíssimas dores, não as sentiria. Não é como em outros paroxismos e desmaios naturais, que cessam com a força de uma dor. Experimentam tais sentimentos, nas visitas de Deus, as almas que andam em via de progresso, mas não atingiram ainda o estado de perfeição; porque em chegando a este, as comunicações divinas se fazem na paz e suavidade do amor, cessando os arroubamentos que eram concedidos para dispor a alma à perfeita união.

7. Seria aqui lugar conveniente para tratar das diferentes espécies de êxtases, arroubamentos e subtis vôos de espírito, que às almas soem acontecer. Como, porém, meu intento não é outro senão explicar brevemente estas canções, conforme prometi no prólogo, ficarão tais assuntos para quem melhor do que eu saiba tratá-los. Além disso, a bem-aventurada Teresa de Jesus, nossa Madre, deixou admiráveis escritos sobre estas coisas de espírito, e, espero em Deus, muito brevemente sairão impressos. Quando, pois, a alma fala aqui do vôo, devemos entender que se refere ao arroubamento ou êxtase do espírito a Deus. E logo o Amado lhe diz:

Oh! volve-te, columba

8. De muito boa vontade se ia a alma fora do corpo naquele vôo espiritual; julgava que a sua vida havia já chegado ao fim, e poderia então gozar com seu Esposo

para sempre, contemplando-o face a face. Eis, porém, o próprio Esposo a deter-lhe o passo, dizendo: Volve-te, columba. Como se dissera: Ó columba, no vôo alto e ligeiro que tomas em contemplação, no amor em que te abrasas, e na simplicidade com que te elevas (estas são as três qualidades da pomba), volve-te, desce desse vôo sublime no qual pretendes chegar a possuir-me deveras. Não é ainda chegado o tempo de tão alto conhecimento. Contenta-te agora com este mais baixo que te comunico neste teu arroubo de amor, e é:

Que o cervo vulnerado

9. Compara-se o Esposo ao cervo, dando este nome a si mesmo. Sabemos que é próprio do cervo subir aos montes mais altos e, quando está ferido, vai com grande pressa buscar alívio nas águas frias; e, se ouve a companheira gemer e percebe que está ferida, logo se junta a ela, afagando-a com suas carícias. Assim faz aqui o Esposo: vendo a Esposa ferida do seu divino amor, acorre ao gemido dela, ferido ele também de amor por sua amada. Entre os que se amam, a ferida de um é de ambos, e o mesmo sentimento têm os dois. É como se o Esposo dissesse: Volve-te, Esposa minha, volve-te a mim, porque se estás chagada pelo meu amor, também eu, como cervo, venho a ti, chagado por tua chaga, e, igualmente como cervo, assomo nas alturas. Por isto prossegue:

No alto do outeiro assoma

10. Quer dizer, pela altura da contemplação que tens nesse vôo. Na verdade é a contemplação um lugar elevado, onde Deus começa a comunicar-se à alma nesta vida, revelando-se a ela; mas não acaba de se revelar totalmente. Eis por que o Esposo não diz que se mostra de modo definitivo, e sim que assoma; pois os mais sublimes conhecimentos de Deus, concedidos à alma

aqui na terra, são apenas longínquos assomos. Daí vem a terceira propriedade do cervo, conforme vimos explicando, a qual se exprime no verso seguinte:

Ao sopro do teu vôo, e fresco toma

11. Pelo vôo se entende a contemplação que a alma goza no êxtase já referido, e pelo sopro é simbolizado o espírito de amor causado na alma pelo mesmo vôo de contemplação. Com muito acerto é dado aqui o nome de sopro ao amor causado pelo vôo, pois o Espírito Santo, que é amor, também se compara ao sopro na Sagrada Escritura, por ser a expiração do Pai e do Filho. E assim como em Deus, é o amor esse sopro de vôo que procede da contemplação e sabedoria do Pai e do Filho, por via de expiração, assim de modo análogo o Esposo dá o nome de sopro ao amor que abrasa a Esposa, pois procede da contemplação e conhecimento que recebe então de Deus. Notemos como não diz o Esposo, nesta passagem, que vem atraído pelo vôo, mas pelo sopro do vôo. Deus, com efeito, não se comunica à alma propriamente pelo vôo que simboliza, conforme dissemos, o conhecimento de Deus; mas sim pelo amor desse conhecimento. O amor é a união do Pai e do Filho: e assim é a união da alma com Deus. Tenha muito embora a alma altíssimas notícias divinas, e a mais elevada contemplação, e a ciência de todos os mistérios, se lhe faltar amor, de nada lhe servirá para unir-se a Deus, como afirma São Paulo (1Cor 13,2). O mesmo Apóstolo também diz: "Tende caridade, que é o vínculo da perfeição" (Cl 3,14). Esta caridade e amor da alma provoca o Esposo a vir correndo para beber nesta fonte de amor de sua Esposa, bem como as águas frescas atraem o cervo sedento e chagado a buscar nelas alívio. Por isto, continua: E fresco toma.

12. A brisa refresca e dá alívio a quem está fatigado pelo calor; de modo semelhante, este sopro de amor refrigera e consola a alma abrasada em fogo de amor.

Este fogo amoroso tem a peculiaridade de inflamar-se mais ainda com o próprio sopro que refresca e ameniza; porque no amante é o amor uma chama que arde com o desejo de crescer sempre mais, como acontece à chama de fogo natural. A realização, pois, desse apetite de abrasamento cada vez maior no fervor do amor de sua Esposa, — que é o sopro do vôo da alma — o Esposo traduz pelas palavras: tomar fresco. Como se dissesse: Com o ardor de teu vôo, mais se abrasa, porque um amor inflama outro amor. Daqui podemos inferir que Deus só põe sua graça e dileção numa alma, na medida da vontade e amor da mesma alma. Isto há de procurar o bom enamorado que jamais lhe falte, pois é o meio de mover mais a Deus, se assim podemos falar, para que lhe tenha maior amor e se regale mais em sua alma. A fim de seguir neste caminho da caridade, é preciso exercitar-se nas características dela, descritas pelo Apóstolo nestes termos: "A caridade é paciente, é benigna, não é invejosa, não age mal, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca suas coisas, não se altera, não julga mal, não se alegra com a maldade, e se goza na verdade; sofre tudo quanto tem a sofrer; crê todas as coisas que se devem crer, espera tudo, e suporta tudo quanto convém à caridade" (1Cor 13,4-7).

ANOTAÇÃO E ARGUMENTO DAS DUAS CANÇÕES SEGUINTES

1. Andava esta pombinha da alma a voar pelos ares do amor, sobre as águas do dilúvio de suas amorosas fadigas e ânsias, manifestadas até agora; e não achava onde pousar o pé. Afinal, neste último vôo de que falamos, estendeu o piedoso pai Noé a mão de sua misericórdia, recolhendo-a na arca de sua caridade e amor. Isto aconteceu no momento em que, na canção anterior, já explicada, o Esposo disse: Volve-te, columba. Nesse recolhimento, achando a alma tudo quanto desejava, e

muito mais do que se pode exprimir, começa a entoar louvores a seu Amado; refere as grandezas que sente e goza nele, em tal união, pelos termos das duas seguintes canções:

ESPOSA

Canções XIV e XV

No Amado acho as montanhas,
Os vales solitários, nemorosos,
As ilhas mais estranhas,
Os rios rumorosos,
E o sussurro dos ares amorosos;

A noite sossegada,
Quase aos levantes do raiar da aurora;
A música calada,
A solidão sonora,
A ceia que recreia e que enamora.

ANOTAÇÃO

2. Antes de entrarmos na explicação destas canções, é necessário observar — para maior inteligência delas e das que vêm depois, — que, neste vôo espiritual já descrito, se revela um alto estado e união de amor, ao qual Deus costuma elevar a alma, após muito exercício espiritual, e que chamam desposório espiritual com o Verbo, Filho de Deus. No princípio, quando isto se realiza pela primeira vez, o Senhor comunica à alma grandes coisas de si, aformoseando-a com grandeza e majestade; orna-a de dons e virtudes; reveste-a do conhecimento e honra de Deus, bem como a uma noiva no dia de seu desposório. Neste ditoso dia cessam de uma vez à alma as veementes ânsias e querelas de amor que tinha até aqui; doravante, adornada dos bens já mencionados, começa a viver num estado de paz, deleite e suavidade de amor, tal como é expresso nas

presentes canções. Nelas, não faz outra coisa senão contar e cantar as magnificências de seu Amado, conhecidas e gozadas nessa união do desposório. Assim, nas demais canções já não fala de penas e ânsias, como fazia anteriormente, mas só trata da comunicação e exercício de amor suave e pacífico, com seu Amado, porque neste novo estado tudo aquilo fenece. Convém notar como, nestas duas canções, está descrito o máximo de graças que Deus sói comunicar à alma por este tempo. Não se há de entender, porém, que o faça na mesma medida e igualmente a todas as almas aqui chegadas, nem de modo idêntico ao conhecimento e sentimento que lhes concede. A algumas dá mais, a outras menos; a umas de um modo, e a outras de outro, embora todas as diversidades e medidas possam existir neste estado de desposório espiritual. Aqui se põe, todavia, o máximo possível, porque, assim, nele fica tudo compreendido. Segue-se a explicação.

EXPLICAÇÃO DAS DUAS CANÇÕES

3. Notemos que na arca de Noé havia muitas mansões para numerosas espécies de animais, e todos os manjares necessários à sua alimentação, conforme diz a Sagrada Escritura (Gn 6,19-21). Assim também nesse vôo que faz até a divina Arca do Peito de Deus, a alma vê claramente as muitas moradas que Sua Majestade afirmou existirem na casa de seu Pai, como lemos no Evangelho de São João (Jo 14,2). E, mais ainda, percebe e conhece ali todos os manjares, isto é, todas as grandezas que a mesma alma pode gozar, as quais estão contidas nessas duas sobreditas canções, e significadas naqueles vocábulos comuns. Em substância, são elas as seguintes.

4. A alma vê e goza, nesta divina união, uma grande fartura de riquezas inestimáveis, achando aí todo o descanso e recreação que deseja. Entende estranhos segredos e peregrinas notícias de Deus, — o que é outro

manjar dos mais saborosos. Sente haver nele tão terrível poder e força, que vence toda outra força e poder. Goza também ali admirável suavidade e deleite de espírito, com verdadeira quietude e luz divina, e ao mesmo tempo lhe é dada a experiência sublime da sabedoria de Deus que brilha na harmonia das criaturas e das ações do Criador. Sente-se cheia de bens; vazia e alheia de males; sobretudo, entende e saboreia inestimável refeição de amor que a confirma no amor. Esta é, pois, a substância do que se contém nas duas canções referidas.

5. Nelas diz a Esposa que é o Amado todas estas coisas criadas, em si mesmo e para ela mesma; porque, ordinariamente, a comunicação que Deus costuma fazer à alma, em semelhantes excessos, leva-a a experimentar a verdade das palavras de São Francisco: "Meu Deus e meu tudo". Donde, por ser ele o tudo da alma, e encerrar em si o bem que há em todas as coisas, é expressa aqui esta comunicação desse arroubamento, pela semelhança da bondade e das coisas criadas, as quais são referidas nas presentes canções, conforme iremos declarando em cada verso. Havemos de entender que tudo quanto agora se declara, está eminentemente contido em Deus, de modo infinito, ou, para melhor dizer, cada uma destas grandezas que se atribuem a Deus, e todas elas em conjunto, são o próprio Deus. E como a alma, neste estado, se une com ele, tem o sentimento de que todas as coisas são Deus. Assim o experimentou São João quando disse: "O que foi feito nele era vida" (Jo 1,4). Não se há de pensar, portanto, que a alma, ao traduzir seu sentimento, vê as coisas à luz de Deus, ou conhece as criaturas nele, mas que, naquela posse divina, sente que Deus para ela é todas as coisas. Muito menos se deve imaginar que a alma, por sentir tão altamente de Deus nas mercês referidas, vê a ele claramente em sua divina essência. Trata-se tão-somente de uma forte e abundante comunicação, com certo vislumbre do que Deus é em si mesmo, e em que a alma experimenta esta bondade das coisas, a declarar-se nos seguintes versos, a saber:

No Amado acho as montanhas

6. As montanhas têm altura, são fartas, largas e formosas, cheias de encantos, com flores perfumadas. O Amado é, pois, para mim, essas montanhas.

Os vales solitários, nemorosos

7. Os vales solitários são quietos, amenos, frescos; dão sombra, e estão cheios de doces águas; com a variedade de seus arvoredos e o suave canto das aves proporcionam alegria e deleite ao sentido; com a sua solidão e silêncio, oferecem refrigério e descanso. Esses vales, eis o que é meu Amado para mim.

As ilhas mais estranhas

8. As ilhas estranhas estão cercadas pelo mar e além dos mares, muito apartadas e remotas da comunicação humana; assim, nelas nascem e crescem coisas muito diversas das que há por aqui, com outras maneiras estranhas, e virtudes nunca vistas pelos homens, causando grande novidade e admiração a quem as vê. Por esta razão, em vista das imensas e admiráveis novidades e peregrinas notícias que a alma encontra em Deus, muito afastadas do conhecimento ordinário, denomina-as de "ilhas mais estranhas". Chama-se "estranho" a alguém, por um destes dois motivos: ou porque está retirado à parte, longe dos outros homens, ou por ser excelente e singular entre eles, com seus feitos e obras. Por ambos os motivos a alma dá a Deus aqui o nome de estranho; porque, não somente encerra toda a estranheza de ilhas nunca vistas, como também são suas vias, obras e conselhos, muito estranhos, novos e admiráveis para os homens. Não é maravilha que Deus seja estranho aos homens que nunca o viram, pois também o é para os anjos e santos que o contemplam. Na

verdade, jamais acabam ou acabarão de vê-lo; até o último dia, o do juízo, vão descobrindo nele tantas novidades a respeito dos seus profundos juízos, e das obras de misericórdia e justiça, que sempre lhes causa nova admiração e cada vez mais se maravilham. Donde, não somente os homens, mas também os anjos, podem chamar a Deus "ilhas estranhas"; só para si mesmo não é ele estranho, nem tampouco para si é novo.

Os rios rumorosos

9. Os rios têm três propriedades. Primeiramente, tudo quanto encontram em sua passagem arrebatam e submergem. Em segundo lugar enchem todos os baixios e vazios que se apresentam diante deles. Em terceiro, fazem tal rumor, que todo outro barulho impedem e dominam. Nesta comunicação de Deus, que vamos descrevendo, sente a alma nele essas três propriedades, de modo saborosíssimo, e por isto diz que seu Amado é, para ela, rios rumorosos. Quanto à primeira propriedade, experimentada pela alma, convém saber que de tal maneira se vê investida pela torrente do espírito de Deus, nessa união, e com tanta força o sente apoderar-se dela, que lhe parece transbordarem sobre ela todos os rios do mundo. É como se todos eles a arrebatassem, e se submergissem ali todas as ações e paixões que antes tinha em si mesma. E, por ser esta comunicação divina tão forte, nem por isto se há de julgar que causa tormento; porque estes são os rios de paz, conforme significa o Senhor por Isaías, falando dessa investida dele à alma: "Eis que eu farei correr sobre ela como que um rio de paz e como uma torrente que inunda de glória" (Is 66,12). Quer dizer que ele investirá a alma como rio de paz, e como torrente que vai redundando glória. Esta investida divina, feita pelo Senhor à alma, como rios rumorosos, a enche de paz e glória. A segunda propriedade, sentida pela alma, é encher esta água divina os baixios de sua humildade e cumular os vazios

de seus apetites, segundo a palavra de São Lucas: "Elevou os humildes. Aos famintos encheu de bens" (Lc 1,52). A terceira propriedade que a alma experimenta, nesses rumorosos rios de seu Amado, é um ruído e voz espiritual acima de todos os sons e ressonâncias, porque esta voz abafa toda outra voz, e seu som excede todos os outros sons do mundo. Na explicação de como seja isto, havemos de nos deter algum tanto.

10. Esta voz, ou ressonante ruído, desses rios, a que se refere aqui a alma, é uma plenitude tão abundante que a cumula de bens; um poder tão vigoroso a possui, que não somente lhe soa como rumor de rios, mas se assemelha a fortíssimos trovões. É, porém, voz espiritual, não encerra ruídos materiais, com o que eles têm de desagradável ou molesto. Ao contrário, traz consigo grandeza, força, poder, deleite e glória. E, assim, repercute como voz e som imenso no interior da alma, revestindo-a de poder e fortaleza. Esta voz e som espiritual ressoou no espírito dos apóstolos, quando o Espírito Santo como impetuosa torrente desceu sobre eles, conforme lemos nos *Atos dos Apóstolos* (At 2,2). Para que se entendesse a voz espiritual que neles operava interiormente, ressoou aquele estrondo exterior, como de vento impetuoso, de modo a ser ouvido por todos quantos estavam em Jerusalém; e assim esse som percebido de fora era, como dissemos, sinal do que recebiam os apóstolos dentro da alma, enchendo-os de poder e fortaleza. Refere também o apóstolo São João que, ao rogar o Senhor Jesus ao Pai, em meio à aflição e angústia causada pelos seus inimigos, ouviu-se uma voz saindo do interior do céu, confortando-o em sua humanidade; e os judeus ali presentes ouviram um estrondo tão forte e veemente que diziam uns aos outros; é um trovão. E alguns mais achavam que havia falado a Jesus um anjo do céu (Jo 12,28). Aquela voz que se ouvia fora significava e revelava a força e o poder de que era investida interiormente a santa humanidade de Cristo. Daí não devemos concluir, entretanto, que a

alma não perceba em seu íntimo a ressonância da voz espiritual. É preciso advertir o seguinte: esta voz espiritual indica o efeito produzido por ela na alma, assim como uma voz corporal deixa seu som no ouvido, ao mesmo tempo que é entendida pelo espírito quanto à sua significação. Isto quis significar Davi ao dizer: "Eis que dará à sua voz, voz de virtude" (Sl 67,34). Essa virtude é a voz interior; porque, dizendo Davi que dará à sua voz, voz de virtude, é como se dissesse: à voz exterior que se ouve fora, dará ele voz poderosa que se perceba dentro. Convém, portanto, saber que Deus é voz infinita, e em sua comunicação à alma, do modo que ficou dito, produz efeito de imensa voz.

11. São João refere, no *Apocalipse*, ter ouvido essa voz, dizendo: "E ouvi uma voz do céu, como o rumor de muitas águas e como o estrondo de um grande trovão" (Ap 14,2). E para que ninguém suponha ser tal voz penosa e áspera, pelo fato de ser tão forte, acrescenta logo o apóstolo que era tão suave como "a voz de tocadores de cítara que tocavam suas cítaras" (Id.). Diz Ezequiel, por sua parte, que esse ruído, semelhante ao de muitas águas, era como a voz do Deus altíssimo (Ez 1,24), isto é, de modo sumamente elevado e suave comunicava-se a ele. Essa voz é infinita, porque, já o explicamos, é o mesmo Deus que se comunica, fazendo-se ouvir à alma; adapta-se, todavia, a cada uma, dando sua força conforme a capacidade dela, causando-lhe grande deleite e grandeza. Por isto exclamou a Esposa nos *Cantares:* "Ressoe a tua voz aos meus ouvidos, porque a tua voz é doce" (Ct 2,14). Segue-se o verso:

E o sussurro dos ares amorosos

12. Duas coisas diz a alma neste verso: "ares" e "sussurro". Pelos ares amorosos se entendem aqui as virtudes e graças do Amado, as quais, mediante a dita união do Esposo, investem a alma, e a ela se comuni-

cam com imenso amor, tocando-lhe a própria substância. O sibilar desses ares significa uma elevadíssima e saborosíssima inteligência de Deus e de suas virtudes, a qual deriva ao entendimento, proveniente do toque feito na substância da alma por essas virtudes de Deus; é esse o mais subido gozo que há em todas as mercês recebidas pela alma neste estado.

13. Para melhor compreendê-lo, convém fazer aqui uma observação: assim como na brisa se sentem duas coisas, o toque e o som ou murmúrio, assim também, nesta comunicação do Esposo, a alma percebe outras duas coisas que são o sentimento de deleite e a compreensão dele. O perpassar da brisa é experimentado pelo sentido do tato, enquanto o sussurro do vento é escutado pelo ouvido; de modo análogo, o toque das virtudes do Amado é percebido e saboreado pelo tato da alma, que significa aqui a substância dela; e a compreensão das mesmas virtudes de Deus é produzida no ouvido da alma, ou seja, no entendimento. Além disso, notemos que a alma sente esse ar amoroso, quando ele a toca deleitosamente, satisfazendo o apetite com que ela desejava tal refrigério; pois o sentido do tato recebe satisfação e gosto com esse toque. Ao mesmo tempo, com este regalo do tato, sente o ouvido grande consolo e prazer no sopro da brisa, e de modo muito superior ao que sente o tato com a viração do ar; porque o ouvido é mais espiritual, em sua percepção do som, ou, dizendo melhor, aproxima-se mais, em comparação do tato, do que é espiritual, e assim o deleite produzido nele é mais elevado do que aquele causado no tato.

14. Do mesmo modo acontece à alma aqui. Esse toque divino lhe causa profunda satisfação, regalando-a em sua íntima substância; farta suavemente o apetite da alma que aspirava a chegar a tal união. Por esse motivo, ele dá o nome de ares amorosos a esses toques de união divina. De fato, como já dissemos, as virtudes do Amado lhe vão sendo comunicadas amorosa e

docemente, nesse toque. Daí se deriva no entendimento o sussurro da inteligência. A alma o denomina sussurro porque, à maneira do sussurro natural da brisa, que entra agudamente no pequeno orifício do ouvido, assim também esta subtilíssima e delicada compreensão de Deus penetra, com admirável deleite e sabor, na íntima substância da alma, e esse deleite é incomparavelmente maior do que os outros. A razão disso é ser então concedida à alma uma comunicação de substância apreendida e despojada de acidentes e imagens; é produzida no entendimento passivo ou possível, como chamam os filósofos, porque passivamente, sem que o mesmo entendimento coopere, lhe é comunicada. Está nisto o principal deleite da alma, porquanto o entendimento é sede da fruição, a qual, segundo os teólogos, é a própria visão de Deus. Interpretando esse sussurro como a compreensão substancial da Divindade, pensam alguns teólogos que viu nosso Pai Santo Elias a Deus naquele sussurro delicado da brisa, percebido pelo Profeta à entrada da cova (1Rs 19,12). A Sagrada Escritura chama-lhe "sopro de uma branda viração" porque, da sutil e delicada comunicação recebida no espírito, procedia a compreensão no entendimento. Aqui a alma o denomina sussurro dos ares amorosos, pelo fato de a amorosa comunicação das virtudes do Amado redundar no entendimento; e por esta razão o chama sussurro dos ares amorosos.

15. Esse divino sussurro que penetra no ouvido da alma não é somente a substância percebida, como dissemos, mas ainda manifestação de verdades da Divindade, e revelação de seus ocultos segredos. Com efeito, quando, ordinariamente, a Sagrada Escritura relata alguma comunicação divina, dizendo que foi dada por meio do ouvido, trata-se de manifestação destas verdades puras ao entendimento, ou revelação de segredos de Deus. São revelações ou visões puramente espirituais, dadas exclusivamente à alma, sem cooperação ou ajuda dos sentidos; e, assim, tais comunicações feitas

desse modo, por meio do ouvido, são muito elevadas e verdadeiras. Por isto, São Paulo, querendo demonstrar a sublimidade da revelação por ele recebida, não disse que viu ou gozou, mas sim, "ouviu palavras secretas que não é lícito ao homem dizer" (2Cor 12,4). Daí vem a crença de que o Apóstolo viu a Deus, do mesmo modo que nosso Pai Santo Elias no sussurro. Assim como o mesmo São Paulo afirma que a fé entra pelo ouvido corporal, assim também aquilo que nos é dito pela fé, a saber, a substância da verdade compreendida, entra pelo ouvido espiritual. Foi o que quis significar o profeta Jó, quando, ao receber uma revelação de Deus, falou a ele nestes termos: "Eu te ouvi com o ouvir de meu ouvido, mas agora te vê meu olho" (Jó 42,5). Palavras estas que nos mostram claramente como ouvir a Deus com o ouvido da alma é o mesmo que o ver com o olho do entendimento passivo de que falamos. Eis por que não disse Jó: eu te ouvi com o ouvir de meus ouvidos, mas de meu ouvido; nem disse: eu te vi com meus olhos, mas com meu olho, que é o entendimento; logo, esse ouvir da alma é ver com o entendimento.

16. Não se há de pensar, no entanto, que esse conhecimento substancial, despojado de acidentes, recebido pela alma conforme o descrevemos, seja perfeita e clara fruição de Deus, como no céu. Despojada muito embora de acidentes, não é visão clara senão obscura, por ser contemplação, a qual, aqui na terra, como diz São Dionísio, é raio de treva. Podemos dizer, sim, que é um raio, ou uma imagem, da fruição divina, porquanto é concedida ao entendimento, onde reside a mesma fruição. Esta substância compreendida, a que a alma aqui denomina sussurro, é o mesmo que aqueles olhos desejados, os quais se descobriram à alma, na revelação de seu Amado; e não os podendo sofrer o sentido, a mesma alma exclamou: aparta-os, meu Amado.

17. Vem aqui muito a propósito, a meu parecer, uma autoridade de Jó, que confirma grande parte do que

expliquei sobre esse arroubamento e desposório. Quero, portanto, referi-la aqui, embora seja preciso deter-me algo mais; e irei declarando os trechos dela que se relacionam com o nosso propósito. Primeiro citarei toda a passagem em latim e logo depois em língua vulgar,[1] para então desenvolver brevemente o que convém ao assunto. Em seguida prosseguirei na explicação dos versos da outra canção. Diz, com efeito, Elifaz Temanites, no livro de Jó: "Mas a mim se me disse uma palavra em segredo e os meus ouvidos, como às furtadelas, perceberam as veias do seu sussurro. No horror duma visão noturna, quando o sono costuma apoderar-se dos homens, assaltou-me o medo e o tremor, e todos os meus ossos estremeceram. E ao passar diante de mim um espírito, encolheram-se as peles de minha carne. Pôs-se diante de mim alguém cujo rosto eu não conhecia, um vulto diante dos meus olhos, e ouvi uma voz como de branda viração" (Jó 4,12-16). Esta passagem contém quase tudo o que vimos dizendo até chegar a esse arroubamento, desde o verso da Canção XII: "Aparta-os, meu Amado". Nas palavras em que Elifaz Temanites refere como lhe foi dita uma palavra escondida, se compreende aquele segredo comunicado à alma, de tão excessiva grandeza que ela não o pôde sofrer, e exclamou: Aparta-os, meu Amado.

18. Em dizer que recebeu seu ouvido as veias do sussurro, como às furtadelas, significa a substância despojada de acidentes que recebe o entendimento, conforme explicamos. A palavra "veias" denota aqui a substância íntima; e o "sussurro", a comunicação e toque de virtudes donde se deriva ao entendimento a mencionada substância. Bem o denomina a alma "sussurro", para indicar a suavidade intensa de tal comunicação, do mesmo modo que a chamou também "ares amorosos", por lhe ter sido dada amorosamente. Diz ainda que a recebeu "como às furtadelas", porque, assim como aquilo que se furta é alheio, assim também

1. Nesta versão foi omitida a passagem em latim.

aquele segredo, naturalmente falando, não pertencia ao homem, uma vez que recebeu o que não lhe era natural. Por esta razão, não lhe era lícito recebê-lo, como a São Paulo não era igualmente lícito revelar o seu segredo. Donde um outro profeta afirma duas vezes: "Meu segredo para mim" (Is 24,16). E ao dizer Jó: "No horror da visão noturna, quando o sono costuma apoderar-se dos homens, assaltou-me o medo e o pavor", dá a entender o temor e tremor sentido naturalmente pela alma naquela comunicação de arroubamento que, como explicamos, não pode sofrer a natureza humana, sendo tão excessiva a comunicação do espírito de Deus. Nas palavras do Profeta podemos compreender o seguinte. Assim como de ordinário, no tempo em que os homens adormecem, lhes sucede oprimir e atemorizar uma visão que se chama pesadelo, a qual lhes vem entre o sono e a vigília, isto é, no momento em que começa a chegar o sono, assim também, por ocasião desta passagem espiritual, entre o sono da ignorância natural e a vigília do conhecimento sobrenatural, — que é o princípio do arroubamento ou êxtase, — sentem as almas temor e tremor com essa visão espiritual que lhes é então comunicada.

19. Acrescenta mais ainda: "Todos os meus ossos estremeceram", ou se assombraram. É como se dissesse: comoveram-se, ou se desconjuntaram, saindo todos de seus lugares. Isto significa o grande desconjuntamento dos ossos sofrido então, neste tempo, conforme dissemos. É o que exprime muito bem Daniel, quando exclamou, ao ver o anjo: "Senhor, com a tua vista, relaxaram-se as minhas juntas" (Dn 10,16). Continua a dizer a aludida passagem do livro de Jó: "Como o espírito passasse em minha presença", — isto é, quando era transportado meu espírito além dos limites e vias naturais, no arroubamento já mencionado, — "encolheram-se as peles de minha carne"; aqui é dado a entender o que dissemos do corpo que, nesse arroubamento, fica gelado e hirto, à semelhança de um cadáver.

20. Logo prossegue: "Pôs-se diante de mim alguém cujo rosto me era desconhecido, e diante de meus olhos, um vulto". Em dizer "alguém", refere-se a Deus que se comunicava à alma da maneira já explicada. Dizendo que não conhecia seu rosto, significa como, em tal visão e comunicação divina, embora altíssima, não se conhece nem vê a face e essência de Deus. Diz, contudo, que percebia um vulto diante dos olhos: aquela inteligência de uma palavra escondida era tão elevada que lhe parecia ser a imagem e rastro de Deus; não era, contudo, a visão essencial de Deus.

21. Conclui, enfim, com estas palavras: "Ouvi uma voz como de branda viração". Aqui entende aquele "sussurro dos ares amorosos", que, no dizer da alma, é para ela o seu Amado. Não havemos de pensar que essas visitas de Deus são sempre acompanhadas de temores e desfalecimentos naturais. Só acontece assim aos que começam a entrar no estado de iluminação e perfeição, quando recebem esta espécie de comunicação divina; porque, a outras almas, isto sucede, antes, pelo contrário, com grande suavidade. Prossegue-se a explicação:

A noite sossegada

22. Durante esse sono espiritual que a alma dorme no peito de seu Amado, possui e goza todo o sossego, descanso e quietude de uma noite tranqüila. Recebe, ao mesmo tempo, em Deus, uma abissal e obscura compreensão divina. Por isto diz que seu Amado é, para ela, a noite sossegada

Quase aos levantes do raiar da aurora

23. Esta noite tranqüila, como canta aqui a alma, não é semelhante à noite escura. É, antes, como a noite já próxima aos levantes da aurora, ou, por assim dizer,

semelhante ao raiar da manhã. O sossego e quietude em Deus, de que goza a alma, não lhe é de todo obscuro, como uma noite cerrada; pelo contrário, é um repouso e tranqüilidade em luz divina, num novo conhecimento de Deus, em que o espírito se acha suavissimamente quieto, sendo elevado à luz divina. Muito adequadamente dá o nome de levantes da aurora, isto é, manhã, a essa mesma luz divina; porque assim como os levantes matutinos dissipam a escuridão da noite, e manifestam a luz do dia, assim esse espírito sossegado e quieto em Deus é levantado da treva do conhecimento natural, à luz matutina do conhecimento sobrenatural do próprio Deus. Não se trata, contudo, de conhecimento claro, senão obscuro, como dissemos, qual noite próxima aos levantes da aurora, em que, nem é totalmente noite, nem é totalmente dia, mas, conforme dizem, está entre duas luzes. Assim, esta solidão e sossego da alma em Deus, nem recebe ainda, com toda a claridade, a luz divina, nem tampouco deixa de participar algum tanto dessa luz.

24. Nesta quietação, o entendimento é levantado com estranha novidade, acima de todo o conhecimento natural, à divina iluminação, como alguém que, depois de um demorado sono, abrisse de repente os olhos à luz não esperada. Tal conhecimento foi significado por Davi nestes termos: "Vigiei, e me fiz como pássaro solitário no telhado" (Sl 101,8). Como se dissesse: abri os olhos do meu entendimento, e me achei, acima de todas as inteligências naturais, solitário, sem elas, no telhado, isto é, sobre todas as coisas terrenas. Diz ter feito semelhante ao pássaro solitário, porque, nesta espécie de contemplação, o espírito adquire as propriedades desse pássaro, as quais são cinco. Primeira: ordinariamente se põe ele no lugar mais alto; assim também, o espírito, neste estado, eleva-se à mais alta contemplação. Segunda: sempre conserva o bico voltado para o lado de onde sopra o vento; o espírito, de modo semelhante, volve o bico de seu afeto para onde

lhe vem o espírito de amor, que é Deus. Terceira: permanece sempre sozinho, e não tolera outros pássaros junto a si; se acontece algum vir pousar onde ele se acha, logo levanta vôo. Assim o espírito, nesta contemplação, está sempre em solidão de todas as coisas, despojado de tudo, sem consentir que haja em si outra coisa a não ser essa mesma solidão em Deus. Quarta: canta muito suavemente; o mesmo faz o espírito, para com Deus, por esse tempo, e os louvores que a ele dá, são impregnados de suavíssimo amor, sobremaneira deliciosos para si mesmo, e preciosíssimos para Deus. Quinta: não tem cor determinada; assim também o espírito perfeito, não só deixa de ter, neste excesso, cor alguma de afeto sensível ou de amor-próprio, mas até carece agora de qualquer consideração particular, seja das coisas do céu ou da terra, nem poderá delas dizer coisa alguma, por nenhum modo ou maneira, porquanto é um abismo essa notícia de Deus, que lhe é dada.

A música calada

25. Naquele sossego e silêncio da referida noite, bem como naquela notícia da luz divina, claramente vê a alma uma admirável conveniência e disposição da sabedoria de Deus, na diversidade de todas as criaturas e obras. Com efeito, todas e cada uma delas têm certa correspondência a Deus, pois cada uma, a seu modo, dá sua voz testemunhando o que nela é Deus. De sorte que parece à alma uma harmonia de música elevadíssima, sobrepujando todos os concertos e melodias do mundo. Chama a essa música "calada", porque é conhecimento sossegado e tranqüilo, sem ruído de vozes; e assim goza a alma, nele, a um tempo, a suavidade da música e a quietude do silêncio. Por esta razão, diz que seu Amado é, para ela, esta música calada, pois nele se conhece e goza essa harmonia de música espiritual. Não somente lhe é isto o Amado, mas também é

A solidão sonora

26. Significa mais ou menos a mesma coisa que a música calada; porque esta música, embora seja silenciosa para os sentidos e potências naturais, é solidão muito sonora para as potências espirituais. Estas, na verdade, estando já solitárias e vazias de todas as formas e apreensões naturais, podem perceber no espírito, mui sonoramente, o som espiritual da excelência de Deus em si e nas suas criaturas. Realiza-se então o que dissemos ter visto São João, em espírito, no *Apocalipse*, a saber: voz de muitos citaristas, que citarizavam em seus instrumentos. Isto sucedeu no espírito, e não em cítaras materiais, pois consistia em certo conhecimento dos louvores que cada um dos bem-aventurados, em sua glória particular, eleva a Deus continuamente, qual música harmoniosa. Com efeito, na medida em que cada qual possui de modo diverso os dons divinos, assim cada um canta seu louvor diferentemente, e todos unidos cantam numa só harmonia de amor, como num concerto musical.

27. De modo semelhante, a alma percebe, mediante aquela sabedoria tranqüila, em todas as criaturas, não só superiores como inferiores, que, em proporção dos dons recebidos de Deus, cada uma dá sua voz testemunhando ser ele quem é: conhece também como cada qual, à sua maneira, glorifica a Deus, tendo-o em si segundo a própria capacidade. E assim todas estas vozes fazem uma melodia admirável cantando a grandeza, e sabedoria e ciência do Criador. Tudo isto quis dizer o Espírito Santo no livro da Sabedoria, por estas palavras: "O Espírito do Senhor encheu a redondeza da terra, e este mundo que contém tudo quanto ele fez tem a ciência da voz" (Sb 1,7). Esta é a solidão sonora que a alma conhece aqui, como explicamos, e que consiste no testemunho de Deus, dado por todas as coisas em si mesmas. E porquanto a alma não percebe esta música sonora sem a solidão e o alheamento de todas

essas coisas exteriores, dá-lhe o nome de música calada e solidão sonora, que, para ela, é o próprio Amado. E mais:

A ceia que recreia e que enamora

28. A ceia, aos amados, causa recreação, fartura e amor. Como estes três efeitos são produzidos pelo Amado na alma, por esta comunicação tão suave, ela aqui o chama "ceia que recreia e que enamora". Notemos como a Sagrada Escritura dá o nome de ceia à visão divina. Com efeito, a ceia é o remate do trabalho do dia e o princípio do descanso noturno; assim também, esta notícia sossegada, a que nos referimos, faz a alma experimentar certo fim de males e posse de bens, em que se enamora de Deus mais intensamente do que antes. Eis por que o Amado é para ela a ceia que a recreia dando fim aos males, e a enamora dando-lhe a posse de todos os bens.

29. A fim de dar, porém, a entender melhor qual seja para a alma esta ceia que, como dissemos, é o próprio Amado, convém notar aqui o que o mesmo amado Esposo declara no *Apocalipse*: "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei, — e cearei com ele e ele comigo" (Ap 3,20). Nestas palavras mostra ele como traz a ceia consigo, e esta ceia não é outra coisa senão o próprio sabor e deleite de que ele mesmo goza; e unindo-se à alma, lhos comunica, fazendo com que ela participe de seu gozo, e isto significa cear ele com ela, e ela com ele. Nestes termos é simbolizado o efeito da divina união da alma com Deus: os mesmos bens próprios a Deus se tornam comuns à alma Esposa, sendo-lhe comunicados por ele, de modo liberal e generoso. É, pois, o próprio Amado, para a alma, a ceia que recreia e enamora; sendo generoso, causa-lhe recreação, se sendo liberal a enamora.

ANOTAÇÃO

30. Antes de entrar na explicação das outras canções, é preciso advertir agora o seguinte. Dissemos que, no estado de desposório, a alma goza de total tranqüilidade, comunicando-lhe Deus o máximo que é possível nesta vida; mas esta afirmação é somente quanto à parte superior da mesma alma, porque a parte inferior, isto é, a sensitiva, não acaba ainda de perder seus ressaibos, nem de submeter inteiramente suas forças, até chegar a alma ao matrimônio espiritual, conforme vamos explicar depois. Esse máximo de graças recebido pela alma aqui é relativo do estado de desposório, pois no matrimônio espiritual há maiores vantagens. Nas visitas do Esposo, tão cheias de gozo para a alma, como já descrevemos, todavia, estando ela ainda nos desposórios, padece ausências, perturbações e aflições, provenientes da parte inferior, ou do demônio; mas ao chegar ao matrimônio espiritual, tudo isto cessa.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE [1]

1. Eis a Esposa de posse agora, em sua alma, das virtudes já em ponto de total perfeição, gozando de contínua paz nas visitas do Amado. Por vezes, em tais visitas, é tão subido o gozo que lhe causa o perfume suavíssimo dessas mesmas virtudes, por efeito do toque do Amado nelas, que é como se aspirasse a suavidade e beleza de açucenas e outras flores abertas em suas mãos. Com efeito, em muitas ocasiões dessas visitas, percebe a alma em seu íntimo todas as virtudes que possui, dando-lhe o Esposo luz para vê-las; e ela, então, com admirável deleite e sabor de amor, junta-as todas, e as oferece ao Amado, como uma pinha de formosas flores. Nesta oferta, que o Amado recebe então com toda a verdade, a alma serve grandemente a Deus. Tudo isto se passa no íntimo, sentindo a mesma alma estar

1. A partir daqui, a ordem das Canções é diferente nas duas redações do *Cântico*.

o Amado nela como em seu próprio leito, pois se ofereceu a ele juntamente com as virtudes. Esse é o maior serviço que pode fazer a Deus, e, assim, um dos maiores deleites que a alma costuma auferir neste trato íntimo com ele, é esse mesmo dom que faz de si ao Amado.

2. Conhecendo o demônio esta prosperidade da alma (pois, com a grande malícia que lhe é própria, tem inveja de todo o bem que nela vê), usa, a esse tempo, de toda a sua habilidade, e põe em jogo todas as suas astúcias para conseguir perturbar, nessa alma, seja embora em grau mínimo, tão grande bem. Efetivamente, mais estima o inimigo a privação de um só quilate daquela riqueza e glorioso deleite a ela dado, do que a queda de muitas outras almas em numerosos e gravíssimos pecados. Estas últimas, pouca coisa ou nada têm a perder; mas a que chegou à união divina, tendo recebido tantas graças valiosas, sofreria na verdade grandíssimo prejuízo, como seria a perda de uma pequena quantidade de ouro finíssimo em comparação a outra maior de metais inferiores. Aproveita-se aqui o demônio dos apetites sensitivos, embora a maior parte das vezes consiga pouca coisa ou nada em relação às almas chegadas a esse estado, porque já os têm mortificados; e vendo ele que nada pode, representa-lhes à imaginação muitas fantasias. Ocasiões há em que levanta muitos movimentos na parte sensitiva, conforme se dirá depois, causando aí outras perturbações, espirituais ou sensíveis, das quais a alma não tem possibilidade de libertar-se até que o Senhor envie seu anjo (segundo diz o Salmo) em socorro dos que o temem, e ele próprio os liberte (Sl 33,8), produzindo, então, paz e tranqüilidade tanto na parte sensitiva como na espiritual. A alma, pois, com o fim de exprimir tudo isso e solicitar essa graça, sentindo-se receosa, pela experiência que tem das astúcias do demônio para prejudicá-la nesse tempo, fala agora aos anjos, — cujo ofício é favorecê-la em tal ocasião, pondo em fuga os demônios, — e assim diz a canção seguinte:

Canção XVI

Caçai-nos as raposas,
Que está já toda em flor a nossa vinha;
Enquanto destas rosas
Faremos uma pinha;
E ninguém apareça na colina!

EXPLICAÇÃO

3. Para conservar esse deleite íntimo de amor, — que é a flor de sua vinha, — a alma deseja que não lhe causem estorvo os invejosos e maliciosos demônios, nem os furiosos apetites da sensualidade, e, muito menos, as vagueações da imaginação, ou outras quaisquer noções e presenças de criaturas. Por isto, invoca os anjos, pedindo-lhes que cacem todas essas coisas e as impeçam de chegar a ela, para não prejudicarem o exercício de amor interior em cujo sabor e deleite se comunicam e gozam, nessas virtudes e graças, a alma e o Filho de Deus.

E, portanto, diz:

Caçai-nos as raposas
Que está já toda em flor a nossa vinha

4. A vinha significa o plantio de todas as virtudes que estão nesta santa alma, as quais lhe dão vinho de dulcíssimo sabor. Essa vinha da alma floresce tanto, quando está unida, segundo a vontade, com o Esposo, que o mesmo Esposo acha seus deleites em todas essas virtudes juntas. Acontece algumas vezes, por esse tempo, como dissemos, acudirem à memória e fantasia numerosas e variadas formas de imaginações, levantando-se igualmente na parte sensitiva grande diversidade de movimentos e apetites. Bebendo Davi desse saboroso vinho espiritual, de tantas maneiras e tão variados sen-

tia esses apetites e fantasias, que, sob a impressão do estorvo e moléstia por eles causado, disse: "Minha alma teve sede de ti; de quantas maneiras será por ti atormentada desse ardor a minha carne" (Sl 62,2).

5. A alma dá o nome de raposas a todo esse conjunto de apetites e movimentos sensitivos, porque muito se assemelham então a esses animais. De fato, assim como as raposas [1] se fingem adormecidas para apanhar a presa quando vão à caça, assim também todos esses apetites e forças sensitivas permanecem sossegados e adormecidos até o momento em que as flores de virtudes se despertam e abrem, em seu exercício na alma. Então, simultaneamente, despertam e se levantam na sensualidade as flores de seus próprios apetites e forças, procurando contradizer o espírito e sobre ele reinar. Tal é a cobiça da carne contra o espírito, como diz São Paulo (Gl 5,17), tão grande é a sua inclinação para o que é sensível, que em gozando o espírito, logo se desgosta e aborrece toda a carne; nessa luta, causam esses apetites grande desassossego à suavidade do espírito. Eis o motivo de dizer a alma: Caçai-nos as raposas.

6. Os maliciosos demônios, de sua parte, molestam aqui de dois modos a alma. Primeiramente, incitam e despertam os apetites sensíveis com muita veemência, e, ao mesmo tempo, outras imaginações e fantasias, para com isto fazerem guerra ao reino pacífico e florido da mesma alma. Segundo, — o que é pior, — quando não podem conseguir seu intento, investem sobre ela com tormentos e ruídos corporais, procurando distraí-la. E ainda com mais refinada maldade, combatem-na com temores e horrores espirituais, por vezes terrivelmente penosos. Com efeito, podem os demônios agir assim nessa ocasião, se lhes for dada licença; porque a alma, neste exercício em que se ocupa agora, tem o espírito

1. A 1ª redação do *Cântico* diz: "Assim como as ligeiras e astutas raposinhas, com seus saltos ligeiros, costumam destruir e estragar as vinhas no tempo em que florescem, assim os astutos e maliciosos demônios, saltando, perturbam a devoção das almas fervorosas".

muito puro, despojado de todo o sensível, e assim pode o inimigo com facilidade apresentar-se a ela, sendo ele também puro espírito. Outras vezes, arremete com outros horrores antes mesmo que a alma chegue a gozar dessas suaves flores, quando Deus começa a tirá-la um pouco da casa dos seus sentidos, e a introduz nesse exercício interior, no jardim do Esposo. Bem sabe o maligno que, uma vez introduzida a alma naquele recolhimento, fica muito amparada, e ele, por mais que faça, não pode causar-lhe dano. Freqüentemente, no mesmo instante em que o demônio aqui lhe sai ao encontro, a alma costuma com grande presteza recolher-se no profundo esconderijo do seu próprio interior, onde acha grande deleite e amparo; padece, então, aqueles terrores muito exteriormente e tão de longe que não só deixam de incutir-lhe temor, mas até lhe causam alegria e gozo.

7. De tais terrores fez menção a Esposa nos *Cantares* dizendo: "Minha alma ficou toda perturbada por causa dos carros de Aminadab" (Ct 6,11). Entende, aí, por Aminadab, o demônio; chama carros às suas investidas e acometimentos, pela grande veemência, tumulto e ruído que com eles faz o inimigo. Caçai-nos as raposas, diz a alma nesta canção; e a Esposa também emprega as mesmas palavras, ao mesmo propósito, quando pede ao Esposo nos *Cantares*: "Caçai-nos as raposas pequeninas que destroem as vinhas, porque nossa vinha está já em flor" (Ct 2,15). Não diz: Caçai-me, mas sim, caçai-nos, porque fala de si e do Amado, que estão unidos, gozando da flor da vinha. O motivo de dizer que a vinha está em flor, e não com fruto, é que nesta vida, embora se gozem as virtudes com tanta perfeição como aqui o faz esta alma de que tratamos, todavia, é sempre como ainda em flor; pois só na eternidade se poderá gozá-las como em fruto. E logo acrescenta:

Enquanto destas rosas
Faremos uma pinha

8. Nessa época em que a alma está gozando a flor dessa vinha, e deleitando-se no peito de seu Amado, sucede que as virtudes dela se põem logo perfeitas à sua vista, e assim se mostram à alma, proporcionando-lhe grande suavidade e gozo com sua fragrância. A mesma alma as percebe em si e em Deus, à maneira de uma vinha muito florida, cheia de encantos para ela e para ele, na qual ambos se apascentam e deleitam. Reúne, então, a alma todas essas virtudes, com saborosíssimos atos de amor em cada uma, e em todas juntas, e as oferece assim reunidas ao Amado, com grande ternura e suavidade de amor. Para isto ajuda-a o próprio Amado, pois sem o divino favor e auxílio não poderia ela fazer esta junta e oferenda de virtudes a seu Esposo. Por este motivo é que diz: Faremos uma pinha, isto é, o Amado e eu.

9. Dá o nome de pinha a esse conjunto de virtudes, por ser a pinha um fruto maciço que contém em si muitos pedaços compactos e fortemente ligados uns aos outros, onde estão as sementes. De modo análogo, esta pinha de virtudes feita pela alma, para seu Amado, é um só todo, compreendendo a perfeição da mesma alma, a qual, forte e ordenadamente, abraça e contém em si muitas perfeições e virtudes fortes, além de riquíssimos dons. Na verdade, todas as perfeições e virtudes estão ordenadas e contidas na única e sólida perfeição da alma; ora, esta perfeição, enquanto está sendo formada pelo exercício das virtudes, e uma vez completa, é uma contínua oferta da parte da alma ao Amado, em espírito de amor, como vamos dizendo. Convém, portanto, serem caçadas as ditas raposas, a fim de não impedirem a comunicação interior dos dois amados. Não é somente isto que pede a Esposa nesta canção, para poder juntar essas flores em forma de pinha; pede também o que diz no verso seguinte:

E ninguém apareça na colina!

10. Significa por estas palavras como, para esse divino exercício interior, é também necessário solidão e alheamento de todas as coisas que se poderiam oferecer à alma, tanto pela sua parte inferior, isto é, a parte sensitiva, quanto pela parte superior ou racional. Estas duas partes encerram, efetivamente, todo o conjunto de potências e sentidos do homem, a que a alma dá aqui o nome de colina. Nela residem e estão situados todos os apetites e conhecimentos da natureza, como a caça sobre o monte; e assim o demônio costuma acometê-la para caçar e fazer presa nesses mesmos apetites e notícias, causando prejuízo à alma. O pedido de que "ninguém apareça na colina" quer dizer: não apareça, diante da alma e do Esposo, representação ou figura alguma de qualquer objeto pertencente às ditas potências ou sentidos. Como se dissessem: em todas as potências espirituais da alma, — memória, entendimento e vontade, — não haja conhecimentos ou afetos particulares, nem quaisquer outras advertências; em todos os sentidos e potências corporais, seja interiores ou exteriores, imaginação e fantasia, vista, ouvido, etc., não apareçam distrações, formas, imagens e figuras, nem representações de objetos à alma, nem mesmo outras operações naturais.

11. Tudo isto pede agora a alma, pois, a fim de poder gozar perfeitamente, nessa comunicação com Deus, convém que todos os sentidos e potências, interiores e exteriores, estejam desocupados, vazios e livres de seus respectivos objetos e operações. De fato, quanto mais eles procuram cooperar com o seu exercício, mais estorvam a alma; porque, em chegando esta a certa maneira de união interior de amor, aí já não participam com sua operação as potências espirituais, e menos ainda as corporais, em vista de estar realizada e completa a obra unitiva do amor, estando a mesma alma já atuada pelo amor. Neste estado, acabam, portanto, de agir as po-

tências; porque, uma vez alcançado o fim, cessam todas as operações intermediárias. O que faz então a alma[1] é permanecer na assistência amorosa em Deus, ou seja, em contínuo exercício do amor unitivo. E ninguém apareça, pois, na colina: só a vontade apareça, assistindo ao Amado na entrega de si mesmo e de todas as virtudes do modo já referido.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Para melhor entender a canção seguinte, convém advertir aqui que as ausências do Amado, sofridas pela alma, neste estado de desposório espiritual, são muito aflitivas; algumas de tal maneira, que não há sofrimento comparável a elas. Eis a razão: como o amor que a alma, nesse estado, tem a Deus, é forte e imenso, esse mesmo amor a atormenta imensa e fortemente, na ausência do Amado. Acresce que, nesse tempo, grandemente a molesta qualquer espécie de comunicação ou trato de criaturas. Movida pela grande força daquele profundíssimo desejo da união com Deus, qualquer entretenimento lhe é muito pesado e molesto. Sucede-lhe como à pedra que vai chegando com grande ímpeto e velocidade ao seu centro: se algum obstáculo a impedisse e entretivesse no vácuo, ser-lhe-ia de grande violência. Estando agora a alma já deliciada com estas visitas tão suaves do Amado, tem-nas por mais desejáveis do que o ouro e toda formosura. Por isto, com muito temor de carecer, por um momento sequer, de presença tão preciosa, põe-se a alma a falar com a secura, e com o espírito do Esposo, dizendo esta canção:

1. Na 1ª redação do Cântico: "O que a alma faz então é estar em exercício saboroso daquilo que já está realizado nela, ou seja, amar em contínua união de amor".

Canção XVII

Detém-te, Aquilão morto!
Vem, Austro, que despertas os amores:
Aspira por meu horto,
E corram seus olores,
E o Amado pascerá por entre as flores.

EXPLICAÇÃO

2. Além dos motivos referidos na canção passada, é também a secura de espírito uma das causas que impede à alma o gozo dessa seiva de suavidade interior de que falamos acima. Temendo, pois, este obstáculo, a mesma alma faz duas coisas, na canção presente. A primeira é impedir a secura cerrando-lhe a porta por meio de contínua oração e devoção. A segunda é invocar o Espírito Santo, como aquele que há de afugentar esta secura da alma, e ao mesmo tempo manter e aumentar nela o amor do Esposo, pondo-a em exercício interior de virtudes; tudo isto, com o fim de que o Filho de Deus, seu Esposo, nela ache maior deleite e gozo, pois toda a pretensão da alma é dar contentamento ao Amado.

Detém-te, Aquilão morto!

3. O Aquilão é um vento muito frio que seca e emurchece as flores e plantas, ou, pelo menos, faz com que se encolham e fechem quando sobre elas sopra. O mesmo efeito produz na alma a secura espiritual, junto com a ausência afetiva do Amado, quando ela a experimenta; extingue a força, sabor, e fragrância das virtudes, de que gozava. Por isso dá-lhe o nome de Aquilão morto; pois mantém amortecido o exercício afetivo das virtudes na alma; em conseqüência diz: Detém-te, Aquilão morto. Esta exclamação deve ser compreendida

como efeito e obra de oração, e de exercícios espirituais, em que a alma se emprega, a fim de deter a secura. Neste estado, porém, as graças comunicadas por Deus à alma são tão interiores que ela não pode, por si mesma, exercitar-se nas coisas divinas, ou gozá-las, se o Espírito do Esposo não a move com seu amor. E assim ela se apressa em invocá-lo, dizendo:

Vem, Austro que despertas os amores

4. O Austro é outro vento, vulgarmente chamado sudoeste, muito aprazível, que traz chuvas e faz germinar ervas e plantas; favorece o desabrochar das flores que exalam seus perfumes. Os efeitos desse vento são contrários aos do Aquilão. A alma, portanto, compara o Austro ao Espírito Santo, dizendo que desperta os amores. De fato, quando esse sopro divino investe sobre a alma, de tal modo a inflama e regala, avivando e despertando a vontade, e ao mesmo tempo movendo os apetites, dantes adormecidos e aniquilados, ao amor de Deus, que bem se pode dizer que recorda os amores do mesmo Deus e da alma. E o pedido feito por ela ao Espírito está expresso nas palavras do verso seguinte:

Aspira por meu horto

5. Esse horto é a própria alma. Pela mesma razão que acima lhe foi dado o nome de vinha em flor, — pois a flor das virtudes que nela há produz vinho doce e saboroso, — assim a alma é agora chamada horto, porque nela estão plantadas as flores de virtudes e perfeições que aí nascem e crescem. Notemos bem como não diz a Esposa: aspira em meu horto, e sim, aspira por meu horto. Na verdade, é grande a diferença que há entre aspirar Deus na alma, e aspirar pela alma. Na primeira destas expressões, é significada a infusão de graças, virtudes e dons, pelo mesmo Deus. Na se-

gunda, trata-se da moção e toque de Deus nas virtudes e perfeições já concedidas, tendo por fim renová-las e despertá-las, de modo a darem admirável fragrância de suavidade à alma. É assim como revolver as espécies aromáticas: na ocasião em que são movimentadas, trescalam abundantemente o seu perfume, o qual antes não era tão forte nem se percebia tanto. O mesmo sucede às virtudes adquiridas pela alma, ou infundidas nela por Deus; nem sempre são percebidas e gozadas de modo atual. Com efeito, enquanto dura esta vida, as virtudes permanecem na alma como flores em botão, ou como espécies aromáticas em recipiente coberto, cujo olor não se sente até que sejam abertas e revolvidas, conforme dissemos.

6. Algumas vezes, porém, faz Deus tão inefáveis mercês à alma, sua Esposa, que, aspirando com seu divino Espírito por esse horto florido, que é a mesma alma, abre todos esses botões de virtudes e descobre essas espécies aromáticas de dons, perfeições e riquezas dela; e, manifestando-lhe o tesouro e cabedal interior, revela-lhe também a formosura que nela há. É então, para a alma, admirável a vista e suavíssimo o sentimento dessa riqueza que se lhe descobre no íntimo, de todos os seus dons e da formosura dessas flores de virtudes já totalmente desabrochadas; incomparável se torna a doçura do perfume que cada uma delas exala, segundo sua propriedade particular. A isto chama aqui a alma correr os olores do horto, quando diz no verso seguinte:

E corram seus olores

7. São esses olores em tanta abundância, algumas vezes, que parece à alma estar vestida de deleites e banhada em glória inestimável; chegam a ser de tal maneira fortes, que não somente a alma os sente no interior, mas chegam a redundar por fora, em grande excesso, e bem o percebem as pessoas que têm experiência disso, parecendo-lhes essa alma como um delicio-

so jardim cheio de encantos e riquezas de Deus. E não apenas nas ocasiões em que estão abertas essas flores, manifestam-se assim estas santas almas: costumam trazer sempre em si mesmas um não sei que de grandeza e dignidade, produzindo respeito e acatamento nos outros, pelo efeito sobrenatural difundido na pessoa, como conseqüência da comunicação íntima e familiar com Deus. Assim vemos que sucedeu com Moisés, conforme está escrito no Êxodo (34,30); não podiam os judeus olhar o seu rosto, por causa daquele resplendor de grande glória e dignidade que lhe ficara do trato com Deus face a face.

8. Neste aspirar do Espírito Santo pela alma, isto é, em sua visita de amor, o Esposo, Filho de Deus, se comunica a ela de modo altíssimo. Para este fim, envia-lhe primeiro seu Espírito, como fez aos apóstolos. É esse divino Espírito o aposentador que prepara ao Verbo a morada da alma Esposa, elevando-a em deleites, e dispondo o horto a seu gosto: faz desabrochar as flores, descobre os dons e ornamenta a alma com a tapeçaria de suas graças e riquezas. Suspira, pois, esta alma Esposa, com imenso desejo, por tudo isto: que se vá o Aquilão morto, e venha o Austro, aspirar pelo horto, porque nisto lucra a alma muitos bens reunidos. Ganha o deleite das virtudes chegadas a ponto de serem exercitadas saborosamente; obtém o gozo do Amado nelas, pois mediante as virtudes é que se lhe comunica o Esposo com mais íntimo amor e mais particular mercê do que anteriormente; consegue, além disso, causar maior deleite ao Amado por esse exercício atual de virtudes, e isto é o que lhe causa maior contentamento, a saber, o gosto de seu Amado. Lucra, ademais, a continuação e permanência desse sabor e suavidade de virtudes, que continua na alma todo o tempo da assistência do Esposo nela, enquanto a esposa lhe está proporcionando suavidade com suas virtudes, conforme ela mesma o diz nos Cantares: "Quando o Rei estava no seu repouso, — isto é, na alma, — o meu nardo

exalou seu perfume" (Ct 1,11). Por esse nardo odorífero é significada a própria alma, que das flores de virtudes em seu horto desabrochadas dá odor de suavidade ao Amado nela presente por este modo de união.

9. É, portanto, muito para desejar esse divino sopro do Espírito Santo, e que cada alma lhe peça aspire ele por seu horto, a fim de correrem os divinos olores de Deus. Por ser isto tão necessário, e de tanta glória e proveito para a alma, a Esposa o desejou e pediu com os mesmos termos desta canção, dizendo nos Cantares: "Levanta-te, Aquilão, e vem tu, vento do Meio-dia, sopra de todos os lados no meu jardim, e espalhem-se os seus aromas" (Ct 4,16). Todas estas coisas deseja a alma, não por causa do deleite e glória que lhe advêm pessoalmente, mas sim por saber que nisto se compraz seu Esposo; também o deseja por saber que aí se acha a disposição e o prenúncio para a vinda do Filho de Deus a deleitar-se nela. E assim acrescenta logo:

E o Amado pascerá por entre as flores

10. Com o nome de pasto significa a alma o deleite que o Filho de Deus nela tem por esse tempo, e, de fato, é o nome que melhor o exprime, por ser o pasto ou alimento coisa que não só dá gosto, mas também sustenta. Deste modo o Filho de Deus se compraz na alma, em meio a esses deleites dela e se sustenta nela, isto é, permanece na alma, como em lugar onde acha grandes delícias, porque esse mesmo lugar — a própria alma — também acha nele verdadeiramente seu gozo. A meu ver, isto mesmo quis dizer o Esposo nestas palavras dos Provérbios de Salomão: "Meus deleites são de estar com os filhos dos homens" (Pr 8,31), a saber, quando eles acham seus deleites em estar comigo, que sou o Filho de Deus. Convém observar aqui, que não diz a alma: "O Amado pascerá as flores", e sim "por entre as flores"; porque, sendo a comunicação do Esposo feita no íntimo da alma, mediante o adorno das

virtudes já mencionado, conseqüentemente o Amado se apascenta da própria alma transformada nele, já guisada, salgada e temperada, com as mesmas flores de virtudes, dons e perfeições, que, por assim dizer, são o tempero com o qual e no qual ele se nutre dela. São essas virtudes e perfeições que, por meio do Aposentador acima, referido, estão dando ao Filho de Deus sabor e suavidade na alma, a fim de que possa ele apascentar-se mais no amor de sua amada; pois esta é a condição para o Esposo unir-se à alma, entre a fragrância dessas flores. Tal condição é bem notada pela Esposa nos Cantares, como quem tão perfeitamente o sabe, dizendo nestes termos: "O meu Amado desceu ao seu horto, ao canteiro das plantas aromáticas para se apascentar nos jardins e colher lírios" (Ct 6,1). E mais adiante diz: "Eu sou para o meu Amado, e o meu Amado é para mim, ele que se apascenta entre os lírios" (Ct 6,2), querendo dizer, apascenta-se e acha seus deleites em minha alma que é o seu horto, entre os lírios de minhas virtudes, perfeições e graças.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Vê bem a alma, neste estado de desposório espiritual, as suas graças excelentes e riquezas magníficas e, por outra parte, compreende que não pode possuir esses bens nem deles gozar à sua vontade, em razão de estar ainda presa à carne. Em conseqüência disto, sofre grandemente, muitas vezes, sobretudo, quando essa compreensão se torna mais viva. Percebe, evidentemente, que está presa no corpo, como um grande senhor no cárcere, sujeito a mil misérias, a quem confiscaram todos os seus reinos, privando-o de todas as suas riquezas e senhorio; tendo ele grandes haveres, recebe, no entanto, a comida muito medida. O que isto lhe faz sofrer, cada um pode bem avaliar; mormente se os domésticos de sua casa não lhe estão ainda muito submissos, pois, então, a cada oportunidade, esses seus

servos e escravos arremetem contra ele sem respeito algum, a ponto de quererem tirar-lhe o bocado do prato. Quando Deus faz à alma a mercê de dar-lhe a provar alguma porção dos bens e riquezas que lhe preparou, logo se levanta na parte sensitiva algum mau servo de apetite, seja um escravo de movimento desordenado, ou de outras revoltas dessa parte inferior, a impedir-lhe aquele bem.

2. Nisto a alma se sente como presa em terra de inimigos, tiranizada entre estranhos, morta entre os mortos; experimenta a realidade do que diz o profeta Baruc ao encarecer a miséria do cativeiro de Jacó nestas palavras: "Donde Vem, ó Israel, estares tu na terra dos teus inimigos? Tens envelhecido em terra estranha, e te contaminaste com os mortos, e estás confundido com os que descem ao sepulcro" (Br 3,10-11). Jeremias, ao sentir este mísero trato que a alma padece por parte do cativeiro no corpo, assim diz, em sentido espiritual, falando com Israel: "Porventura é Israel algum escravo ou filho de escrava? Por que razão, pois, se tornou uma presa? Contra ele rugiram os leões..." (Jr 2,14-15). Compreende aqui por leões os apetites e revoltas desse rei tirano que é a sensualidade, como dissemos. E a alma, querendo mostrar o aborrecimento que lhe causa, e o desejo que tem de ver enfim esse reino da sensualidade aniquilado, ou a ela totalmente submisso com todos os seus exércitos de perturbações, ergue os olhos ao Esposo, como a quem há de levar avante todo esse feito; e falando agora contra os referidos movimentos e rebeliões, diz esta canção:

Canção XVIII

Ó ninfas da Judéia,
Enquanto pelas flores e rosais
Vai recendendo o âmbar,
Ficai nos arrabaldes
E não ouseis tocar nossos umbrais.

EXPLICAÇÃO

3. Nesta canção é a Esposa quem fala. Vendo-se constituída segundo a sua parte superior — a espiritual — em tão ricos e avantajados dons, cheia dos deleites vindos do seu Amado, deseja conservar, com segurança e continuidade, esta posse deles na qual o Esposo a estabeleceu, como vimos nas duas canções precedentes. Conhece, todavia, que da sua parte inferior, isto é, da sensualidade, lhe poderá vir impedimento, como de fato acontece, pois estorva e perturba esse grande bem espiritual. Pede, portanto, a esposa, às operações e movimentos da parte sensitiva que fiquem sossegados em suas potências e sentidos; não ultrapassem os limites de sua própria região, ousando molestar e inquietar a parte superior e espiritual, e assim não venham impedir, ainda mesmo com a mínima comoção, aquele bem e suavidade de que a alma goza. De fato, se os movimentos e potências desta parte sensitiva agem no tempo em que o espírito está gozando, tanto mais o molestam e inquietam, quanto mais vivas e ativas são as suas operações. Diz, então, assim:

Ó ninfas da Judéia

4. Pelo nome de Judéia é designada a parte inferior, ou sensitiva da alma. É denominada Judéia, por ser fraca e carnal, e, por si mesma, cega, como o é o povo judaico. A alma dá o nome de ninfas a todas as imaginações, fantasias, movimentos e inclinações dessa porção inferior. A razão de lhes dar tal nome, é porque, assim como a ninfas, com sua graça e sedução, atraem a si os amantes, assim também essas operações e movimentos da sensualidade buscam porfiadamente, por meio de seus deleites, atrair a si a vontade da parte racional, para arrancá-la do interior induzindo-a a entregar-se às coisas exteriores, que eles tanto desejam e apetecem. Procuram também mover o entendimento, a

que se junte e una a elas conforme a maneira baixa do sentido, que lhes é própria; querem conformar e igualar a parte racional com a sensível. Quanto a vós, — diz a alma, — ó operações e movimentos, da sensualidade:

Enquanto pelas flores e rosais

5. As flores, como já dissemos, são as virtudes da alma. Os rosais significam as potências da mesma alma, - memória, entendimento e vontade — as quais trazem em si flores de conceitos divinos que delas desabrocham, bem como atos de amor e as mesmas virtudes. Enquanto, pois, nestas virtudes e potências de minha alma

Vai recendendo o âmbar

6. Pelo âmbar é simbolizado aqui o divino Espírito do Esposo que habita na alma. O recender esse divino âmbar pelas flores e rosais, é derramar-se e comunicar-se suavissimamente nas potências e virtudes da alma, exalando nelas perfume de divina suavidade à mesma alma. No tempo em que, portanto, esse divino espírito está difundindo doçura espiritual no meu íntimo,

Ficai nos arrabaldes

7. Nos arrabaldes da Judéia, a qual, como dissemos, é a porção inferior ou sensitiva, ou seja, memória, fantasia e imaginação. Nelas se imprimem e recolhem as noções, imagens e figuras dos objetos, mediante as quais a sensualidade movimenta seus apetites e concupiscências. Quando essas noções, a que a alma chama ninfas, permanecem quietas e sossegadas, também ficam adormecidos os apetites. Tais figuras e imagens entram em seus arrabaldes, que são os sentidos internos, pelas

portas dos sentidos externos, como a vista, o ouvido, o olfato, o tato e o gosto; e, assim, podemos dar o nome de arrabaldes a todas essas potências e sentidos, quer internos, quer externos, porque são os bairros situados fora dos muros da cidade. O que aqui se chama cidade, é, de fato, na alma, seu mais íntimo recôndito, isto é, a parte racional, que tem capacidade para comunicar-se com Deus, e cujas operações são contrárias às da sensualidade. Não pode, no entanto, deixar de haver comunicação natural entre os habitantes desses arrabaldes da parte sensitiva, quais são as ninfas já mencionadas, e os da parte superior, que é a cidade. Assim, tudo quanto se faz na parte inferior, ordinariamente se sente na parte interior, e por conseqüência traz a esta última, distração e desassossego quanto à aplicação e assistência espiritual que tem em Deus. É este o motivo de dizer a alma às ninfas que fiquem em seus arrabaldes, ou, em outros termos, se aquietem nos seus sentidos naturais, tanto interiores como exteriores.

E não ouseis tocar nossos umbrais

8. Isto é, não toqueis na parte superior, nem mesmo por primeiros movimentos, porque são justamente eles as entradas e umbrais que dão acesso à alma. Quando vão além de primeiros movimentos, e chegam à razão, já transpõem os umbrais; quando, porém, não passam de primeiros movimentos, apenas tocam esses umbrais, ou batem à porta, como acontece nas investidas da parte sensual à razão para induzi-la a algum ato desordenado. E, aqui, não somente a alma diz que não a toquem estes, mas nem ainda as lembranças estranhas à quietação e bem de que goza.[1]

1. A 1ª redação do *Cântico* acrescenta aqui: "E, assim, esta parte sensitiva com todas as suas potências, forças e fraquezas, está rendida totalmente ao espírito, neste estado. Daí procede viver já a alma uma vida bem-aventurada, semelhante à do estado de inocência, onde então todo o conjunto e habilidade da parte sensitiva servia ao homem para maior recreação e auxílio no conhecimento e amor de Deus, em paz e harmonia com a

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Neste estado de desposório, torna-se a alma tão inimiga da parte inferior e suas operações, que chega a desejar não seja a esta concedida comunicação alguma daquilo que espiritualmente é dado à parte superior; porque, participando o sentido, ou há de receber muito pouco, ou não o há de agüentar a fraqueza de sua condição sem que desfaleça o natural, e, conseqüentemente, venha a padecer e afligir-se o espírito, não podendo, assim, gozar em paz. Isto se confirma com as palavras do Sábio: "O corpo que se corrompe torna pesada a alma" (Sb 9,15). Como a alma aspira às mais elevadas e excelentes comunicações de Deus, sabendo que não as pode receber em companhia da parte sensitiva, deseja que Deus lhas conceda sem participação dela. Com efeito, aquela altíssima visão do terceiro céu, que teve São Paulo, na qual diz ter visto a Deus, o mesmo apóstolo declara não saber se a recebeu no corpo ou fora dele (2Cor 12,2). De qualquer modo, porém, que a tenha recebido, decerto foi sem o corpo; pois se este houvesse participado, não o poderia deixar de saber, nem a visão seria tão alta como diz São Paulo, afirmando ter ouvido palavras tão secretas que ao homem não é lícito revelar. Por isto, conhecendo muito bem a alma que tão sublimes mercês não se podem receber em vaso tão estreito, deseja que o Esposo as conceda fora dele, ou ao menos, sem ele; e assim, falando com o mesmo Esposo, lho pede nesta canção.

parte superior. Ditosa a alma chegada a tal estado! "Mas quem é este, e o louvaremos, porque faz maravilhas em sua vida?" (Eclo 31). Esta Canção foi posta aqui para mostrar a paz segura e tranqüila de que goza a alma elevada a essa altura espiritual, e não para dar a entender que esse desejo manifestado aqui pela alma, quanto ao sossego das ninfas, seja proveniente dos acometimentos delas, pois neste estado já se acham sossegadas, como acima declaramos. Esse desejo é mais próprio das almas que vão progredindo, e das adiantadas, do que das perfeitas nas quais as paixões e movimentos pouco ou nada reinam".

Canção XIX

Esconde-te, Querido!
Voltando tua face, olha as montanhas;
E não queiras dizê-lo,
Mas olha as companheiras
Da que vai pelas ilhas mais estranhas.

EXPLICAÇÃO [1]

2. Quatro coisas pede a alma Esposa, nesta canção, a seu Esposo. A primeira é que seja servido de comunicar-se a ela bem no íntimo recôndito de si mesma; a segunda é a graça de investir e penetrar suas potências com a glória e excelência da divindade dele; a terceira, que realize isto com tão grande profundidade e elevação, que a ninguém seja possível saber ou exprimir, nem possa participar o exterior e parte sensitiva; a quarta, é que se enamore o mesmo Esposo das muitas virtudes e graças que pôs nela, e com as quais se acompanha em sua elevação para Deus, por altíssimos e sublimes conhecimentos da Divindade, e por excessos de amor sobremaneira inusitados e extraordinários, muito superiores aos que geralmente se costumam ter. E assim diz:

1. A 1ª redação do *Cântico* começa a Explicação com o seguinte trecho: "Depois que o Esposo e a Esposa nas canções passadas impuseram freio e silêncio às paixões e potências da alma, tanto sensitivas como espirituais, as quais poderiam perturbá-la, volve-se a Esposa a gozar de seu Amado no recolhimento interior de sua alma. Aí se acha ele unido com ela por amor, e de modo escondido se deleita grandemente nela. São de tal modo elevadas e deliciosas as mercês concedidas então à alma, neste recolhimento do matrimônio com seu amado, que ela não o sabe dizer, e nem mesmo o quereria; porque essas graças são como aquelas a que se refere Isaías dizendo: "Meu segredo para mim, meu segredo para mim" (Is 24,16). A alma sozinha as possui, sozinha as entende, sozinha delas goza, e se deleita de que seja a sós; assim seu desejo é que essa comunicação divina seja muito escondida, muito elevada e apartada de qualquer outra comunicação exterior. Torna-se a alma semelhante ao negociante da preciosa pérola, ou antes, ao homem que achando o tesouro escondido no campo, guardou-o em segredo para melhor o gozar e possuir (Mt 13,44-46). Com esse desejo..."

Esconde-te, Querido!

3. Como se dissera: querido Esposo meu, recolhe-te no mais íntimo de minha alma, comunicando-te a ela secretamente, e manifestando-lhe tuas maravilhas escondidas, alheias a todos os olhos mortais.

Voltando tua face, olha as montanhas

4. A face de Deus é a divindade. As montanhas são as potências da alma, — memória, entendimento e vontade. Assim quer dizer: penetra com tua divindade o meu entendimento, infundindo nele inteligências divinas; a minha vontade, concedendo e comunicando a ela teu divino amor; a minha memória, dando-lhe a posse da glória divina. Nisto pede a alma tudo quanto pode pedir; porque já se não satisfaz com o conhecimento e comunicação de Deus pelas costas, como foi concedido a Moisés (Ex 33,23), isto é, somente por seus efeitos e obras; deseja conhecer a Deus pela sua face, que é a comunicação essencial da Divindade sem intermediário algum, por certo contacto da alma na própria Divindade, — o que é coisa alheia a todo sentido e acidente, porquanto é um toque de substâncias puras, como são a alma e a Divindade. Por este motivo, logo acrescenta:

E não queiras dizê-lo

5. Significa: não queiras dizê-lo como anteriormente, quando as comunicações feitas à minha alma eram perceptíveis também aos sentidos exteriores, por serem graças proporcionadas à sua capacidade, pois não eram tão elevadas e profundas que não pudessem eles alcançá-las. Agora, porém, sejam tão sublimes e substanciais essas comunicações, e de tal modo íntimas que delas nada se diga aos sentidos exteriores, isto é, não possam

estes chegar a conhecê-las. Na verdade, a substância do espírito não se pode comunicar ao sentido; logo, tudo o que a este último é comunicado, — mormente nesta vida, — não pode ser puro espírito, pois disto não é capaz o sentido. Desejando, portanto, a alma, aqui, esta comunicação de Deus tão substancial e essencial, imperceptível ao sentido, pede ao Esposo que "não o queira dizer" ou, em outros termos: seja de tal modo íntima a profundidade desse esconderijo de união espiritual que não acerte o sentido em o perceber ou exprimir, tal como se dava com aquelas palavras secretas que São Paulo ouviu, as quais, diz ele, não era lícito ao homem revelar.

Mas olha as companheiras

6. O olhar de Deus é amar e conceder mercês. As companheiras, mencionadas aqui pela alma, pedindo a Deus que as veja, são as numerosas virtudes, bem como os dons e perfeições, e as demais riquezas espirituais que ele nela colocou como arras prendas e jóias de desposada. Assim, é como se dissesse: Volta-te, Amado, para o interior de mim mesma, enamorando-te deste caudal de riquezas que aí puseste; e, enamorado de mim, te escondas nessas companheiras, permanecendo entre elas; porque, em verdade, embora sejam tuas, se tu mas deste são também

Da que vai pelas ilhas mais estranhas

7. Isto é, da minha própria alma que vai a ti por estranhos conhecimentos de ti, e por modos e caminhos estranhos, alheios a todos os sentidos, fora do conhecimento natural e comum. É como se a Esposa, querendo obrigar o Esposo, assim lhe dissesse: pois minha alma vai a ti por notícias espirituais, estranhas e alheias a todos os sentidos, vem comunicar-te a ela do mesmo

modo, em grau tão interior e sublime que seja alheio a todos eles.

ANOTAÇÃO PARA AS CANÇÕES SEGUINTES

1. Para chegar a tão alto estado de perfeição, qual é o matrimônio espiritual, como aqui pretende a alma, não lhe basta apenas estar limpa e purificada de todas as imperfeições, revoltas e hábitos imperfeitos da parte inferior, que, despida do velho homem, está já sujeita e rendida à superior. É necessário também ter grande fortaleza e mui subido amor para que se torne capaz de tão forte e estreito abraço de Deus. De fato, neste estado, não só a alma atinge altíssima pureza e formosura, mas também adquire terrível fortaleza, em razão do estreito e forte laço que se aperta entre Deus e a alma por meio desta união.

2. Para chegar, portanto, a essa altura, precisa estar a alma em competente grau de pureza, fortaleza e amor; por isto, desejando o Espírito Santo, — que pela sua intervenção realiza essa união espiritual, — ver a alma com as disposições requeridas para alcançá-la, fala ao Pai e ao Filho nestes termos do livro dos Cantares: "Que faremos à nossa irmã no dia em que apareça e se lhe tenha de falar? Porque é pequenina e não tem peitos crescidos. Se ela é um muro, edifiquemos sobre ele forças e defesas prateadas; se ela é uma porta, guarneçamo-la com tábuas de cedro" (Ct 8,10). Compreende aqui por forças e defesas prateadas, as virtudes fortes e heróicas, envoltas na fé, significada pela prata; estas virtudes heróicas são já as do matrimônio espiritual, que assentam sobre a alma forte, simbolizada pelo muro, em cuja fortaleza repousará o Esposo de paz, sem mais perturbação de fraqueza alguma. Entende por tábuas de cedro as afeições e propriedades do sublime amor, aqui figurado no cedro, — amor característico do matrimônio espiritual. Para guarnecer com ele a Esposa, torna-se mister que ela seja porta, isto é,

dê entrada ao Esposo, mantendo aberta a porta da vontade para ele, por total e verdadeiro sim de amor, — o sim do desposório, dado já antes do matrimônio espiritual. Pelos peitos da Esposa exprime também este mesmo amor perfeito que lhe convém ter para comparecer diante do Esposo, Cristo, a fim de operar-se a consumação de tal estado.

3. Diz, porém, o referido texto que a Esposa respondeu logo, abrasada no desejo de chegar a essas alturas: "Eu sou muro; e meus peitos são como uma torre" (Ct 8,10). Como a dizer: Minha alma é forte, e meu amor sublime, não seja esta a dúvida. O mesmo deu a entender, nas precedentes canções, a alma Esposa, com o seu desejo de transformação e união perfeita; mormente o fez nesta que acabamos de explicar, na qual coloca diante do Esposo, para mais o obrigar, as virtudes e disposições preciosas que dele recebeu. E o mesmo Esposo, querendo concluir a união, diz as duas seguintes canções. Nelas acaba de purificar a alma, e torná-la forte, dispondo-a para esse estado, tanto em sua parte sensitiva como na espiritual; e assim fala, defendendo a alma de todas as contrariedades e revoltas, sejam da parte dos sentidos, ou da parte do demônio.

ESPOSO

Canções XX e XXI

A vós, aves ligeiras,
Leões, cervos e gamos saltadores,
Montes, vales, ribeiras,
Águas, ventos, ardores,
E, das noites, os medos veladores:

Pelas amenas liras
E cantos de sereias, vos conjuro
Que cessem vossas iras,
E não toqueis no muro,
Para a Esposa dormir sono seguro.

EXPLICAÇÃO

4. Nestas duas canções, o Esposo, Filho de Deus, põe a alma em posse de paz e tranqüilidade, conformada já a parte inferior com a superior; purifica-a de todas as suas imperfeições, e ordena as potências e capacidades naturais da alma, além de sossegar todos os demais apetites dela. Tudo isto se contém nas sobreditas canções, cujo sentido explicaremos agora. Primeiramente, o Esposo conjura e manda às inúteis digressões da fantasia e imaginação que doravante cessem: restabelece também o equilíbrio nas duas potências naturais, — irascível e concupiscível — que antes tanto afligiam a alma; aperfeiçoa, ao mesmo tempo, as três potências, memória, entendimento e vontade, em seus respectivos exercícios, quanto é possível nesta vida. Além disto, o Esposo conjura e manda às quatro paixões da alma, gozo, esperança, dor e temor, que daqui por diante permaneçam mortificadas e comedidas. Todas essas coisas são significadas pelos nomes expressos na primeira canção, e nela o Esposo faz cessar todas as atividades e movimentos que, provindos de tais paixões, inquietam a alma. Ele o realiza por meio da grande suavidade, deleite e fortaleza que a alma possui na comunicação e entrega espiritual que Deus faz de si mesmo a ela neste tempo, e na qual todas as suas potências, apetites e movimentos perdem sua natural imperfeição e se trocam em divinos, porquanto Deus transforma agora vivamente a alma nele. Assim diz o Esposo:

A vós, aves ligeiras

5. Chama aves ligeiras às digressões da imaginação, por serem ligeiras e sutis, voando de uma parte a outra; às vezes, quando a vontade está gozando tranqüilamente da comunicação deliciosa do Amado, costumam causar desagrado na alma, e tirar-lhe o gosto, com os seus vôos ligeiros. A elas diz o Esposo que as conjura pelas

amenas liras: agora que a suavidade e deleite da alma é tão abundante e freqüente que essas digressões da imaginação não lhe podem mais causar estorvo, — como faziam outrora, quando a alma não havia chegado a tanto, — cessem já seus vôos inquietos com seus ímpetos e excessos. O mesmo se há de entender quanto às outras partes que vamos explicar aqui, como sejam:

Leões, cervos e gamos saltadores

6. Por leões, compreende as acrimônias e ímpetos da potência irascível, tão ousada e atrevida em seus atos como os leões. Pelos cervos e gamos saltadores, simboliza a outra potência da alma, a concupiscível, na qual está o apetite que produz dois efeitos: um de covardia, outro de ousadia. Os efeitos de covardia são exercitados quando o apetite não acha as coisas convenientes à sua satisfação, porque então se retira e intimida tornando-se covarde. Nestes efeitos é a potência concupiscível comparada aos cervos, os quais, tendo-a mais intensa do que outros muitos animais, são conseqüentemente muito covardes e tímidos. Os efeitos de ousadia são postos em exercício quando a dita potência encontra coisas convenientes para si; então, longe de intimidar-se ou acovardar-se, atreve-se, pelo contrário, a apetecê-las e admiti-las, com desejos e afetos. Nestes efeitos de ousadia é comparada esta potência aos gamos, os quais têm tanta concupiscência nas coisas que apetecem, que não somente vão a elas correndo, mas até saltando. Eis o motivo de se chamar aqui, a eles, saltadores.

7. Deste modo, o Esposo, ao conjurar os leões, põe freio aos ímpetos e excessos da ira; ao conjurar os cervos, fortalece a concupiscência nas covardias e pusilanimidades que anteriormente a encolhiam; e em conjurar os gamos saltadores, satisfaz essa mesma concupiscência, por apaziguar os desejos e apetites que antes andavam inquietos, e saltavam como gamos de um lado

a outro em busca de sua satisfação. Agora está satisfeita essa potência, pelas amenas liras, gozando da suavidade delas, e pelo canto das sereias em cujo deleite se apascenta. É digno de nota o não conjurar aqui o Esposo a ira e a concupiscência; porque estas potências não podem faltar à alma, mas conjura aos atos molestos e desordenados das mesmas potências, significados pelos leões, cervos e gamos saltadores, os quais, neste estado, forçoso é que faltem.

Montes, vales, ribeiras

8. Por estes três nomes se denotam os atos viciosos e desordenados das três potências da alma, isto é, memória, entendimento e vontade. Tais atos se manifestam viciosos e desordenados quando são excessivamente elevados, ou quando são extremamente baixos e remissos; ou também quando, embora não cheguem ao excesso, declinam todavia para algum dos extremos. Pelos montes, que são muito altos, compreendemos os atos excessivos, demasiadamente desordenados; pelos vales, que são muito baixos, entendemos os atos dessas três potências, quando ficam abaixo do que é conveniente. Pelas ribeiras, — nem muito altas nem muito baixas, as quais sendo planas participam algo de um e outro extremo, são simbolizados os atos das potências quando excedem o justo meio, ou a ele faltam. Estes atos não são extremamente desordenados, como seriam em chegando a pecado mortal; todavia, em parte, não deixam de ter desordem, seja por incidirem em algum pecado venial, ou em alguma imperfeição, embora mínima, no entendimento, memória e vontade. Conjura o Amado a todos estes atos, excedentes do justo meio, que cessem, pelas amenas liras e canto de sereias. Na verdade, estas liras e este canto mantêm as três potências da alma em tal equilíbrio nos seus efeitos, tão justamente aplicadas às suas respectivas atividades, que não somente não caem nos dois extremos, mas nem ainda

deles participam no mínimo ponto. Seguem-se os outros versos:

Águas, ventos, ardores,
E das noites os medos veladores

9. De modo semelhante, por estas quatro coisas, significa os afetos das quatro paixões que, como dissemos, são: dor, esperança, gozo e temor. Pelas águas, são simbolizadas as afeições da dor que afligem a alma, pois nela entram como águas. Por isto disse Davi a Deus, referindo-se a elas: "Salva-me, ó Deus, porque as águas entraram até a minha alma" (Sl 68,2). Pelos ares se entendem as afeições da esperança, as quais voam como ares, desejando o objeto ausente, por elas esperado. Daí também o dizer Davi: "Abri a minha boca e aspirei, porque desejava os teus mandamentos" (Sl 118,131). Como se dissesse: Abri a boca de minha esperança e aspirei o ar de meu desejo, porque esperava e desejava teus mandamentos. Pelos ardores, são compreendidas as afeições da paixão do gozo, as quais inflamam o coração como fogo, razão por que diz o mesmo Davi: "Meu coração inflamou-se dentro de mim, e em minha meditação se ateou o fogo" (Sl 38,4), isto é, em minha meditação irrompeu o gozo. Por medos das noites veladores são significadas as afeições da outra paixão, que é o temor; estas costumam ser grandíssimas nos espirituais ainda não chegados ao estado de matrimônio espiritual. Às vezes procedem da parte de Deus, no tempo em que ele lhes quer conceder algumas mercês, como dissemos acima; e então causa medo e pavor ao espírito, como também contração à carne e aos sentidos, por não estar ainda aperfeiçoada e fortalecida a natureza, nem habituada àquelas mercês. Outras vezes, vêm da parte do demônio. Tem ele tanta inveja e pesar do bem e paz gozados pela alma no tempo em que Deus lhe concede recolhimento e suavidade em si mesmo, que procura incutir horror e medo do espírito, a fim

de impedir-lhe aquele bem, atrevendo-se, em algumas ocasiões, como que a ameaçá-la, ali no íntimo. Quando percebe que não pode atingir o interior da alma, por estar ela muito recolhida e unida com Deus, busca, ao menos por fora, perturbar a parte sensitiva com distrações e variedades, provocando aflições, dores, e pavor no sentido, para ver se consegue, por este meio, inquietar a Esposa no seu tálamo. Essas inquietações são significadas pelos medos das noites, porque vêm dos demônios, os quais mediante isso procuram difundir trevas na alma, tentando obscurecer a divina luz de que ela goza. São chamados veladores, estes medos, porque por si mesmos fazem a alma velar, despertando-a de seu doce sono interior; e também pelo fato de estarem sempre velando os mesmos demônios para incutirem na alma esses temores que passivamente, — da parte de Deus ou do inimigo, — penetram no espírito daquelas pessoas já espirituais. Não trato aqui de outros temores, temporais ou naturais, porque tê-los não é próprio de pessoas espirituais; mas os temores do espírito já referidos, estes pertencem aos espirituais.

10. Conjura também o Amado a todas estas quatro espécies de afeições, relativas às quatro paixões da alma, fazendo com que se calem e sosseguem; porquanto, neste estado, já ele concede à Esposa muita abundância de força e satisfação, por meio das amenas liras de sua suavidade, e o canto de sereias de seu deleite, a fim de que não somente aquelas afeições deixem de reinar, mas nem ainda possam causar à alma o mínimo dissabor. É imensa a grandeza e estabilidade da alma, neste estado; e se antes penetravam em seu íntimo as águas da dor por qualquer causa, mesmo a dos pecados próprios ou alheios, que é a mais sensível aos espirituais, embora eles os levem em conta, já não produzem pena e mágoa; até o sentimento da compaixão não mais o tem a alma, possuindo, todavia, as obras e perfeições da mesma compaixão. Com efeito, a alma carece agora daquela fraqueza que manifestava na prática das vir-

tudes, conservando a força, constância e perfeição delas. Assim como os anjos avaliam perfeitamente as coisas dolorosas sem lhes sentir a dor, e exercitam as obras de misericórdia sem sentimento de compaixão, assim acontece à alma nesta transformação de amor. Algumas vezes, no entanto, e em certas épocas, Deus permite que ela sinta novamente as coisas e delas sofra, para que mais mereça e se afirme no amor, ou por outros motivos, como permitiu acontecesse à Virgem-Mãe, a São Paulo e a outros; mas o estado de matrimônio espiritual, por si, não o comporta.

11. Nos desejos da esperança, a alma tampouco se aflige. Já está satisfeita em sua união com Deus, quanto lhe é possível nesta vida, e, por isto, nada mais tem a esperar da parte do mundo, ou a desejar acerca do espiritual, pois vê e sente em si mesma uma plenitude de riquezas divinas. E, assim, já está conformada e ajustada à vontade de Deus quanto a viver ou morrer, dizendo, tanto na parte sensitiva como na espiritual: *Fiat voluntas tua,* sem mais ímpeto de qualquer outra ânsia ou apetite. O desejo, pois, que tem de ver a Deus, é sem sofrimento. As afeições do gozo, as quais costumavam produzir alternativas de sentimento na alma, também não lhe causam impressão, se diminuem, ou novidade, se aumentam; porque, geralmente, tem a alma tanta abundância de gozo, que se assemelha às águas do mar, o qual nem diminui com os rios que dele saem, nem cresce com os que nele entram. Nesta alma, verdadeiramente está aberta aquela fonte cujas águas jorram para a vida eterna, como disse Cristo por São João (Jo 4,14).

12. Pelo fato de ter eu dito que esta alma não recebe coisa nova no seu estado de transformação, no qual parece que lhe são tirados os gozos acidentais que os próprios glorificados têm no céu, é preciso esclarecer o seguinte. Na verdade, não lhe faltam esses gozos e suavidades acidentais; antes, de ordinário, lhe são dados sem conta. Não aumenta, porém, a comunicação subs-

tancial que recebe no espírito, porque tudo quanto lhe pode vir de novo, já o tem nela; e assim, o bem que a alma possui nessa comunicação é maior do que todas as coisas recebidas por acréscimo. Todas as vezes, pois, que se lhe oferecem ocasiões de gozo e alegria, seja exteriores, seja espirituais e interiores, logo a alma se recolhe a gozar das riquezas que já tem em si mesma; com isto, aumenta muito o deleite e prazer encontrados tanto nestas como nas alegrias acidentais. Participa a alma agora, de certa maneira, da propriedade de Deus, o qual, embora se deleite em todas as coisas, não acha nelas tão grande gozo como em si mesmo, por encerrar em seu ser um bem supereminente a todas elas. Assim, toda as novidades que acontecem a esta alma, trazendo-lhes gozos e delícias, mais lhe servem de lembrete, para deleitar-se naquilo que já possui e sente no seu interior, do que para deter-se nessas novidades, pelo motivo acima referido, de achar em si mesma muito mais do que em tais coisas.

13. É, aliás, muito natural, quando a alma acha gozo e contentamento em alguma coisa, lembrar-se logo de outra que mais estima e lhe dá maior satisfação, detendo-se nesta última para gozá-la a seu gosto. Destarte, muito pouco significa o acidental destas novidades espirituais, dadas novamente à alma, em comparação ao substancial que já encerra em si mesma; podemos até dizer que é nada, pois a alma que chegou a esta totalidade de transformação, na qual atingiu seu pleno desenvolvimento, não mais pode crescer com as novidades espirituais, como sucede a outras não chegadas ainda a este ponto. Causa-nos admiração, todavia, o ver como esta alma, não sendo capaz de receber novos deleites, parece-lhe que os está sempre recebendo de novo, e ao mesmo tempo é como se já os tivesse dentro de si. A razão é que está sempre a gozá-los de cada vez, sendo o bem que possui sempre novo, e assim lhe parece estar recebendo sempre novidades, sem haver mister recebê-las.

14. Se quiséssemos falar da iluminação de glória que por vezes resplandece na alma, neste ordinário abraço de união, e que consiste em certa conversão espiritual de Deus a ela, fazendo-a ver e gozar de uma só vez todo este abismo de deleites e riquezas que nela pôs, nada seria capaz de exprimir a mínima parte dessa realidade. À maneira do sol quando dá em cheio no mar, iluminando até os mais profundos abismos e cavernas, pondo à vista as pérolas e os riquíssimos veios de ouro e de outros minerais preciosos, assim este divino sol do Esposo, voltando-se para a Esposa, de tal modo traz à luz as riquezas da alma, que até os anjos se maravilham dela dizendo aquelas palavras dos *Cantares:* "Quem é esta, que vai caminhando como a aurora, quando se levanta, formosa como a lua, escolhida como o sol, terrível como um exército bem ordenado e posto em campo?" (Ct 6,9). Nesta iluminação, embora de tão grande excelência, nada se acrescenta, contudo, à alma; apenas se mostram à luz os tesouros nela encerrados, a fim de que os possa gozar.

15. Finalmente, das noites os medos veladores também não atingem mais a alma, estando ela agora tão forte e resplendente, e repousando com tanta firmeza em Deus, que os demônios não a podem obscurecer com suas trevas, nem atemorizar com seus terrores, nem tampouco despertá-la com seus ímpetos. Daí vem que nenhuma coisa é capaz de a atingir ou molestar; porque já se recolheu de todas as coisas, para dentro de seu Deus, onde goza de toda paz, fruindo de toda suavidade, satisfazendo-se em todo deleite, conforme é possível à condição e estado desta vida. Na verdade, da alma aqui chegada se entendem as palavras ditas pelo Sábio: "A alma pacífica e sossegada é como um banquete contínuo" (Pr 15,15). Asim como num banquete há sabor de todos os manjares e suavidade de todas as músicas, também do mesmo modo a alma, neste festim que lhe é dado no peito do Esposo, goza de todo deleite e saboreia toda suavidade. Muito pouco dissemos a respeito

do que se realiza nesta união, pois muito pouco é o que se pode exprimir por palavras; e por mais que se dissesse, seria sempre o mínimo do que se passa na alma chegada a tão ditoso estado. Com efeito, quando a alma acerta a alcançar a paz de Deus, a qual, como diz a Igreja, ultrapassa todo o sentido (Fl 4,7), também todo o sentido quedar-se-á mudo e incapaz de dizer dela coisa alguma. Segue-se o verso da segunda canção:

Pelas amenas liras
E cantos de sereias, vos conjuro

16. Já explicamos como, pelas amenas liras, significa o Esposo a suavidade que ele dá à alma neste estado, e com a qual faz cessar todas as inquietações já referidas. A música harmoniosa das liras enche o espírito de suavidade e alegria, extasiando-o e absorvendo-o de maneira a que não sinta mais pesares e dissabores; assim também esta suavidade de que falamos aqui traz a alma tão presa ao seu encanto, que não é atingida por coisa alguma penosa. É como se o Esposo dissera: pela suavidade que eu ponho na alma, cessem todas as coisas não suaves à alma. Dissemos também que o canto de sereias significa o deleite gozado de ordinário pela alma. O Esposo chama a este deleite canto de sereias porque assim como este canto, dizem, é tão agradável e delicioso a quem o ouve, e de tal maneira extasia e enamora o homem, que o transporta fora de si, fazendo-o esquecer todas as coisas, de modo semelhante, o deleite desta união absorve sobremaneira a alma em si, e grandemente a contenta, produzindo nela um encantamento que não lhe deixa sentir as contrariedades e perturbações das coisas já referidas, as quais são expressas neste verso:

Que cessem vossas iras

17. Dá o nome de iras às inquietações e aborrecimentos provenientes dos afetos e atividades desordenadas, de que já falamos. A ira consiste em certo ímpeto que turba a paz, saindo dos seus limites; do mesmo modo, todas essas afeições, com seus movimentos, excedem o limite da paz e tranqüilidade que há na alma, desassossegando-a quando a assaltam. Esta é a razão de dizer:

E não toqueis no muro

18. Por muro, o Esposo designa o cerco de paz e o valado das virtudes e perfeições que cercam e guardam a mesma alma, sendo ela aquele horto de que falamos acima, onde o Amado se apascenta entre as flores, e que está fechado e guardado só para ele. Daí vem o chamar à Esposa horto fechado, como diz o Esposo nos *Cantares*: "Minha irmã é horto fechado" (Ct 4,12). Assim ordena ele aqui que ainda mesmo no muro e cerca deste seu horto fechado não toquem,

Para a Esposa dormir sono seguro

19. A fim de que, diz ele, mais a seu gosto se deleite a Esposa nesta quietação e suavidade de que goza em seu Amado. Convém notar aqui como, neste tempo, já não há porta fechada para a alma; está em suas mãos gozar à sua vontade, quando quer e quanto quer, deste suave sono de amor, conforme o dá a entender o Esposo nos *Cantares* dizendo: "Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, pelas gazelas e veados do campo, que não perturbeis nem façais a minha amada despertar, até que ela o queira" (Ct 3,5).

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Tal era o desejo do Esposo de libertar e resgatar definitivamente esta sua Esposa das mãos da sensualidade e do demônio, que afinal o realizou, como vimos que o fez aqui. E agora, alegra-se como o bom Pastor, trazendo nos ombros a ovelhinha perdida e por tantos caminhos buscada (Lc 15,5); regozija-se, como a mulher que tem em mãos a dracma procurada, de vela acesa e revolvendo a casa inteira, e que chama seus amigos e vizinhos a partilharem de seu gozo dizendo-lhes: "Vinde, alegrai-vos comigo" (Lc 15,9). Causa, pois, admiração contemplar este amoroso Pastor e Esposo da alma, tão satisfeito e feliz em vê-la já conquistada e perfeita, posta em seus ombros, presa por suas mãos, nesta desejada junta e união. Este gozo, não o guarda o Amado só para si; faz dele participantes os anjos e as almas santas, dizendo-lhes como nos *Cantares*: "Saí, filhas de Sião, olhai a Salomão com a coroa com que o coroou sua mãe no dia de seu desposório, no dia da alegria de seu coração" (Ct 3,11). Nestas palavras chama ele à alma sua coroa, sua Esposa e alegria de seu coração, trazendo-a já nos seus braços, e agindo com ela como Esposo do seu tálamo. Tudo isto é expresso por ele na seguinte canção.

Canção XXII

Entrou, enfim, a Esposa
No horto ameno por ela desejado;
E a seu sabor repousa,
O colo reclinado
Sobre os braços dulcíssimos do Amado.

EXPLICAÇÃO

2. Já empregou a Esposa todas as diligências para que fossem caçadas as raposas, o Aquilão se afastasse,

e as ninfas sossegassem, pois eram estes os estorvos e inconvenientes a impedirem o perfeito deleite do estado de matrimônio espiritual. Invocou também o sopro do Espírito Santo, e o alcançou, como vimos nas canções precedentes, sendo esta a disposição adequada e o meio próprio para a perfeição desse ditoso estado. Resta agora tratar dele nesta canção, na qual o Esposo é quem fala, chamando a alma de Esposa, e dizendo duas coisas. A primeira é descrever como a mesma alma, depois de ter saído vitoriosa, chegou enfim ao delicioso estado do matrimônio espiritual, tão ardentemente desejado por ele e por ela. A segunda é enumerar as propriedades do referido estado, das quais já goza a alma nele, como são: repousar a seu sabor e ter o colo reclinado sobre os braços dulcíssimos do Amado, conforme iremos agora explicando.

Entrou, enfim, a Esposa

3. Para declarar mais distintamente a ordem destas canções, e mostrar as etapas que, de ordinário, percorre a alma, até chegar a esse estado de matrimônio espiritual, — o mais sublime estado de união de que agora, mediante o favor divino, vamos falar, — façamos a seguinte observação. Antes de a alma aqui chegar, exercita-se primeiramente nos trabalhos e amarguras da mortificação, aplicando-se também à meditação das coisas espirituais, conforme refere desde a canção primeira até aquela que diz "mil graças derramando". Depois, entra na via contemplativa, passando então pelos caminhos e aperturas de amor, descritos sucessivamente nas canções seguintes até aquela que diz: "Aparta-os, meu Amado", e na qual se realizou o desposório espiritual. Prosseguindo mais além, vai pela via unitiva, em que recebe numerosas e grandíssimas comunicações e visitas do Esposo, o qual a orna de dons e jóias, como a sua desposada; e assim cada vez mais se adianta no

conhecimento e perfeição do amor de seu Esposo, — conforme veio contando desde a referida canção em que se fez o desposório, e que começa pelas palavras "Aparta-os, meu Amado" — até chegar a esta de agora cujo início é: "Entrou enfim a Esposa", e na qual só falta realizar-se, afinal, o matrimônio espiritual entre a alma e o Filho de Deus. É, sem comparação alguma, muito mais elevada esta união do matrimônio do que a do desposório espiritual. Trata-se de uma transformação total no Amado; nela se entregam ambas as partes por inteira posse de uma a outra, com certa consumação de união de amor, em que a alma é feita toda divina, e se torna Deus por participação, tanto quanto é possível nesta vida. Por isto, penso, jamais a alma chega a esse estado sem que esteja confirmada em graça, porque nele se confirma a fidelidade de ambas as partes, e conseqüentemente, a de Deus na alma. Daí vem a ser esse o mais alto estado a que nesta vida se pode chegar. Assim como na consumação do matrimônio humano, são dois numa só carne, segundo a palavra da Sagrada Escritura (Gn 2,24), assim também, uma vez consumado esse matrimônio espiritual entre Deus e a alma, são duas naturezas em um só espírito e amor. É o que afirma São Paulo, trazendo esta mesma comparação, ao dizer: "O que se junta ao Senhor, torna-se um espírito com ele" (1Cor 6,17). É como se a luz de uma estrela, ou de uma candeia se unisse e juntasse à luz do sol: já não brilha a estrela, nem a candeia, mas somente o sol, tendo em si absorvidas as outras luzes.

4. O Esposo fala deste estado no presente verso, dizendo: Entrou enfim a Esposa. Com estas palavras, significa ter ela saído de tudo quanto é temporal e natural, de todas as afeições, maneiras ou modos espirituais, deixando à parte, no olvido, todas as tentações, perturbações e penas, bem como seus cuidados e solicitudes, já toda transformada agora neste sublime abraço. Por tal razão é dito o verso seguinte, nestes termos:

No horto ameno por ela desejado

5. Como se dissesse: a alma já se transformou em seu Deus, a quem chama aqui horto ameno, pelo delicioso e suave repouso que encontra nele. A este horto de plena transformação, que consiste no gozo, deleite e glória do matrimônio espiritual, não se chega sem passar primeiro pelo desposório, e por aquele amor leal que é comum aos desposados. Quando a alma, pois, foi por certo tempo uma noiva para o Filho de Deus, dedicando-lhe inteiro e suave amor, ele, enfim, a chama e introduz neste seu horto florido, onde se consuma o felicíssimo estado do matrimônio espiritual. Aqui se realiza tão estreita união das duas naturezas, e tal comunicação da divina à humana, que, sem mudança em nenhuma delas do próprio ser, cada uma parece Deus. E, embora nesta vida não possa isto operar-se de modo perfeito, é, todavia, acima de tudo quanto se pode dizer e pensar.

6. Esta transformação é muito bem expressa pelo mesmo Esposo nos *Cantares* quando convida a alma, já feita sua Esposa, a tão feliz estado, dizendo: "Vem para o meu jardim, irmã minha Esposa; seguei a minha mirra com os meus aromas" (Ct 5,1). Chama-a irmã e esposa, porque já o era no amor e entrega que havia feito de si mesma ao Esposo, até antes de ser chamada ao estado de matrimônio espiritual, onde ele diz já ter colhido sua olorosa mirra, e as espécies aromáticas, isto é, os frutos que das flores já amadureceram e estão preparados para a alma. Esses frutos significam os deleites e magnificências que o Esposo comunica de si, dando-se a ela; por isto é ele ameno e desejado horto para a alma. De fato, o único desejo e fim, tanto dela como de Deus, em todas as obras, é a consumação e perfeição desse estado; e assim jamais descansa a alma até alcançá-lo; na verdade, acha, no matrimônio espiritual, muito maior abundância e fartura em Deus, como também muito mais segura e duradoura paz, e mais

perfeita suavidade, sem comparação, do que no desposório espiritual. Colocada agora nos braços de tal Esposo, sente, de ordinário, estar com ele num estreito abraço espiritual — verdadeiro abraço por meio do qual vive a alma vida de Deus. Em realidade verifica-se nela o que diz São Paulo: "Vivo eu, já não eu, mas Cristo é que vive em mim" (Gl 2,20). Vivendo, pois, esta alma, vida tão feliz e gloriosa, como é a vida de Deus, considere cada um, se puder, quão saborosa será esta vida, na qual, assim como Deus não pode sentir dissabor algum, assim também a alma tampouco o sente; muito ao contrário, goza e experimenta o deleite da glória de Deus em sua íntima substância, estando já transformada nele. Por isto, continua a dizer o verso:

E a seu sabor repousa,
O colo reclinado

7. O colo significa aqui a fortaleza da alma, por meio da qual, como dissemos, se faz esta junta e união entre o Esposo e ela, pois não poderia sustentar tão estreito abraço, se não estivesse já muito forte. Assim como foi nesta fortaleza que a alma pelejou para exercitar-se nas virtudes e dominar os vícios, assim também é justo que, em recompensa de seu trabalho e vitória, repouse tendo o colo reclinado

Sobre os braços dulcíssimos do Amado

8. Reclinar o colo nos braços de Deus é ter unida a própria fortaleza ou, por melhor dizer, a própria fraqueza, à fortaleza de Deus. Os braços de Deus são aqui o símbolo da sua fortaleza; quando nela se reclina e transforma nossa fraqueza, torna-se então a fortaleza do próprio Deus. Daí vem a ser muito a propósito a designação do estado do matrimônio espiritual por este reclinar o colo entre os doces braços do Amado: por-

que, nesta união, já é o próprio Deus a fortaleza e doçura da alma, em que está ela protegida e amparada contra todos os males, e deliciada em todos os bens. Por este motivo desejando a Esposa nos *Cantares* este estado, disse ao Esposo: "Quem me dera ter-te por irmão, amamentado aos peitos de minha mãe, para que encontrando-te fora, eu te pudesse beijar sem que ninguém me desprezasse!" (Ct 8,1). Chama ao Esposo de irmão, para significar a igualdade de amor que neste desposório há entre os dois antes de chegarem ao matrimônio. Em dizer: "Amamentado aos peitos de minha mãe", exprimia o seu desejo de que ele secasse e amortecesse nela os apetites e paixões, que são como os peitos e leite de Eva, nossa mãe na natureza humana, os quais impedem esse estado. E, assim, depois disto, "te achasse eu fora", sozinho, isto é, fora de todas as coisas e de mim mesma, em solidão e desnudez espiritual, já mortificados aqueles apetites; enfim, pudesse eu ali beijar-te sozinha a ti só e, unindo-me só contigo, — na união de minha natureza também solitária e despida de toda impureza temporal, natural e espiritual, — à tua natureza só, sem mais intermediário algum. Isto se realiza unicamente no matrimônio espiritual que é o beijo da alma a Deus, quando então ninguém mais a despreza, nem se atreve a tanto, pois neste estado não a molestam mais apetites, nem demônio, nem carne, nem mundo. Aqui se cumpre a palavra dos Cantares: "Já passou o inverno, já se foram as chuvas; apareceram as flores na nossa terra" (Ct 2,11-12).

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Neste alto estado do matrimônio espiritual, o Esposo descobre à alma, como a sua fiel consorte, com grande facilidade e freqüência, seus maravilhosos segredos; porque o verdadeiro e completo amor não sabe esconder coisa alguma a quem ama. Comunica-lhe o Amado, sobretudo, os doces mistérios de sua encarnação, bem

como os modos e maneiras da redenção humana, que é uma das mais elevadas obras de Deus, e, portanto, ainda mais saborosa para a alma. Embora revele à Esposa muitos outros mistérios, o Esposo, na canção seguinte, só menciona o da encarnação, por ser entre todos o principal; e assim, falando com ela, diz:

Canção XXIII

Sob o pé da macieira,
Ali, comigo foste desposada;
Ali te dei a mão,
E foste renovada
Onde a primeira mãe foi violada.

EXPLICAÇÃO

2. Declara o Esposo à alma, nesta canção, o admirável modo e plano de que usou para a remir e desposar com ele, servindo-se dos próprios meios que haviam causado a ruína e a corrupção da natureza humana; pois assim como por meio da árvore proibida no paraíso foi essa natureza estragada e perdida por Adão, assim na árvore da cruz foi remida e reparada, dando-lhe ele ali a mão de sua graça e misericórdia mediante sua paixão e morte, e firmando no alto da cruz a parte que havia sido destruída entre Deus e os homens, em conseqüência do pecado original. Diz então:

Sob o pé da macieira

3. Isto é, sob a graça da árvore da cruz, simbolizada aqui pela macieira, onde o Filho de Deus remiu, e, conseqüentemente, desposou consigo a natureza humana, e, portanto, cada alma, concedendo-lhe sua graça e penhores, para este fim, na cruz. Esta é a razão de dizer:

Ali comigo foste desposada,
Ali te dei a mão

4. Querendo significar: a mão de meu favor e ajuda, levantando-te de teu estado miserável à minha companhia e desposório.

E foste renovada,
Onde a primeira mãe foi violada

5. Tua mãe, a natureza humana, foi violada, de fato, em teus primeiros pais, debaixo da árvore; e também tu, ali debaixo da árvore da cruz, foste reparada. Se, pois, tua mãe, sob a árvore, te deu a morte, eu, sob a árvore da cruz, dei-te a vida. A este teor vai Deus descobrindo à alma as ordenações e disposições de sua sabedoria, mostrando-lhe como de modo tão sábio e formoso sabe ele tirar dos males bens; e, assim, aquilo mesmo que foi causa de tanto mal soube transformar em maior bem. As palavras literais desta canção são ditas pelo mesmo Esposo nos *Cantares* à Esposa: Eu te despertei debaixo da macieira; ali é que tua mãe foi corrompida, ali é que foi violada aquela que te gerou" (Ct 8,5).

6. O desposório feito na cruz não é o mesmo de que agora falamos; realiza-se ele de uma só vez, quando Deus dá à alma a primeira graça, e, portanto, é feito com cada uma no batismo. Quanto a este de que tratamos agora, é feito por via de perfeição, e se opera pouco a pouco, seguindo seus graus. Na realidade, é o mesmo desposório, com esta diferença: este último se faz ao passo da alma, e assim vai devagar; o primeiro se faz ao passo de Deus, e por conseqüência realiza-se de uma vez. Este que nos ocupa agora é dado a entender por Deus, nas palavras do profeta Ezequiel dirigidas à alma: "Estavas arrojada sobre a face da terra com desprezo de tua vida, no dia em que nasceste. E, passando eu junto de ti, vi-te debatendo-te no teu sangue,

e te disse, estando tu coberta de teu sangue: Vive. Fiz-te crescer como a erva do campo, e cresceste, e te tornaste grande, e te desenvolveste e atingiste uma beleza perfeita de mulher. Cresceram-te os peitos e multiplicaram-se os teus cabelos. Estavas, porém, nua, e cheia de confusão. E passei junto de ti, e vi-te; e o tempo em que estavas era o tempo dos amores; estendi sobre ti o meu manto e cobri tua ignomínia; e te fiz juramento, e fiz aliança contigo, e tu ficaste sendo minha. E lavei-te com água, limpei-te do teu sangue, e te ungi com óleo. E te vesti de roupas bordadas de diversas cores, e te dei calçados de jacinto, e te cingi de puro linho, e te compus com finas telas; ornei-te com preciosos enfeites, e te pus braceletes nas mãos, e um colar à roda de teu pescoço. Ornei tua fronte com uma jóia, e as tuas orelhas com arrecadas, e a tua cabeça com um formoso diadema. E foste enfeitada de ouro e prata, e vestida de fino linho, e de roupas bordadas de diversas cores. Foste nutrida da flor de farinha, e de mel, e de azeite; e te tornaste extremamente bela e chegaste a ser rainha. E o teu nome espalhou-se entre as nações por causa da tua formosura" (Ez 16,5-14). Até aqui são as palavras de Ezequiel; e desta maneira se acha a alma de que vamos falando.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Depois desta saborosa entrega da Esposa e do Amado, vem em seguida, imediatamente, o leito de ambos, no qual com muito maior estabilidade goza a alma dos deleites do Esposo, já mencionados. Assim, nesta canção de agora, é descrito esse leito dos dois, — leito divino, puro e casto, em que a alma está divina, pura e casta. O leito, na verdade, não é para ela outra coisa senão o seu próprio Esposo, o Verbo, Filho de Deus, conforme vamos dizer; nele é que a Esposa se recosta, mediante a união de amor. Aqui o chama leito florido, porque seu Esposo não somente é florido, mas

é a mesma flor dos campos e lírio dos vales, segundo diz ele de si mesmo nos *Cantares* (Ct 2,1). A alma, portanto, recosta-se, não apenas no leito florido, e sim na mesma flor que é o Filho de Deus; esta flor contém em si perfume divino, exalando fragrância, graça e formosura, conforme declara também o Esposo por Davi, dizendo: "A formosura do campo comigo está" (Sl 49,11). Eis por que agora a alma canta as propriedades e graças de seu leito, nestes termos:

ESPOSA

Canção XXIV

Nosso leito é florido,
De covas de leões entrelaçado,
Em púrpura estendido,
De paz edificado,
De mil escudos de ouro coroado.

EXPLICAÇÃO

2. Nas duas canções passadas,[1] cantou a alma Esposa as graças e grandezas de seu Amado, o Filho de Deus. Nesta presente, não só vai prosseguindo, mas também canta antes de tudo o feliz e alto estado em que se vê colocada, bem como a segurança que nele há. Em terceiro lugar,[2] enumera as riquezas de dons e virtudes com que foi favorecida e ornada no tálamo de seu Esposo, dizendo já haver chegado à união com Deus, na qual tem as virtudes fortalecidas. Em quarto lugar, afirma que já tem a perfeição do amor. Em quinto lugar, fala da paz espiritual de que goza perfeitamente,

1. Referência às Canções XIV e XV que precediam a esta, na primeira redação do *Cântico*.
2. Ao desenvolver a explicação, São João da Cruz perde de vista esta enumeração posta no princípio, e que, aliás, não existe na primeira redação do *Cântico*.

estando cheia e aformoseada de dons e virtudes, quanto é possível possuir e gozar nesta vida, como iremos declarando nos versos seguintes. A primeira coisa, pois, que a alma canta é o deleite de que goza na união do Amado dizendo:

Nosso leito é florido

3. Já explicamos como este leito da alma é o Esposo, Filho de Deus, todo florido para ela. Estando agora unida e recostada nele, como esposa, recebe, no peito do Amado, a comunicação de seu amor, isto é, a sabedoria, os segredos e graças e dons de Deus, com os quais fica tão formosa, rica, e cheia de delícias, que verdadeiramente lhe parece estar num leito de variegadas e suavíssimas flores divinas cujo toque produz deleite, e cujo odor a inebria. Com muito acerto a alma dá a esta união de amor o nome de leito florido, a exemplo da Esposa dos *Cantares* que falando com o Esposo diz: "Nosso leito é florido" (Ct 1,15). Chama-o nosso, porque de ambos unidos é o mesmo amor, bem como as mesmas virtudes e o mesmo deleite, isto é, do Amado, conforme afirma o Espírito Santo nos Provérbios: "Acho as minhas delícias em estar com os filhos dos homens" (Pr 8,31). Mais um motivo tem a alma para dar a este leito o nome de florido: é já possuir as virtudes em grau perfeito e heróico, — o que não era possível antes de o leito estar florido em perfeita união com Deus. E assim canta imediatamente a segunda propriedade dele, dizendo no verso seguinte:

De covas de leões entrelaçado.

4. Por covas de leões são designadas as virtudes que a alma possui neste estado de união com Deus. Explica-se a comparação pelo fato de serem essas covas de leões muito seguras e abrigadas contra quaisquer outros

animais, causando-lhes temor a fortaleza e ousadia do leão que as habita, e assim não somente não se atrevem a entrar nelas, mas nem ainda ousam parar em sua proximidade. Cada uma das virtudes, quando a alma já as tem perfeitas, é como uma cova de leões para ela, em que mora e assiste o Esposo, Cristo, unido com a mesma alma naquela virtude, e, aliás, em cada uma das outras virtudes, como forte leão. A alma, unida a ele, nessas virtudes, torna-se também como forte leão; participa das mesmas propriedades de Deus, e está tão amparada e forte, — em cada uma das virtudes e em todas juntas, — recostada assim neste leito florido de união divina, que não se atrevem os demônios a acometê-la. Nem mesmo ousam apresentar-se diante dela, pelo grande temor que lhes causa a vista dessa alma tão engrandecida, resoluta e ousada, com virtudes perfeitas, no leito do Amado. Vendo-a em tão consumada união e transformação de amor, eles a temem como ao próprio Deus, e nem sequer ousam olhá-la; pois muito teme o demônio a alma que alcançou a perfeição.

5. Diz também o verso que o leito está entrelaçado destas covas de leões, isto é, de virtudes, porque, neste estado, já estão entrelaçadas e unidas com tanta fortaleza entre si umas com as outras, e tão ajustadas na total perfeição da alma, sustentando-se umas às outras, que não deixam brecha alguma de frouxidão ou fraqueza em que possa introduzir-se o demônio. Nem mesmo coisa alguma do mundo, seja alta ou baixa, consegue penetrar de modo a inquietar e molestar a alma, ou ainda causar-lhe a mínima impressão. Estando agora livre de toda perturbação das paixões naturais, alheia e desprendida do bulício e variedade dos cuidados temporais, qual se acha neste estado, goza com segurança e tranqüilidade a participação de Deus. Isto mesmo desejava a Esposa nos *Cantares* quando dizia: "Quem dera ter-te por irmão, e que mamasses os peitos de minha mãe", para que, encontrando-te fora, a sós, eu te pudesse beijar sem que ninguém me desprezasse! (Ct 8,1).

Este beijo é o da união de que vamos falando, na qual se iguala a alma a Deus, por amor. Este é o motivo por que o deseja a Esposa, dizendo como seria feliz ter o Amado por "irmão", — termo que significa e produz igualdade. "Amamentado aos peitos de sua mãe", isto é, consumidas todas as imperfeições e apetites da natureza humana, herdada de sua mãe Eva; e "achando-o fora", na solidão, a saber, unindo-se com ele só, fora de todas as coisas, desprendida de todas elas, segundo a vontade e inclinação. E assim "ninguém a desprezará, nem o mundo, nem a carne, nem o demônio, ousarão atrever-se a isso. De fato, quando a alma se acha livre e purificada de tudo, em união com Deus, nenhuma coisa poderá aborrecê-la. Daqui se origina para ela, neste estado, o gozo de uma contínua suavidade e tranqüilidade, que nunca perde nem jamais lhe falta.

6. Além desta ordinária satisfação e paz, sucede também desabrocharem as flores de virtudes deste horto da alma, trescalando perfumes, de tal maneira que lhe parece estar cheia de deleites divinos, e na verdade assim é. Digo que desabrocham essas flores de virtudes na alma, porque, embora ela habitualmente as possua em perfeição, contudo, nem sempre está gozando delas de modo atual. Decerto, aquela paz e tranqüilidade costumam causar-lhe satisfação; mas podemos afirmar que as virtudes, nesta vida, estão na alma como flores em botão, ainda fechadas, no jardim. É uma maravilha ver como, algumas vezes, sob a moção do Espírito Santo, se abrem todas essas flores, exalando de si mesmas os mais variados e admiráveis perfumes. A alma contempla, então, no seu íntimo, as flores "das montanhas" que significam, conforme dissemos acima,[1] a abundância, grandeza, e formosura de Deus; entrelaçados a elas, estão os lírios dos "vales nemorosos", isto é, descanso, refrigério, e amparo; logo se vêm juntar as rosas perfumadas das "ilhas mais estranhas", simbolizando os peregrinos conhecimentos de Deus; aparecem também as açucenas

1. Ver Canções XIV e XV.

dos "rios sonoros", a trescalarem seus olores, isto é, a revelação da magnificência de Deus que enche toda a alma; acrescenta-se ainda o delicado perfume dos jasmins dos "sussurros amorosos", ali entrelaçados, que dão igualmente seu gozo, neste estado. E do mesmo modo, todas as outras virtudes e dons, dos quais já falamos: o conhecimento sossegado, a "música calada", a "solidão sonora", a amorosa ceia com as suas delícias. Tão imenso é o deleite gozado e sentido pela alma, algumas vezes, em todas essas flores de virtudes em conjunto, que com muita verdade pode dizer: Nosso leito é florido, de covas de leões entrelaçado. Ditosa a alma que nesta vida merecer gozar alguma vez o olor destas flores divinas! Continua o verso a dizer como este leito está também:

Em púrpura estendido

7. Pela púrpura é simbolizada, na Sagrada Escritura, a caridade. Serve também aos reis para suas vestes. Afirma aqui a alma estar o seu leito estendido em púrpura, porque todas as virtudes, riquezas e bens nele contidos estão fundados na caridade do Rei celestial, e só nesta caridade se sustentam e florescem, proporcionando gozo. Sem este amor, jamais poderia ela gozar deste leito e destas flores. De fato, todas as virtudes estão na alma como estendidas no amor de Deus, único receptáculo conveniente para bem conservá-las, e se acham como banhadas em amor. Todas e cada uma delas, efetivamente, estão sempre enamorando a alma de Deus, e em todas as obras e ocasiões levam-na amorosamente a maior amor de Deus. Tal é a significação do leito "em púrpura estendido". Nos sagrados *Cantares* temos disso a expressão exata, naquela liteira que Salomão fez para si, a qual era de madeira do Líbano, com colunas de prata e reclinatório de ouro, e os degraus de púrpura, ordenando tudo com a caridade (Ct 3,9-10). As virtudes e dotes com que Deus constrói

este leito da alma, — significados pela madeira do Líbano e as colunas de prata, — têm seu reclinatório ou encosto no amor, simbolizado pelo ouro; pois, como já dissemos, as virtudes se firmam e conservam no amor. Todas elas se ordenam e exercitam mediante a mútua caridade de Deus e da alma, conforme acabamos de dizer. Acrescenta a alma que este leito é também

De paz edificado

8. Põe aqui a quarta excelência deste leito, a qual se deriva imediatamente da terceira, que foi descrita. Vimos como consistia no perfeito amor cuja propriedade é lançar fora todo temor, segundo a palavra de São João (1Jo 4,18); daí procede conseqüentemente a perfeita paz da alma, quarta excelência deste leito conforme estamos dizendo. Para melhor compreensão, torna-se necessário saber que cada uma das virtudes é em si mesma pacífica, mansa e forte; logo, produz na alma que a possui estes três efeitos, de paz, mansidão e fortaleza. Como este leito florido está composto de todas as flores de virtudes e todas elas são pacíficas, mansas e fortes, daí procede estar edificado na paz, achando-se a alma pacífica, mansa e forte. São três propriedades que impossibilitam toda guerra e combate, tanto da parte do mundo, como do demônio ou da carne; tornam a alma tão tranqüila e segura, que lhe parece, na verdade, estar toda edificada na paz. A quinta propriedade deste leito florido é ser, além de tudo isto,

De mil escudos de ouro coroado

9. Os escudos são aqui os dons e virtudes da alma. Embora tenhamos dito que são flores, também lhe servem agora de coroa e prêmio, pelo trabalho que teve em conquistá-las. Muito mais ainda, vêm a servir-lhe, ao mesmo tempo, de defesa, quais fortes escudos, contra os

vícios aniquilados pelo exercício delas. Por esta razão, o leito florido da Esposa, com as virtudes por coroa e proteção, acha-se não só coroado para recompensa da mesma Esposa, mas protegido por elas como por fortes escudos. Acrescenta a alma que estes escudos são de ouro, querendo manifestar assim o valor imenso das virtudes. A Esposa nos *Cantares* diz a mesma coisa por outras palavras: "Eis aqui o leito de Salomão, ao qual rodeiam sessenta fortes dos mais valentes de Israel, cada um deles leva a espada ao lado, para defesa contra os temores noturnos" (Ct 3,7). Em dizer o verso que os escudos são em número de mil, dá a entender a grande cópia de virtudes, graças e dons com que Deus enriquece a alma neste estado; e para significar essa mesma inumerável profusão das virtudes da Esposa, emprega o Esposo idêntica expressão: "Teu colo é como a torre de Davi, edificada com seus baluartes: dela estão pendentes mil escudos, e todas as armaduras dos fortes" (Ct 4,4).

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. A alma chegada a esta altura de perfeição não se satisfaz somente em louvar e enaltecer as excelências de seu Amado, o Filho de Deus, nem tampouco em cantar e agradecer as mercês que dele recebe, e os deleites que nele goza. Deseja referir também os dons concedidos pelo Esposo às outras almas, porque nessa bem-aventurada união de amor, a alma contempla tudo isto em conjunto. Para louvar, pois, o Amado, e render-lhe graças por tais mercês feitas às outras almas, diz esta canção:

Canção XXV

Após tuas pisadas
Vão discorrendo as jovens no caminho,
Ao toque de centelha,
Ao temperado vinho,
Dando emissões de bálsamo divino.

EXPLICAÇÃO

2. Nesta canção, a Esposa louva o Amado por três mercês que as almas devotas recebem dele, e por cujo meio se afervoram e adiantam mais no amor de Deus; como a alma já as experimentou neste estado, aqui as menciona. A primeira, diz, é a suavidade que o Esposo lhes dá de si mesmo: é de tal modo eficaz que as impele a andar com extrema rapidez no caminho da perfeição. A segunda é uma visita amorosa com que subitamente as inflama no amor. A terceira consiste na abundância da caridade nelas infundida, embriagando-as tão fortemente que lhes transporta o espírito, — tanto nesta embriaguez como na visita de amor, — em louvores de Deus e afetos suavíssimos de amor. A alma, pois, fala assim:

Após tuas pegadas

3. As pisadas são rastros deixados pelos pés de alguém que passa, e por estes rastros vai-se descobrindo e buscando quem por ali andou. O conhecimento, cheio de suavidade, proporcionado por Deus de si mesmo à alma que o busca, é este rastro e pisada por onde ela vai conhecendo e procurando a Deus. Eis por que a alma diz aqui ao Verbo, seu Esposo: após tuas pisadas, isto é, atrás do rastro de tua divina suavidade, que imprimes nos seus corações, e do teu olor que neles derramas,

Vão discorrendo as jovens no caminho

4. Isto é, as almas devotas, as quais com forças de juventude, recebidas nesta suavidade de tuas pisadas, correm por muitas partes e de muitas maneiras no caminho da vida eterna. Efetivamente, este é o significado aqui da palavra discorrer. Cada alma por seu lado, e conforme a sua própria vocação, segundo o espírito e o estado que Deus lhe dá, com muita diversidade de exercícios e obras espirituais, segue por esse caminho que consiste na perfeição evangélica na qual encontram o Amado em união de amor depois de terem chegado à desnudez espiritual acerca de todas as coisas. Esta suavidade e rastro que Deus imprime de si na alma, torna-a muito ligeira para correr após o Amado. Muito pouco ou mesmo nada é o que de sua parte trabalha ela então para percorrer este caminho; pois este divino rastro do Esposo com tal eficácia a move e atrai, que não somente anda, mas, como dissemos, nele corre de muitas maneiras. Por isto a Esposa nos *Cantares* pediu ao Esposo esta divina atração, dizendo: "Atrai-me, correremos após ti ao olor de teus perfumes" (Ct 1,3). E, depois de ter aspirado este divino perfume, acrescentou: "Ao olor de teus perfumes corremos; as jovens te amaram extremamente".[1] Disse também Davi: "Corri pelo caminho dos teus mandamentos quando dilataste o meu coração" (Sl 118,32).

Ao toque de centelha,
Ao temperado vinho,
Dando emissões de bálsamo divino

5. Nos dois primeiros versos, explicamos como as almas, atrás das pisadas divinas, vão correndo no caminho, por exercícios e obras exteriores. Nestes três de agora, trata a Esposa do exercício interior da vontade,

1. Estas palavras são de uma antífona do Ofício de Nossa Senhora.

em que se empregam essas almas, movidas por duas novas graças ou visitas íntimas do Amado, — denominadas aqui toque de centelha e temperado vinho. O próprio exercício interior da vontade, resultante e proveniente dessas duas visitas, é chamado emissões de bálsamo divino. A primeira dessas duas mercês, — o toque de centelha, — é um contato subtilíssimo do Amado na alma, em algumas ocasiões, mesmo quando ela está mais descuidada. Este toque incendeia-lhe o coração de tal modo, no fogo do amor, que parece na verdade uma centelha de fogo que saltou para abrasá-la. Com grande celeridade, então, como quem volta a si de repente, inflama-se a vontade em amor e desejo, louvando, agradecendo e reverenciando a Deus, estimando-o acima de tudo, e dirigindo-lhe súplicas, com amoroso deleite. A estes atos chama aqui a alma emissões de bálsamo divino, correspondentes ao toque das centelhas que saltam daquele fogo do divino amor de onde procedem, o qual é bálsamo divino a confortar e curar a alma com seu olor e substância.

6. Deste divino toque fala assim a Esposa nos *Cantares*: "O meu Amado meteu a mão pela abertura, e as minhas entranhas estremeceram ao seu toque" (Ct 5,4). O toque do Amado é este a que nos referimos agora, com o qual Deus inflama a alma em seu amor; a mão significa a mercê que nisto lhe faz; a abertura por onde entrou a mão do Amado é a maneira, estado e grau de perfeição que tem a alma, pois nesta mesma proporção costuma ser o toque em maior ou menor intensidade, de um modo ou de outro, conforme o quilate espiritual da mesma alma. As entranhas que estremeceram representam a vontade onde se produz o toque; o estremecimento é o transporte dela em afetos e aspirações a Deus, desejando amar, louvar, e empregar-se em todos aqueles atos referidos acima, os quais são as emissões de bálsamo divino que deste toque redundam, conforme dissemos.

7. "Ao temperado vinho". Este vinho temperado é outra mercê muito maior que Deus concede, algumas vezes, às almas já adiantadas, inebriando-as no Espírito Santo, com um vinho de amor, suave, saboroso e fortificante, e por isto lhe dá o nome de vinho temperado. Assim como este vinho especial é condimentado com muitas e diferentes substâncias que lhe dão força e perfume, assim também este amor de Deus, concedido às almas já perfeitas, está condimentado e assentado no íntimo delas, e temperado com as virtudes que possuem. Este amor, aromatizado como o vinho, com tão preciosas especiarias, produz na alma tal vigor e abundância de suave embriaguez que, nestas visitas de Deus, a alma é movida com grande eficácia e força a dirigir ao seu Amado aquelas emissões, ou emanações de louvor, amor, reverência, e outros afetos, como já dissemos; ao mesmo tempo, sente admiráveis desejos de o servir e de padecer por ele.

8. É preciso saber que esta graça de suave embriaguez não passa tão depressa como a do toque de centelha, pois é muito mais persistente. A centelha toca a alma e se extingue, embora seu efeito dure um pouco e chegue, mesmo algumas vezes, a prolongar-se muito; o vinho temperado, ao contrário, sempre dura por mais tempo, tanto ele como o seu efeito, de suave amor pelo espaço de um ou dois dias, em algumas ocasiões, e até por muitos dias seguidos. A intensidade, contudo, varia, pois não é sempre com o mesmo grau; algumas vezes diminui, outras cresce, sem depender da alma. Por vezes, acontece-lhe sentir, sem nada fazer de sua parte, que este vinho divino lhe vai embriagando a íntima substância, e ao mesmo tempo inflamando o espírito, conforme as palavras de Davi: "O meu coração abrasou-se dentro de mim; e na minha meditação inflamar-se-á o fogo" (Sl 38,4). As emissões provenientes desta embriaguez de amor duram às vezes todo o tempo em que a alma a experimenta; ocasiões há, contudo, em que

sente a embriaguez sem as emissões. A intensidade destas, quando se produzem, é proporcional à embriaguez de amor. Quanto aos efeitos da centelha, dá-se o contrário, persistem mais do que ela mesma, pois são efeitos que deixa na alma; são muito mais incendidos do que os da embriaguez, pois esta divina centelha deixa por vezes a alma a abrasar-se e queimar-se em amor.

9. Já que falamos do vinho condimentado, será bom observar brevemente aqui a diferença existente entre o vinho limpo a que chamam vinho velho e o vinho novo; é a mesma diferença que há entre os antigos e novos amigos e servirá para dar aqui um pouco de doutrina aos espirituais. O vinho novo não tem ainda a borra assentada e separada, por isto está fermentando exteriormente, sem que se possa ainda avaliar a sua qualidade e força, — o que só se verá quando estiver bem assentada a borra e passar a fermentação. Até então, corre grande risco de toldar-se. Tem o gosto forte e desagradável, e faz mal a quem dele bebe muito, pois sua força está ainda toda na borra. O vinho velho já tem assentada e eliminada a borra, e, portanto, já desapareceram aquelas fermentações superficiais que se vêem no novo. Logo se percebe a sua boa qualidade, sem que haja mais risco de toldar-se, pelo fato de não ter mais a efervescência e fermentação da borra que o poderia prejudicar. O vinho bem assentado, efetivamente, é raro que se turve ou estrague, e tem o gosto suave, com a sua força na substância e não no sabor, causando bem-estar e fortalecendo a quem o bebe.

10. Os que começam a amar são comparados ao vinho novo. Principiando a servir a Deus, trazem os fervores deste vinho de amor muito manifestos ao sentido; não assentaram ainda a borra, que é este sentido fraco e imperfeito, e põem a força do seu amor no sabor sensível. Efetivamente é pelo sabor sensível que, de ordinário, se movem e animam a obrar. E assim, não há que fiar em tal amor, enquanto não se acabam aqueles grosseiros gostos e fervores sensíveis. Sem dúvida, o

fervor sensível e o calor do sentimento podem ajudar a alma, inclinando-a para o amor bem ordenado e perfeito, e servirem assim de meio para alcançá-lo, uma vez assentada a borra de imperfeição. É, todavia, muito fácil também, nestes princípios, com a novidade de gostos, estragar-se o vinho do amor, se o fervor e o sabor sensível vierem novamente a faltar. Estes, que começam a amar, sempre trazem ânsias e agitações de amor sensível; convém que se lhes modere a bebida, pois se forem muito levados pela efervescência deste vinho, em suas ações, estragar-se-á neles o natural, com estas ânsias e inquietações de amor, isto é, deste vinho novo, o qual é acre e desagradável, não tendo sido ainda suavizado pela perfeita cocção em que se acabam essas ânsias de amor, como logo diremos.

11. Comparação idêntica faz o Sábio no *Eclesiástico*, por estas palavras: "O amigo novo é como o vinho novo; tornar-se-á velho, e o beberás com suavidade" (Eclo 19,15). Os velhos amigos, já exercitados e provados no serviço do Esposo, são como o vinho velho, que já tem assentada a borra, e não produz mais aquelas efervescências sensíveis, nem aquelas impetuosidades e entusiasmos fogosos no exterior. Gozam da suavidade do vinho do amor já bem fermentado na substância, e não mais se detêm naquele sabor sensível, como é o do amor dos que começam; saboreiam, no íntimo da alma, este vinho de amor em sua substância e suavidade espiritual, que se manifesta em obras verdadeiras. Não querem mais apegar-se aos gostos e fervores sensíveis, e nem mesmo os desejam para não terem agitações e tristezas. Na verdade, quem larga rédeas ao apetite para qualquer gosto sensível necessariamente há de ter penas e desgostos no sentido, e também no espírito. Estes amigos velhos, carecendo daquela suavidade espiritual cuja raiz está no sentido, já não têm essas penas e agitações no sentido e no espírito, e assim é maravilha se faltarem a Deus; estão acima do que os poderia levar a isso, isto é, acima da sensualidade. Bebem o vinho do

amor não somente assentado e limpo de borra, mais ainda temperado, conforme diz o verso, com as especiarias das virtudes perfeitas que não o deixam toldar como o novo. Por isto, o amigo velho é de grande estimação diante de Deus, e a ele se referem as palavras do *Eclesiástico*: "Não deixes o amigo velho; porque o novo não será semelhante a ele" (Eclo 9,14). Com este vinho, pois, de amor já provado e temperado na alma é que realiza o Amado a embriaguez divina, da qual falamos, em cuja força dirige a alma a Deus as suaves e saborosas emissões. O sentido, portanto, dos três versos é o seguinte: Ao toque da centelha com que despertas minha alma, e o temperado vinho com que amorosamente a inebrias, ela te envia as emissões de bálsamo divino, as quais são os movimentos e atos de amor que nela provocas.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Como não estará, pois, tão ditosa alma neste leito florido, onde sucedem as sublimes coisas que já relatamos, e ainda muitas outras mais, tendo ela por reclinatório seu Esposo, o Filho de Deus, e por dossel e coberta a caridade e amor do mesmo Esposo! Decerto, tem o direito de fazer suas as palavras da Esposa: "A sua mão esquerda está sob a minha cabeça" (Ct 2,6). Com toda a verdade poder-se-á afirmar que esta alma está agora revestida de Deus, e banhada na divindade; não só exteriormente e na superfície, mas no íntimo do seu espírito, onde tudo se transforma em deleites divinos, inundada em abundância de águas espirituais de vida, experimenta o que diz Davi dos que estão desta maneira unidos a Deus: "Embriagar-se-ão da abundância de tua casa, e tu os farás beber na torrente de tuas delícias. Porque em ti está a fonte da vida" (Sl 35,9-10). Que fartura não será, então, a desta alma em seu íntimo ser, se a bebida que lhe dão é nada menos do que uma torrente de deleites, a qual é o próprio Espírito Santo,

a quem São João dá o nome de rio de água viva, resplandecente como cristal, saindo do trono de Deus e do Cordeiro! (Ap 22,1). Estas águas vivas, contendo em si mesmas o mais íntimo amor de Deus, infundem intimamente na alma e lhe dão a beber essa mesma torrente de amor que, como dissemos, é o Espírito de seu Esposo, infundido nela pela graça desta união. Em razão disto, a alma canta, com grande abundância de amor, a canção seguinte.

Canção XXVI

Na interior adega
Do Amado meu, bebi; quando saía,
Por toda aquela várzea
Já nada mais sabia,
E o rebanho perdi que antes seguia.

EXPLICAÇÃO

2. Conta a alma, nesta canção, a soberana mercê que Deus lhe fez, em recolhê-la no íntimo de seu amor, e esta é a graça da união transformante no amor divino. Refere dois frutos que daí tirou: olvido e alheamento de todas as coisas do mundo, e mortificação de todos os seus apetites e gostos.

Na interior adega

3. Para dizer algo sobre esta adega, e declarar o que a alma aqui deseja exprimir ou significar, seria mister que o Espírito Santo tomasse a mão e movesse a pena. Esta adega, mencionada pela alma, é o mais extremo e íntimo grau de amor, a que ela pode chegar nesta vida. Esta é a razão de dar-lhe o nome de adega interior, isto é, a mais íntima; donde se conclui que há outras, menos

interiores, a saber, os graus de amor pelos quais se sobe esta última. Podemos classificar estes graus ou adegas de amor em número de sete; a alma os possui todos, quando se acha na posse perfeita dos sete dons do Espírito Santo, segundo a sua capacidade para os receber. Assim, quando a alma chega a possuir em perfeição o espírito de temor, tem igualmente em perfeição o espírito de amor, pois esse temor, que é o último dos sete dons, é filial, e sendo temor perfeito de filho, procede do amor perfeito do Pai. Vemos que a Sagrada Escritura, quando quer dizer que alguém é perfeito na caridade, chama-o temente a Deus. Donde Isaías, profetizando a perfeição de Cristo, disse: "Será cheio do espírito do temor de Deus" (Is 11,3). E também São Lucas chama ao velho Simeão de timorato: "Era varão justo e timorato" (Lc 2,25). E o mesmo é dito de muitos outros.

4. Notemos que muitas almas chegam e entram nas primeiras adegas, cada uma segundo a perfeição de amor que lhe é própria; mas, nesta última e mais interior, poucas são as almas que nela penetram, nesta vida; porque aí já se realiza a perfeita união com Deus, chamada matrimônio espiritual, e referida pela alma neste lugar. O que Deus lhe comunica nessa estreita união é totalmente inefável; não se pode traduzir por palavras, assim como não é possível dizer algo que corresponda ao que ele é em si mesmo. É o próprio Deus quem se comunica à alma, com admirável glória, transformando-a nele; ambos não fazem mais que um, por assim dizer, como a vidraça com o raio de sol que a ilumina, ou como o carvão inflamado e o fogo, ou ainda como a luz das estrelas com a do sol. Esta união, todavia, não se efetua de modo tão perfeito e essencial como na outra vida. Para dar uma idéia do que recebe de Deus nesta adega interior de união, a alma não diz outra coisa, nem penso poderia dizer palavra mais adequada, para exprimir algo desse mistério, do que o verso seguinte:

Do Amado meu, bebi

5. Assim como a bebida se espalha e derrama por todos os membros e veias do corpo, assim esta comunicação divina se difunde substancialmente em toda a alma, ou, dizendo melhor, a alma se transforma toda em Deus, e, nessa transformação, bebe de seu Deus conforme sua própria substância e segundo suas potências espirituais. Quanto ao entendimento, bebe sabedoria e ciência; quanto à vontade, bebe amor suavíssimo; e, quanto à memória, bebe alegria e deleite, com lembrança e sentimento de glória. Referindo-se primeiramente ao deleite que recebe e goza em sua substância, diz a alma nos *Cantares*: "Minha alma se derreteu quando o Amado falou" (Ct 5,6). O falar do Esposo significa justamente essa comunicação dele à alma.

6. Que o entendimento beba sabedoria, também o declara a Esposa no mesmo livro, quando, em seu desejo de alcançar esse beijo de união, pediu-o ao Esposo dizendo: "Ali me ensinarás", — isto é, sabedoria, e ciência de amor, — "e eu te darei a beber um vinho temperado e um licor novo das minhas romãs" (Ct 8,2): querendo significar, meu amor, temperado com o teu, ou seja, transformado no teu.

7. Quanto à terceira potência, a vontade, afirma igualmente a Esposa, no mesmo livro dos *Cantares*, que bebe ali amor: "Introduzindo-me na adega do vinho, ordenou em mim a caridade" (Ct 2,4). É o mesmo que dizer: deu-me a beber amor, mergulhada no seu próprio amor. Ou mais claramente, falando com maior exatidão: ordenou em mim sua caridade, conformando-me e assimilando-me à sua mesma caridade, o que significa beber a alma no Amado, seu mesmo amor, infundido nela pelo próprio Amado.

8. É bom observar aqui, a respeito da opinião de alguns, de que não pode amar a vontade sem primeiro compreender o entendimento, que isto é certo do ponto de vista natural. De fato, por via natural, não é possível

amar, sem antes conhecer o que se ama. Por via sobrenatural, porém, Deus pode muito bem infundir amor, e fazê-lo crescer, sem infundir nem aumentar o conhecimento distinto, como podemos ver no texto da Sagrada Escritura citado acima. Realidade esta, aliás, bem experimentada por muitos espirituais: muitas vezes se sentem arder em amor de Deus sem, contudo, lhes ser dado mais distinto conhecimento dele; podem, portanto, entender pouco e amar muito, como, também, entender muito e amar pouco. E ordinariamente acontece que almas não muito avantajadas no conhecimento de Deus costumam aproveitar melhor quanto à vontade, e lhes basta a fé infusa em lugar da ciência do entendimento; então, é só mediante a fé que Deus lhes infunde caridade, intensificando-a em seus atos, e conseqüentemente essas almas chegam a maior amor, embora não lhes seja aumentado o conhecimento. Pode, assim, a vontade beber amor, sem que o entendimento beba nova inteligência; mas, no caso de que vamos tratando, — da alma que bebeu de seu Amado, — como é união na adega interior, segundo as três potências, todas, como dissemos, bebem juntamente.

9. Em quarto lugar, está claro que a alma também bebe ali de seu Amado, quanto à memória, pois está ilustrada com a luz do entendimento em lembrança dos bens que está possuindo e gozando nessa união de seu Esposo.

10. Esta bebida divina endeusa e levanta de tal modo a alma, embebendo-a no próprio Deus, que,

Quando saía,

11. Isto é, depois que acabou de receber esta mercê; pois, embora a alma permaneça sempre neste sublime estado do matrimônio espiritual, uma vez chegada a ele, nem sempre está em união atual segundo as suas potências, mas sim quanto a sua substância. Nesta união substancial, entretanto, muito freqüentemente se unem

também as potências, e bebem na adega interior, recebendo luz no entendimento, e amor na vontade, etc. Dizendo agora a alma "quando saía", refere-se, não a essa união substancial ou essencial que sempre persiste, e que constitui o estado do matrimônio espiritual, mas à união das potências, que não é contínua, nem o poderia ser nesta vida. Quando, portanto, a alma saía de tal união,

Por toda aquela várzea,

12. Como a dizer: por toda a extensão deste mundo,

Já nada mais sabia

13. A razão disto é que aquela bebida de altíssima sabedoria de Deus, que ali recebeu, fez a alma olvidar todas as coisas do mundo. Parece haver olvidado até o que antes sabia, aliás, todo o saber humano das criaturas, em comparação daquela ciência divina, é pura ignorância. Para melhor compreensão desta verdade, precisamos entender que a causa formal desta ignorância da alma a respeito de todas as coisas do mundo, em chegando a esse estado, é estar agora ilustrada de uma ciência sobrenatural, diante da qual todo outro saber, convencional e humano, desta terra, mais se pode qualificar de não saber do que de saber. Elevada a alma a tão sublime sabedoria, conhece por esta luz como todas as sabedorias do mundo, que não se assemelham a ela, não merecem o nome de saber, e sim o de não saber, e, portanto, nelas nada há que saber. No que se afirma a verdade das palavras do Apóstolo, quando diz: "A sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus" (1Cor 3,19). Eis o motivo de a alma asseverar que "já nada mais sabia", depois de ter bebido aquela sabedoria divina. Não é possível chegar ao conhecimento desta verdade — da pura ignorância que é toda a sabedoria

humana do mundo inteiro, e de quão pouco merece este ser sabido, a menos que a alma receba esta mercê, e Deus lhe comunique interiormente sua própria sabedoria, confortando-a com esta bebida de amor para que conheça claramente essa realidade. Assim o dá a entender Salomão, dizendo: "Visão que expôs um homem, com quem Deus está, e que, tendo sido confortado pela assistência de Deus que reside nele, disse: eu sou o mais insensato dos homens, e a sabedoria dos homens não está em mim" (Pr 30,1-2). Estando a alma naquele excesso de altíssima sabedoria de Deus, toda a sabedoria humana torna-se evidentemente baixa ignorância; porque até as ciências naturais e as mesmas obras feitas por Deus, diante do conhecimento do próprio Deus, são como ignorâncias, pois onde não se sabe Deus, nada se sabe. Eis por que aquilo que há de mais sublime em Deus parece aos homens extravagância e loucura, segundo afirma também São Paulo (1Cor 2,14). Os sábios de Deus e os sábios mundanos são loucos uns para os outros; nem os primeiros podem perceber a ciência do mundo, nem os segundos a sabedoria e ciência de Deus, porquanto a sabedoria do mundo é ignorância em relação à de Deus, e vice-versa.

14. Além disto, aquele endeusamento e transporte do espírito em Deus, que mantêm a alma como arroubada e embebida em amor, toda transformada no mesmo Deus, não a deixa advertir em coisa alguma do mundo. E não somente fica a alma abstraída e aniquilada em relação a todas as coisas, mas ainda a si mesma, como resumida e desfeita em amor, isto é, numa fusão de todo o seu ser no Amado. Este "não saber", produzido pela união, a Esposa nos *Cantares*, depois de ter falado de sua transformação de amor no Esposo, bem o exprime na palavra *nescivi*, que significa "não o soube" (Ct 6,11). De certo modo, está a alma aqui como Adão no estado de inocência, que ignorava toda malícia; porque está agora tão inocente, que não compreende o mal, nem julga haver maldade em coisa alguma. Ouvirá talvez

muitas coisas más, e as verá com seus olhos, e não será capaz de entender que o são; isto procede de não ter em si hábito do mal por onde possa julgar assim, pois Deus tirou-lhe completamente os hábitos imperfeitos e a ignorância que encerra o mal do pecado, quando lhe infundiu o hábito perfeito da verdadeira sabedoria; e, portanto, também sobre esse ponto, pode dizer a alma, já nada mais sabia.

15. Muito menos se intrometerá ela em coisas alheias, visto como nem das suas se lembra. O espírito de Deus tem esta peculiaridade, na alma em que reside: logo a inclina a ignorar e não querer saber as coisas alheias, mormente aquelas que não concernem ao seu próprio aproveitamento; porque este espírito divino é de recolhimento, atraindo interiormente a alma, antes para tirá-la das coisas estranhas do que para dar-lhe conhecimento delas, e assim faz com que não saiba de mais nada como antes sabia.

16. Não vamos pensar, porém, que a alma, permanecendo neste "não saber", venha a perder agora os hábitos de ciências adquiridas anteriormente, pois até se aperfeiçoam com este novo hábito mais perfeito, que é o da ciência sobrenatural infusa. Somente acontece que não mais têm domínio na alma de modo a que ela necessite servir-se deles para saber, embora lhe seja possível isto algumas vezes. Nesta união de sabedoria divina, juntam-se esses hábitos com uma sabedoria superior que encerra todas as ciências: é como uma luz pequenina que se une a outra muito mais possante que a absorve e passa a brilhar sozinha. A luz menor não se extingue, mas se aperfeiçoa na maior, embora por si mesma não seja a que mais brilha. Assim, entendo, será no céu. Não serão aniquilados os hábitos de ciência adquirida que levarem consigo os justos; mas estes não hão de fazer muito caso de tais hábitos, porque ficarão sabendo muito mais do que tudo isto, na sabedoria divina.

17. Na absorção de amor em que a alma está, perde e ignora todos os conhecimentos e noções particulares das coisas e atos imaginários, bem como qualquer outra apreensão que tenha forma ou figura; e isto sucede por duas causas. A primeira é que, ficando a alma atualmente absorvida e imersa naquela bebida de amor, não pode atender nem ocupar-se em outra coisa de modo atual. A segunda, e principal, é ser a mesma alma, naquela transformação em Deus, de tal maneira assimilada à simplicidade e pureza do próprio Deus (a qual não pode conter forma ou figura alguma imaginária), que se torna limpa e pura e despojada de todas as formas e figuras apreendidas anteriormente, já agora purificada e ilustrada com aquela simples contemplação. Este efeito é semelhante ao do sol sobre a vidraça; infundindo nela sua luz, torna-a clara e faz desaparecer à vista todas as manchas e poeiras que eram perceptíveis; mas, uma vez afastado o raio luminoso, logo reaparecem as manchas e pontos escuros ali existentes. Na alma, todavia, como permanece e perdura algum tempo o efeito daquele ato de amor, também se prolonga o não saber, de modo a não lhe ser possível atender em particular a coisa alguma, até que passe o fervor do referido ato de amor. Este, do mesmo modo que a inflamou e transformou em amor, igualmente a aniquilou e desfez em tudo quanto não era amor, conforme podemos compreender pelas palavras de Davi: "Inflamou-se o meu coração, meus rins se mudaram, e eu fui reduzido a nada, e não o soube" (Sl 72,21-22). Mudaram-se os rins, nesta inflamação do coração, significa mudar-se a alma, quanto a todos os seus apetites e operações em Deus, numa nova maneira de vida, já totalmente desfeita e aniquilada a antiga em que antes vivia. E em dizer o Profeta, que foi reduzido a nada, e não o soube, são assinalados os dois efeitos produzidos por esta bebida na adega interior de Deus. De fato, não apenas se aniquila todo o saber que a alma possuía anteriormente, e tudo lhe parece nada, mas também se

aniquilam suas imperfeições e toda sua vida velha, renovando-se agora no homem novo, e este é o segundo efeito, contido no seguinte verso:

E o rebanho perdi, que antes seguia

18. É preciso saber que a alma, até chegar a este estado de perfeição do qual vamos falando, por mais espiritual, guarda sempre algum rebanhozinho de apetites e gostinhos, com outras imperfeições próprias, sejam naturais ou espirituais; anda atrás deles procurando apascentá-los, isto é, ocupando-se em satisfazê-los e seguir-lhes as inclinações. Quanto ao entendimento, costumam ficar na alma algumas imperfeições de apetites em saber as coisas. Acerca da vontade, deixa-se levar por alguns gostinhos e apetites próprios, ora no temporal como possuir certas coisinhas, apegando-se mais a umas do que a outras, e algumas presunções, estimações e pontinhos em que reparam, além de outras bagatelas que ainda têm cheiro e sabor de mundo; ora, acerca do material, na comida ou bebida, gostando mais disto ou daquilo, escolhendo e querendo o melhor. E também em relação ao espiritual, como seja desejar consolações de Deus, além de outras coisas descabidas, que jamais acabaríamos de enumerar, e são comuns aos espirituais ainda não perfeitos. Acerca da memória, muitas distrações, cuidados e lembranças inúteis costumam ter, e se lhes vai a alma atrás de tudo isto.

19. Igualmente a respeito das quatro paixões têm esses espirituais, ainda imperfeitos, muitas esperanças e gozos, dores e temores, que são inúteis, e atrás destes sentimentos costuma andar a alma. Enfim, este rebanho que explicamos é mais ou menos numeroso, para uns ou para outros; mas geralmente todos o andam apascentando, até entrarem nesta adega interior onde vêm beber. Perdem-no, então, inteiramente, sendo transformados todos no amor, e aí consumidos estes rebanhos de imperfeições da alma, mais facilmente do que

a ferrugem e o mofo dos metais no fogo. A alma, pois, já se sente livre de todas aquelas ninharias de gostinhos e inutilidades, após as quais andava se apascentando, e assim pode agora dizer com razão: "e o rebanho perdi, que antes seguia".

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Comunica-se Deus à alma com tantas veras de amor, nesta íntima união, que não há afeto de mãe acariciando seu filhinho com toda a ternura, nem amor de irmão, nem amizade de amigo, que se lhe possa comparar. A tanto chega, com efeito, a ternura e verdade do amor com que o imenso Pai regala e engrandece esta humilde e amorosa alma. Oh! coisa maravilhosa e digna de todo o espanto e admiração: sujeitar-se Deus à alma, verdadeiramente, para exaltá-la, como se fora seu servo, e ela fora o seu senhor! E está tão solícito em regalá-la como se ele fora seu escravo e ela seu Deus, — tão profunda é a humildade e mansidão de Deus! Nesta comunicação de amor, o Senhor exercita, de certo modo, aquele ofício a que se refere no Evangelho, dizendo que no céu se cingirá e servirá os seus escolhidos, passando de um a outro (Lc 12,37). Está ocupado aqui em festejar e acariciar a alma, tal como faz a mãe em servir e mimar o filhinho, criando-o aos seus mesmos peitos. Nisto experimenta a alma a verdade das palavras de Isaías: "Aos seus peitos sereis levados, e sobre seus joelhos sereis acariciados" (Is 66,12).

2. Que sentirá, pois, a alma aqui, entre tão soberanas mercês? Como não se desfará toda em amor! Qual não será a sua gratidão vendo esse peito de Deus aberto para ela com tão sublime e liberal amor! Vendo-se no meio de tantos deleites, entregando-se totalmente a Deus, dando-lhe também os seus peitos, isto é, sua vontade e amor, experimenta, então, e percebe no seu íntimo, o mesmo que sentia a Esposa nos *Cantares* quando falava assim ao Esposo: "Eu sou para meu Amado e meu

Amado para mim se volta. Vem, Amado meu, saiamos ao campo, moremos nas quintas. Levantemo-nos de manhã para ir às vinhas, vejamos se a vinha já deu flor; se as flores produzem fruto; se as romãs já floresceram. Ali te darei meus peitos" (Ct 7,10-13). Como a dizer: empregarei os deleites e força de minha vontade a serviço de teu amor. Assim é que se realizam estas duas entregas, da alma e de Deus nesta união; e, por isto, a mesma alma as refere na canção seguinte, dizendo:

Canção XXVII

Ali me abriu seu peito
E ciência me ensinou mui deleitosa;
E a ele, em dom perfeito,
Me dei, sem deixar coisa,
E então lhe prometi ser sua esposa.

EXPLICAÇÃO

3. Nesta canção, a Esposa relata a entrega que houve de ambas as partes, — isto é, dela e de Deus, — neste desposório espiritual. Diz como na adega interior se uniram os dois; o Amado a ela se comunicou, abrindo-lhe o peito de seu amor livremente, ensinando-lhe os segredos de sua sabedoria; e a alma se entregou a ele de modo total, em dom perfeito e inteiro, sem reservar coisa alguma para si ou para outrem, tendo-se agora por toda sua para sempre. Segue-se o verso:

Ali me abriu seu peito

4. Abrir o peito de um ao outro significa dar o amor e amizade mutuamente, descobrindo um ao outro seus próprios segredos como de amigo a amigo. Assim, em

dizer a alma que o Esposo lhe abriu ali seu peito quer mostrar como lhe comunicou seu amor e seus segredos; é isto o que Deus faz à alma neste estado de união. Mais adiante, continua ela a dizer no verso seguinte:

E ciência me ensinou mui deleitosa

5. A ciência deleitosa que a alma refere ter aprendido aqui é a teologia mística, ciência secreta de Deus, — chamada, pelos espirituais, de contemplação, — a qual é mui saborosa, por ser ciência de amor, cujo mestre é o próprio amor donde lhe vem todo o deleite. Deus comunica esta ciência ou inteligência à alma, no amor com que ele mesmo se dá; causa deleite ao entendimento, pois, como ciência, a ele pertence; e, ao mesmo tempo, traz gozo à vontade, por ser ciência de amor, o qual é próprio da vontade. E acrescenta logo:

E a ele, em dom perfeito,
Me dei, sem deixar coisa

6. Naquela suave bebida de Deus, em que, como dissemos, se embebe a alma no próprio Deus, com toda a sua vontade e com grande suavidade entrega-se ela toda a ele para sempre, querendo ser toda sua, e não ter em si mesma coisa estranha de Deus. Por sua vez, Deus produz na alma, mediante esta união, a perfeição e pureza para isto necessárias, porquanto transforma a alma nele, e a faz totalmente sua, tirando-lhe tudo que nela havia alheio a Deus. Em conseqüência, não somente segundo a vontade, mas também por obra, fica a alma, de fato, dada de todo a Deus, em dom perfeito, assim como Deus se deu livremente a ela. Pagam-se agora aquelas duas vontades, entregues e satisfeitas entre si, de modo que nada mais há de faltar, da parte de uma e de outra, em fidelidade e firmeza de desposório. Por esta razão, continua a alma, dizendo:

E então lhe prometi ser sua esposa

7. Assim como a desposada não dá a outro que não seja o Esposo todo o seu amor, sua atenção e suas obras, assim a alma, neste estado, já não tem afetos de vontade, nem notícias de entendimento, nem outra qualquer solicitude ou atividade, que não seja para seu Deus, ao qual tendem todos os seus desejos. Está agora como divina, toda endeusada, a ponto de nem mais sentir primeiros movimentos para coisa alguma que seja contra a vontade de Deus, em tudo quanto pode entender. A alma imperfeita ordinariamente costuma sentir, ao menos por primeiros movimentos, inclinação para o mal, segundo o entendimento, vontade e memória, bem como em seus apetites e imperfeições; mas a alma no estado de união aqui referido sempre se move e inclina para Deus, mesmo nesses primeiros movimentos, pela grande firmeza e ajuda que acha nele, já em perfeita conversão ao bem. Tudo isto foi acertadamente expresso por Davi, quando assim falou de sua própria alma neste estado: "Porventura a minha alma não estará sujeita a Deus? Sim, pois que dele me vem a salvação. Porquanto ele é meu Deus, meu salvador e meu recebedor, não vacilarei jamais" (Sl 61,2). Nesta palavra "recebedor", dá a entender como, por estar sua alma toda recebida por Deus e unida a ele, — como esta de que falamos, — não havia de ter mais movimento algum contrário a Deus.

8. De tudo quanto dissemos se colige claramente que a alma chegada ao estado de desposório espiritual não sabe outra coisa a não ser amar, e andar sempre em deleites de amor com o Esposo. Como atingiu a perfeição, cuja forma e ser é o amor, segundo a palavra de São Paulo (Cl 3,14), e quanto mais alguém ama, tanto mais é perfeito naquilo que ama, logo esta alma já perfeita é toda amor, se assim podemos dizer, e todas as suas ações são amor; todas as suas potências, e enfim, todo o seu cabedal, emprega no amor, dando

tudo quanto possui, como o sábio mercador do Evangelho (Mt 13,46), por este tesouro de amor que achou escondido em Deus. É ele tão precioso aos olhos do Senhor, e tão bem vê a alma como o Amado nenhuma coisa aprecia, nem de nada se serve, fora do amor, que ela em seu desejo de o servir com perfeição, tudo emprega unicamente no puro amor de Deus. Não o faz só pelo fato de o querer Deus assim, mas também porque o amor que a une ao Amado move-a em tudo, e por meio de todas as coisas, ao mesmo amor de Deus. À semelhança da abelha que suga o mel contido nas flores, e delas não se serve para outro fim, do mesmo modo a alma, agora, em tudo quando lhe acontece, com grande facilidade tira a doçura de amor ali encerrada. Ocupa-se toda em amar a Deus através de tudo, vendo-se agora penetrada e amparada pelo amor, como o está, não é capaz de entender, sentir e distinguir o que lhe traz gozo ou pena, porque não sabe outra coisa senão amor. Em todas as coisas, e em tudo quanto trata, seu único gozo é o deleite do amor divino. Para dar uma idéia disto, canta a seguinte Canção.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Dissemos que Deus não se serve de outra coisa a não ser do amor; antes, porém, de entrar no desenvolvimento desta verdade, será bom dar aqui a razão dela, que é a seguinte: Todas as nossas obras, bem como todos os nossos trabalhos, por maiores que sejam, nada são diante de Deus, porque com eles nada podemos oferecer a Deus, nem chegamos a cumprir seu único desejo: o de exaltar a alma. Nada deseja ele para si de tudo quanto fazemos ou sofremos, pois de nada precisa; e se de alguma coisa é servido é de que a alma seja engrandecida. Ora, não há maior grandeza para a alma do que ser igualada a Deus. Por isto, ele se serve somente do amor da alma, pois é próprio do amor igualar o que ama com o objeto amado. Como a alma

já possui, enfim, perfeito amor, é chamada Esposa do Filho de Deus; este nome significa essa igualdade que tem agora com ele, — igualdade de amizade que torna tudo comum entre o dois, conforme a palavra do mesmo Esposo aos discípulos: "já vos chamei amigos, porque vos dei a conhecer tudo aquilo que ouvi de meu Pai" (Jo 15,15). Diz assim a Canção:

Canção XXVIII

Minha alma se há votado,
Com meu cabedal todo, a seu serviço;
Já não guardo mais gado,
Nem mais tenho outro ofício,
Que só amar é já meu exercício.

EXPLICAÇÃO

2. A alma, ou, dizendo melhor, a Esposa, depois de ter dito na Canção passada como se deu toda ao Esposo sem reservar nada para si, exprime agora na canção presente o modo e plano de realizar a sua doação. Consiste em ter-se votado, de corpo e alma, com todas as potências e disposições, somente às coisas que são do serviço de seu Esposo, e a nenhuma outra mais. Por tal motivo, já não anda buscando seu próprio lucro, nem seus gostos particulares; tampouco se ocupa em outros objetos ou tratos estranhos e alheios a Deus. E ainda com o mesmo Deus, já não tem outro estilo nem modo de tratar a não ser exercício de amor, pois mudou e trocou definitivamente em amor tudo quanto fazia antes, conforme se dirá agora.

Minha alma se há votado

3. Em dizer isto, significa a entrega feita de si ao Amado naquela união de amor. Aí sua alma com todas

as potências ficou entregue e dedicada ao serviço dele: o entendimento, ocupando-se em compreender aquilo em que poderá servir ao Amado, a fim de o fazer; a vontade, em amar tudo o que agrada a Deus, afeiçoando-se em todas as coisas à vontade dele; a memória, com solicitude no que é do seu serviço e mais lhe agrada. E acrescenta:

Com meu cabedal todo a seu serviço

4. Por todo seu cabedal é aqui compreendido tudo quanto pertence à parte sensitiva da alma. Nela se inclui o corpo com todos os sentidos e potências, interiores e exteriores, e toda a sua habilidade natural, isto é, as quatro paixões, bem como as inclinações da natureza e o mais que a alma possui. Tudo isto, afirma, já está empregado no serviço de seu Amado, assim como o está a parte racional e espiritual de que se falou no verso precedente. De fato, agora o corpo, em todos os seus sentidos interiores e exteriores, é tratado segundo a vontade de Deus, dirigindo para ele todas as suas operações; as quatro paixões também estão submissas a Deus, pois a alma não se goza em outra coisa a não ser nele; não tem esperança alguma fora de Deus, nada teme a não ser a Deus e não sofre senão conforme o querer divino, enfim, todas as suas inclinações e cuidados tendem unicamente a Deus.

5. Todo este cabedal se acha tão inteiramente votado e dirigido a Deus, que, mesmo sem advertência da alma, as diversas partes que o compõem, logo nos primeiros movimentos já se inclinam a agir em Deus e por Deus; o entendimento, a vontade e a memória se elevam para ele imediatamente em suas operações, enquanto os afetos e sentidos, desejos e apetites, bem como a esperança, o gozo, — e enfim tudo o mais, — logo no primeiro instante tendem para Deus, mesmo quando a alma, torno a dizer, não se lembra de que está agindo por ele. Conseqüentemente, com muita freqüência faz suas ações

para Deus, ocupando-se com ele em obras de seu serviço, sem pensar nem lembrar-se de que o faz por ele. O hábito e costume já adquirido de assim agir faz com que ela não tenha mais necessidade dessa atenção e cuidado, e nem mesmo dos atos fervorosos que fazia anteriormente ao começar suas obras. Porquanto este caudal já está assim votado a Deus do modo referido, necessariamente há de achar-se também a alma na disposição que exprime no verso seguinte por estes termos:

Já não guardo mais gado

6. É como se dissesse: não ando mais a seguir meus gostos e inclinações. Uma vez que a alma os pôs em Deus, pela doação feita a ele, não mais os apascenta nem os guarda para si mesma. E não se limita a dizer que não guarda mais este rebanho, mas acrescenta ainda:

Nem mais tenho outro ofício

7. Antes de chegar a fazer esta entrega e dom de si, com todo o seu cabedal, ao Amado, costuma a alma ter muitos ofícios inúteis, os quais lhe servem para contentar suas inclinações e também as alheias. Tantos eram esses ofícios, podemos afirmar, quantos hábitos imperfeitos possuía. Consistiam, por exemplo, em dizer palavras inúteis e pensar e ocupar-se em coisas vãs, não se servindo de suas faculdades conforme à perfeição da alma. Ainda existem outros apetites, por meio dos quais a alma satisfaz as inclinações de outrem: ostentações, cumprimentos, adulações, respeito humano, atitudes para dar boa impressão ou ações feitas com o fim de agradar às pessoas, e mais outras muitas coisas inúteis com que procurava cativar simpatias; em tudo isto se emprega a solicitude, o desejo, a atividade, e, finalmente, todo o cabedal da mesma alma. Agora, já não mais tem esses ofícios, porque doravante todas as suas palavras, pensa-

mentos e obras são de Deus, orientadas para ele, sem mistura daquelas imperfeições antigas. Assim, quer a alma dizer: já não procuro satisfazer meus apetites ou os alheios, nem me ocupo ou entretenho com passatempos inúteis ou coisas do mundo,

Que só amar é já meu exercício

8. Como se dissesse: todos esses ofícios estão empregados no exercício do amor de Deus, isto é, toda a capacidade de alma e corpo, memória, entendimento e vontade, sentidos interiores e exteriores, inclinações da parte sensitiva e da espiritual, tudo agora se move só por amor e no amor; tudo quanto faço é com amor, e tudo quanto padeço é com o gosto do amor. Isto quis dar a entender Davi quando disse: "Guardarei para ti a minha fortaleza" (Sl 58,10).

9. Observemos, aqui, como, em chegando a alma a este estado, todo o exercício da parte espiritual ou da sensitiva, quer se trate de agir ou de sofrer, de qualquer modo que seja, sempre lhe causa maior amor e deleite em Deus. Até o próprio exercício de oração e trato com Deus, que outrora costumava alimentar por considerações ou métodos, agora é somente exercício de amor. Quer se ocupe em coisas temporais, ou se aplique às espirituais, sempre esta alma pode dizer que só amar é já seu exercício.

10. Ditosa vida! Ditoso estado, e ditosa a alma que a ele chega! Tudo agora lhe é substância de amor, regalo e deleite de desposório, no qual verdadeiramente pode a esposa dizer ao Esposo aquelas palavras de puro amor, expressa nos *Cantares*: "Guardei para ti, Amado meu, todos os frutos, novos e velhos" (Ct 7,13). Como se dissesse: Amado meu, tudo quanto é áspero e trabalhoso quero por teu amor; e tudo quanto há de suave e saboroso quero para ti. A significação própria deste verso consiste, porém, em declarar que a alma, no estado de

desposório espiritual, vive em contínua união no amor de Deus, isto é, tem a sua vontade sempre presente diante de Deus por amor.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Verdadeiramente esta alma está perdida para todas as coisas e conquistada só pelo Amor, não mais ocupando o espírito em outra coisa. Por tal razão, ainda mesmo na vida ativa e em outros exercícios exteriores desfalece, a fim de dar-se deveras ao cumprimento da única coisa que o Esposo declarou ser necessária (Lc 10,42): a permanência e o contínuo exercício de amor em Deus. Esta atitude é tão prezada e estimada por ele, que repreendeu Marta por ter querido apartar de seus pés Maria para ocupá-la em obras de vida ativa, ao serviço do Senhor. Julgava Marta que ela própria era quem fazia tudo, e Maria nada, estando só a gozar do Mestre, quando na verdade se dava o contrário, pois não há obra melhor nem mais necessária do que o amor. Assim também nos *Cantares*, o Esposo defende a Esposa, conjurando todas as criaturas do mundo — ali compreendidas pelo vocábulo de "filhas de Jerusalém" — a que não a perturbem em seu sono espiritual de amor, nem a despertem ou lhe abram os olhos a outra coisa, até que ela o queira (Ct 3,5).

2. Notemos aqui o seguinte: enquanto a alma não chega ao perfeito estado de união de amor, convém exercitar-se no amor tanto na vida ativa como na vida contemplativa; mas quando a ele chega, não lhe é mais oportuno ocupar-se em obras e exercícios exteriores, — sejam mesmo de grande serviço do Senhor, que possam no mínimo ponto impedir aquela permanência de amor em Deus. Na verdade, é mais precioso diante dele e da alma um pouquinho desse puro amor, e de maior proveito para a Igreja, embora pareça nada fazer a alma, do que todas as demais obras juntas. Em razão disto

Maria Madalena, ainda que com sua pregação fizesse grande proveito, e ainda maior o pudera fazer depois, contudo, inflamada pelo grande desejo de agradar ao Esposo e ser útil à Igreja, escondeu-se no deserto trinta anos, a fim de entregar-se deveras ao seu amor, persuadida de ser o lucro, deste modo, muito maior em todos os sentidos, pelo muito que aproveita e importa à Igreja um pouquinho deste amor.

3. Se alguma alma, portanto, tivesse algo deste solitário amor, seria grande agravo tanto para ela como também para a Igreja querer ocupá-la, ainda por tempo limitado, em coisas exteriores ou ativas, mesmo sendo estas de notável importância. Com efeito, se Deus conjura a todos para que não a despertem desse amor, quem ousará atrever-se sem ser por ele repreendido? Afinal de contas, é este amor o fim para o qual fomos criados. Considerem aqui os que são muito ativos, e pensam abarcar o mundo com suas pregações e obras exteriores: bem maior proveito fariam à Igreja, e maior satisfação dariam a Deus — além do bom exemplo que proporcionariam de si mesmos, — se gastassem ao menos a metade do tempo empregado nessas boas obras, em permanecer com Deus na oração, embora não houvessem atingido grau tão elevado como esta alma de que falamos. Muito mais haviam de fazer, não há dúvida, e com menor trabalho, numa só obra, então, do que em mil, pelo merecimento de sua oração na qual teriam adquirido forças espirituais. Do contrário, tudo é martelar, fazendo pouco mais que nada, e às vezes nada, e até prejuízo. Deus nos livre de que o sal comece a perder o sabor! Neste caso, quando mais parece que se faz alguma coisa exteriormente, em substância nada se faz, pois, é certo, as boas obras não podem ser realizadas senão por virtude de Deus.

4. Oh! quanto se poderia escrever aqui sobre este assunto! Mas não é próprio deste lugar. Disse isto somente para dar a entender a canção seguinte, na qual a alma responde por si a quantos lhe impugnam este

santo ócio, querendo que tudo sejam obras que brilhem e deslumbrem os olhos exteriormente. Não entendem esses qual a fonte e raiz oculta, donde brota a água e procede todo fruto. Assim diz a Canção:

Canção XXIX

Se agora, em meio à praça,
Já não for mais eu vista, nem achada,
Direis que me hei perdido,
E, andando enamorada,
Perdidiça me fiz e fui ganhada.

EXPLICAÇÃO

5. Nesta canção a alma responde a uma repreensão tácita da parte dos mundanos, os quais têm costume de reparar naqueles que se dão verdadeiramente a Deus, tachando-os de exagerados, por causa da abstração e recolhimento em seu modo de proceder, achando também que eles são inúteis para as grandes obras, e perdidos para aquilo que o mundo aprecia e estima. A tal censura esta alma mui cabalmente satisfaz, aqui, afrontando com muita ousadia e coragem não só isto que lhe imputam, mas ainda a tudo mais quanto possa o mundo censurar-lhe; porque, tendo chegado ao vivo do amor de Deus, todo o resto lhe importa pouco. Aliás, a própria alma se empenha em confessá-lo nesta canção, dizendo que se preza e gloria de haver caído nesses excessos, e de se ter perdido ao mundo e a si mesma por amor de seu Amado. E, assim, dirigindo-se aos mundanos, faz questão de lhes dizer: se não a vêem mais como outrora no meio deles, ocupada em afazeres e passatempos do mundo, podem afirmar e crer que ela, de fato, está perdida para eles e afastada de sua convivência. E considera isto tão grande bem, que quis perder-se por sua própria vontade, para ir à procura

de seu Amado de quem anda muito enamorada. Com o fim de mostrar-lhes a vantagem que a ela trouxe tal perda, e não julguem ser loucura e engano, diz que essa mesma perda foi o seu lucro, e, por isso, propositadamente deixou-se perder.

Se agora, em meio à praça,
Já não for mais eu vista, nem achada

6. Por este nome de praça é ordinariamente chamado o lugar público onde o povo costuma reunir-se para seus divertimentos e recreações, e no qual também os pastores apascentam seus rebanhos; assim, esta praça, de que fala aqui a alma, significa o mundo, onde aqueles que o seguem têm seus passatempos e reuniões, apascentando então os rebanhos de seus apetites. Diz, portanto, a esses mundanos que, se não for mais vista nem achada no meio da praça, como acontecia antes de se ter entregue totalmente a Deus, tenham-na por perdida a este respeito, e que o proclamem, pois com isto muito se alegra, querendo que assim o façam, e ela mesma o confirma dizendo:

Direis que me hei perdido

7. Não se afronta perante o mundo a alma que ama, quanto às obras feitas por amor de Deus, nem as esconde com vergonha, ainda que o mundo inteiro haja de condená-las. Na verdade, quem tem vergonha, diante dos homens, de confessar o Filho de Deus, deixando de fazer as obras do seu serviço, o próprio Filho de Deus se envergonhará de o confessar diante de seu Pai, segundo diz ele por São Lucas (Lc 9,26). A alma, portanto, com intrepidez de amor antes se preza de que todos vejam o grande feito que realizou, para a glória de seu Amado, em perder-se a todas as coisas do mundo, e esta é a razão de exclamar: Direis que estou perdida.

8. Tão perfeita ousadia e determinação nas obras poucos espirituais alcançam. Sem dúvida, há alguns que agem deste modo, e procedem assim, e chegam a ter-se em conta de muito adiantados nisso; todavia, jamais acabam de se perder em certas coisas do mundo ou da natureza a ponto de fazerem as obras perfeitas e em total desprendimento, por amor de Cristo, e sem preocupação do que se há de dizer ou como as hão de julgar. Estes tais não poderão dizer: direis que me hei perdido; porque não estão perdidos a si mesmos em suas ações. Têm ainda vergonha de confessar a Cristo por obra diante dos homens, e deixam-se levar pelo respeito humano; não vivem ainda verdadeiramente em Cristo.

E, andando enamorada,

9. Isto é, andando a praticar as virtudes, enamorada de Deus,

Perdidiça me fiz e fui ganhada

10. Conhecendo bem a alma aquelas palavras com que o Esposo, no Evangelho, afirma não ser possível a alguém servir a dois senhores, pois, para servir a um, forçosamente há de faltar a outro (Mt 6,24), declara agora como, para não faltar a Deus, faltou a tudo quanto não é ele; abandonou todas as coisas e deixou-se a si mesma, perdendo-se a tudo por seu amor. Quem anda deveras enamorado, logo se deixa perder a todo o resto a fim de achar-se com maior vantagem no objeto de seu amor. Assim a alma diz aqui que voluntariamente se fez perdidiça, deixando-se, de indústria, perder. E isto de duas maneiras: a si mesma, não mais fazendo caso de sua pessoa em coisa alguma, para considerar somente o Amado a quem se entregou de graça, sem qualquer interesse, tornando-se perdidiça para si mesma, e não querendo buscar seu próprio lucro em nada mais; e a

todas as coisas, pois não faz mais caso das que lhe concernem, e sim unicamente das que dizem respeito a seu Amado. Eis o que significa fazer-se perdidiça: ter vontade de ser ganhada.

11. Tal é a alma que está enamorada de Deus. Não pretende vantagem ou prêmio algum a não ser perder tudo e a si mesma, voluntariamente, por Deus, e nisto encontra todo o seu lucro. E na verdade assim é, conforme diz São Paulo: "O morrer é lucro" (Fl 1,21); isto é, para mim, morrer por Cristo, é meu lucro espiritual em todas as coisas e para mim mesmo. Este é o motivo de dizer a alma: fui ganhada; pois quem não sabe perder-se a si mesmo não sabe achar seu ganho, mas antes se perde, como diz Nosso Senhor no Evangelho: "O que quiser salvar sua alma, perdê-la-á e o que perder sua alma por amor de mim, achá-la-á" (Mt 16,25). Se quisermos entender este verso mais espiritualmente e com maior relação ao nosso assunto, precisamos saber o seguinte. Quando uma alma, no caminho espiritual, chegou a ponto de perder-se a todas as vias e modos naturais de proceder em suas relações com Deus, e não mais o busca por meio de considerações, ou formas, ou sentimentos, ou quaisquer outros intermediários de criatura ou sentidos, mas ultrapassou tudo isto, bem como toda a sua maneira pessoal, tratando com Deus e dele gozando puramente em fé e amor, então podemos dizer que, na verdade, esta alma ganhou a seu Deus; porque está verdadeiramente perdida a tudo quanto não é ele, e a tudo quanto ela é em si mesma.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Estando, pois, a alma assim ganhada por Deus, todas as suas obras lhe trazem proveito; porque toda a força de suas potências converge agora no trato espiritual de amor muito saboroso e íntimo, com o seu Amado. Nesse trato, as comunicações interiores entre

Deus e a alma são impregnadas de tão delicado e sublime deleite, que não há língua mortal que o possa exprimir, nem entendimento humano capaz de o entender. Como a noiva no dia de suas núpcias não se ocupa em outra coisa a não ser em festas e delícias de amor e em ostentar todas as suas jóias e prendas para com elas agradar ao Esposo, e este, de sua parte, faz o mesmo, mostrando-lhe todas as suas riquezas e excelências a fim de causar-lhe alegria e consolação, assim também sucede à alma neste desposório espiritual onde sente com toda a verdade o que a Esposa diz nos *Cantares*: "Eu sou para meu Amado, e o meu Amado para mim se volta" (Ct 7,10). As virtudes e prendas da alma esposa, bem como as magnificências e graças do Filho de Deus, seu Esposo, saem à luz, e são oferecidas em banquete para que se celebrem as bodas deste desposório; comunicam-se os bens e deleites de um a outro, com vinho de delicioso amor no Espírito Santo. Para manifestação disto, fala a alma com o Esposo nesta canção, dizendo:

Canção XXX

De flores e esmeraldas,
Pelas frescas manhãs bem escolhidas,
Faremos as grinaldas
Em teu amor floridas,
E num cabelo meu entretecidas.

EXPLICAÇÃO

2. Volve a Esposa, nesta canção, a falar com o Esposo, em comunicação e recreação de amor. Ocupa-se aqui em tratar do consolo e deleite que têm ambos, — a alma Esposa e o Filho de Deus, — na posse destas riquezas de virtudes e dons que lhes são comuns, e no exercício recíproco dessas mesmas virtudes, das quais

gozam mutuamente em comunicação de amor. Esta é a razão de dizer a alma, falando com o Esposo, que farão as grinaldas ricas em graças e virtudes adquiridas e ganhas em tempo propício e favorável. A beleza e encanto que encerram procede do amor que ele tem a ela; e são sustentadas e conservadas pelo amor que ela dedica a ele. Fazer as grinaldas com as virtudes significa, para a alma, gozar das mesmas virtudes; porque de todas elas juntas, como de flores em grinaldas, gozam ambos entre si, nesse amor mútuo que os une.

De flores e esmeraldas

3. As flores são as virtudes da alma, e as esmeraldas são os dons que recebe de Deus. Destas flores e esmeraldas, portanto,

Pelas frescas manhãs bem escolhidas,

4. Isto é, adquiridas e conquistadas nos anos da juventude, que são as frescas manhãs da vida. Bem escolhidas: as virtudes que se adquirem no tempo da mocidade são de escol e muito aceitas a Deus justamente por serem desse tempo de juventude, quando há maior contradição da parte dos vícios para adquiri-las, e a natureza se sente mais inclinada e pronta para perdê-las. E, também, as virtudes, quando são colhidas desde os anos da mocidade, se adquirem com maior perfeição e, portanto, são mais escolhidas. A alma dá o nome de frescas manhãs a esses tempos de juventude, porque assim como o frescor da manhã na primavera é mais ameno do que as outras horas do dia, assim as virtudes praticadas na juventude são mais agradáveis a Deus. Podemos ainda simbolizar, nas frescas manhãs, os atos de amor com os quais se adquirem as virtudes; causam eles maior prazer a Deus do que as frescas manhãs aos filhos dos homens.

5. São significadas igualmente por estas frescas manhãs as obras feitas na secura e dificuldade de espírito, e então se comparam à frescura das manhãs de inverno. Tais obras, feitas por amor de Deus, com dificuldade e falta de gosto sensível, são muito apreciadas por ele, porque oferecem à alma ocasião propícia para adquirir dons e virtudes. De fato, as que se adquirem, desta sorte e com trabalho, geralmente são mais escolhidas e esmeradas, e bem mais firmes do que as adquiridas somente com o gosto e deleite do espírito; pois a virtude praticada na secura, dificuldade e trabalho, lança raízes, segundo a palavra do Senhor a São Paulo: "A virtude se aperfeiçoa na fraqueza" (2Cor 12,9). Para encarecer, portanto, a excelência das virtudes com as quais se hão de tecer as grinaldas para o Amado, a alma se exprime muito bem nestas palavras: pelas frescas manhãs bem escolhidas. Na verdade o Amado só se compraz em flores e esmeraldas de virtudes e dons bem escolhidos e perfeitos, e não em virtudes imperfeitas. Eis a razão de dizer agora a alma Esposa que, para seu Esposo, daquelas virtudes e dons,

Faremos as grinaldas

6. Para compreensão deste verso, é preciso saber que todas as virtudes e dons, possuídos conjuntamente pela alma e Deus, estão nela como uma grinalda de várias flores, a qual a embeleza admiravelmente, como veste preciosa de cores variegadas. Para melhor o entender, observemos como as flores materiais vão sendo colhidas, a fim de ser feita com elas a grinalda; do mesmo modo as flores espirituais, que são as virtudes e dons, à proporção que se adquirem, se vão fixando na alma. Uma vez adquiridas, está completamente feita a grinalda da perfeição em que a alma e o Esposo se deleitam, aformoseados e ornados com esta grinalda, como efetivamente sucede no estado perfeito. São estas as grinaldas que, segundo diz a Esposa, hão de fazer: envolver-se

e cercar-se destas variadas flores de virtudes, e das esmeraldas de dons perfeitos, a fim de apresentar-se dignamente, com tão precioso e belo adorno, perante a face do Rei, e merecer que ele a iguale consigo, pondo-a a seu lado como Rainha, pois já o merece agora, com a formosura desta variedade. Daí vêm as palavras de Davi, falando com Cristo, a este respeito: "A Rainha está à tua destra, com manto de ouro, cercada de variedade" (Sl 44,10). É como se dissesse: está à tua direita, vestida de perfeito amor, cercada desta variedade de dons e de virtudes perfeitas. Não diz: farei somente eu as grinaldas, nem tu as farás a sós, mas havemos de fazê-las ambos juntos. A razão disto é que não pode a alma praticar as virtudes ou alcançá-las sozinha, sem a ajuda de Deus; e por sua vez, Deus não as concede à alma sozinho, sem a cooperação dela. Embora seja verdade que toda dádiva boa e todo dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, conforme diz São Tiago (Tg 1,17), contudo, não se pode alcançar graça alguma sem a capacidade de cooperação da alma que a recebe. Por este motivo, falando a Esposa nos *Cantares* ao Esposo, assim se exprime: "Atrai-me; após ti correremos" (Ct 1,3). O movimento para o bem, portanto, há de vir somente de Deus, segundo é dado a entender nessas palavras; mas o correr não é só dele nem só da alma, e sim de ambos juntos, significando a ação de Deus e da alma conjuntamente.

7. Este versinho se aplica com muita propriedade à Igreja e a Cristo, e nele é a Igreja sua Esposa que lhe diz assim: faremos as grinaldas. Nestas são significadas todas as almas santas, geradas por Cristo na Igreja; cada uma é como uma grinalda, ornada de flores de virtudes e dons, e todas juntas formam como uma grinalda para a cabeça do Esposo, Cristo. Podemos também entender por estas formosas grinaldas, as que por outro nome se chamam auréolas, feitas igualmente em Cristo e na Igreja, e são de três qualidades: a primeira, de lindas e níveas flores, que são todas as almas virgens,

cada uma com a sua auréola de virgindade, as quais, unidas juntamente, serão uma só auréola para coroar o Esposo Cristo; a segunda, de resplandecentes flores, formada pelos santos doutores, os quais todos unidos formam outra auréola para sobrepor à das virgens, na cabeça de Cristo; a terceira, de rubros cravos que são os mártires, cada um, também, com sua auréola de mártir, e todos, reunidos em conjunto, tecerão a auréola para completar a do Esposo Cristo; e, assim, com essas três grinaldas ficará ele tão aformoseado e gracioso à vista, que no céu serão ditas as palavras da Esposa dos *Cantares*: "Saí, filhas de Sião, e vede o Rei Salomão com o diadema com que o coroou sua mãe no dia de seu casamento e no dia do júbilo de seu coração" (Ct 3,11). Faremos, pois, estas grinaldas, exclama a alma:

Em teu amor floridas

8. A flor que desabrocha das obras e virtudes é a graça e virtude que elas recebem do amor de Deus, sem o qual não somente deixariam de estar floridas, mas permaneceriam secas e sem valor algum diante de Deus, embora humanamente perfeitas. Como, porém, o Esposo lhes dá seu amor e graça, tornam-se floridas, neste amor, as obras e virtudes,

E num cabelo meu entretecidas

9. Neste cabelo seu, a alma simboliza a sua vontade, e o amor que dedica ao Amado. O ofício que tem e exercita aqui este amor é o mesmo do fio na grinalda, o qual une e entrelaça as flores para tecê-la; assim o amor da alma prende e entretece as virtudes, sustentando-as nela; porque a caridade, no dizer de São Paulo, é o vínculo e laço da perfeição (Cl 3,14). Deste modo, no amor da alma estão as virtudes e dons sobrenaturais

tão necessariamente presos que, se houvesse nele quebra, por motivo de faltar a alma a Deus, logo se desatariam todas as virtudes e ficaria a mesma alma sem elas, assim como partido o fio da grinalda cairiam as flores. Não basta, pois, que Deus nos ame para dar-nos virtudes; é preciso que de nossa parte também o amemos, a fim de recebê-las e conservá-las. Diz a alma: num só cabelo, e não em muitos, para mostrar que sua vontade já está solitária e desprendida de todos os outros cabelos, isto é, de estranhos e alheios amores. Nisso encarece bem o valor e preço destas grinaldas de virtudes; pois quando o amor está sólido e concentrado só em Deus, segundo a alma diz agora, as virtudes estão igualmente perfeitas e completas, e muito floridas no amor de Deus. Torna-se então inestimável à alma, esse amor divino, conforme ela mesma também o sente.

10. Se eu quisesse, porém, dar a entender a formosura deste entretecimento em que se unem, umas às outras, todas estas flores de virtudes, e estas esmeraldas de graças, ou se intentasse descrever algo da fortaleza e majestade que a sua ordem e harmonia põem na alma, bem como o primor e encanto com que a enfeita esta veste de variedade, não me seria possível achar palavras e termos com que o pudesse exprimir. No livro de Jó, o Senhor assim diz do demônio: "O seu corpo é como escudos de bronze fundido, apinhoados de escamas que se apertam. Uma está unida à outra, de sorte que nem o vento passa por entre elas" (Jó 41,67). Se o demônio, pois, tem em si tão grande fortaleza, estando revestido de maldades presas e ordenadas umas com as outras, — significadas aqui pelas escamas, — a ponto de ficar o seu corpo como se fosse de escudos de bronze fundido, e, no entanto, todas as maldades são em si fraquezas, como será então a fortaleza desta alma, sendo verdade que ela se acha toda revestida de fortes virtudes, tão presas e entretecidas entre si, que não pode caber entre elas qualquer imperfeição ou fealdade? E se cada uma dessas virtudes vem ainda, com sua própria

fortaleza, aumentar a fortaleza da alma, e com sua formosura, acrescentar-lhe mais formosura, tornando-a rica com o valor e preço que lhes é próprio, e também conferindo a ela senhorio e grandeza com sua majestade? Que visão maravilhosa aos olhos do espírito, a desta alma Esposa, colocada com todos estes dons, à direita do Rei, seu Esposo! "Quão belos são os teus pés, no calçado que trazes, ó filha do Príncipe!", eis como lhe fala o Esposo nos *Cantares* (Ct 7,1). Chama-a "filha do Príncipe", para manifestar o principado que a alma tem agora. E se ele admira a beleza dos pés no calçado, qual não será a do vestido?

11. Não se limita o Amado somente a admirar a formosura da Esposa, quando a vê ornada com estas flores; também se espanta da fortaleza e poder que ela possui, pela composição e ordem das virtudes, às quais se entrelaçam as esmeraldas dos inumeráveis dons divinos. Por esta razão, diz ele no mesmo livro dos *Cantares*, falando à Esposa: "És terrível como um exército em ordem de batalha" (Ct 6,3). Na verdade, estas virtudes e dons de Deus, assim como recreiam e alegram pelo seu espiritual olor, assim igualmente com a sua substância dão força à alma, nela estando deste modo unidos. Quando a Esposa estava fraca e enferma de amor, por não haver conseguido ainda unir e entrelaçar estas flores e esmeraldas com esse cabelo de seu amor, desejava fortalecer-se com essa união e conjunto delas, e por isto suplicava ao Esposo com estas palavras que lemos no livro dos *Cantares*: "Confortai-me com flores, fortalecei-me com frutos, porque desfaleço de amor" (Ct 2,5). Pelas flores, simbolizava as virtudes, e pelos frutos, os demais dons divinos.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Creio ter explicado como pelo entrelaçamento das grinaldas, e colocação delas na alma, quer a Esposa dar a entender a divina união de amor que há neste estado,

entre ela e Deus. Estas flores são o próprio Esposo, pois, segundo nos diz, é ele a flor dos campos e o lírio dos vales (Ct 2,1). E o que prende e une à alma esta flor das flores é o cabelo do seu amor; porque, como afirma o Apóstolo, o amor é o vínculo da perfeição, (Cl 3,14), a qual consiste na união com Deus. A alma é como a almofada onde se pregam estas grinaldas; de fato, ela é o receptáculo desta glória, e não parece mais a que era antes; transforma-se agora na própria flor perfeita, encerrando o acabamento e formosura de todas as flores. Na verdade, este fio de amor une os dois, isto é, a alma e Deus, com tanta força, e tão intimamente os junta, que os transforma, faz um só pelo amor, pois, embora sejam diferentes quanto à substância, tornam-se iguais na glória e semelhança, de modo que a alma parece Deus, e Deus, a alma.

2. Tal é esta junção, mais admirável do que tudo quanto se possa dizer. Dela, algo podemos compreender pelo trecho da Sagrada Escritura referente a Jônatas e Davi, no primeiro livro de Samuel, onde lemos era tão estreito o amor entre um e outro, que conglutinou a alma de Jônatas com a de Davi (1Sm 18,1). Ora, se o amor de um homem para com outro homem foi tão forte a ponto de conglutinar suas almas, qual não será a fusão entre a alma e o Esposo Deus, operada pelo amor que tem ela a ele? Mormente, sendo Deus aqui o principal amante, que com a onipotência de seu abissal amor aborve em si a alma, com mais eficácia e força do que uma torrente de fogo a uma gota de orvalho matutino a evolar-se na atmosfera, transformada em vapor? Conseqüentemente, este cabelo, que realiza união tão perfeita, deve, sem dúvida, ser muito resistente e sutil para penetrar com tanta força as duas partes por ele unidas. Eis por que a alma descreve, na canção seguinte, as propriedades deste cabelo seu, tão formoso, dizendo:

Canção XXXI

Só naquele cabelo
Que em meu colo a voar consideraste,
— Ao vê-lo no meu colo, —
Nele preso ficaste,
E num só de meus olhos te chagaste.

EXPLICAÇÃO

3. Três coisas quer dizer a alma nesta canção. A primeira é manifestar como o amor em que estão presas as virtudes não é outro senão unicamente o amor forte; e verdadeiramente, tal há de ser, para conservá-las. A segunda é declarar que Deus se agradou muito deste cabelo de amor, ao vê-lo sozinho e forte. A terceira é dizer que o mesmo Deus se enamorou intensamente dela, olhando a pureza e integridade de sua fé. A alma assim se exprime:

Só naquele cabelo
Que em meu colo a voar consideraste

4. O colo significa a fortaleza, na qual voava, diz a alma, este cabelo do amor, isto é, amor forte, no qual estão entretecidas as virtudes. Não basta, com efeito, que este cabelo esteja sozinho, para conservar as virtudes; é preciso que seja também forte, a fim de não ser quebrado em parte alguma desta grinalda da perfeição, por qualquer vício contrário. Tão bem presas estão as virtudes em seu entrelaçamento neste cabelo de amor da alma, que, se em alguma delas quebrasse, logo, como já dissemos, faltaria a Deus em todas as outras; porque assim como onde está uma virtude estão todas, assim igualmente na falta de uma, faltam as demais. A alma declara que o cabelo voava no colo: porque é na fortaleza da alma que voa o seu amor para Deus com

grande força e ligeireza, sem deter-se em coisa alguma. O fio de cabelo sobre o colo põe-se a voar com o sopro da brisa; e o divino sopro do Espírito Santo move e agita amor forte para que alce seus vôos até Deus. Sem este divino sopro a mover as potências no exercício do amor de Deus, não podem as virtudes nem produzir seus efeitos, embora estejam na alma. Em declarar que o Amado considerou este cabelo a voar no colo, dá a entender quanto tem Deus em apreço o amor forte; porque considerar significa olhar com particular atenção e estima aquilo em que se repara. E o amor forte atrai poderosamente a Deus para que nele ponha os olhos. Segue-se, pois:

Ao vê-lo no meu colo

5. Assim diz para manifestar que não somente teve Deus em grande estima e apreço este seu amor, vendo-o solitário mas também que o amou ao vê-lo forte. Para Deus, olhar é amar, assim como o considerar consiste em estimar aquilo que considera. Torna a alma a repetir, neste verso, a palavra colo, dizendo, em relação ao cabelo: Ao vê-lo no meu colo. Assim diz porque a causa de o ter amado muito é vê-lo com fortaleza. É, pois, como se dissesse: Amaste-o, vendo-o forte, sem pusilanimidade, ou temor, e também sozinho, sem outro amor algum, voando com ligeireza e fervor.

6. Até agora Deus não havia olhado este cabelo para encantar-se dele, porque não o havia visto só e desprendido de outros cabelos, ou por assim dizer, de outros amores e apetites, afeições e gostos, e assim não voava solitário no colo da fortaleza; mas depois que, pelas mortificações e trabalhos, tentações e penitências, chegou a desprender-se e tornar-se forte, de modo a não mais quebrar-se por qualquer ocasião ou violência, então Deus o olhou, prendendo e unindo nele as flores dessas grinaldas, pois já tem fortaleza para sustentá-las firmes na alma.

7. Quais e como sejam as tentações e trabalhos, e até onde chegam na alma, para que ela possa alcançar esta fortaleza de amor, em que Deus se une a ela, dissemos algo na explicação das quatro Canções cujo início é: Oh! Chama de amor viva. Havendo esta alma passado por aquelas provações, atingiu tão alto grau de amor de Deus que logrou merecer a divina união e por isto acrescenta logo:

Nele preso ficaste

8. Oh! maravilha digna de toda aceitação e gozo: Deus quedar-se preso em um cabelo! A causa de tão preciosa prisão é ter ele mesmo querido deter-se a olhar o vôo do cabelo, como exprimem os versos antecedentes; porque, conforme dissemos, para Deus, olhar é amar. Se ele, por sua grande misericórdia, não nos tivesse olhado e amado primeiro, segundo a palavra de São João (1Jo 4,10), e não descesse até nós, de modo algum o vôo do cabelo de nosso rasteiro amor faria nele presa. Não seria capaz de vôo tão alto que chegasse a prender esta divina ave das alturas. Como, porém, ela quis abaixar-se a olhar-nos, e veio provocar-nos a que levantássemos o vôo de nosso amor, dando-nos força e valor para isso, então ficou preso o mesmo Deus no vôo do cabelo, isto é, ele próprio se agradou e contentou, e assim tornou-se prisioneiro. É o que significa o verso: Ao vê-lo no meu colo, nele preso ficaste. Podemos muito bem crer na possibilidade de uma ave de pequeno vôo prender a águia real, de vôo sublime, se esta descer a um lugar baixo, querendo ser presa. Segue-se:

E num só de meus olhos te chagaste

9. Pelo olho, compreende-se aqui a fé. Diz a alma que é um só, e que por ele ficou ferido o Amado; não fosse solitária a fé e fidelidade da alma, mas estivesse mes-

clada de qualquer consideração ou respeito humano, jamais chegaria a este resultado de chagar de amor ao mesmo Deus. Assim só um olho é capaz de ferir o Amado, bem como um só cabelo o faz cativo. Tão intenso é o amor com que o Esposo se agrada da Esposa, vendo nela esta fidelidade única, que, se em um cabelo do amor da alma ficava preso, agora, no olho da fé, aperta com tão estreito laço esta sua prisão, a ponto de ficar chagado de amor, pela grande ternura de afeto com que está afeiçoado a ela, introduzindo-a mais ainda, então, na profundidade de seu amor.

10. Idêntica comparação do cabelo e do olho faz o Esposo nos *Cantares*, falando com a Esposa assim: "Feriste meu coração, irmã minha esposa; feriste meu coração com um só de teus olhos, e com um só cabelo em teu colo" (Ct 4,9). Duas vezes insiste em dizer que a Esposa lhe feriu o coração: com o olho e com o cabelo. Por esse motivo, a alma, na canção presente, faz menção do cabelo e do olho, querendo manifestar a união que tem com Deus, segundo o entendimento e segundo a vontade. A fé, significada pelo olho, reside no entendimento que crê, e, ao mesmo tempo, na vontade que ama. De tal união gloria-se aqui a alma, e agradece esta mercê a seu Esposo como recebida das mãos dele, estimando como imensa graça o mesmo Esposo ter querido comprazer-se e ficar preso em seu amor. Podemos bem considerar, agora, qual o gozo, alegria e deleite da alma em ter tal prisioneiro, ela que desde tanto tempo era prisioneira dele, de quem andava sempre enamorada!

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Grande é o poder e a porfia do amor, que ao próprio Deus prende e encadeia! Ditosa a alma que ama, pois tem a Deus por prisioneiro, rendido a tudo quanto ela quiser! Na verdade, é tal a condição de Deus que, se o levarem por bem, conseguirão dele tudo quanto

quiserem. Se procederem de outra maneira, não adianta falar-lhe, nem se pode alcançar dele coisa alguma, por maiores extremos que se façam; mas por amor, até com um cabelo o farão cativo. Conhecendo a alma esta realidade, e quão longe de seus méritos estão as grandes mercês que Deus lhe fez, em levantá-la a tão sublime amor, com tão ricas prendas de dons e virtudes, tudo atribui a ele na seguinte canção, na qual lhe diz:

Canção XXXII

Quando tu me fitavas,
Teus olhos sua graça me infundiam;
E assim me sobreamavas,[1]
E nisso mereciam
Meus olhos adorar o que em ti viam.

2. É próprio do perfeito amor nada querer admitir ou tomar para si, nem atribuir-se coisa alguma, mas tudo referir ao Amado. Se ainda nos amores da terra assim é, quanto mais no amor de Deus, onde tanto obriga a razão! Nas duas canções passadas, a Esposa parecia atribuir a si mesma alguma coisa, tal como dizer, por exemplo, que faria as grinaldas juntamente com o Esposo, e estas seriam tecidas com um fio de seu próprio cabelo, — o que representa obra de não pouco valor e importância. Depois, gloria-se dizendo que o Esposo ficara preso em um cabelo dela, e chagado em um de seus olhos, dando assim a impressão de atribuir a si mesma um grande merecimento. Por causa disto, quer agora, na presente canção, declarar seu intento, e desfazer o engano que as suas palavras anteriores poderiam ocasionar; pois está com cuidado e receio de que se atribua a ela algum mérito e valor, e conseqüentemente seja atribuído a Deus menos do que

1. É empregada aqui esta palavra para traduzir o verbo "adamar", segundo a interpretação própria de N.P. São João da Cruz neste verso e na explicação respectiva.

lhe é devido e ela deseja. Referindo, então, tudo ao Amado, e ao mesmo tempo dando-lhe graças, confessa o motivo pelo qual ele ficou preso no cabelo de seu amor e chagado pelo olho de sua fé: foi porque o mesmo Deus lhe fez mercê de a fitar com amor, e, com isto, torná-la graciosa e agradável a seus divinos olhos. Por esta graça que dele recebeu, fez-se merecedora do seu amor, tendo agora virtude para adorar de modo agradável o Amado e também para fazer obras dignas de sua graça e amor. Continua a dizer o verso:

Quando tu me fitavas

3. Isto é, com afeto de amor, pois, já o dissemos, o olhar de Deus é o seu amor.

Teus olhos sua graça me infundiam

4. Pelos olhos do Esposo é simbolizada aqui a sua divindade misericordiosa que, inclinando-se para a alma, imprime e infunde nela misericordiosamente o amor e graça de Deus. Tanto a embeleza e sublima esse olhar, que a faz participante da própria divindade. Eis o motivo de dizer agora a alma, vendo a dignidade e elevação em que Deus a pôs:

E assim me sobreamavas

5. Sobreamar quer dizer aqui amar muito, isto é, mais do que amar simplesmente; é como amar duplamente, por dois títulos ou causas. Neste verso, portanto, manifesta a alma os dois motivos e razões do amor que o Amado lhe tem, pelos quais não só a amava preso em seu cabelo, mas a sobreamava ferido por seu olho. A causa desse amor tão íntimo do Esposo, diz agora a alma, é que ele quis agraciá-la com o seu olhar, a fim

de comprazer-se nela; ao cabelo da alma, isto é, à sua vontade [2], infundiu seu amor, penetrando com a sua caridade a fé da mesma alma, simbolizada no olho. Por isto, ela diz: E assim me sobreamavas. Quando Deus põe na alma sua graça, torna-a digna e capaz de seu amor; logo, é como se a alma dissesse: pelo motivo de haveres posto em mim tua graça, — penhor e arras de teu amor, — por isto mais me amavas, por isto me davas maior graça ainda. É o que afirma São João: "Recebemos graça sobre graça" (Jo 1,16), ou, por assim dizer, cada vez mais graça, porque sem a graça não é possível merecer outra graça alguma.

6. Para compreender isto, notemos como Deus, do mesmo modo que não ama coisa alguma fora de si, assim também nada ama menos que a si, porque tudo ama por causa de si mesmo, e o amor tem razão de fim; conseqüentemente, não ama as coisas pelo que são em si mesmas. Para Deus, portanto, amar a alma é de certa maneira pô-la em si mesmo, igualando-a consigo; ama, então, essa alma, nele e com ele, com o próprio amor com que se ama; daí vem à alma merecer, em cada uma de suas obras, o amor de Deus, pelo fato de só agir em Deus. Colocada nesta graça e elevação, em cada obra merece o mesmo Deus. Por esta razão, diz logo:

E nisso mereciam

7. Quer dizer: meu olhos ganhavam merecimento, nesse favor e graça que os olhos de tua misericórdia me faziam, quando tu me fitavas, tornando-me agradável a teus olhos, e digna de ser vista por ti.

Meus olhos adorar o que em ti viam

8. Como se dissesse: ó Esposo meu, as potências de minha alma, que são os olhos com que te posso ver,

2. Ver Canção XXX. n. 9.

mereceram elevar-se para olhar-te; antes disso, com a miséria de suas baixas operações e capacidade natural, estavam decaídas e mesquinhas. Com efeito, poder contemplar a Deus é para a alma poder agir em sua divina graça; assim, as potências mereciam adorar em Deus, porque adoravam na graça do mesmo Deus, a qual torna meritória toda ação. Adoravam, pois, esses olhos na alma, iluminados e elevados pela graça e favor de Deus, o que nele viam agora, e que antes não podiam ver por causa da própria cegueira e baixeza. Que viam, portanto, agora em Deus? — Grandeza de virtudes, abundância de suavidade, imensa bondade, amor e misericórdia, inumeráveis benefícios, recebidos dele, quer estando agora tão unida a Deus, quer quando estava longe. Tudo isto já os olhos da alma eram dignos de adorar com merecimento, achando-se agora graciosos e agradáveis ao Esposo. Antes, porém, não haviam merecido adorar nem ver, e nem sequer chegaram a considerar coisa alguma dessas em Deus, pela grande rudeza e cegueira da alma privada da graça divina.

9. Muito há que notar aqui, e muito que lastimar, ao vermos quão longe está uma alma, não ilustrada pelo amor de Deus, de fazer aquilo que é de sua obrigação: pois, obrigada a conhecer estas e outras inumeráveis mercês, temporais e espirituais, que recebeu de Deus, e continua a receber a cada passo, deveria em razão disso servi-lo e adorá-lo incessantemente com todas as suas potências, e, contudo, não o faz. E não só deixa de fazê-lo, mas nem sequer merece conhecer ou contemplar a Deus ou se aperceber de tal coisa. Até este ponto chega a miséria das almas que vivem, ou, dizendo melhor, estão mortas no pecado.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Para melhor compreensão do que ficou dito e do que se dirá agora, importa saber que o olhar de Deus produz na alma quatro bens, os quais consistem em

purificá-la, favorecê-la, enriquecê-la e iluminá-la. É assim como o sol que, dardejando na terra os seus raios, seca, aquece, embeleza e faz resplandecer os objetos. Depois que Deus concede à alma os três últimos bens, torna-se ela muito agradável a seus divinos olhos, e, então, nunca mais se lembra ele do pecado e fealdade que se achavam antes na mesma alma, conforme o declara pelo profeta Ezequiel (Ez 18,22). Uma vez que dela tirou o pecado e deformidade, não mais lho lança em rosto, nem por isto lhe deixa de fazer maiores mercês; porque o Senhor não julga duas vezes a mesma coisa (Na 1,9). Embora Deus esqueça a maldade e pecado, depois de haver concedido uma vez seu perdão, todavia, não convém a alma olvidar, por este motivo, seus antigos pecados, atendendo ao que diz o Sábio: "Do pecado perdoado não queiras estar sem medo" (Eclo 5,5). Assim convém fazer por três razões: primeira, para ter sempre ocasião de não presumir de si; segunda, para ter matéria de contínuo agradecimento; terceira, para que lhe ajude a mais confiar para maiores graças receber. De fato, se, estando em pecado, recebeu de Deus tanto bem, quanto maiores mercês poderá esperar agora que está fora de pecado e firmada no amor de Deus?

2. Repassando na memória todas estas misericórdias recebidas, e vendo-se colocada junto do Esposo com tanta dignidade, sente a alma imenso gozo, com deleite de agradecimento e amor. Para isso concorre muito a lembrança daquele primeiro estado em que a alma se achava antes, tão baixo e feio, no qual não somente era indigna e incapaz de que Deus a olhasse, mas nem ainda merecia que ele tomasse o seu nome na boca, segundo a palavra do mesmo Senhor pelo profeta Davi (Sl 15,4). Conseqüentemente, vendo como de sua parte não há nem poderia haver razão alguma para que Deus assim pusesse nela os olhos e a engrandecesse, e que, portanto, a única razão para isso é a pura graça e bel-prazer divino, a alma atribui a si sua miséria, e ao Amado todos os bens que possui. E ao verificar agora como, por

esses bens recebidos, merece o que dantes não merecia, toma ânimo e ousadia para pedir ao Amado a continuação da divina união espiritual, na qual continue também a multiplicar as mercês, e assim o dá a entender a alma na seguinte canção:

Canção XXXIII

Não queiras desprezar-me,
Porque, se cor trigueira em mim achaste,
Já podes ver-me agora,
Pois, desde que me olhaste,
A graça e a formosura em mim deixaste.

EXPLICAÇÃO

3. Anima-se a Esposa, e se preza agora em si mesma, nas prendas que do Amado recebe, e no valor que nele tem; pois, embora saiba que em si mesma nada vale, nem merece estima alguma, contudo, merece ser estimada nesses dons, por serem eles do Amado. Atreve-se, então, a chegar-se a ele, dizendo-lhe que não a queira ter em pouca conta, nem a despreze; porque, se antes o merecia pela fealdade de suas culpas, e pela baixa condição de sua natureza, agora, depois que ele a olhou pela primeira vez, ornando-a com a sua graça, e vestindo-a de sua formosura, pode perfeitamente tornar a fitá-la não só segunda vez, mas outras muitas; assim aumentará mais a graça e formosura já infundidas. E a razão e causa suficiente para tornar a olhá-la é aquele primeiro olhar com que a fitou quando ela ainda não o merecia, nem tinha direitos para isso.

Não queiras desprezar-me [1]

4. Não diz estas palavras por querer ser tida em alguma conta; ao contrário, os desprezos e vitupérios são de grande estima e gozo para a alma que verdadeiramente ama a Deus; aliás, vê muito bem que não merece, por si mesma, outra coisa; fala assim unicamente por causa da graça e dons recebidos de Deus, conforme vai declarando nas palavras seguintes:

Porque, se cor trigueira em mim achaste

5. Isto é, se antes de me haveres olhado com a tua graça, achaste em mim fealdade e escuridão de culpas e imperfeições, com a vileza de minha condição natural.

Já podes ver-me agora
Pois desde que me olhaste

6. Depois que me olhaste dando-me pela primeira vez a tua graça, e tirando-me essa cor trigueira e desditosa da culpa, com a qual não estava em condições de ser vista, já bem podes olhar-me. Agora já posso e bem mereço que me vejas, para receber de teus olhos maior graça. Na verdade, não somente me tiraste a cor escura, quando me fitaste pela primeira vez, mas me fizeste digna de ser vista, porque mediante este olhar de amor,

A graça e a formosura em mim deixaste!

7. As expressões da alma nos dois versos antecedentes dão a entender o que diz São João no Evangelho, isto é, Deus dá graça sobre graça (Jo 1,16). De fato, quando

1. A 1ª redação do *Cântico* explica este verso somente com estas palavras: "Como se dissesse: sendo assim o que ficou dito, não queiras agora ter-me em pouco".

Deus vê a alma ornada de graça a seus olhos muito se inclina a conceder-lhe ainda maior graça, em razão de permanecer dentro dela com agrado. Conhecendo Moisés esta verdade, pedia a Deus maior graça, como a querer obrigá-lo a isso, pela graça já concedida, e assim dizia: "Tu me disseste: Conheço-te pelo teu nome e achaste graça diante de mim. Se eu, pois, achei graça na tua presença, mostra-me a tua face, para que eu te conheça e ache graça ante os teus olhos" (Ex 33,12-13). Com a primeira graça recebida, está a alma, diante de Deus, engrandecida, honrada, e cheia de formosura, conforme dissemos, e em razão disto é inefavelmente amada por ele. Se antes de estar a alma em graça, já a amava Deus por si mesmo, agora que ela se acha revestida de graça, Deus a ama não só por si mas também por causa dela. Enamorado pela formosura da alma nas obras e frutos por ela produzidos, ou mesmo sem isto, comunica-lhe sempre mais amor e mais graças; vai progressivamente elevando-a e enaltecendo-a e assim, na mesma proporção, vai ficando mais cativo e enamorado dela. Deste modo fala o Senhor, por Isaías, a seu amigo Jacó, dando a entender esta realidade: "Depois que tu te tornaste precioso e glorioso a meus olhos, eu te amei" (Is 43,4). É como se dissesse: depois que com meus olhos te fitei, concedendo-te graça, e com isto te tornaste glorioso e digno de honra em minha presença, mereceste que eu te fizesse maiores mercês de minha graça; porque para Deus, mais amar é mais favorecer. O mesmo dá a entender a Esposa nos *Cantares* divinos, quando diz às outras almas: "Eu sou trigueira, mas formosa, filhas de Jerusalém; eis por que o Rei me amou e me introduziu no interior de seu leito".[2] O que significa: almas, que não sabeis nem conheceis estas graças, não vos cause admiração que o Rei celestial mas tenha concedido tão grandes, a ponto de me introduzir no

2. Estas palavras se acham no Ofício da B. Virgem Maria, 3ª antífona de Vésperas e Laudes. Só a primeira parte é textual no *Cântico dos Cânticos* (1,4); a segunda é compilação de textos diversos.

íntimo de seu amor; porque, embora por mim mesma eu seja trigueira, com tanta intensidade pôs os olhos em mim o Esposo, depois de me ter olhado pela primeira vez, que não se contentou até desposar-me consigo, levando-me para dentro do leito de seu amor.

8. Quem poderá dizer até onde engrandece Deus uma alma quando se digna agradar-se dela? Não há quem o possa sequer imaginar; porque, enfim, é como Deus que o faz, para mostrar quem é. Só se pode explicar um pouco, manifestando a condição própria de Deus, que é a de conceder mais a quem tem mais, e multiplicar seus dons na proporção em que a alma já os possui, segundo nos dá a entender o Evangelho nestas palavras: "Ao que tem lhe será dado ainda mais até chegar à abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado" (Mt 13,12). Assim, o talento que possuía o servo sem estar na graça do seu senhor, foi-lhe tirado, e dado ao que tinha mais talentos do que todos juntos, estando este no agrado do seu senhor. Daqui se conclui que os melhores bens da casa de Deus, isto é, de sua Igreja, seja a militante ou a triunfante, são acumulados naquele servo que é dele mais amado, e assim o ordena o Senhor a fim de mais o honrar e glorificar, tornando-o como uma grande luz que absorve em si muitas luzes menores. Em confirmação desta verdade, tornamos às palavras já citadas de Isaías, ditas por Deus a Jacó, e aqui tomadas em sentido espiritual: "Eu sou o Senhor teu Deus, o Santo de Israel, teu Salvador; eu te dei por resgate o Egito, a Etiópia e Sabá... e entregarei homens por ti e povos pela tua vida" (Is 43,3).

9. Bem podes agora, Deus meu, olhar e prezar muito a alma sobre a qual pões teus olhos, pois, com tua vista, lhes concedes valor e prendas que te cativam e agradam. Merece, portanto, que a olhes, não somente uma, mas muitas vezes, depois que a viste. Na verdade, como se diz no *Livro de Ester*, pela inspiração do Espírito Santo, "é digno de tal honra aquele a quem o Rei quiser honrar" (Est 6,11).

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Os amorosos regalos feitos pelo Esposo à alma neste estado são inestimáveis; os louvores e requebros de amor divino que se trocam freqüentemente entre os dois são indizíveis. Ela se emprega em louvar e agradecer a ele; ele, em engrandecer, louvar, e agradecer a ela. Isto se vê nos *Cantares*, onde, falando o Esposo à Esposa, diz: "Como és formosa, amiga minha, como és bela! Teus olhos são como os de pombas". Ao que ela responde: "Como és formoso, Amado meu, como és gentil!" (Ct 1,14-15). E outras muitas graças e louvores se dão mutuamente a cada passo, conforme lemos no mesmo livro dos *Cantares*. Na Canção passada, a alma acaba de desprezar-se, chamando-se trigueira e feia, e ao mesmo tempo louva o Amado, proclamando-o formoso e cheio de graça, pois com seu olhar a revestiu de graça e formosura. Ele, como tem por costume exaltar a quem se humilha, pôs os olhos, por sua vez, na alma, conforme ela o pediu; e agora, na canção seguinte ocupa-se em louvá-la. Dá-lhe o nome, não de trigueira, conforme a alma se chamou, mas de branca pombinha, exaltando as boas qualidades que possui como pomba e rola. Deste modo se exprime:

Canção XXXIV

Eis que a branca pombinha
Para a arca, com seu ramo, regressou;
E, feliz, a rolinha
O par tão desejado
Já nas ribeiras verdes encontrou.

EXPLICAÇÃO

2. É o Esposo quem fala nesta canção. Canta a pureza que a alma já possui neste estado, e as riquezas

e prêmio alcançados com as diligências e trabalho que teve para chegar a ele. Canta igualmente a boa sorte da alma em achar a seu Esposo nesta união; dá a entender como se cumpriram os desejos da Esposa e o deleite e descanso que possui nele, terminados já os trabalhos desta vida e do tempo passado. E assim diz:

Eis que a branca pombinha

3. Dá à alma o nome de branca pombinha, pela brancura e pureza que recebeu da graça achada em Deus. Chama-a de pomba, assim como é chamada a Esposa nos *Cantares*, por causa da simplicidade e mansidão de sua índole, e pela amorosa contemplação de que goza. Com efeito, a pomba não é somente simples, mansa, e sem fel, mas também é de olhos claros e amorosos; por isto, querendo manifestar o Esposo esta propriedade de contemplação amorosa que possui a Esposa para olhar a Deus, disse igualmente nos Cânticos que seus olhos eram de pomba (Ct 4,1).

Para a arca, com seu ramo, regressou

4. O Esposo compara a alma aqui à pomba da arca de Noé (Gn 8,9), tomando aquelas idas e vindas por figura do que sucedeu à mesma alma. A pombinha da arca saía e voltava por não achar onde pousar o pé, naquelas águas do dilúvio, até que enfim voltou com um raminho de oliveira no bico, como sinal da misericórdia de Deus em fazer cessar as águas que submergiam a terra; de modo semelhante, esta alma saída da arca da onipotência de Deus no momento em que foi criada, andou sobre as águas de um dilúvio de pecados e imperfeições, sem achar onde descansar seus desejos; esvoaçava de uma a outra parte, nos ares das ânsias de amor, entrando e saindo nessa arca do peito de seu Criador, sem que ele a recolhesse totalmente em si.

Afinal Deus fez cessar todas essas águas de imperfeições na terra da alma, e ela pode voltar definitivamente com o ramo de oliveira, isto é, com a vitória alcançada sobre todas as coisas mediante a clemência e misericórdia de Deus; agora foi introduzida neste ditoso e perfeito recolhimento dentro do peito de seu Amado, achando-se não somente vitoriosa de todos os seus contrários, mas possuidora do prêmio devido aos seus merecimentos, pois ambas as coisas são simbolizadas no ramo de oliveira. Eis que a pombinha da alma volta, enfim, à arca de seu Deus não apenas tão branca e pura como saiu quando foi por ele criada, porém ainda mais acrescida com o ramo do prêmio e paz que alcançou pela vitória sobre si mesma.

E, feliz, a rolinha
O par tão desejado
Já nas ribeiras verdes encontrou

5. O Esposo chama também a alma nesta canção pelo nome de rolinha. De fato, nesta busca do Esposo, procedeu ela como a rola quando deseja seu companheiro, sem o achar.[1] Para compreensão disto, precisamos saber o que se diz sobre a rola: quando não acha o seu par, não pousa em ramo verde, nem bebe água fresca e límpida; não descansa sob qualquer sombra, e muito menos se junta a outra companhia; mas ao achar aquele com quem se une, goza de todas essas coisas. As mesmas propriedades tem aqui a alma; é, aliás, necessário que as tenha a fim de chegar à união e junção com o Esposo, Filho de Deus. Na verdade, com tanto amor e solicitude convém andar, que não descanse o pé, isto é, o apetite, em ramo verde de deleite algum; nem queira beber água límpida de honra e glória do mundo, ou fresca, por algum alívio ou consolo temporal; não deseje colo-

1. A 1ª redação do Cântico diz assim: O Esposo chama também a alma de pomba porque, neste caso, procedeu como a pomba quando achou seu companheiro.

car-se sob a sombra de algum favor ou amparo de criaturas; enfim, não procure repouso algum em coisa alguma, nem busque companhia em outras afeições; mas permaneça gemendo, como a rola, na solidão de tudo, até achar seu Esposo em perfeita satisfação.

6. Como esta alma, antes de chegar a tão sublime estado, andou buscando o Amado com grande amor, sem achar contentamento em coisa alguma fora dele, é o mesmo Esposo quem canta agora, neste verso, o fim de suas fadigas e a realização de seus desejos. Declara ele que, "feliz, a rolinha, o par tão desejado, entre as ribeiras verdes encontrou". Ou, por outras palavras: já a alma Esposa descansa em ramo verde, deleitando-se em seu Amado; bebe agora a água límpida e fresca, que é a altíssima contemplação e sabedoria de Deus, juntamente com o refrigério e regalo que nele goza. Põe-se também à sombra do Esposo, cujo amparo e favor tão ardentemente havia desejado; aí é consolada, apascentada e nutrida divinamente, em refeição saborosíssima, conforme o diz a esposa, cheia de alegria, nos *Cantares*: "Sentei-me à sombra daquele a quem tanto tinha desejado; e o seu fruto é doce à minha garganta" (Ct 2,3).

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Vai prosseguindo o Esposo, e manifesta agora o seu contentamento à vista do proveito conseguido pela Esposa mediante a solidão em que antes quis viver, e que consiste em estabilidade de paz e fruição de bem imutável. Com efeito, quando a alma consegue fixar-se na quietude do único e solitário amor do Esposo, — como o fez esta de que tratamos, — é tão saborosa a permanência de amor que tem em Deus, e Deus nela, que já não sente necessidade de outros meios, ou de outros mestres, para encaminhá-la a ele; só Deus lhe é agora guia e luz. Realiza-se, então, na alma o que o Senhor prometeu por Oséias dizendo: "Eu a conduzirei

à soledade e falar-lhe-ei ao coração" (Os 2,14). Estas palavras dão a entender como é na solidão que Deus se comunica e une à alma; pois falar ao coração é satisfazer este coração que jamais pode ficar satisfeito senão com Deus.[1] Assim, diz o Esposo:

Canção XXXV

Em solidão vivia,
Em solidão seu ninho há já construído;
E em solidão a guia,
A sós, o seu Querido,
Também na solidão, de amor ferido.

EXPLICAÇÃO

2. Duas coisas faz o Esposo nesta canção. A primeira é louvar a solidão em que a alma desde muito tempo quis viver; declara ter sido este o meio para ela achar o Amado e dele fruir, libertada de todas as penas e angústias anteriores. E como a alma quis manter-se em solidão de todo gosto, consolo e apoio das criaturas, a fim de alcançar a companhia e união de seu Amado, mereceu com isto possuir a paz da soledade em seu Esposo, em que descansa agora, alheia e afastada de todas as perturbações. A segunda coisa é dizer que, em conseqüência da solidão abraçada pela Esposa, e na qual ela quis permanecer a sós, isolada de qualquer criatura, por amor do Esposo, ele próprio se enamorou da alma nesta sua solidão, e se dedicou todo a ela, recebendo-a nos braços, apascentando-a em si com todos os bens e guiando-lhe o espírito às maravilhas sublimes de Deus. Não diz somente que agora ele é o seu guia, mas acrescenta que a conduz sozinho, sem mais intermédio de anjos ou homens, nem de formas ou figuras,

1. Na 1ª redação do *Cântico* este trecho que comenta as palavras do profeta Oséias acha-se no fim da canção.

porquanto nesta solidão a alma já possui a verdadeira liberdade de espírito, pela qual não mais se atém a qualquer desses meios. Diz, então, o verso:

Em solidão vivia

3. Aquela rolinha, que é a alma, vivia em solidão antes mesmo de achar o Amado na união perfeita. Tanto é certo que a alma desejosa de Deus não pode achar consolo na companhia, de criatura alguma, e, ao contrário, tudo lhe dá e causa maior solidão, enquanto não encontra seu Amado!

Em solidão seu ninho há já construído

4. A solidão em que antes vivia era a privação voluntária de todos os objetos e bens do mundo, por amor de seu Esposo, conforme dissemos ao falar da rolinha. Procurava a alma tornar-se perfeita, adquirindo a perfeita solidão mediante a qual se alcança a união com o Verbo, e, conseqüentemente, se goza de todo o refrigério e descanso. Este descanso e repouso é simbolizado aqui pelo ninho que a alma diz ter construído. E assim é como se dissera: nesta solidão em que antes vivia, exercitando-se nela com trabalho e angústia, — por não estar ainda perfeita, — a alma pôs todo o seu descanso e refrigério porque agora já a adquiriu perfeitamente em Deus. Referindo-se a isto, de modo espiritual, disse Davi: "Na verdade o pássaro achou sua casa, e a rola, o ninho onde criar seus filhotes" (Sl 83,4). Isto é, achou descanso em Deus, onde pode satisfazer suas potências e apetites.

E em solidão a guia

5. Quer dizer: nesta solidão em que a alma permanece a respeito de todas as criaturas e na qual está só com

Deus, ele a guia e move levantando-a às coisas divinas. O entendimento é ilustrado com divinos conhecimentos, por estar agora solitário e desprendido de outros conhecimentos contrários e estranhos; a vontade é movida com grande liberdade ao amor de Deus, por achar-se sozinha e livre de outras afeições; a memória é cheia de divinas lembranças, igualmente por estar solitária e vazia de quaisquer imaginações e fantasias. De fato, logo que a alma desembaraça as suas potências, esvaziando-as de tudo quanto é inferior, e de toda a posse do que é superior e as deixa em completa solidão, Deus as ocupa imediatamente no invisível e divino. É o próprio Deus que guia a alma nesta soledade, conforme São Paulo diz dos perfeitos, os quais são movidos pelo Espírito de Deus (Rm 8,14), significando estas palavras o mesmo que: "Em solidão a guia"

A sós o seu Querido

6. Isto significa que o Esposo não somente guia a alma na solidão onde ela se pôs, mas também opera sozinho na mesma alma, sem outro meio algum. De fato, a peculiaridade desta união da alma com Deus no matrimônio espiritual é esta de agir e comunicar-se ele por si mesmo, e não mais por meio de anjos, ou da capacidade natural da alma; porque os sentidos, interiores e exteriores, bem como todas as criaturas, e até a própria alma, quase nada valem aqui para contribuir de sua parte à recepção das grandes mercês sobrenaturais concedidas por Deus neste estado. Tais graças divinas, com efeito, não dependem da capacidade e ação natural da alma, nem de suas diligências; é Deus só que age nela. E a causa de assim agir é por encontrar a alma a sós, como dissemos; por isto, não lhe quer dar outra companhia para progredir, nem a confia a alguém a não ser a ele mesmo. É também muito conveniente que a alma, tendo abandonado tudo, e ultrapassado todos os meios, elevando-se sobre todas as coisas para

chegar-se a Deus, seja-lhe agora o próprio Deus guia e meio que a conduza a si mesmo. Uma vez que a alma já subiu, em solidão de tudo, acima de tudo, já coisa alguma entre todas pode servir ou dar-lhe proveito para mais subir, a não ser o mesmo Verbo, seu Esposo. Este, por achar-se tão enamorado dela, quer, então a sós, conceder-lhe aquelas mercês sobrenaturais já referidas, e assim acrescenta:

Também na solidão, de amor ferido!

7. Isto é, pela Esposa; porque além de amar extremamente a solidão da alma, está o Esposo muito mais ferido de amor pela mesma alma, por ter ela querido permanecer solitária de todas as coisas, estando ferida de amor por ele. Assim, o Esposo não a quis deixar sozinho, mas ferido também de amor pela alma, em razão da soledade em que ela se mantém por ele vendo como a Esposa não se contenta em coisa alguma, vem ele próprio guiá-la a sós, atraindo-a e tomando-a para si — o que não fizera se não a houvesse achado em solidão espiritual.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Esta peculiaridade singular têm os que se amam: gostam muito mais de gozar mutuamente sozinhos, longe de toda criatura, do que em companhia de alguém. E embora estejam juntos, se alguma pessoa estranha se acha ali presente, mesmo que não tenham de falar ou tratar com menor intimidade diante dela do que o fariam a sós, nem a mesma pessoa trate ou fale com eles, basta estar ali para impedir que gozem um do outro à sua vontade. A razão disto é que o amor, consistindo em unidade só de dois, faz com que eles queiram comunicar-se um ao outro a sós. Chegada, pois, a alma a este cume de perfeição e liberdade de espírito

em Deus, já vencidas todas as repugnâncias e contrariedades da sensibilidade, não tem agora outra coisa mais a considerar, nem outro exercício em que se ocupar, senão entregar-se com o Esposo a deleites e gozos de íntimo amor. Quanto se escreve a respeito de Tobias no seu livro (14,4), onde se diz que depois de haver este santo homem sofrido os trabalhos das tentações e pobreza, Deus o iluminou, e o resto dos dias que viveu, foram cheios de gozo, acontece igualmente a esta alma de que vamos falando; pois os bens que vê em si mesma são tão cheios de gozo e deleite como o dá a entender o profeta Isaías da alma que, depois de se ter exercitado nas obras mais perfeitas, chegou a este cume de perfeição do qual aqui falamos.

2. Dirigindo-se à alma chegada ao amor perfeito, diz assim o mesmo profeta: "Nascerá nas trevas a tua luz, e as tuas trevas tornar-se-ão como o meio-dia. E o Senhor te dará sempre descanso e encherá a tua alma de resplendores, e livrará teus ossos, e serás como um jardim bem regado, e como uma fonte cujas águas nunca faltarão. E serão por ti edificados os desertos de muitos séculos; tu levantarás os fundamentos das gerações antigas, e serás chamado reparador dos muros, e o que torna seguros os caminhos. Se afastares o teu pé do sábado, para não fazeres a tua vontade no meu santo dia, e chamares ao sábado as tuas delícias, e o dia santo e glorioso do Senhor, e o solenizares, não seguindo os teus caminhos, não fazendo a tua vontade... então te deleitarás no Senhor, e eu te elevarei acima da altura da terra, e alimentar-te-ei com a herança de Jacó (Is 58,10-14). Até aqui são as palavras de Isaías, e nelas a herança de Jacó significa o próprio Deus. Conseqüentemente, a alma já não sabe senão viver gozando dos deleites deste alimento divino. Só uma coisa lhe resta ainda a desejar: é gozá-lo perfeitamente na vida eterna. Em razão disto, nesta canção de agora, e nas outras seguintes, ocupa-se a alma em pedir ao Amado este beatífico manjar da visão clara de Deus. E assim diz:

Canção XXXVI

Gozemo-nos, Amado!
Vamo-nos ver em tua formosura,
No monte e na colina,
Onde brota a água pura;
Entremos mais adentro na espessura.

EXPLICAÇÃO

3. Está consumada, enfim, a perfeita união de amor entre a alma e Deus, e o que ela deseja agora é empregar-se no exercício das propriedades características do amor. Fala, pois, nesta canção, com o Esposo, pedindo-lhe três coisas que são próprias do amor. A primeira é querer receber deste amor, gosto e deleite, e isto pede quando diz: Gozemo-nos, Amado. A segunda é desejar assemelhar-se ao Amado, e o pede nas seguintes palavras: Vamo-nos ver em tua formosura. A terceira é esquadrinhar e conhecer os mistérios e segredos do próprio Amado, e faz este pedido ao dizer: Entremos mais adentro na espessura. Segue-se o verso:

Gozemo-nos, Amado

4. Isto é, gozemo-nos na comunicação das doçuras do amor; não somente na que já temos pela contínua união e junção de nós dois, mas naquela que redunda em exercício de amor efetivo e atual, tanto nos atos interiores da vontade em seus afetos, como nas obras exteriores pertinentes ao serviço do Amado. Esta particularidade apresenta o amor: onde quer que permaneça, sempre anda querendo gozar de seus deleites e doçuras, ou seja, exercitar-se em amar, no interior e no exterior, conforme dissemos. E a alma assim o faz, levada pelo desejo de tornar-se mais semelhante ao Amado; por esta razão, apressa-se em dizer:

Vamo-nos ver em tua formosura

5. Isto significa: procedamos de maneira a que, por meio do referido exercício de amor, cheguemos a contemplar um ao outro, em tua formosura, na vida eterna. Peço-te, pois, que seja eu a tal ponto transformada em tua formosura, que, assemelhando-me a ela, possa ver-me contigo em tua própria formosura, tendo em mim mesma esta formosura que é tua. E assim, olhando um para o outro, cada um veja no outro sua formosura, pois ambos têm a mesma formosura tua, estando eu já absorvida em tua formosura. Deste modo, eu te verei, a ti, em tua formosura, e tu me hás de ver a mim em tua formosura; eu me verei em ti na tua formosura, e tu te verás em mim na tua formosura; aparecerá em mim somente a tua formosura, e tu aparecerás também em tua própria formosura; então, minha formosura será a tua, e a tua, minha. Eu chegarei a ser tu mesmo, em tua formosura, e tu chegarás a ser eu, em tua mesma formosura, porque só a tua formosura será a minha, e assim nos veremos um ao outro em tua formosura. Esta é a adoção dos filhos de Deus na qual podem eles verdadeiramente dizer a Deus o que o próprio Filho disse ao Eterno Pai, no Evangelho de São João: "Todas as minhas coisas são tuas, e todas as tuas coisas são minhas" (Jo 17,10). Isto se realiza por essência, no Verbo, por ser Filho de Deus em sua natureza; e em nós, por participação, por sermos filhos adotivos. Cristo não disse essas palavras só por si, como cabeça mas por todo o corpo místico, que é a Igreja. Esta participará da mesma formosura do Esposo no dia do triunfo quando contemplar a Deus face a face, e por esta razão, pede aqui a alma ao Esposo, para se verem um ao outro na formosura dele

No monte e na colina

6. Isto é, nesse conhecimento matutino e essencial de Deus, que se manifesta no conhecimento do Verbo di-

vino, o qual, por sua elevação, é aqui simbolizado pelo monte. Isaías, estimulando a todos para que conheçam o Filho de Deus, chama-o assim quando diz: "Vinde, subamos ao monte do Senhor" (Is 2,3). E ainda: "Estará preparado o monte da casa do Senhor" (Is 2,2). E na colina, a saber, na notícia vespertina de Deus, que é a sua sabedoria manifestada em suas criaturas, obras, e disposições admiráveis. Este conhecimento vespertino é significado pela colina, por tratar-se da sabedoria de Deus manifestada de modo menos elevado do que no conhecimento matutino; mas, tanto um como outro, a alma pede nestas palavras, no monte e na colina.

7. Quando, pois, a Esposa diz ao Esposo: vamo-nos ver em tua formosura, no monte, é como se dissesse: transforma-me e torna-me semelhante a ti na formosura da sabedoria divina, que, como explicamos, é o mesmo Verbo, Filho de Deus. Quando pede, depois, que se vejam na formosura dele, na colina, manifesta o desejo de ser também informada com a formosura desta outra sabedoria menor que se mostra nas criaturas e nos mistérios de Deus em suas obras, a qual é igualmente a formosura do Filho de Deus em que a alma deseja ser ilustrada.

8. Não poderá ela ver-se na formosura de Deus, se não for transformada na sabedoria de Deus que então lhe dará a posse de tudo quanto há no céu e na terra. A este monte, e a esta colina, desejava subir a Esposa quando disse: "Irei ao monte da mirra e à colina do incenso" (Ct 4,6). Pelo monte da mirra, compreende a clara visão de Deus, e pela colina do incenso, o conhecimento dele nas criaturas; porque a mirra no monte é mais preciosa do que o incenso na colina.

Onde brota a água pura

9. Quer dizer: onde é concedido o conhecimento e sabedoria de Deus, a qual é aqui comparada à água pura, pois o entendimento a recebe pura e despojada de

tudo o que é acidental ou imaginário e também clara, isto é, sem as trevas da ignorância. Este desejo de entender claramente e em perfeita pureza as verdades divinas, sempre o tem a alma; e quanto mais ama, tanto mais anseia penetrar dentro delas. Por isto, pede a terceira coisa, dizendo:

Entremos mais adentro na espessura

10. Na espessura das maravilhosas obras de Deus e seus profundos juízos, cuja multiplicidade e diversidade é tão grande, que verdadeiramente se pode chamar espessura. De fato, nessas obras e juízos, há tanta abundância de sabedoria e tanta plenitude de mistérios, que não somente merece o nome de espessura, mas ainda espessura exuberante, segundo aquelas palavras de Davi: "O monte de Deus é monte pingue, monte coagulado" (Sl 67,16). Esta espessura de sabedoria e ciência de Deus é de tal modo profunda e incomensurável, que a alma, por mais que a conheça, sempre pode entrar mais adentro, porquanto é imensa, e incompreensíveis as suas riquezas segundo atesta São Paulo ao exclamar: "Ó profundidade das riquezas da Sabedoria e ciência de Deus! Quão incompreensíveis são os seus juízos, e imperscrutáveis os seus caminhos!" (Rm 11,33).

11. O motivo, porém, de querer a alma entrar nesta espessura e incompreensibilidade dos juízos e caminhos de Deus é estar morrendo em desejo de penetrar muito profundamente no conhecimento deles; pois este conhecimento tão profundo traz consigo deleite inestimável que ultrapassa todo o sentido. Donde, falando Davi a respeito do sabor desses juízos divinos, diz assim: "Os juízos do Senhor são verdadeiros, cheios de justiça em si mesmos. São mais para desejar do que o muito ouro e as muitas pedras preciosas; e são mais doces do que o mel e o favo. Pelo que o teu servo os amou e os guardou" (Sl 18,10-11). A alma, portanto, muito ardentemente deseja engolfar-se nesses juízos de Deus e

conhecê-los em toda à sua profundidade; e a troco de o conseguir, com grande alegria e gosto estaria disposta a abraçar todas as angústias e sofrimentos do mundo, e a passar por tudo quanto pudesse servir de meio para isso, ainda mesmo pelas coisas mais difíceis e penosas, e até pelas agonias e transes da morte, a fim de embrenhar-se mais em seu Deus.

12. Entende-se também muito adequadamente por esta espessura, em que a alma agora deseja entrar, a profusão e intensidade dos trabalhos e tribulações que está disposta a abraçar, porquanto lhe é saborosíssimo e proveitosíssimo o padecer. Na verdade, o padecer é para a alma o meio para entrar mais adentro na espessura da deleitosa sabedoria de Deus, porque o mais puro padecer traz mais íntimo e puro entender e, conseqüentemente, mais puro e subido gozar, pelo fato de ser conhecimento em maior profundidade. Por isto, não se contentando a alma com qualquer maneira de padecer, diz: Entremos mais adentro na espessura, isto é, entremos até nos apertos da morte, a fim de ver a Deus. O profeta Jó, desejando este padecer, como meio para chegar à visão de Deus, exclamava: "Quem me dera que se cumprisse a minha petição, e que Deus me concedesse o que espero! E que o que começou, esse mesmo me fizesse em pó, e me cortasse a vida! E a minha consolação seria que, afligindo-me com dor, não me perdoasse" (Jó 6,8).

13. Oh! se acabássemos já de entender como não é possível chegar à espessura e sabedoria das riquezas de Deus, tão numerosas e variadas, a não ser entrando na espessura do padecer de muitas maneiras, pondo nisto a alma sua consolação e desejo! E como a alma,[1] verdadeiramente desejosa da sabedoria divina, deseja pri-

1. A 1ª redação do *Cântico* assim conclui este parágrafo: E como a alma verdadeiramente desejosa da sabedoria deseja primeiro deveras entrar mais adentro na espessura da cruz, que é o caminho da vida pelo qual poucos entram! Com efeito, desejar entrar na espessura da sabedoria, riquezas e regalos de Deus, é de todos; mas desejar entrar na espessura de trabalhos e dores pelo Filho de Deus é de poucos. Do mesmo modo, muitos queriam achar-se já no termo, sem passar pelo caminho e meio que a ele conduz".

meiro, — para nela entrar, — padecer na espessura da cruz! Era esta a razão que movia São Paulo a exortar os efésios a que não desfalecessem nas suas tribulações, e permanecessem firmes e arraigados na caridade, para que pudessem compreender, com todos os santos, a largura, o comprimento, a altura, e a profundidade, e conhecer também a supereminente ciência da caridade de Cristo, a fim de serem cheios de toda a plenitude de Deus (Ef 3,18). Com efeito, para entrar nestas riquezas da Sabedoria divina, a porta, — que é estreita, — é a cruz. O desejo de passar por esta porta é de poucos; mas o de gozar dos deleites a que se chega por ela é de muitos.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Uma das razões mais importantes para a alma desejar ser desatada e achar-se com Cristo é que irá vê-lo face a face no céu, e entenderá então ali, em sua raiz, as profundas vias e mistérios eternos da encarnação do Verbo, e este conhecimento não será a menor parte de sua bem-aventurança; pois como diz o mesmo Cristo ao Pai, no Evangelho de São João: "Esta é a vida eterna, que te conheçam a ti único Deus verdadeiro, e a teu Filho Jesus Cristo, que enviaste" (Jo 17,3). Assim como uma pessoa que chega de longe, logo procura avistar-se e ter comunicação com alguém a quem tem grande amizade, do mesmo modo a alma, a primeira coisa que deseja fazer, em chegando à presença de Deus, é conhecer e gozar os profundos segredos e mistérios da encarnação, bem como os caminhos eternos de Deus que dela dependem. Por isto, depois de ter declarado o seu desejo de ver-se na formosura de Deus, a alma acrescenta logo esta Canção:

Canção XXXVII

E, logo, as mais subidas
Cavernas que há na pedra, buscaremos;
Estão bem escondidas;
E juntos entraremos,
E das romãs o mosto sorveremos.

EXPLICAÇÃO

2. Uma das causas que mais movem a alma ao desejo de entrar na espessura da sabedoria de Deus, e de conhecer profundamente a formosura desta divina sabedoria, é, como dissemos, chegar a unir seu entendimento com Deus, por meio do conhecimento dos mistérios da encarnação, cuja sabedoria é a mais elevada e deliciosa que há em todas as suas obras. Diz, portanto, a Esposa nesta canção o seguinte: depois de ter entrado mais adentro na sabedoria divina, isto é, mais adentro do matrimônio espiritual em que se acha agora colocada, — o que se realizará ao entrar na glória, contemplando a Deus face a face, e unindo-se com essa mesma sabedoria divina que é o próprio Filho de Deus, — conhecerá então os sublimes mistérios do Verbo feito homem, os quais são cheios de altíssima sabedoria, e escondidos em Deus. O Esposo e a alma entrarão, juntos, nesse conhecimento, engolfando-se e transfundindo-se neles a Esposa; ambos hão de gozar, ela e o Esposo, do sabor e deleite que desses mistérios se deriva, e também das virtudes e atributos divinos, neles manifestados, tais como a justiça, a misericórdia, a sabedoria, o poder, a caridade etc.

E, logo, as mais subidas
Cavernas que há na pedra, buscaremos

3. A pedra de que fala aqui a alma é Cristo, segundo diz São Paulo (1Cor 10,4). As subidas cavernas da pedra

são os mistérios sublimes, profundos e transcendentes da sabedoria de Deus que há em Jesus Cristo: a união hipostática da natureza humana com o Verbo Divino; a correspondência que há entre esta união e a dos homens com Deus; as disposições de justiça e misericórdia de Deus a respeito da salvação do gênero humano, que manifestam os seus insondáveis juízos. A tudo isto, com muito acerto a alma denomina subidas cavernas; subidas, pela sublimidade desses mistérios tão altos, e cavernas, pela penetração e profundidade da sabedoria de Deus, neles encerrada. Assim como as cavernas são fundas, e cheias de cavidades, assim cada um dos mistérios de Cristo é profundíssimo em sabedoria, e encerra muitas cavidades de ocultos juízos de Deus, sobre a predestinação e presciência quanto aos filhos dos homens. Em razão disso, a alma acrescenta agora:

Estão bem escondidas

4. A tal ponto na verdade, o estão, que, não obstante os maiores mistérios e maravilhas desvendadas pelos santos doutores da Igreja, e manifestadas na vida presente às almas eleitas, o principal lhes ficou ainda por dizer, e mesmo por entender. Assim, há muito que aprofundar em Cristo, sendo ele qual abundante mina com muitas cavidades cheias de ricos veios, e por mais que se cave, nunca se chega ao termo, nem se acaba de esgotar; ao contrário, vai-se achando em cada cavidade novos veios de novas riquezas, aqui e ali, conforme testemunha São Paulo quando disse do mesmo Cristo: "Em Cristo estão escondidos todos os tesouros de sabedoria e ciência" (Cl 2,3). Neles é impossível entrar ou aprofundar-se a alma, se não passar primeiro pelos apertos do sofrimento interior e exterior, os quais são meios para alcançar a divina sabedoria. Com efeito, mesmo aquilo que nesta vida podemos conhecer dos mistérios de Cristo, não nos é dado alcançar senão

depois de muito sofrimento e de grandes mercês intelectuais e sensíveis de Deus, havendo também precedido um longo exercício espiritual, porque todas estas graças são inferiores à sabedoria dos mistérios de Cristo, e como disposições para chegar a ela. Daí vem que ao pedido de Moisés a Deus para que lhe manifestasse a sua glória, foi-lhe respondido que não poderia vê-la nesta vida. Mas obteve de Deus a promessa de que lhe mostraria todo o bem (Ex 33,20), isto é, quanto fosse possível nesta vida. Introduzindo-o Deus, então, na caverna da pedra, — e esta, como dissemos, é Cristo, — mostrou-lhe suas costas, o que significa dar-lhe o conhecimento dos mistérios da humanidade de Cristo.

5. Nestas cavernas, pois, de Cristo, a alma deseja entrar bem adentro, para ser bem absorvida, transformada e inebriada no amor da sabedoria que encerram, querendo para isto esconder-se no peito de seu Amado. A penetrar nestas fendas do rochedo, convida-a o mesmo Amado, nos *Cantares*, dizendo: "Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem: nas aberturas da pedra, na concavidade do muro" (Ct 2,13). Estas aberturas da pedra são as cavernas de que aqui falamos, e referindo-se a elas, continua a dizer a Esposa:

E juntos entraremos

6. Entraremos naqueles conhecimentos e mistérios divinos. Não diz: entrarei só, como parecia mais conveniente, pois o Esposo não precisa entrar aí de novo. Diz: juntos entraremos, a saber, ela e o Amado, para mostrar como esta ação não é feita só por ela, mas sim pelo Esposo e ela juntos; aliás, estando Deus e a alma unidos no estado de matrimônio espiritual, de que vamos tratando, não faz a mesma alma obra alguma sozinha sem Deus. E dizer: "e, juntos, entraremos",[1]

1. A 1ª redação do *Cântico* assim prossegue este parágrafo: Em dizer "e juntos entraremos", significa, ali nos transformaremos, em transformação de novos conhecimentos e novos atos e comunicações de amor; pois, embora

significa: ali nos transformaremos, eu em ti pelo amor desses teus divinos e deleitosos juízos. De fato, mediante esse conhecimento da predestinação dos justos e presciência dos maus, em que o Pai previne os eleitos com as bênçãos de Sua doçura, em seu Filho Jesus Cristo, a alma é transformada de modo elevadíssimo e profundíssimo no amor de Deus, e nessas luzes, que lhe são infundidas, agradece e ama ao Pai com novo fervor, cheia de gozo e deleite, por seu mesmo Filho Jesus Cristo; e o faz unida com Cristo, juntamente com Cristo. O sabor desses louvores é de tal delicadeza, que de todo não se pode exprimir. A alma, todavia, o manifesta no verso seguinte, ao dizer:

E das romãs o mosto sorveremos

7. As romãs significam os mistérios de Cristo, e os juízos da sabedoria divina, bem como as virtudes e atributos de Deus que se revelam no conhecimento destes mesmos mistérios e juízos, e são inumeráveis. Assim como as romãs têm numerosos grãozinhos, nascidos e sustentados em seu centro em forma de círculo, assim também cada um dos atributos e mistérios de Deus, juntamente com seus juízos e virtudes, contém em si grande quantidade de disposições maravilhosas, e de efeitos admiráveis, contidos e sustentados na esfera própria de cada um deles, e com a qual se relacionam. Notamos aqui a figura esférica ou circular das romãs, porque, em nossa comparação, cada uma representa um

seja certo que a alma, quando assim fala, já está transformada em virtude do estado de matrimônio e, portanto, não lhe é possível conhecer mais coisas, nem por isto deixa de ter novas ilustrações e transformações que lhe advêm de novos conhecimentos e luzes divinas. Ao contrário, essas iluminações de novos mistérios, concedidas por Deus à alma nessa comunicação permanente que há entre ele e ela, antes são muito freqüentes. O Esposo se dá à alma de modo sempre novo, e ela como que de novo entra nele, mediante o conhecimento daqueles mistérios que apreende em Deus. Tal conhecimento leva a alma a amar novamente a Deus, de modo muito íntimo e elevado e a transforma nele por meio desses mistérios novamente conhecidos. O novo deleite e sabor que então recebe é totalmente inefável; dele fala a alma no verso seguinte.

atributo ou virtude de Deus, que, em suma, é o próprio Deus, figurado aqui nesta forma circular ou esférica, pois não tem princípio nem fim. Por estar ciente a Esposa desses inumeráveis juízos e mistérios contidos na sabedoria de Deus, disse ao Esposo nos *Cantares*: "O teu ventre é de marfim, guarnecido de safiras" (Ct 5,14). As safiras simbolizam os referidos mistérios e juízos da divina Sabedoria, a qual é significada ali pelo ventre; porque a safira é uma pedra preciosa da cor do céu quando está claro e sereno.

8. O mosto a que se refere a Esposa, dizendo que destas romãs hão de sorver, ela e o Esposo, é a fruição e deleite de amor divino que redunda na mesma alma, mediante o conhecimento e notícia desses mistérios de Deus. Um só e mesmo suco é o que se sorve dos muitos grãos das romãs, quando se comem; assim, de todas estas maravilhas e grandezas de Deus infundidas na alma, redunda uma só fruição e deleite de amor, que o Espírito Santo lhe dá a beber. Este divino mosto, logo a alma oferece a seu Esposo, o Verbo de Deus, com grande ternura de amor; é a bebida divina que a Esposa nos *Cantares* promete dar ao Esposo, quando for por ele introduzida nesses altíssimos conhecimentos, dizendo: "Ali me ensinarás e eu te darei a beber vinho temperado, e o mosto das minhas romãs" (Ct 8,2). Declara que estas romãs são suas, — isto é, as notícias divinas, — porque embora sejam de Deus, foram dadas a ela por ele. O gozo e fruição dessas notícias, qual vinho de amor, a alma oferece a Deus por bebida, e isto significam as palavras: E das romãs o mosto sorveremos. Sorve-o o Esposo, e o dá a sorver à sua Esposa; e ela, ao saboreá-lo, torna a oferecê-lo a ele para que o saboreie. E assim o gosto dessa bebida é comum entre ambos.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. Nas duas canções passadas, a Esposa foi cantando os bens que o Esposo lhe dará naquela felicidade eterna da glória. Disse como há de transformá-la, de fato, nele mesmo, na formosura da sua sabedoria incriada e criada; como, ali, será transformada também na formosura da união do Verbo com a santa humanidade, e nessa união conhecerá a Deus, tanto pela face como pelas costas. Agora, na canção seguinte, a alma declara duas coisas: a primeira, é como há de saborear esse mosto divino das romãs, — ou safiras, — do qual já falou; a segunda, é pôr diante do Esposo a glória que dará a ele a predestinação dela. Convém notar como esses bens recebidos pela alma, embora sejam descritos sucessivamente e por partes, todos eles estão contidos na glória essencial da mesma alma. Diz, então, assim:

Canção XXXVIII

Ali me mostrarias
Aquilo que minha alma pretendia,
E logo me darias,
Ali, tu, vida minha,
Aquilo que me deste no outro dia.

EXPLICAÇÃO [1]

2. O fim que a alma tinha em vista, quando desejava entrar naquelas cavernas, era alcançar a consumação do amor de Deus, como sempre pretendeu. Quer chegar a amar a Deus com a mesma pureza e perfeição com que é amada por ele, retribuindo-lhe por sua vez o mesmo

1. Apresentando a 1ª redação do *Cântico* uma interpretação diferente desta mesma Canção, pois São João da Cruz não se referiu à consumação do amor na eternidade e sim nesta vida, daremos no fim essa explicação primitiva.

amor. Eis o motivo de dizer ao Esposo nesta canção, primeiramente que, na glória, ele lhe mostrará o que foi toda a sua pretensão, em todos os seus atos e exercícios, isto é, há de mostrar a ela como amará o Esposo com a perfeição com que ele mesmo se ama. E a segunda mercê que ele lhe fará é dar-lhe a glória essencial, à qual a predestinou desde toda a eternidade. Assim diz:

Ali me mostrarias
Aquilo que minha alma pretendia

3. Esta pretensão da alma é a igualdade de amor com Deus, natural e sobrenaturalmente apetecida por ela; porque o amante não pode estar satisfeito se não sente que ama tanto quanto é amado. E como a alma vê que na sua transformação em Deus, a que chegou nesta vida, embora seja o amor imenso, não pode este igualar na perfeição ao amor com que Deus a ama, deseja a clara transformação da glória, em que chegará à igualdade do amor. É certo que, no alto estado em que se acha, a alma possui a verdadeira união da vontade com o Esposo; todavia, não pode ter os quilates e a força do amor que terá naquela forte união de glória. Então, segundo diz São Paulo, conhecerá a Deus como é dele conhecida (1Cor 13,12), e, conseqüentemente, também o amará como dele é amada. Seu entendimento será entendimento de Deus; sua vontade, vontade de Deus; e, igualmente, seu amor será amor de Deus. Embora não se perca a vontade da alma, no céu, todavia está tão fortemente unida à fortaleza da vontade divina com que é amada, que ama a Deus tão fortemente e com tanta perfeição como ele próprio a ama. Estão agora as duas vontades unidas numa só e mesma vontade de Deus e também num só amor de Deus; assim, a alma chega a amar a Deus com a vontade e força do mesmo Deus, estando unida à mesma força de amor com que é amada por ele. Esta força é a do Espírito Santo, no qual está

a alma ali transformada; havendo sido dado a ela este Espírito de Deus para ser a força de seu amor, é ele que dá e supre, em razão da transformação de glória, o que lhe falta. Aliás, mesmo na transformação perfeita, do matrimônio espiritual, que a alma atinge ainda nesta vida, e na qual fica totalmente possuída pela graça, de certo modo ama pelo Espírito Santo na proporção em que ele lhe é dado nessa transformação.

4. Por isto, importa observar como a alma não diz que o Esposo lhe dará ali seu amor, embora na verdade lho dê; se assim dissesse, manifestaria apenas o amor da parte de Deus; diz, porém, que ali ele lhe mostrará como a mesma alma o ama com a perfeição desejada. Quando o Esposo, na glória, lhe dá o seu amor, ao mesmo tempo faz com que a alma veja que o ama tanto quanto é amada por ele. E além de ensiná-la a amar puramente, livremente, e sem qualquer interesse, tal como ele próprio nos ama, faz com que ela o ame com a mesma força de seu divino amor, transformando-se nesse amor, como já dissemos. Concedendo assim à alma a própria força do amor divino para que o possa amar, Deus, por assim dizer, põe-lhe o instrumento nas mãos, e ensina como deve servir-se dele, e o faz juntamente com ela; eis o que significa mostrar-lhe como se ama, e dar-lhe habilidade para isto. Até chegar a este ponto, a alma não está satisfeita, nem o estaria na outra vida se, — como afirma Sto. Tomás *"in opusculo de Beatitudine"* — não sentisse que ama a Deus tanto quanto é por ele amada. No estado de matrimônio espiritual de que vamos falando, quando a alma chega a este grau, embora não tenha ainda a perfeição de amor que terá na glória, contudo, há nela uma viva imagem e vislumbre daquela perfeição, a qual é totalmente inefável.

E logo me darias,
Ali, tu, vida minha,
Aquilo que me deste no outro dia

5. O que a alma diz que o Esposo lhe daria logo é a glória essencial que consiste em contemplar o ser de Deus. Assim sendo, antes que passemos adiante, convém resolver aqui a seguinte dúvida: se a glória essencial consiste em ver, e não propriamente em amar a Deus, e a alma diz que a sua pretensão era este amor e não a glória essencial, como declarou no princípio da canção, — por que motivo depois pede essa glória, como coisa secundária? As razões são duas. A primeira é ser o amor o fim de tudo, e o amor pertence à vontade, cuja característica é dar, e não receber. Quanto ao entendimento, — ao qual é dada a glória essencial, — a sua propriedade é antes receber do que dar. Ora, como a alma aqui está embriagada de amor, não repara na glória que Deus lhe há de dar, porque se ocupa somente em dar-se a ele, na entrega do verdadeiro amor, sem interesse algum pelo seu próprio proveito. A segunda razão é que na primeira pretensão se inclui a segunda, e esta já fica subentendida nas precedentes canções; pois, na verdade, é impossível chegar ao perfeito amor de Deus sem a perfeita visão de Deus. Assim, a força desta dúvida se desfaz logo na primeira razão; porque é com o amor que a alma paga a Deus o que lhe deve, e com o entendimento antes recebe de Deus do que lhe dá.

6. Entremos, porém, na explicação. Vejamos o que seja aquele "outro dia" a que a alma se refere aqui, e também o que seja "aquilo" que Deus lhe deu nesse dia, e a alma pede para dar-lhe depois, na glória. Pelo "outro dia" é significado o dia da eternidade de Deus, bem diverso do dia temporal, desta vida. Naquele dia eterno, Deus predestinou a alma para a glória, determinando nele essa glória que lhe havia de dar, e de fato já lhe deu livremente, sem princípio, desde que a criou. Essa predestinação à glória é de tal modo própria à

mesma alma, que nenhum motivo ou obstáculo, superior ou inferior, será capaz de lha tirar jamais; e aquilo a que foi predestinada por Deus desde toda a eternidade ser-lhe-á dado possuir para sempre. É, pois, a isto, que se refere a alma quando diz: "Aquilo que me deste no outro dia", e que ela deseja possuir manifestamente na glória. O que será, então, aquilo que lhe deu ali? "O olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais veio ao coração do homem", como diz o Apóstolo (1Cor 2,9). E Isaías já dissera: "O olho não viu, exceto tu, ó Deus, o que tens preparado para os que te esperam" (Is 64,4). Por impossibilidade de o definir é que a alma o chama "aquilo". Em suma, trata-se de ver a Deus; e ao que seja para a alma a visão de Deus, não se pode dar outro nome senão "aquilo".

7. Para não deixarmos, contudo, de dizer alguma coisa a esse respeito, digamos o que manifestou Cristo a São João no *Apocalipse*, por muitos termos, vocábulos, e comparações, por sete vezes, não sendo possível encerrar "aquilo" em uma só palavra, nem de uma só vez; e mesmo em todas aquelas figuras, ainda fica por dizer. Assim fala ali Cristo: "Ao vencedor darei a comer da árvore da vida que está no paraíso de meu Deus" (Ap 2,7). Como se esta comparação fosse insuficiente, logo acrescenta: "Sê fiel até a morte e dar-te-ei a coroa da vida" (Id 10). Nem esta parece dar bem a entender, e logo vem outra mais obscura, que melhor o signifique: "Ao vencedor darei do maná escondido; e dar-lhe-ei uma pedra branca e sobre a pedra estará escrito um nome novo, que ninguém conhece, senão só quem o recebe" (Id 17). Mas nem esta figura basta para manifestar o que seja "aquilo"; eis por que o Filho de Deus aduz outra de grande alegria e poder: "Quem vencer e guardar até o fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações, e as regerá com vara de ferro, e como um vaso de barro se despedaçarão, assim como eu também recebi de meu Pai; e dar-lhe-ei a estrela da manhã" (Id 26). Não se contentando ainda com estes

termos, continua a dizer: "O vencedor será assim vestido de vestes alvas; e jamais lhe apagarei o nome do livro da vida; antes confessarei o seu nome diante de meu Pai" (Id 3,5).

8. E como tudo o que foi dito fica aquém da realidade, ajunta muitos vocábulos cheios de inefável majestade e grandeza para declarar "aquilo": "Ao vencedor, farei dele coluna no templo de meu Deus, e jamais sairá fora; escreverei sobre ele o nome de meu Deus, e o nome da cidade nova de Jerusalém de meu Deus, que desce do céu de meu Deus, e também meu nome novo" (Id 21). Enfim, para melhor o manifestar, emprega a sétima figura, que é: "Ao vencedor, eu o farei sentar-se comigo no meu trono; assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono" (Id 21). "O que tem ouvidos para ouvir ouça". Todas estas palavras são ditas pelo Filho de Deus, para dar a entender "aquilo". Quadram-lhe muito perfeitamente, mas não o exprimem. Com efeito, esta peculiaridade têm os mistérios infinitos: a de lhe quadrarem bem as expressões mais sublimes, em qualidade e magnificência, sem que, todavia, alguma delas, ou todas juntas, os declarem.

9. Vejamos agora se Davi nos revela algo deste "aquilo". Em um Salmo diz: "Que grande é, Senhor, a abundância de tua doçura que tens reservada para os que te temem!" (Sl 30,20). Por isto, noutro lugar dos Salmos, denomina-o "torrente de deleites", dizendo: "Tu os farás beber na torrente de teus deleites" (Sl 35,9). E sentindo também como não iguala este nome com a expressão do que seja "aquilo", torna a dizer noutro Salmo: "Tu o preveniste com bênçãos da doçura de Deus" (Sl 20,4). E, assim, um nome que quadre ao certo para definir "aquilo" que a alma diz, e que consiste na felicidade para a qual Deus a predestinou, é impossível encontrar. Fiquemos, então, com esse nome que a alma lhe deu — "aquilo", — e expliquemos o verso da seguinte maneira. Aquilo que me deste, isto é, aquele peso de glória a que me predestinaste, ó Esposo meu, no dia

de tua eternidade, em que houveste por bem determinar a criação de meu ser, tu mo hás de dar, em breve, ali, no dia do meu desposório e núpcias; tu, naquele dia de alegria para o meu coração, quando me desprenderes da carne, e me introduzires nas subidas cavernas de teu tálamo, transformar-me-ás gloriosamente em ti, e juntos, então, beberemos o mosto das suaves romãs.

ANOTAÇÃO PARA A CANÇÃO SEGUINTE

1. A alma chegada ao estado de matrimônio espiritual, de que agora tratamos, não fica sem perceber algo "daquilo" que lhe será dado na glória; como já está transformada em Deus, algo se passa em seu íntimo, do que há de gozar na eternidade. Por esta razão, não quer deixar de dizer aqui um pouco do que experimenta, nos penhores recebidos e por certo vestígio, que no interior lhe fazem pressentir o que será "aquilo"; porque se dá com ela o que afirma o profeta Jó: "Quem poderá conter a palavra que tem em si concebida, sem dizê-la?" (Jó 4,2). Assim, na canção seguinte, ocupa-se em descrever algo daquela fruição de que gozará depois na visão beatífica, e procura, quanto lhe é possível, explicar o que seja e como seja "aquilo" que ali receberá.

Canção XXXIX

E o aspirar da brisa,
Do doce rouxinol a voz amena,
O souto e seu encanto,
Pela noite serena,
Com chama que consuma sem dar pena.

EXPLICAÇÃO

2. Nesta canção, a alma procura dizer e explicar "aquilo" que lhe será dado pelo Esposo na transformação

beatífica, e o faz por cinco expressões. Na primeira, diz que é a aspiração do Espírito Santo, de Deus a ela, e dela a Deus. Na segunda, fala da sua jubilação na fruição de Deus. Na terceira, refere-se ao conhecimento das criaturas e da ordem que há entre elas. Na quarta, manifesta a pura e clara contemplação da essência divina. Na quinta, a transformação total no amor infinito de Deus. Diz, então, o verso:

E o aspirar da brisa

3. Este aspirar da brisa é uma capacidade que, segundo a própria alma o diz, lhe será dada por Deus, na comunicação do Espírito Santo. É este que, a modo de sopro, com sua aspiração divina, levanta a alma com grande sublimidade, penetrando-a e habilitando-a a aspirar, em Deus, aquela mesma aspiração de amor com que o Pai aspira no Filho, e o Filho no Pai, e que não é outra coisa senão o próprio Espírito Santo. Nesta transformação, o divino Espírito aspira a alma, no Pai e no Filho, a fim de uni-la a si na união mais íntima. Se a alma, com efeito, não se transformasse nas três divinas Pessoas da Santíssima Trindade, num grau revelado e manifesto,[1] não seria verdadeira e total a sua transformação. Essa aspiração do Espírito Santo na alma, com que Deus a transforma em si, causa-lhe tão subido, delicado e profundo deleite, que não há linguagem mortal capaz de o exprimir; nem o entendimento humano, com a sua natural habilidade, pode conceber a mínima idéia do que seja. Na verdade, mesmo o que se passa na transformação a que a alma chega nesta vida, é indizível; porque a alma, unida e transformada em Deus, aspira, em Deus, ao próprio Deus, naquela mesma aspiração divina com que Deus aspira em si mesmo a alma já toda transformada nele.

1. A 1ª redação do *Cântico* diz: "...embora não o seja em revelado e manifesto grau, por causa da baixeza e condição de nossa vida".

4. Nessa tranformação em que a alma está, ainda nesta vida, produz-se a mesma aspiração de Deus à alma e da alma a Deus, de que gozará na glória. Com muita freqüência a experimenta, e com subidíssimo deleite de amor em seu íntimo, embora não se lhe descubra em descoberto e manifesto grau, como na outra vida. É justamente isto, que, segundo entendo, quis exprimir São Paulo quando disse: "E porque sois filhos, enviou Deus aos vossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai" (Gl 4,6). Essa aspiração se produz nos bem-aventurados do céu e nos perfeitos da terra, do modo respectivo a uns e outros, conforme explicamos. Não é, pois, coisa impossível chegar a alma a atingir tão grande altura, aspirando em Deus, por participação, como ele mesmo nela aspira. Se Deus, de fato, lhe concede a graça de ser unida à Santíssima Trindade, tornando-se a alma assim deiforme e Deus por participação, como podemos achar incrível que ela tenha em Deus todo o seu agir, quanto ao entendimento, notícia e amor, ou, dizendo melhor, sejam suas operações todas feitas na Santíssima Trindade, juntamente com ela, como a mesma Santíssima Trindade? Assim o é, porém, por participação e comunicação, sendo Deus quem opera na alma. Nisto consiste a transformação da alma nas três divinas Pessoas, em poder, sabedoria e amor; nisto também torna-se a alma semelhante a Deus, e para chegar a este fim é que foi criada à sua imagem e semelhança.

5. Como seja realizada essa transformação, ninguém o pode nem sabe dizer. Só conseguimos dar a entender que o Filho de Deus nos alcançou este alto estado, e nos mereceu esta subida honra, de podermos ser filhos de Deus, conforme diz São João. Assim o pediu ele ao Pai, pelo mesmo São João, com estas palavras: "Pai, os que me deste, quero que onde eu estou, estejam também eles comigo, para contemplarem a minha glória que tu me deste" (Jo 17,24). Querendo dizer: que eles façam, por participação, em nós, a mesma obra que eu

faço por natureza, que é aspirar o Espírito Santo. E diz ainda mais: "Não rogo somente por eles, mas também por aqueles que por sua palavra crerem em mim; para que todos sejam uma só coisa, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, — que assim também eles sejam em nós uma só coisa... Dei-lhes a glória que tu me deste, para que sejam um, assim como nós somos um; eu neles e tu em mim: que sejam perfeitos na unidade, a fim de conhecer o mundo que tu me enviaste, e que os amaste como me amaste a mim" (Jo 17,20-23), isto é, comunicando a eles o mesmo amor que dedica ao Filho, embora não o faça por natureza como ao Filho, mas somente por unidade e transformação de amor. Não se há de entender também que o Filho queira dizer ao Pai que os santos sejam essencial e naturalmente uma só unidade, como o são o Pai e o Filho; mas pede que o sejam, por união de amor, assim como o Pai e o Filho são um em unidade de amor.

6. Daí vem a essas almas o possuírem por participação os mesmos bens que o Filho possui por natureza; portanto, podemos dizer, são verdadeiramente deuses por participação, em igualdade e companhia do mesmo Filho de Deus. Por esta razão disse São Pedro: "A graça e a paz se vos aumentem cada vez mais pelo conhecimento de Deus e de Jesus Cristo Nosso Senhor. Tudo quanto serve para uma vida piedosa, o seu divino poder no-lo deu pelo conhecimento daquele que nos chamou para sua glória e louvor: e com isto se nos comunicam as preciosas e grandíssimas graças prometidas, de modo que por elas vos tornastes participantes da natureza divina" (2Pd 1,2-5). Estas são as palavras de São Pedro, nas quais é dado claramente a entender que a alma participará do próprio Deus, isto é, fará, juntamente com ele, a própria obra da Santíssima Trindade, em conseqüência da união substancial entre a alma e Deus do modo que já explicamos. Esta realidade só será perfeita na vida eterna, todavia, quando a alma chega aqui na terra ao estado de perfeição, como chegou esta

de que tratamos, já lhe é dado prelibar em grande parte um vestígio e antegozo dessa união conforme vamos aqui dizendo, embora não se possa descrever como seja.

7. Ó almas criadas para estas grandezas, e a elas chamadas! que fazeis? Em que vos entretendes? Baixezas são vossas pretensões e tudo quanto possuís não passa de misérias. Oh! miserável cegueira dos olhos de vosso espírito! Pois para tanta luz estais cegas; para tão altas vozes, sois surdas; não vedes que, enquanto buscais grandezas e glórias, permaneceis miseráveis e vis, sendo ignorantes e indignas de tão grandes bens! Continua a alma a manifestar, por uma segunda expressão, o que seja "aquilo":

Do doce rouxinol a voz amena

8. Daquela aspiração da brisa ressoa na alma a doce voz de seu Amado que a ela se comunica; e neste suavíssimo canto se une a ele a mesma alma, em deliciosa jubilação. Esta mútua união é aqui denominada "canto do rouxinol". A voz do rouxinol se ouve na primavera, quando já passou o inverno, com seus vários rigores, frios e chuvas. Causa, então, deleite ao espírito a melodia que repercute no ouvido. O mesmo se realiza nesta atual comunicação e transformação de amor que a Esposa já possui nesta vida. Amparada e livre agora de todas as perturbações e contingências do tempo, desprendida e purificada de todas as imperfeições, penas e obscuridades, tanto do sentido como do espírito, sente-se numa nova primavera, com liberdade, dilatação e alegria de espírito; aí ouve a doce voz do Esposo, que é o seu doce rouxinol. Esta voz lhe renova e refrigera a substância íntima de si mesma; e o mesmo Esposo achando-a já bem disposta para caminhar à vida eterna, convida-a com doçura e deleite, fazendo ressoar aos ouvidos da alma esta sua deliciosa voz dizendo: "Levanta-te, apressa-te, amiga minha, pomba minha, formosa mi-

nha, e vem; porque já passou o inverno, já se foram e cessaram de todo as chuvas; as flores apareceram na nossa terra; chegou o tempo da poda, e ouviu-se na nossa terra a voz da rola" (Ct 2,10-13).

9. A essa voz do Esposo que lhe fala no íntimo, a Esposa experimenta haver chegado o fim de todos os males, e o princípio de todos os bens; nesse refrigério e amparo, com profundo sentimento de gozo, também ela, como doce rouxinol, eleva sua própria voz, num novo canto de júbilo a Deus, cantando juntamente com aquele que a move a isso. É para este fim que o Esposo lhe comunica sua voz: para que a esposa una a própria voz à dele, no louvor de Deus. Na verdade, o intento e desejo do Esposo é que a alma entoe a sua voz espiritual num canto de jubilação a Deus, e assim o pede ele próprio a ela nos *Cantares* dizendo: "Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem, pomba minha, nas aberturas da pedra, na concavidade do rochedo; mostra-me a tua face, ressoe a tua voz aos meus ouvidos" (Ct 2,13-14). Os ouvidos de Deus significam aqui os seus desejos de que a alma lhe faça ouvir esta voz de jubilação perfeita; e para que, de fato, seja perfeito este canto, o Esposo pede que ressoe nas cavernas da pedra, isto é, na transformação dos mistérios de Cristo, como já explicamos. Nesta união, a alma verdadeiramente jubila e louva a Deus com o mesmo Deus e assim é louvor perfeitíssimo, e muito agradável a Deus, tal como dizíamos a respeito do amor; porque tendo a alma chegado à perfeição, todas as obras que faz são muito perfeitas. Por isto, essa voz de júbilo é doce para Deus, e doce também para a alma. Eis a razão de dizer o Esposo: "tua voz é doce" (Ct 2,14), e não o é só para ti, mas também para mim, pois estando tu comigo em unidade, emites tua voz para mim em unidade comigo, como doce rouxinol.

10. Tal é o canto que ressoa dentro da alma, na transformação em que se acha nesta vida, e cujo sabor é acima de todo encarecimento. Não chega ainda, porém,

a ser tão perfeito como o cântico novo da vida gloriosa; e, assim, deliciada a alma com o gosto que dele sente nesta terra, e vislumbrando através da sublimidade deste canto do exílio a excelência do que ouvirá na glória, incomparavelmente mais sublime, lembra-o agora dizendo que aquilo que lhe dará o Esposo será o canto do doce rouxinol. E acrescenta:

O souto e seu encanto

11. Eis a terceira expressão de que se serve a alma ao descrever o que lhe há de dar o Esposo. Pelo souto, que é o bosque onde crescem muitas plantas e animais, compreende a alma o próprio Deus como criador e conservador de todas as criaturas, as quais nele têm sua vida e origem. Sob esse aspecto revela-se Deus à alma, dando-se a conhecer a ela como criador. O encanto deste souto, que a alma pede também aqui ao Esposo para mostrar-lhe, representa a graça, sabedoria, e beleza que cada uma das criaturas, tanto da terra como do céu, recebe de Deus, e também a harmonia que reina entre elas todas, pela correspondência e subordinação recíproca de umas às outras, — sábia, ordenada, graciosa e amiga — seja das criaturas superiores entre si e das inferiores também entre si, ou ainda, entre as superiores e as inferiores. Tal conhecimento proporciona à alma admirável encanto e deleite. A quarta expressão é a seguinte:

Pela noite serena

12. Esta noite é a contemplação pela qual a alma deseja ver tudo quanto ficou dito. O motivo de chamar a contemplação "noite", é por ser obscura, e assim também lhe dão o nome de teologia mística, que significa sabedoria de Deus secreta ou escondida. Nesta contemplação, sem ruído de palavras, nem cooperação alguma

de sentido corporal ou espiritual, em silêncio e quietação, às escuras de tudo o que é sensível ou humano, o mesmo Deus ensina à alma, de modo ocultíssimo e secretíssimo, e sem que ela saiba como. A isto, alguns espirituais chamam "entender não entendendo". De fato, não se produz esta operação no entendimento que os filósofos classificam de ativo, e cuja atividade se processa nas noções, imagens e apreensões das potências corporais; realiza-se no entendimento enquanto possível e passivo, o qual, sem intermédio de figuras, apenas recebe passivamente o conhecimento substancial despojado de toda imagem, e comunicado sem cooperação ou trabalho ativo do mesmo entendimento.

13. Eis por que esta contemplação é denominada noite,[1] por meio da qual, ainda nesta vida, a alma já transformada no amor conhece de modo elevadíssimo aquele divino souto e seu encanto. Por mais sublime, entretanto, que seja esta notícia de Deus, é como noite escura, em comparação da luz beatífica aqui solicitada pela alma. Assim, pedindo aqui a clara contemplação na luz da glória, pede ao Esposo que estas delícias do souto e seu encanto, bem como as demais coisas já referidas lhe sejam dadas "pela noite serena", isto é, na contemplação já gloriosa e beatífica. E, deixando de ser a noite de contemplação obscura da terra, transforme-se em contemplação luminosa e serena de Deus no céu. Dizendo, pois, "noite serena", quer a alma significar a contemplação clara e serena da visão beatífica de Deus. Davi, ao falar desta noite de contemplação, exclama: "A noite converter-se-á em claridade nos meus deleites" (Sl 138,11). Como se dissera: quando estiver em meus deleites gozando da visão essencial de Deus, a noite de contemplação terá amanhecido no dia e na luz para meu entendimento. Segue-se a quinta expressão:

1. A 1ª redação do *Cântico* assim diz: "Eis por que não somente é denominada 'noite', mas 'noite serena'".

Com chama que consuma sem dar pena

14. Pela chama compreende aqui a alma o amor do Espírito Santo.[2] O consumar significa acabar e aperfeiçoar. Em dizer, portanto, a alma que tudo quanto foi expresso nesta canção lhe há de ser concedido pelo Amado, e ela possuirá esses dons com amor consumado e perfeito, e tudo será absorvido juntamente com ela neste mesmo amor perfeito, sem que coisa alguma lhe cause pena, quer manifestar a perfeição total desse amor. E para que na verdade seja assim, necessariamente há de ter o amor duas propriedades: a primeira é que consume e transforme a alma em Deus; a segunda, que a inflamação e transformação operada pela chama do amor não causem mais sofrimento e isto só pode acontecer no estado de bem-aventurança, sendo então essa chama de amor suavíssimo. De fato, na transformação da alma em chama, na eterna bem-aventurança, há conformidade e satisfação beatífica de ambas as partes; portanto não há sofrimento devido à variação de intensidade, para grau maior ou menor, como acontecia antes que a alma chegasse a ser capaz desse perfeito amor. Uma vez chegada à perfeição total do amor, permanece unida a Deus com tanta conformidade e suavidade que, sendo Deus fogo consumidor — segundo afirma Moisés (Dt 4,24) para ela se torna consumador e sustentador. Já não acontece como na transformação de amor, alcançada pela alma nesta vida; pois, embora muito perfeita e consumadora em amor, todavia, lhe era ainda algo consumidora e destrutiva; o amor então agia nela como o fogo na lenha que já se acha inflamada e transformada em brasa; e embora não fumegasse mais esse fogo de amor, como sucedia antes de transformar nele a alma, todavia, ao consumá-la em fogo, ao mesmo tempo a consumia e reduzia a cinzas. Isto sucede

2. A 1ª redação do *Cântico* diz: "Esta chama significa aqui o amor de Deus, quando já está perfeito na alma". Não se refere ao estado beatífico, e sim à transformação de amor aqui na terra.

quando a transformação de amor nesta vida chega a ser perfeita: mesmo havendo conformidade, sempre há também algum detrimento e pena. A razão é que, de uma parte, essa transformação é própria do estado beatífico, e não pode ainda o espírito recebê-la como no céu; de outra parte, o sentido, fraco e corruptível, sofre detrimento com a força e sublimidade de tão grande amor, pois é certo que qualquer coisa transcendente causa pena e detrimento à fraqueza natural. Bem o diz a Escritura: "O corpo que se corrompe torna pesada a alma" (Sb 9,15). Quando esta, porém, chegar à vida beatífica, nenhum detrimento e pena sentirá, mesmo sendo profundíssima a sua compreensão de Deus, e sem medida o seu amor; porque Deus dará capacidade ao entendimento, e fortaleza ao amor, consumando o mesmo entendimento com sua sabedoria, e a vontade com o seu amor.

15. A Esposa pediu, nas canções precedentes, e nesta que vamos explicando, imensas comunicações e notícias de Deus, para as quais há necessidade de ser o amor muito forte e elevado, a fim de poder amar segundo a grandeza e sublimidade delas; por isto, pede agora lhe sejam tais comunicações concedidas neste amor consumado perfectivo e forte.

Canção XL

Ali ninguém olhava;
Aminadab tampouco aparecia;
O cerco sossegava;
Mesmo a cavalaria,
Só à vista das águas, já descia.

EXPLICAÇÃO E ANOTAÇÃO

1. Conhece agora a Esposa que a inclinação de sua vontade já está em total desapego de todas as coisas, e

se apóia unicamente em Deus, com estreitíssimo amor; que a parte sensitiva, com todas as suas forças, potências e apetites, já se acha conformada ao espírito, estando definitivamente acabadas e subjugadas todas as suas revoltas; que o demônio, após largo e variado exercício e combate espiritual, já foi vencido e afastado para muito longe; enfim, que a própria alma está unida e transformada em Deus, com abundantíssimas riquezas e dons celestiais. Vê como, por tudo isto, já se acha bem disposta, preparada e fortalecida, para subir, apoiada ao seu Esposo, através do deserto da morte, cheia de deleites, até os tronos e assentos gloriosos de seu Esposo. Desejosa, pois, de que o mesmo Esposo remate finalmente sua obra, e para movê-lo a isso com maior eficácia, representa-lhe todas essas disposições agora referidas, especificando-as em número de cinco,[1] nesta última canção. A primeira é que já está desapegada de tudo, e alheia a todas as coisas. A segunda, que já está vencido e afugentado o demônio. A terceira, que já se acham subjugadas as paixões, e mortificados os apetites naturais. A quarta e a quinta mostram como já está reformada e purificada a parte sensitiva e inferior, e em perfeita conformidade com a parte espiritual; e assim, longe de estorvar a alma na recepção daqueles bens espirituais, ao contrário, adaptar-se-á a eles, porque na disposição em que se acha participa desde já, segundo a sua própria capacidade, das graças que a alma agora recebe. Diz, então:

Ali ninguém olhava...

2. É como se dissesse: minha alma já está despojada, desprendida, sozinha e apartada de todas as coisas criadas, sejam superiores ou inferiores, e tão profundamente adentrada no recolhimento interior contigo, que

1. A 1ª redação do *Cântico* especifica somente quatro, reunindo numa só as duas últimas daqui.

nenhuma delas chega a perceber o íntimo deleite que em ti possuo; isto é, nenhuma pode mover-me a gozar com sua suavidade, ou a sentir desprazer e aborrecimento com sua miséria e baixeza; porque minha alma se acha tão longe delas, e é tão profundo o deleite que tenho contigo, que criatura alguma o pode alcançar com sua vista. Não só isto, mas também

Aminadab tampouco aparecia

3. Este Aminadab, de que fala a Sagrada Escritura, significa, no sentido espiritual, o demônio, adversário da alma. Ele andava sempre a perturbá-la e fazer-lhe guerra com a inumerável munição de sua artilharia, a fim de que a alma não entrasse nesta fortaleza e esconderijo do recolhimento interior junto ao Esposo. Agora que ela já se acha aí dentro, tão favorecida, tão forte, e tão vitoriosa, possuindo as virtudes, sob o amparo do abraço de Deus, o demônio nem ousa aproximar-se; antes, com grande pavor foge para bem longe, e não se atreve a aparecer. E também, pelo exercício das virtudes, e em razão do estado perfeito a que chegou, a alma de tal maneira mantém afastado e vencido o demônio, que ele não mais aparece diante dela. Assim, Aminadab tampouco aparecia com qualquer direito para impedir-me este bem que pretendo.

O cerco sossegava...

4. Pelo cerco, a alma compreende aqui suas paixões e apetites, os quais, enquanto não estão vencidos e mortificados, a cercam em derredor, combatendo-a de uma parte e de outra; por isto são denominados cerco. Diz que este cerco está agora sossegado, isto é, as paixões ordenadas pela razão e os apetites mortificados. Por este motivo, pede ao Esposo que não deixe de comunicar-lhe as mercês solicitadas, uma vez que o referido

cerco já não é causa de impedimento. A razão de dizer isto é que enquanto as quatro paixões da alma não estão ordenadas em relação a Deus, e os apetites mortificados e purificados, não tem ela capacidade para vê-lo. Segue-se:

Mesmo a cavalaria,
Só à vista das águas, já descia

5. Pelas águas são aqui significados os bens e deleites espirituais de que a alma goza em seu interior, neste estado de união com Deus. Pela cavalaria são compreendidos os sentidos corporais da parte sensitiva, tanto interiores como exteriores, os quais trazem em si as figuras e representações dos objetos que eles aprendem. Estes sentidos, diz aqui a Esposa, descem à vista das águas espirituais; efetivamente, no estado do matrimônio espiritual, esta parte sensitiva e inferior se acha a tal ponto purificada, e até de certa maneira espiritualizada, que também ela se recolhe, com todas as potências sensitivas e todas as forças naturais, a participar e gozar, a seu modo, das grandezas espirituais comunicadas por Deus à alma, no íntimo do espírito. Assim o deu a entender Davi quando disse: "O meu coração e a minha carne regozijam-se no Deus vivo" (Sl 83,3).

6. Notemos bem como a Esposa não diz que a cavalaria descia para gozar das águas, mas que descia só à vista delas. Na verdade, a parte sensitiva com suas potências não têm capacidade para saborear, de modo particular e essencial, os bens espirituais, e isto não só nesta vida, mas nem na eternidade. Apenas por certa redundância do espírito é que recebe sensivelmente recreação e deleite daqueles bens; por meio deste deleite, os sentidos e potências corporais são atraídos ao recolhimento interior onde está a alma bebendo as águas dos bens espirituais. Mais propriamente se pode dizer, portanto, que descem à vista das águas, do que bebem e gozam delas. A alma emprega aqui a palavra descia,

e não outra, para dar a entender que nesta comunicação da parte sensitiva à espiritual, quanto ao gozo dessa bebida das águas espirituais, os sentidos e potências cessam em suas operações naturais, passando daí ao recolhimento espiritual. [2]

7. Todas estas perfeições e disposições propõe a Esposa a seu Amado, o Filho de Deus, com o desejo de ser por ele transladada, do matrimônio espiritual a que Deus quis elevá-la na Igreja militante, ao matrimônio glorioso da Igreja triunfante. A este se digne levar todos os que invocam seu nome, o dulcíssimo Jesus, Esposo das almas fiéis, ao qual seja dada honra e glória juntamente com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amém.

2. A 1ª redação do *Cântico* conclui mais brevemente o parágrafo seguinte, deste modo: "...passando daí ao recolhimento interior, ao qual seja servido levar o Senhor Jesus, Esposo dulcíssimo, todos aqueles que invocam seu santíssimo nome; a ele seja dada honra e glória juntamente com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amém".

APÊNDICE

EXPLICAÇÃO DA CANÇÃO XXXVIII NA 1ª REDAÇÃO DO CÂNTICO

1. O fim visado pela alma, quando desejava entrar naquelas cavernas já referidas, era alcançar a consumação — tanto quanto possível nesta vida — do que sempre havia pretendido, ou seja, o perfeito e total amor de Deus, que se manifesta naquela comunicação, pois o amor é o fim de tudo. Tinha igualmente em vista conseguir, de modo espiritual e completo, a retidão e pureza do estado de justiça original. Assim, nesta Canção, a alma declara dois pontos. O primeiro é que ali, naquela transformação de conhecimentos divinos, lhe mostraria o Esposo o que sua alma pretendia em todos os seus atos e intenções, isto é, que ela já o ama com a perfeição com que ele mesmo se ama; e, ao mesmo tempo, haveria de mostrar-lhe todas as coisas que vão ser explicadas na canção seguinte. O segundo é que ali lhe daria também o Esposo a pureza e limpeza que lhe havia dado no estado de justiça original, isto é, no dia do batismo, no qual ele a purificou totalmente de todas as imperfeições e trevas que nela então se achavam.

Ali me mostrarias
Aquilo que minha alma pretendia

2. Esta pretensão é a igualdade de amor que, natural e sobrenaturalmente, a alma sempre deseja, pois o amante não pode estar satisfeito se não sente que ama tanto quanto é amado. Vendo como o amor que Deus lhe tem é na verdade imenso, a alma de sua parte não o quer amar com menor perfeição e sublimidade; para isto conseguir, aspira à atual transformação. Com efeito,

não lhe é possível chegar a essa igualdade e inteireza de amor a não ser pela transformação total de sua própria vontade na de Deus; então, de tal maneira se unem as vontades, que das duas se faz uma, e assim há igualdade de amor. A vontade da alma, convertida em vontade de Deus, torna-se inteiramente vontade de Deus; a alma não perde a sua vontade, mas transforma-a toda em vontade de Deus. Deste modo, a alma ama a Deus com a vontade dele, que também é a sua; logo, chega a amá-lo tanto quanto é dele amada, pois o ama com a vontade do próprio Deus, no mesmo amor com que ele a ama, o qual é o Espírito Santo dado à alma, segundo as palavras do Apóstolo: "A graça de Deus está infundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos é dado" (Rm 5,5). É certo, então, que a alma ama a Deus no Espírito Santo, e juntamente com o mesmo Espírito Santo, não como se ele fora meio para amar, e sim unida a ele, em razão da transformação de amor, conforme vamos explicar. Esse divino Espírito supre o que lhe falta, por ter transformado a alma em seu amor.

3. Notemos bem como a alma não diz: ali tu me darias, mas ali me mostrarias; pois, embora seja verdade que o Amado lhe dá seu amor, é com muito acerto que ela emprega o termo mostrar. Como a dizer: mostrar-lhe-á o Esposo que ela já o ama como ele próprio se ama. Deus, que nos ama primeiro, mostra-nos que o amamos pura e integralmente como ele nos ama. De fato, nesta transformação, Deus revela à alma um amor total, generoso e puro no qual ele próprio se comunica todo a ela de modo amorosíssimo, transformando-a em si mesmo, e a ela dando seu próprio amor para que o ame; isto é o que significa mostrar-lhe como amar, pondo-lhe, por assim dizer, o instrumento nas mãos, ensinando-lhe como há de fazer e agindo ele mesmo com ela; ama então a alma a Deus, tanto quanto é dele amada. Não quero dizer que chegue a amar a Deus quanto ele se ama, pois é impossível; mas que o ama tanto quanto é dele amada; porque assim como há de

conhecer a Deus como dele é conhecida, como diz... [1] um mesmo amor é o de ambos. Donde não só fica a alma instruída no amor, mas ainda feita mestra no amor, unida com o mesmo mestre, e, por conseguinte, satisfeita em seu desejo de amar; e enquanto não chega a este ponto não se satisfaz, isto é, enquanto não chega a amar a Deus perfeitamente com o próprio amor com que ele se ama. É verdade que a alma não pode alcançar isto com toda a plenitude nesta vida; contudo, no estado de perfeição, — o do matrimônio espiritual, de que vamos falando, — de certa maneira o consegue.

4. Este amor assim tão perfeito tem por conseqüência imediata, na alma, uma substancial e íntima jubilação a Deus; com efeito, parece-lhe que toda a sua substância engrandece a Deus toda imersa em glória, e realmente assim é. A mesma alma sente, à maneira de fruição, uma suavidade interior que leva todo o seu ser a louvar, reverenciar, estimar e engrandecer a Deus com sumo gozo, tudo envolto em amor. Tal não acontece sem que Deus haja concedido à alma, nesse estado de transformação, grande pureza, como aquela que havia no estado de inocência, ou como aquela do batismo, a que se refere também a alma aqui, manifestando como o Esposo lha daria agora nessa transformação de amor.

E logo me darias,
Ali, tu, vida minha,
Aquilo que me deste no outro dia

5. Dá o nome de outro dia ao estado de justiça original, em que Deus dotou Adão de graça e inocência; ou ao dia do batismo, em que a alma recebeu pureza e brancura total; diz, nestes versos, como o Amado lhe faria esse dom, na união perfeita de amor. Isto mesmo significam as palavras ditas por ela no último verso, a saber: Aquilo que me deste no outro dia; porque, já o afirmamos, a essa perfeita pureza e brancura chega a alma, no estado de perfeição.

1. Aqui falta uma linha no manuscrito da 1ª redação do *Cântico*.

CHAMA VIVA DE AMOR *

(Primeira redação)

Esta é a última das quatro grandes obras sanjuanistas e a mais inefável, a mais elevada. Páginas endeusadas que só um espírito como o de São João da Cruz poderia entrever e balbuciar.

É composta de quatro canções cujos versos são acompanhados de pontos de admiração, indicando a inefabilidade do mistério que querem declarar. Escritas em Granada entre os anos de 1582-1584, foram comentadas quando São João da Cruz era vigário provincial da Andaluzia (1585-87), para satisfazer os desejos de Dona Ana de Peñalosa, filha espiritual do Santo, "nobre e devota senhora" de Segóvia.

É a obra mais inebriante, porque trata do "mais candente e inflamado amor", do grau mais perfeito e depurado de perfeição a que se pode chegar nesta vida. Ninguém, como ele, cantou tão divinamente os segredos e as belezas da vida de união. São João da Cruz ao escrever estas páginas mostrou-se mais anjo do que homem.

Seria necessário possuir a mesma "notícia" e "calor" que iluminaram o Santo, nos quinze dias empregados em sua redação, para saborear verdadeiramente estas páginas. Pelo menos, que do vale de nossa miséria sintamos a atração dos altos cumes, por onde passeia o espírito do místico carmelita.

* Introdução do *Pe. Felipe Sainz de Baranda*, atual prepósito geral da Ordem dos Carmelitas Descalços na Edição do *Pe. Simeão da Sagrada Família*: "Juan de la Cruz, Obras Completas".

(Segunda redação)

Como o "Cântico Espiritual" também a "Chama" foi retocada, não tão extensa e profundamente como ele, mas o suficiente para poder-se falar de uma segunda redação, da "CHAMA B". *Pensa-se que São João da Cruz alegrava-se intimamente lendo suas duas obras mais primorosas, talvez porque visse ali, mais diáfana e claramente que nos seus outros escritos, o retrato de sua alma; talvez porque eram os livros espirituais que mais bem lhe faziam: nenhum livro podia pô-lo mais em contato com Deus do que aquelas páginas de seu espírito.*

Realizou esta redação nos últimos anos de sua vida, quando mais do que nunca era "celestial e divino". Como a primeira redação esta é dedicada a sua filha espiritual Dona Ana de Peñalosa.

Ao ler esta última obra de São João da Cruz, podemos pensar que estamos presenciando a glorificação de sua alma divinizada. O céu parece abrir-se e vislumbramos a glória de que será inundada na outra vida, face a face com a Santíssima Trindade, a alma que aqui amou a Deus sobre todas as coisas. Poderíamos dizer que a "Chama" é a epifania desse mistério sobrenatural, que os olhos não podem ver, nem ouvidos ouvir e que só o coração sente e conhece: o mistério da transformação da alma na Santíssima Trindade. O Senhor generosamente o antecipa a quem, como São João da Cruz, renunciando a tudo, sabe esperar tudo do Tudo.

CHAMA VIVA DE AMOR

Explicação das Canções que tratam da mais íntima e subida união e transformação da alma em Deus, pelo Pe. Frei João da Cruz, Carmelita Descalço, a pedido de Dona Ana de Peñalosa. Foram compostas na oração, pelo mesmo Padre, no ano de 1584.

PRÓLOGO

1. Alguma relutância tive, mui nobre e devota senhora, em explicar estas quatro Canções, como Vossa Mercê pediu; porque sendo de coisas tão interiores e espirituais, ordinariamente a linguagem falta. Com efeito, o que é espiritual excede o sensível, e com dificuldade se pode dizer algo da substância do espírito a não ser com profunda penetração deste. Pelo pouco que há em mim, fui diferindo até agora, quando parece ter o Senhor dado alguma luz ao entendimento e infundido algum calor. Assim deve ter sucedido pelo grande desejo de Vossa Mercê, pois como as Canções foram feitas para Vossa Mercê, talvez queira Sua Majestade que para Vossa Mercê se expliquem. Animei-me, então, ciente de que por mim mesmo nada direi que valha em coisa alguma, quanto mais em se tratando de matérias tão subidas e substanciais. Por isto, o que houver aqui de mau e errado será somente meu; e assim tudo submeto ao melhor parecer e juízo de nossa Santa Madre Igreja

Católica Romana, cuja Regra ninguém erra em seguir. Com este pressuposto, apoiando-me à Sagrada Escritura, e deixando bem entendido como tudo que aqui se disser fica muito inferior ao que nela há, tanto quanto uma pintura em comparação do modelo vivo, atrever-me-ei a dizer o que souber.

2. Não é para admirar faça Deus tão altas e peregrinas mercês às almas que lhe apraz regalar. Na verdade, se considerarmos que é Deus, e que as concede como Deus, com infinito amor e bondade, não nos há de parecer fora de razão. Suas próprias palavras nos afirmam que se alguém o amar, o Pai, o Filho e o Espírito Santo virão fazer nele sua morada (Jo 16,23). E isto se realiza quando Deus leva quem o ama a viver e morar no Pai e no Filho e no Espírito Santo, com vida divina, conforme dá a entender a alma nestas Canções.

3. Naquelas Canções [1] explicadas anteriormente, tratamos, em verdade, do mais alto grau de perfeição a que a alma pode chegar nesta vida, ou seja, a transformação em Deus; mas nestas de agora falamos do amor mais qualificado e perfeito nesse mesmo estado de transformação. Sem dúvida, tudo quanto se diz numas e noutras é próprio de um só estado de união transformante, o qual em si não pode ser ultrapassado aqui na terra; todavia pode, com o tempo e o exercício, aprimorar-se, como digo, e consubstanciar-se muito mais no amor. Acontece-lhe como à lenha quando dela se apodera o fogo, transformando-a em si pela penetração de suas chamas: embora já esteja feita uma só coisa com o fogo, em se tornando este mais vivo, fica a lenha muito mais incandescente e inflamada, a ponto de lançar de si centelhas e chamas.

4. Deste abrasado grau se há de entender que fala aqui a alma, estando já de tal modo transformada e aprimorada interiormente no fogo do amor, que não apenas está unida a ele, mas ele lança dentro dela uma viva chama. Assim o sente e assim o exprime nestas

1. As do *Cântico Espiritual*.

canções, com delicada e íntima doçura de amor, ardendo nessa chama. Vai, ao mesmo tempo, exaltando nestes versos alguns efeitos que essa chama de amor produz em seu íntimo, os quais serão explicados na mesma ordem das canções precedentes: primeiro porei as canções em conjunto, e depois tomarei cada uma em particular para explicá-la brevemente; por fim tratarei de cada verso de per si.

CANÇÕES FEITAS PELA ALMA NA ÍNTIMA UNIÃO COM DEUS

1º

Oh! chama de amor viva
Que ternamente feres
De minha alma no mais profundo centro!
Pois não és mais esquiva,
Acaba já, se queres,
Ah! rompe a tela deste doce encontro.

2º

Oh! cautério suave!
Oh! regalada chaga!
Oh! branda mão! Oh! toque delicado
Que a vida eterna sabe,
E paga toda dívida!
Matando, a morte em vida me hás trocado.

3º

Oh! lâmpadas de fogo
Em cujos resplendores
As profundas cavernas do sentido,
— Que estava escuro e cego, —
Com estranhos primores
Calor e luz dão junto a seu Querido!

4º

Oh! quão manso e amoroso
Despertas em meu seio
Onde tu só secretamente moras:
Nesse aspirar gostoso,
De bens e glória cheio,
Quão delicadamente me enamoras!

Canção I

Oh! chama de amor viva,
Que ternamente feres
De minha alma no mais profundo centro!
Pois não és mais esquiva,
Acaba já, se queres,
Ah! rompe a tela deste doce encontro.

EXPLICAÇÃO

1. Sente-se a alma já toda inflamada na divina união, com o paladar todo saturado de glória e amor; nada menos do que rios de glória parecem transbordar até o íntimo de sua substância, afogando-a em deleites; sente brotarem de seu seio aqueles rios de água viva que o Filho de Deus declarou haviam de jorrar das almas chegadas a esta união (Jo 7,38). Parece-lhe, pois, estar tão fortemente transformada em Deus, e tão altamente dele possuída, bem como tão cumulada de riquezas preciosas, de dons e virtudes, e tão próxima à bem-aventurança, que dela apenas a separa uma tela finíssima. Vê que a chama delicadíssima de amor em que arde, a cada investida sobre ela, vai glorificando-a com suave e forte glória. De tal maneira que cada vez que essa chama acomete e absorve a alma, quase parece dar-lhe já a vida eterna, e chegar a romper a tela desta vida mortal, faltando muito pouco para isso. Ao sentir que por este pouco não acaba de ser glorificada essencialmente, dirige-se a alma com grande desejo à mesma chama, que é o Espírito Santo, pedindo-lhe que rompa, enfim, esta vida mortal por aquele doce encontro, em que verdadeiramente acabe de comunicar-lhe aquilo que parece ir concedendo de cada vez que a acomete; pede-lhe, em suma, que a glorifique de modo total e perfeito. E assim diz:

Oh! chama de amor viva.

2. Para encarecer o sentimento e apreço com que fala nestas quatro canções, a alma emprega, em todas, estes

termos: "Oh!" e "quão", os quais significam afetuoso encarecimento, e de cada vez que são ditos revelam do interior mais do que tudo quanto se exprime pela linguagem. A exclamação "Oh!" presta-se para manifestar muito desejo e muita súplica, com força persuasiva; a alma a emprega nesta canção com este duplo objetivo, pois encarece e notifica seu grande desejo, persuadindo ao amor que a desate do corpo.

3. Esta chama de amor é o espírito de seu Esposo, que é o Espírito Santo. Sente-o a alma agora em si, não apenas como fogo que a mantém consumida e transformada em suave amor, mas como fogo que, além disso, arde no seu íntimo, produzindo chama, conforme disse. E essa chama, cada vez que flameja, mergulha a alma em glória, refrigerando-a ao mesmo tempo numa atmosfera de vida divina. Eis a operação do Espírito Santo na alma transformada em amor: os atos interiores que produz são como labaredas inflamadas de amor, nas quais a alma, tendo a vontade unida a ele, ama de modo elevadíssimo, toda feita um só amor com aquela chama. Daí vêm a ser preciosíssimos os atos de amor feitos então pela alma, e num só deles merece mais e tem maior valor, do que tudo quanto havia feito de melhor em toda a sua vida, antes de chegar a esta transformação. A mesma diferença existente entre o hábito e o ato acha-se, aqui, entre a transformação de amor e a chama de amor, diferença igual, também, à da madeira inflamada e a chama que produz, pois a chama é o efeito do fogo ali presente.

4. Daí podemos concluir que a alma no estado de transformação de amor tem ordinariamente o hábito do mesmo amor, assim como a lenha sempre incandescente pela ação do fogo; seus atos são a chama que se levanta do fogo do amor, e irrompe tanto mais veemente quanto mais intenso é o fogo da união, em cuja chama se unem e levantam os atos da vontade. É esta arrebatada e absorta na própria chama do Espírito Santo, à semelhança daquele anjo que subiu a Deus na chama

do sacrifício de Manué (Jz 13,20). Assim, neste estado, a alma não pode fazer atos; é o Espírito Santo que os produz todos, movendo-a a agir; por isto, todos os atos dela são divinos, pois a alma é divinizada e toda movida por Deus. Donde, a cada crepitar dessa chama que a faz amar com sabor e quilate divino, parece-lhe estar recebendo vida eterna, pois é elevada à operação de Deus em Deus.

5. Tal é a linguagem e palavra com que Deus fala nas almas purificadas e limpas, em termos incendidos, conforme disse Davi: "A tua palavra é chama ardente" (Sl 118,14). E o Profeta: "Não são as minhas palavras como um fogo?" (Jr 23,29). Essas palavras, segundo afirma o mesmo Senhor no Evangelho de São João, são espírito e vida (Jo 6,64). Percebem-nas as almas que têm ouvidos para ouvi-las; e estas, como digo, são as almas puras e enamoradas. As que não têm o paladar são, e gostam de outras coisas, não podem saborear o espírito e vida que em tais palavras se encerra, antes, pelo contrário, só acham nelas insipidez. Por esta razão, quanto mais sublimes eram as palavras ditas pelo Filho de Deus, tanto maior era o aborrecimento de alguns que estavam imperfeitos; assim sucedeu na pregação daquela doutrina tão saborosa e amável sobre a sagrada Eucaristia, quando, então, muitos volveram atrás.

6. Pelo fato de tais almas não gostarem dessa linguagem de Deus, falada por ele no íntimo, não hão de pensar que outras deixam de saboreá-la, conforme vamos explicando aqui, e como experimentou São Pedro em sua alma quando disse a Cristo: "Senhor, a quem havemos de ir? Tu tens palavras de vida eterna" (Jo 6,69). A Samaritana esqueceu a água e o cântaro pela doçura das palavras de Deus (Jo 4,28). Estando, pois, esta alma aqui tão perto de Deus, a ponto de achar-se transformada em chama de amor, em que recebe a comunicação do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, por que seria coisa incrível dizer que ela goza um vislumbre de vida eterna, embora não ainda de

modo perfeito, porque não o sofre a condição desta vida? Todavia é tão subido o deleite produzido nela por aquele chamejar do Espírito Santo, que a faz provar o sabor da vida eterna; por isto a alma dá a essa chama o nome de chama viva; não é que não seja sempre viva, mas pelo efeito de vida que produz, fazendo a alma viver espiritualmente em Deus e experimentar vida de Deus, conforme diz Davi: "Meu coração e minha carne gozaram no Deus vivo" (Sl 83,3). Não seria necessário, aliás, dizer Deus vivo, pois sempre Deus o é; mas assim se exprime o Profeta para dar a entender que o espírito e o sentido gozavam vivamente de Deus, transformados nele; eis o que seja "gozar em Deus vivo"; e isto é vida de Deus e vida eterna. Não dissera Davi, nesse verso, Deus vivo, se não quisesse manifestar que gozava dele vivamente, embora não perfeitamente, mas só como um vislumbre de vida eterna. Assim a alma, nesta chama, sente tão vivamente a Deus e dele goza com tanto sabor e suavidade, que diz: Oh! chama de amor viva,

Que ternamente feres.

7. Isto é, com teu ardor, ternamente me tocas. Sendo uma chama de vida divina, fere a alma com ternura de vida de Deus; e tão intensa e entranhavelmente a fere e a enternece, que chega a derretê-la em amor; para que se realize nessa alma o mesmo que sucedeu à Esposa nos *Cantares* quando se enterneceu tanto, a ponto de derreter-se, conforme diz ali: "A minha alma se derreteu assim que o Amado falou" (Ct 5,6). Tal é o efeito produzido na alma pelo falar de Deus.

8. Como é possível, no entanto, dizer que a fere, se na alma não há mais o que ferir, estando ela já toda cauterizada pelo fogo do amor? É coisa maravilhosa ver como o amor nunca está ocioso, mas em contínuo movimento, e, como fogo em chamas, está sempre levantando labaredas aqui e ali; e sendo o ofício do amor ferir para enamorar e deleitar, como nessa alma ele se acha em viva chama, está sempre lhe causando suas

feridas, quais labaredas ternissimas de delicado amor. Exercita na alma as artes e jogos do amor, mui jucunda e festivamente, como no palácio de suas núpcias, à maneira de Assuero com sua esposa Ester, mostrando então suas graças, descobrindo-lhe suas riquezas e a glória de sua grandeza. Assim faz, para que se cumpra nessa alma a palavra dele expressa nos Provérbios: "Cada dia me deleitava, brincando todo o tempo diante dele, brincando na redondeza da terra, e achando as minhas delícias em estar com os filhos dos homens" (Pr 8,30-31), isto é, em dar-me a eles. Estas feridas, pois, que constituem seus jogos, são labaredas de ternos toques dados na alma, por instantes, provenientes do fogo do amor que nunca está ocioso; esses toques, diz, acontecem e ferem

De minha alma no mais profundo centro.

9. De fato, na substância da alma, onde nem o centro do sentido nem o demônio podem chegar, é que se passa esta festa do Espírito Santo. Conseqüentemente, é tanto mais segura, substancial e deleitosa, quanto mais interior; pois quanto mais interior, tanto mais pura; e quanto maior é a pureza, tanto mais abundante, freqüente e geral é a comunicação de Deus. Assim, torna-se mais intenso o deleite e gozo da alma e do espírito, porque é Deus quem tudo opera, sem que a alma de sua parte nada faça. Porquanto a alma não pode fazer coisa alguma por si mesma se não for mediante o sentido corporal e por ele ajudada; e como no estado em que se acha está muito longe e muito livre dele, ocupa-se então unicamente em receber de Deus. Só ele é que pode, no fundo da alma, sem ajuda dos sentidos, fazer sua obra e movê-la a agir. Assim, todos os movimentos dessa alma são divinos; e embora sejam dele, são também dela, porque é Deus quem os produz na alma com ela, dando esta a sua vontade e consentimento. Em dizer que fere no mais profundo centro de sua alma, dá a entender que tem ela outros centros não tão profundos; e isto convém aqui advertir como seja.

10. Primeiramente, devemos saber que a alma como substância espiritual não tem alto nem baixo nem maior ou menor profundidade em seu próprio ser, como têm os corpos quantitativos. Como nela não há partes distintas, não existe diferença entre interior e exterior, pois é um todo simples e não tem centro quantitativamente mais ou menos profundo quanto à extensão; não pode estar mais iluminada em uma parte do que em outra, como os corpos físicos, mas a luz que recebe, seja mais ou menos intensa, penetra-a totalmente, do mesmo modo que o ar recebe ou não a luz, mais ou menos forte, nele todo.

11. Damos o nome de centro mais profundo de alguma coisa, ao que constitui o ponto extremo de sua substância e virtude, e onde se encerra a força de suas operações e movimentos, e que não pode ser ultrapassado. Por exemplo, o fogo, ou a pedra, têm capacidade e movimento natural, e também força, para chegar ao centro de sua esfera, que não podem ultrapassar, mas ao qual não deixam de chegar e de nele permanecer, a menos que sejam impedidos por algum obstáculo contrário e violento. Conseqüentemente, podemos dizer que a pedra, quando está algum tanto dentro da terra, embora não seja no ponto mais profundo, contudo está de certo modo em seu centro, pelo fato de achar-se dentro da esfera de seu centro, para o qual tende a sua atividade e movimento. Não diremos, porém, que está no mais profundo centro, que é o ponto central da terra; ainda lhe resta capacidade, força e inclinação para descer, chegando até o mais extremo e profundo centro, se lhe tirarem o impedimento que a detém de cair; só quando chegasse ao ponto central, e não tivesse mais força e tendência para descer, então diríamos que está no seu mais profundo centro.

12. O centro da alma é Deus. Quando ela houver chegado a ele, segundo toda a capacidade de seu ser, e a força de sua operação e inclinação, terá atingido seu último e mais profundo centro em Deus; isto se reali-

zará quando a alma com todas as suas forças compreender, amar e gozar plenamente a Deus. Não havendo chegado a tanto, como sucede nesta vida mortal em que a alma não pode ainda unir-se a Deus com a totalidade de suas forças, está sem dúvida no seu centro que é o mesmo Deus, mediante a graça e comunicação que dele recebe; contudo tem ainda força e movimento para ir mais avante, e não está satisfeita, porque, embora se ache no seu centro, não chegou ainda à maior profundidade, e pode penetrar mais adentro na profundeza de Deus.

13. Observemos como o amor é a inclinação da alma, e a sua força e potência para ir a Deus; pois é mediante o amor que a alma se une com Deus; e, assim, quanto mais graus de amor tiver, tanto mais profundamente penetra em Deus e nele se concentra. Donde chegamos à seguinte conclusão: na mesma proporção dos graus de amor divino possuídos pela alma, são os centros que ela pode ter em Deus, cada um deles mais profundo que outro; porque o amor, quanto mais forte, mais unitivo. Deste modo podemos interpretar aquelas muitas moradas que, no dizer do Filho de Deus, há na casa do Pai celeste (Jo 14,12). Logo, para a alma estar em seu centro que é Deus, basta-lhe ter um só grau de amor, pois com este único grau une-se com Deus pela graça. Se tivesse dois graus, ter-se-ia unido mais a Deus, concentrando-se nele mais adentro; se chegar a possuir três graus, aprofundar-se-á em três centros; finalmente, atingido o último grau, o amor de Deus conseguirá ferir até nesse último e mais profundo centro da alma, transformando-a, então, e iluminando-a totalmente, na sua íntima substância, potência e virtude, segundo a capacidade dela. Chegará o amor a ponto de colocá-la num estado em que ela parece Deus. É isto à semelhança da luz quando investe um cristal puro e limpo: quanto mais numerosos forem os raios de luz sobre ele dardejados, tanto mais luminosidade vai sendo ali concentrada, e o cristal vai brilhando mais ainda. Pode até

chegar a receber tal profusão de luz que venha a parecer transformado na própria luz, e não haja mais diferença entre o cristal e a luz, porque está iluminado por ela tanto quanto lhe é possível recebê-la e assim parece ser a própria luz.

14. Quando, pois, a alma diz aqui que essa chama de amor a fere em seu mais profundo centro, quer manifestar como o Espírito Santo a fere e investe no âmago de sua substância, energia e força. Não quer, com suas palavras, dar a entender que esta investida de amor seja tão substancial e plena como será na visão beatífica de Deus na outra vida; porque mesmo em chegando a alma, nesta vida mortal, a estado tão sublime de perfeição, qual aqui o descreve, jamais alcança, nem lhe é possível alcançar, o estado perfeito da glória, embora possa talvez suceder que Deus lhe faça de passagem alguma mercê semelhante. A alma usa desta expressão para significar a profusão e abundância de deleite e glória que experimenta no Espírito Santo, por esta espécie de comunicação; deleite tanto mais intenso e mais terno, quanto mais forte e mais substancialmente está transformada e concentrada em Deus. E, por ser este estado o grau máximo que nesta vida se pode gozar (embora, conforme dissemos, não seja tão perfeito como na eternidade), por esta razão, a alma lhe dá o nome de mais profundo centro. Pode acontecer, talvez, que o hábito da caridade, na alma, seja tão perfeito nesta vida como na outra; mas não será assim quanto à sua operação ou seu fruto, embora esta operação e fruto do amor cresçam tanto neste estado, que se tornam muito semelhantes aos da outra vida. De tal maneira, parece aos olhos da alma ser assim, que se atreve a dizer aqui o que somente se ousa dizer da vida eterna, usando desta expressão: de minha alma no mais profundo centro.

15. Como as coisas raras e pouco experimentadas são mais maravilhosas e menos críveis, e entre elas se acha esta que referimos, da alma neste estado, não duvido

que algumas pessoas, pelo motivo de não o entenderem por ciência nem o saberem por experiência, não o hão de crer, ou o terão por demasia, ou, ainda, pensarão que não é tanto como na realidade acontece. A todos respondo: o Pai das luzes, cuja mão não é abreviada, e com abundância derrama suas graças sem fazer acepção de pessoas e, por toda parte onde acha lugar, difunde-se como o raio de sol, e a todos se mostra com alegria nos caminhos e encruzilhadas, não hesita nem se digna de ter seus deleites com os filhos dos homens de mão dada sobre a redondeza da terra. Não havemos de considerar inacreditável que a uma alma já examinada, provada e purificada no fogo das tribulações e trabalhos, e por grande variedade de tentações, e achada fiel no amor, seja recusado nesta vida o cumprimento da promessa feita pelo Filho de Deus quando disse: se alguém o amasse, a este viria a Santíssima Trindade para estabelecer nele a sua morada (Jo 14,23). E isto significa para a alma ter o entendimento divinamente ilustrado na sabedoria do Filho, a vontade inebriada de deleite no Espírito Santo, absorvendo-a o Pai, forte e poderosamente, no abraço e abismo de sua doçura.

16. Se Deus age assim com algumas almas, como é verdade que costuma agir, esta de que tratamos, bem podemos crer não ficará atrás nestas mercês divinas. Com efeito, o que dizemos aqui, relativamente à operação do Espírito Santo na alma, é muito mais do que costuma suceder na comunicação e transformação de amor; porque, no primeiro caso, é como brasa incandescente, e, no segundo, não só como brasa inflamada no fogo, mas lançando labaredas de chama viva. Assim, estas duas espécies de união, isto é, a simples união de amor, e a união com inflamação de amor, podem ser de certo modo comparadas ao fogo de Deus, referido por Isaías, que está em Sião, e à fornalha de Deus que está em Jerusalém" (Is 31,9). O primeiro simboliza a Igreja militante, na qual o fogo da caridade não atingiu

ainda o grau extremo; e o segundo significa a Igreja triunfante, que é visão de paz, onde o fogo já está como fornalha abrasada em perfeição de amor. Esta alma de que falamos, sem dúvida, não chegou a tanta perfeição; todavia, em comparação à simples união de amor, está como fornalha acesa, e goza de visão tanto mais pacífica, terna e gloriosa, quanto mais clara e resplandecente é a chama, assim como o fogo ateado no carvão.

17. Ao sentir, portanto, a alma que esta chama viva de amor lhe está vivamente comunicando todos os bens, pois este divino amor tudo traz consigo, diz: Oh! chama de amor viva, que ternamente feres. É como se dissesse: Oh! abrasado amor, que com teus amorosos movimentos, deliciosamente me glorificas, conforme toda a capacidade e força de minha alma! A saber: dando-me inteligência divina, segundo toda a aptidão e capacidade de meu entendimento, comunicando-me amor em proporção de toda a força de minha vontade; e ao mesmo tempo deleitando-me na íntima substância de mim mesma, com a torrente de tuas delícias, por teu divino contacto e união substancial, segundo a maior pureza de minha substância, bem como toda a capacidade e extensão de minha memória. Na realidade, é isto que se passa e ainda muito mais que tudo quanto se pode e consegue dizer, ao levantar-se na alma essa chama de amor. Por estar já bem purificada em sua substância e potências, — memória, entendimento e vontade, — então a substância divina que todas as coisas alcança por sua pureza, como diz o Sábio (Sb 7,24), com sua divina chama mui profunda, sutil e elevadamente absorve a alma em si; e nesta absorção da alma pela Sabedoria, o Espírito Santo exercita as vibrações gloriosas de sua chama, cuja suavidade faz a alma dizer logo:

Pois não és mais esquiva.

18. Querendo dizer: pois agora não me afliges mais, nem apertas, nem fatigas como outrora fazias. De fato, convém saber que esta chama de Deus, quando a alma

se achava em estado de purificação espiritual, isto é, quando começava a entrar na contemplação, não lhe era tão amiga e suave como agora neste estado de união. Para explicar como isto seja, havemos de nos deter um pouco.

19. Precisamos saber, a tal respeito, que antes de introduzir-se este divino fogo na alma, e unir-se à sua substância em completa purificação e perfeita pureza, esta chama, que é o Espírito Santo, está ferindo sempre a alma, a fim de gastar e consumir as imperfeições dos maus hábitos que nela há. Esta é a operação própria do Espírito Santo, com a qual ele dispõe a alma para a divina união e transformação de amor em Deus. Notemos bem como este fogo de amor, que na união glorificará a alma, é o mesmo que investe primeiramente sobre ela purificando-a. Age de modo análogo ao fogo material sobre a madeira: em primeiro lugar, a investe e fere com sua chama, secando e consumindo os elementos que lhe são contrários, e asim vai dispondo a madeira, com o seu calor, a fim de penetrar mais profundamente nela e transformá-la em fogo. A isto, os espirituais dão o nome de via purgativa. Em tal exercício a alma padece muito detrimento, e sente graves penas no espírito, as quais ordinariamente vêm a repercutir no sentido, pois esta chama de amor lhe é ainda muito esquiva. De fato, quando a alma se acha no estado de purificação a chama não brilha, antes causa obscuridade; ou se alguma luz proporciona, é somente para a alma ver e sentir suas misérias e defeitos. Também não lhe é suave, mas, ao contrário, é penosa; porque se algumas vezes ateia na alma calor de amor, é com tormento e angústia. Assim, não lhe traz deleite, antes lhe causa secura; embora, às vezes, por sua benignidade lhe conceda gosto, para esforçá-la e animá-la, todavia, antes e depois que isto acontece, costuma contrabalançar e pagar com outro tanto de trabalho. Não é tampouco reconfortante e pacífica, ao contrário, é chama destrutiva e exigente fazendo a alma

desfalecer e penar no conhecimento próprio. E assim, não lhe traz glória, mas antes põe a alma miserável e amargurada nessa luz espiritual de conhecimento próprio que lhe é infundido; Deus põe fogo em seus ossos, conforme diz Jeremias (Lm 1,13), a fim de ensiná-la, examinando-a no fogo, segundo afirma também Davi" (Sl 16,3).

20. Eis por que durante todo este tempo a alma padece no entendimento profundas trevas; na vontade experimenta grandes securas e angústias; na memória sofre amarga lembrança de suas misérias; assim lhe acontece por ter então o olhar espiritual muito esclarecido nessa luz do conhecimento próprio. Na substância interior (no íntimo de si mesma) sofre desamparo e suma pobreza sentindo-se ora fria e seca, ora fervorosa, sem, contudo, achar alívio em coisa alguma. Nenhum pensamento lhe dá consolo; nem mesmo pode levantar o coração a Deus. Mostra-se tão esquiva essa chama de amor que a alma pode repetir a palavra de Jó quando era exercitado por Deus em semelhante provação: "Tu te trocaste em cruel para comigo" (Jó 30,21). Com efeito, ao sofrer todas estas coisas juntas, tem a alma a impressão de que Deus verdadeiramente se tornou cruel e irritado contra ela.

21. Não se pode encarecer o sofrimento da alma neste tempo; é, por assim dizer, pouco menos do que um purgatório. Por mim, não saberia agora dar a entender qual seja a intensidade desta esquivança, nem até onde chega a pena e sentimento que produz na alma a não ser com as palavras de Jeremias a este propósito: "Homem sou eu que vejo a minha pobreza debaixo da vara da sua indignação. Conduziu-me e levou-me às trevas, e não à luz. Não fez senão virar e revirar contra mim a sua mão todo o dia. Fez envelhecer a minha pele, e a minha carne, quebrantou os meus ossos. Edificou ao redor de mim, e me cercou de fel e de trabalho. Pôs-me em lugares tenebrosos, como os que estão mortos para sempre. Edificou em torno de mim, para que eu não

saia; agravou os meus grilhões. E ainda quando eu clamar e rogar, ele exclui minha oração. Fechou os meus caminhos com pedras de silharia, subverteu as minhas veredas" (Lm 3,1-9). Tudo isto diz Jeremias, e continua dizendo ainda muito mais. Como por este meio Deus está medicando a alma e curando-a de suas muitas enfermidades para dar-lhe saúde, forçosamente há de causar-lhe dor na medida da doença, nessa purificação e cura; é aqui que Tobias põe o coração sobre as brasas, a fim de que dele seja extirpada e expelida toda casta de demônios (Tb 6,8). Deste modo, vão agora saindo à luz todas as enfermidades da alma, postas assim com grande sentimento diante de seus olhos, para que sejam curadas.

22. As fraquezas e misérias que a alma tinha antes em si, inveteradas e ocultas, — as quais até então não percebia nem sentia — agora, com a luz e calor do fogo divino, as vê e sente. Assim como não se conhece a umidade da madeira enquanto o fogo não a faz ressumar, crepitar e fumegar; do mesmo modo sucede à alma imperfeita em relação a esta chama. De fato, — oh! maravilha! — levantam-se dentro da alma, a este tempo, contrários contra contrários; os da alma contra os de Deus que investem sobre ela; e, como dizem os filósofos, querem prevalecer uns sobre os outros, entrando em guerra dentro da alma, estes querendo expelir aqueles a fim de reinarem sobre ela. Em uma palavra, as virtudes e propriedades de Deus, que são extremamente perfeitas, combatem contra os hábitos e propriedades extremamente imperfeitas da alma, e ela padece em si dois contrários. Como esta chama é de excessiva luz, ao investir sobre a alma brilha nas trevas igualmente excessivas que aí se acham; e a alma sente suas obscuridades naturais e viciosas em oposição a essa luz sobrenatural que ela não percebe pelo fato de não a possuir em si como possui as suas próprias trevas; e as trevas não compreendem a luz. E, assim, a alma sente suas próprias trevas na medida em que a luz di-

vina investe sobre elas; porque não as pode ver sem essa luz de Deus. Deste modo as verá, até que sejam dissipadas por essa mesma luz, e a alma seja iluminada por ela, vendo então em si a luz na qual será transformada, depois de ter sido purificado e fortalecido o seu olho espiritual pela luz divina. Com efeito, a irradiação de uma intensa luz na vista fraca e doente deixará esta inteiramente em trevas, ficando a potência visual vencida pelo intenso excitante sensível. Eis por que esta chama era esquiva ao olho do entendimento.

23. Sendo esta chama em si extremamente amorosa, fere a vontade com ternura e amor; mas como a vontade em si é extremamente seca e dura, e o que é duro se sente por contraste com o que é suave, e a secura por contraste ao amor, quando tal chama investe assim com ternura e amor sobre a vontade, esta sente sua própria e natural dureza e secura para com Deus. Não sente, portanto, o amor e a ternura da chama, — por estar prevenida com sua natural dureza e secura, que não comportam os dois contrários, ternura e amor. Só o sentirá quando forem aqueles vencidos por estes, reinando por fim, na vontade, unicamente ternura e amor de Deus. Por esta razão é que a chama era esquiva para a vontade, dando-lhe a sentir e padecer a própria dureza e secura. E, nem mais nem menos, sendo essa chama muito ampla e imensa, enquanto a vontade é estreita e apertada esta sentirá sua estreiteza e aperto nas investidas da chama, até que seja, por fim, dilatada e alargada em sua capacidade para recebê-la. A chama de amor é também saborosa e doce; ora, a vontade tinha o paladar espiritual desregrado pelos humores das afeições desordenadas; e, assim, achava desgosto e amargura nessa chama, não podendo saborear o manjar dulcíssimo do amor de Deus. Desta maneira a vontade sofre angústia e fastio com esta amplíssima e saborosíssima chama, sem lhe sentir o gosto, porque não a experimenta em si mesma: na verdade só sente o que tem em si, e é a sua miséria. Finalmente, esta chama

contém imensas riquezas, bondade e deleites; e a alma sendo, de si mesma, paupérrima, não possuindo bem algum, nem coisa de que se possa satisfazer, conhece claramente sua pobreza, miséria, e malícia, em contraste com essas riquezas, bondade e delícias da chama que não lhe são conhecidas; pois a malícia não compreende a bondade, nem a pobreza as riquezas. Só as conhecerá quando esta chama acabar de purificar a alma, e mediante a sua transformação a enriqueça, glorifique e delicie. Eis a razão por que a chama antes lhe era esquiva, mais do que tudo quanto se possa dizer nessa peleja íntima de contrários contra contrários, isto é, de Deus, que encerra todas as perfeições, contra todos os hábitos imperfeitos da alma; até que a mesma chama, transformando-a em si, chegasse a abrandá-la, pacificá-la e esclarecê-la, à maneira do fogo na madeira quando nela penetra.

24. Esta purificação em poucas almas é assim tão forte; só mesmo naquelas que o Senhor quer elevar ao mais alto grau de união. A cada uma, com efeito, ele purifica mais ou menos intensamente segundo o grau a que tenciona elevá-la, e também conforme a impureza e imperfeição da alma. Esta pena, portanto, é semelhante à do purgatório; como ali se purificam os espíritos para serem capazes de contemplar a Deus na clara visão da outra vida, assim aqui, a seu modo, vão sendo purificadas as almas, a fim de poderem ser transformadas nele por amor, na vida presente.

25. Não direi como seja a intensidade desta purificação, nem os seus graus para mais ou para menos; nem quando se realiza no entendimento, na vontade, ou na memória, e quando se opera na substância da alma ou nela toda; também não falarei quando é feita na parte sensitiva, ou como se há de conhecer quando se trata de uma ou de outra espécie, nem a que tempo, ou ponto, ou época tem seu início no caminho espiritual. Tudo isto explicamos na *Noite escura* da *Subida do Monte Carmelo;* e não é necessário, para nosso assunto, repetir

aqui. Basta saber agora que o mesmo Deus, que quer penetrar na alma por união e transformação de amor, é quem antes estava investindo sobre ela, a fim de purificá-la com a luz e calor de sua divina chama, tal como o fogo que se ateia na madeira é o mesmo que primeiro a dispõe, conforme dissemos. Assim, a mesma chama que agora é cheia de suavidade para a alma, já estando dentro dela e possuindo-a, era-lhe antes esquiva estando fora e investindo sobre ela.

26. É isto o que quer dar a entender a alma quando diz no presente verso: Pois não és mais esquiva. Em suma, é como se dissesse: pois já não somente não me és obscura como outrora, mas, ao contrário, és a divina luz de meu entendimento com a qual te posso olhar. E em vez de causares desfalecimento à minha fraqueza natural, agora és a fortaleza de minha vontade, com que te posso amar e em ti achar meu gozo, já estando eu toda transformada em teu divino amor. Já não és peso e angústia para a substância de minha alma, mas sim glória, deleite e dilatação dela, porque agora pode ser dito de mim o que se canta nos divinos *Cantares* com estas palavras: "Quem é esta, que sobe do deserto, inebriada de delícias, apoiada sobre o seu Amado" (Ct 8,5), derramando amor aqui e ali? Visto que assim é,

Acaba já, se queres.

27. Isto é, acaba de consumar perfeitamente comigo o matrimônio espiritual por meio da tua visão beatífica, — pois é esta a que a alma pede. E embora seja verdade que, neste sublime estado, ela está tanto mais conformada e satisfeita quanto maior é a sua transformação no amor, e nada saiba ou acerte a pedir para si, mas quer que tudo seja somente para o Amado, porque a caridade, conforme afirma São Paulo (1Cor 13,5), não busca seus interesses e sim os de Deus, contudo a alma, por viver ainda na esperança, não pode deixar de sentir algum vazio. Por tal motivo, geme — embora com suavidade e deleite — tanto quanto lhe falta ainda para a perfeita posse da adoção dos filhos

de Deus, a qual, uma vez alcançada, realizará a consumação de sua glória, e só então se aquietará seu desejo. Este não se pode fartar ou satisfazer nesta vida, mesmo na maior união da alma, com Deus, senão quando aparecer a glória divina (Sl 16,15). Assim é, sobretudo se já lhe foi dado prelibar o sabor dessa glória, como sucede neste estado, e tão intensamente, que se Deus não sustentasse também o corpo, amparando-o com sua destra (como fez com Moisés na pedra para que pudesse contemplar a sua glória sem morrer, Ex 33,22), sucumbiria a natureza a cada uma dessas labaredas da chama de amor, e morreria, não havendo na parte inferior capacidade para suportar tão abrasado e sublime fogo de glória.

28. Neste desejo, portanto, e no pedido expresso por ele, não há pena alguma, pois a alma não a pode ter neste estado; é um desejo suave e deleitoso, em que pede a conformidade do espírito com o sentido, e assim canta o verso: acaba já, se queres. Com efeito, acha-se a vontade, em seu desejo, de tal modo unificada com Deus, que põe toda a sua glória no cumprimento da vontade divina. São tais, porém, os assomos de glória e amor que transparecem nestes toques, ficando detidos à porta da alma, sem que possam nela penetrar por causa da estreiteza da casa terrestre, que na verdade seria prova de pouco amor não pedir acesso àquela perfeição e cumprimento do amor. Além disso, a alma ali percebe, como, naquela força deliciosa em que o Esposo se comunica, o Espírito Santo a está provocando e convidando com aquela imensa glória que lhe põe diante dos olhos; e como por meios admiráveis, com afetos suavíssimos, está ele dizendo ao seu espírito as palavras que diz à Esposa dos *Cantares*, e que esta refere assim: "Vede o que o meu Amado me está dizendo: Levanta-te, apressa-te, amiga minha, pomba minha, formosa minha, e vem. Porque já passou o inverno, já se foram e cessaram de todo as chuvas. Apareceram as flores na nossa terra, chegou o tempo da poda; ouviu-se

na nossa terra a voz da rola; a figueira começou a dar os seus frutos; as vinhas em flor espalharam seu perfume. Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem, pomba minha, nas aberturas da pedra, na concavidade do muro, mostra-me a tua face, ressoe a tua voz aos meus ouvidos, porque a tua voz é doce, e a tua face graciosa" (Ct 2,10-14). Todas estas coisas sente a alma, entendendo-as clarissimamente em seu sentido sublime de glória, tal como o Espírito Santo lhe está mostrando naquele terno e suave chamejar, desejoso de introduzi-la nessa mesma glória. Eis por que, provocada, responde a alma aqui exclamando: "acaba já, se queres; e nisto, faz ao Esposo as duas petições que ele nos ensinou no Evangelho: "Venha a nós o vosso reino"; "seja feita a vossa vontade" (Mt 6,10). É, pois, como se dissesse: acaba, por assim dizer, de dar-me este reino se queres, isto é, se for de tua vontade. E para que na realidade o seja,

Ah! rompe a tela deste doce encontro.

29. Esta tela é o obstáculo a tão importante obra; porque é coisa fácil unir-se a Deus, quando são tirados os obstáculos, e rasgadas as telas que impedem a junção entre a alma e Deus. As telas que podem impedir essa junção, e que se hão de romper para efetuá-la e a alma possuir perfeitamente a Deus, podemos dizer que são três: a primeira é temporal, e nela estão compreendidas todas as criaturas; a segunda é natural, compreendendo todas as operações e inclinações puramente naturais; a terceira é sensitiva, e consiste unicamente na união da alma com o corpo, isto é, na vida sensitiva e animal a que se refere São Paulo quando diz: "Sabemos que, se esta nossa casa terrestre for destruída, temos uma habitação de Deus nos céus" (2Cor 5,1). As duas primeiras telas necessariamente hão de estar rompidas para a alma chegar a esta posse de Deus na união, na qual todas as coisas do mundo já estão negadas e renunciadas, e todos os apetites e afetos naturais se acham mortificados, estando já as operações da alma transformadas de

naturais em divinas. Tudo isto se foi rompendo na alma, pela ação dos encontros esquivos da chama de amor, quando esquivamente a feria. De fato, com a purificação espiritual já explicada acima, a alma acaba de romper essas duas telas, e passa então a unir-se com Deus, como agora se acha; não lhe resta mais senão romper a terceira, que é a tela da vida sensitiva. Por isto, aqui só fala em tela, e não em telas; porque não há senão uma para romper, e esta já está tão sutil, fina e espiritualizada na união com Deus, que a chama de amor não a ataca de modo rigoroso como fazia nas outras duas. Ao contrário, investe saborosa e docemente; por tal razão, a alma, ao invocá-la, denomina-a "doce encontro": tanto mais doce e saboroso, quanto mais lhe parece que vai romper a tela da vida.

30. Convém saber, a tal respeito, que a morte natural das que chegam a esse estado, embora seja semelhante às outras quanto à própria condição da morte, é, todavia, muito diferente quanto à causa e modo; porque se os outros morrem em conseqüência de enfermidade ou velhice, esses de que tratamos aqui, morrendo efetivamente de doença ou em idade avançada, não é isso, todavia, que lhes tira a vida, e sim algum ímpeto e encontro de amor muito mais subido que os antecedentes, e bem mais poderoso e eficaz, pois consegue romper a tela, e arrebatar a jóia da alma. Assim, a morte de semelhantes almas é suavíssima e dulcíssima, muito mais do que lhes foi a vida espiritual inteira; morrem com os mais subidos ímpetos e deliciosos encontros de amor, assemelhando-se ao cisne que canta mais suavemente quando vai morrer. Daí vem a palavra de Davi: "Preciosa é diante do Senhor a morte de seus santos" (Sl 115,15). Com efeito, é então que se vêm concentrar todas as riquezas da alma, e os rios de amor que estão nela vão perder-se no oceano, já tão largos e caudalosos que já parecem mares. Aqui se juntam os seus tesouros do primeiro ao último, para acompanharem o justo que parte e vai para seu reino; ouvem-se desde as ex-

tremidades da terra, conforme diz Isaías, os louvores que são as glórias do justo (Is 24,16).

31. No tempo desses gloriosos encontros, sente-se, pois, a alma já no ponto de sair para tomar posse perfeita e completa de seu reino, a julgar pela abundância de bens de que se vê enriquecida. Reconhece aqui, efetivamente, que está pura, rica e cheia de virtudes, e já disposta para alcançar aquele reino; porque neste estado Deus permite à alma ver sua própria formosura, confiando-lhe as virtudes e dons que lhe concedeu, pois tudo se lhe converte em amor e louvores, sem sombra de presunção ou vaidade, já não havendo fermento de imperfeição que possa corromper a massa. Como a alma percebe não lhe faltar mais que rasgar esta frágil tela da vida natural em que se vê enredada, com a sua liberdade presa e impedida, arde em desejo de ser desatada e ver-se com Cristo (Fl 1,23), tendo lástima de que uma vida tão baixa e fraca seja obstáculo a outra tão alta e forte. Por isto, pede que se rompa, dizendo: Ah! rompe a tela deste doce encontro.

32. Dá-lhe o nome de tela por três razões: primeira, pela ligação que há entre o espírito e a carne; segunda, por estabelecer separação entre Deus e a alma; terceira, porque assim como não sendo a tela muito grossa e opaca, deixa transparecer a luz, do mesmo modo acontece neste estado. Afigura-se este entrelaçamento da vida uma tela tão transparente, por estar já muito espiritualizada, esclarecida, e delgada, que não é possível deixar de transluzir por ela algum reflexo da Divindade. E como a alma experimenta a fortaleza da outra vida, evidentemente vê a fraqueza desta em que se acha agora, e assim lhe parece ser uma tela finíssima, ou mesmo uma teia de aranha, conforme a chama Davi dizendo: "Os nossos anos serão considerados como uma teia de aranha" (Sl 89,9). E ainda parece muito menos, aos olhos da alma assim engrandecida; porque, achando-se unida aos mesmos sentimentos de Deus, compreende as coisas como o próprio Deus, diante de quem mil anos, diz

também Davi, são como o dia de ontem que passou (Sl 89,4), e na sua presença todos os povos, segundo a palavra de Isaías (Is 40,17), são como se não fossem. Este mesmo valor lhes dá a alma: para ela todas as coisas são nada, e ela própria é nada a seus olhos. Só o seu Deus, para ela, é tudo.

33. Notemos, porém, aqui o seguinte: qual a razão de pedir que rompa a tela, e não que a corte ou acabe, quando todos estes termos parecem significar a mesma coisa? Podemos responder que há quatro razões para isso. A primeira é para falar com maior exatidão, pois é mais próprio do encontro romper do que cortar ou acabar. A segunda é porque o amor gosta de mostrar sua força, e de dar assaltos violentos e impetuosos, e assim exercita-se mais em romper, que em cortar ou acabar. A terceira é por desejar o amor que a sua ação seja muito rápida, a fim de que ela se realize depressa, e tanto mais forte e vigorosa será quanto mais rápida e espiritual, pois a força concentrada é mais poderosa do que quando se dispersa; a ação do amor na alma é como a forma na matéria que se introduz num instante, e até então não havia ato, mas sim disposições para ele. Assim, os atos espirituais se realizam na alma num só instante, quando são infundidos por Deus; quanto àqueles, porém, que a alma produz por si mesma, mais se podem chamar disposições formadas por desejos e afetos sucessivos, e nunca chegam a ser atos perfeitos de amor ou contemplação, a não ser algumas vezes quando, conforme digo, Deus mesmo as forma e aperfeiçoa no espírito com grande rapidez. Por isto disse o Sábio que o fim da oração é melhor que o princípio (Ecl 7,9) e, como se costuma dizer, a oração breve penetra os céus. Daí se infere que a alma já preparada pode fazer atos mais numerosos e intensos em menos tempo, do que outra, não disposta, faria em muito; e, ainda mais, quando a disposição é perfeita, costuma permanecer por muito tempo no ato de amor ou contemplação. Para a alma que não está preparada tudo

se emprega em dispor o espírito, e mesmo depois disto, o fogo ainda custa a atear-se na madeira, seja por causa da muita umidade dela, seja pelo calor insuficiente, ou por ambos os motivos. Naquela, porém, que já está disposta, a ação do amor penetra em momentos, pois a cada contacto dele a centelha se inflama na madeira já seca. Eis por que a alma enamorada deseja mais a brevidade do romper, do que o tempo de cortar e acabar. A quarta é para que se acabe mais depressa a tela da vida. Com efeito, para cortar e acabar alguma coisa, age-se com mais detença esperando que esteja sazonada ou acabada, ou qualquer outra condição; mas para romper, parece que não se espera o tempo adequado nem outra circunstância alguma.

34. Na verdade isto quer a alma enamorada, que não sofre dilações na espera de que se lhe acabe naturalmente a vida, nem de que lhe seja cortada em determinado tempo; porque a força do amor, e a disposição que vê em si, levam-na a querer e pedir que se rompa logo a vida por algum encontro ou ímpeto sobrenatural de amor. Sabe muito bem como Deus costuma levar antes do tempo aqueles a quem muito ama, aperfeiçoando neles em breve tempo, mediante o seu amor, o que em todo o decorrer da vida iriam adquirindo com seu passo ordinário. Assim o exprime a palavra do Sábio: "Tendo-se tornado agradável a Deus, foi por ele amado, e foi transferido do meio dos pecadores entre os quais vivia. Foi arrebatado para que a malícia não lhe mudasse o modo de pensar, ou para que as aparências enganadoras não seduzissem a sua alma... Tendo vivido pouco, encheu a carreira duma larga vida; porque a sua alma era agradável a Deus; por isso ele se apressou em tirá-lo do meio das iniqüidades" (Sb 4,10.11.13.14). Estas as palavras do Sábio. Nelas se verá com quanta razão e propriedade emprega a alma o termo "romper"; pois o Espírito Santo ali emprega dois termos, "arrebatar" e "apressar", que são alheios de toda dilação. Em dizer "Deus se apressou" dá a enten-

der a presteza com que ele quis aperfeiçoar em breve o amor do justo; e o termo "arrebatar" significa levar antes do tempo natural. É, pois, coisa de muita importância para a alma exercitar-se em atos de amor durante esta vida, a fim de que, consumando-se em breve, não demore muito aqui ou lá para ver a Deus.

35. Vejamos, porém, agora, por que se dá também a esta investida interior do Espírito Santo o nome de "encontro", de preferência a qualquer outro. A razão é a seguinte: como a alma sente em Deus imensa vontade de que se lhe acabe a vida, conforme ficou dito, e como isso não se realiza, por não haver ainda chegado o tempo de sua perfeição, claramente vê que o amor a acomete com essas investidas divinas e gloriosas, à maneira de encontros. Como têm por fim consumá-la, tirando-a da carne, verdadeiramente são encontros mediante os quais o amor penetra sempre mais na alma, endeusando-a em sua íntima substância, e tornando-a divina; e nisto é a alma absorvida, sobre todo ser criado pelo Ser de Deus. Assim acontece porque Deus encontrou a alma e a traspassou vivamente pelo Espírito Santo, cujas comunicações são impetuosas quando se tornam abrasadas, como neste encontro. E a alma, por experimentar vivo gozo de Deus, o chama aqui doce encontro. Não quer com isto dizer que muitos outros toques e encontros recebidos neste estado deixem de ser doces; mas esse, por sua eminência, ultrapassa todos, pois, como dissemos, Deus nele age com o fim de desatar a alma do corpo e glorificá-la depressa; e daí lhe nascem asas para dizer: "Rompe a tela deste doce encontro".

36. Resumindo agora, pois, toda a canção, é como se dissesse: Oh! chama do Espírito Santo que tão íntima e ternamente traspassas a substância de minha alma, cauterizando-a com teu glorioso ardor, pois já estás tão amiga que mostras vontade de te dares a mim na vida eterna! Se até aqui minhas petições não chegavam aos teus ouvidos, quando eu andava outrora com ânsias e

fadigas de amor, a penar no sentido e no espírito por causa de minha grande fraqueza e impureza, e da pouca fortaleza de amor que tinha então, e rogava-te que me desatasses do corpo e me levasses contigo, — porque o amor impaciente não me deixava ter muita conformidade com esta condição de vida mortal em que me querias ainda. E se os ímpetos anteriores de amor não eram suficientes, por não serem de tanta qualidade para alcançar o que desejava, agora já estou bem fortalecida no amor. Não só não desfalecem mais o sentido e o espírito em ti, mas antes se acham fortalecidos por ti, e meu coração e minha carne gozam em Deus vivo (Sl 83,2), com grande conformidade entre ambos; portanto, o que tu queres que eu peça, peço; o que tu não queres, não quero, nem mesmo o posso, nem sequer me passa pelo pensamento querer. E, pois, diante de teus olhos minhas petições são mais válidas e estimadas, porque saem de ti, movendo-me tu mesmo a fazê-las; agora, que "de teu rosto sai o meu juízo" (Sl 16,2), sendo esta a condição requerida para apreciares e ouvires os meus rogos, suplico-te, cheia de gozo e sabor no Espírito Santo: rompe a tela finíssima desta vida, e não a deixes chegar até ser cortada de modo natural pela idade e tempo, a fim de que te possa eu amar desde logo com a plenitude e fartura que deseja minha alma, sem termo nem fim.

Canção II

Oh! cautério suave!
Oh! regalada chaga!
Oh! mão tão branda! Oh! toque delicado
Que a vida eterna sabe
E paga toda dívida!
Matando, a morte em vida me hás trocado.

EXPLICAÇÃO

1. Nesta canção, a alma dá a entender como são as três Pessoas da Santíssima Trindade, Pai e Filho e Es-

pírito Santo, que nela fazem essa divina obra de união. Assim, a mão, o cautério, e o toque são substancialmente uma só e mesma coisa; a alma lhes dá tais nomes em relação ao efeito que cada um produz. O cautério é o Espírito Santo; a mão é o Pai; o toque é o Filho. Deste modo, a alma aqui glorifica o Pai, o Filho e o Espírito Santo, encarecendo três grandes mercês e benefícios que a ela fazem, pois trocaram-lhe a morte em vida, transformando-a no próprio Deus. A primeira graça é a regalada chaga, que atribui ao Espírito Santo, chamando-a, por esta razão, cautério suave. A segunda é o sabor de vida eterna, que atribui ao Filho, e por isto lhe dá o nome de toque delicado. A terceira é a transformação em Deus, dádiva com que a alma fica bem paga, atribuindo-a ao Pai, e denominando-a, por tal motivo, mão branda. Embora mencione agora as Três, por causa dos efeitos particulares que produzem, na realidade fala somente com uma Pessoa, dizendo: a morte em vida me hás trocado; porque as Três operam em unidade, e assim a alma atribui tudo a uma só, e, ao mesmo tempo, a todas. Segue-se o verso:

Oh! cautério suave!

2. Este cautério, conforme dissemos, aqui significa o Espírito Santo, pois, como declara Moisés no Deuteronômio, "Nosso Senhor Deus é fogo consumidor" (Dt 4,24), isto é, fogo de amor, o qual, sendo infinitamente forte, pode, de modo inefável, consumir e transformar em si a alma quando a toca. A cada uma, todavia, abrasa e absorve segundo a disposição que nela encontra; a esta, mais, e àquela, menos; e age quanto quer, como quer, e quando quer. Por ser ele fogo de amor infinito, quando lhe apraz tocar a alma com alguma veemência, abrasa-a em tão subido grau de amor que a alma se sente estar ardendo sobre todos os ardores do mundo. Eis o motivo de dar ao Espírito Santo, nesta união, o nome de cautério. Com efeito, assim como no cautério está o fogo mais intenso e veemente, produzindo maior efeito do que todos os demais corpos inflamados, assim

o ato desta união, sendo de mais inflamado fogo de amor do que todos os outros, é chamado aqui cautério, em comparação a eles. E como este divino fogo transforma então a alma em si mesmo, ela não apenas sente o cautério, mas toda se torna um cautério de fogo veemente.

3. Oh! maravilha digna de relatar-se! Sendo este fogo de Deus tão ardente e consumidor, pois consumiria mil mundos com maior facilidade do que um fogo da terra faria a um fiapo de linho, contudo, não consome nem destrói a alma em que está assim ardendo! Menos ainda é capaz de causar nela peso algum; antes, na medida da força do amor, vai endeusando-a e deleitando-a enquanto a abrasa e nela arde suavemente. Assim é, pela pureza e perfeição do espírito que arde no Espírito Santo, conforme relatam os *Atos dos Apóstolos* haver sucedido quando desceu este divino fogo com grande veemência, abrasando a todos os discípulos (At 2,3), os quais, comenta São Gregório,[1] arderam interiormente em amor com grande suavidade. Isto dá a entender a Santa Igreja quando a este propósito assim se exprime: "Veio fogo do céu, não queimando, mas resplandecendo; não consumindo, mas iluminando".[2] De fato, nestas comunicações, tendo Deus por fim engrandecer a alma, não a cansa nem aflige, mas dilata-a e deleita-a; não a obscurece ou reduz à cinza, como faz o fogo no carvão, mas a ilumina e enriquece; e nisso tem a alma razão de o chamar cautério suave.

4. E, assim, a ditosa alma que tem a grande ventura de chegar a ser tocada por este cautério, tudo saboreia, tudo experimenta, e faz tudo quanto quer, com grande prosperidade, sem que alguém possa prevalecer diante dela, nem coisa alguma venha atingi-la; porque a essa alma se aplicam as palavras do Apóstolo: "O espiritual julga todas as coisas, e por ninguém é julgado" (1Cor 2,15). E também: "O espírito tudo penetra, mesmo os

1. Hom. 30 no Evang.
2. Resp. 2º de Mat. 2ª-feira de Pentecostes, no antigo breviário.

arcanos divinos" (1Cor 2,10). Efetivamente, é próprio do amor esquadrinhar todos os bens do Amado.

5. Grande glória é a vossa, ó almas que mereceis chegar a este sumo fogo! Pois havendo nele infinita força para vos consumir e aniquilar, se assim não o faz, sem dúvida, vos consuma em glória imensa! Não nos cause admiração o fato de serem elevadas por Deus tão altamente algumas almas até este ponto; pois ele age como o sol que se singulariza em produzir efeitos maravilhosos, e, conforme a palavra do Espírito Santo, de três modos abrasa os montes, isto é, os santos (Ecl 43,4). Sendo, portanto, este cautério tão suave como aqui foi dado a entender, quão regalada poderemos supor esteja a alma por ele tocada? Quando ela o quer manifestar, não o sabe; fica-lhe somente a estima no coração, e o encarecimento na boca, usando do termo "Oh!" quando diz: Oh! cautério suave!

Oh! regalada chaga!

6. Depois de ter a alma falado com o cautério, fala agora com a chaga que ele produziu; e se era suave o cautério, como ficou dito, por certo há de ser a chaga conforme a ele. Assim, será chaga regalada, proveniente do cautério sauve; e sendo esse cautério de amor cheio de suavidade, também será a chaga de amor suave, e regalará suavemente a alma.

7. Para explicar qual seja esta chaga a que a alma se dirige agora, é preciso saber que o cautério de fogo material produz sempre uma chaga no lugar onde toca; e se acontecesse tocar em uma ferida que não fosse produzida pelo fogo, logo a transformaria em queimadura O mesmo acontece com este cautério de amor. Quando toca na alma, esteja ela já ferida de outras chagas de misérias e pecados, ou esteja sã, logo por ele fica chagada de amor. As chagas que provinham de outra causa, transformam-se em chagas de amor. Há, porém, uma diferença entre esse amoroso cautério e o do fogo material: a chaga produzida por este último só será curada se lhe aplicarem remédios diferentes; ao contrário, a

chaga do cautério de amor não pode ser curada com medicina alguma, a não ser unicamente com o próprio cautério que a produziu. E esse mesmo fogo de amor, curando a chaga, torna a produzi-la; porque de cada vez que o cautério de amor toca na chaga de amor, a aumenta; e assim, quanto mais vai curando, mais vai chagando. Com efeito, quem ama, quanto mais está chagado de amor, tanto mais está são; e a cura feita pelo amor é chaga e ferida sobre o que ele já feriu e chagou, até chegar a ponto de tornar tão grande a chaga, que toda a alma venha a transformar-se em chaga de amor. Deste modo, toda cauterizada e toda feita uma chaga de amor, está a alma toda sã no mesmo amor, porque está transformada em amor. Assim deve ser entendida essa chaga de que fala aqui a alma, estando toda chagada e toda sã. E embora esteja ela toda feita uma chaga e ao mesmo tempo toda sã, o cautério de amor nem por isto deixa de fazer seu ofício, isto é, de continuar a tocar e ferir de amor; e, encontrando agora a alma toda regalada e em perfeita saúde, o efeito que nela produz é regalar a chaga, como costuma fazer um bom médico. É, portanto, com muita razão que a alma diz aqui: Oh! chaga regalada! Oh! chaga tanto mais regalada, quanto mais elevado e sublime é o fogo de amor que a produz! E havendo sido feita pelo Espírito Santo com o fim expresso de regalar a alma, e com imenso desejo e vontade de a regalar, conseqüentemente será bem grande esta chaga, porque grandemente será regalada!

8. Oh! ditosa chaga, feita por quem não sabe senão curar! Oh! venturosa e felicíssima chaga, que foste feita unicamente para causar deleite, e cujo sofrimento tem a qualidade de ser regalo e delícia da alma chagada! Imensa és, oh! deleitosa chaga, porque imenso é aquele que te fez; grande é teu deleite, pois é o fogo infinito do amor que te regala segundo tua capacidade e grandeza! Oh! chaga regalada, e tanto mais subidamente, quanto no mais íntimo centro da substância da alma

tocou o cautério que te fez, abrasando tudo quanto pode abrasar, para regalar tanto quanto era possível regalar! Este cautério e esta chaga, podemos compreender como sendo o mais alto grau de amor que pode ser atingido no estado de união transformante. Outros modos há de cauterizar Deus a alma, porém, não chegam a este ponto, nem são semelhantes ao que agora descrevemos; porque aqui se trata de um puro toque da divindade na alma, sem forma nem figura alguma intelectual ou imaginária.

9. Costuma ainda haver outra maneira muito elevada de cauterizar a alma, sob forma intelectual, que descreveremos agora. Acha-se a alma muito inflamada no amor de Deus, embora não seja de modo tão elevado como a antecedente; contudo, é necessário que o seja bastante, para suceder o que quero explicar aqui. Acontece-lhe, então, sentir que um serafim investe sobre ela, com uma flecha ou dardo todo incandescente em fogo de amor, transverberando esta alma que já está inflamada como brasa, ou, por melhor dizer, como chama viva, e a cauteriza de modo sublime. No momento em que é cauterizada assim, e transpassada a alma por aquela seta, a chama interior impetuosamente irrompe e se eleva para o alto com veemência, tal como sucede num forno abrasado ou numa fogueira quando o fogo é revolvido e atiçado, e se inflama em labareda. A alma, então, ao ser ferida por esse dardo incendido, sente a chaga com sumo deleite. Além de ser toda revolvida com grande suavidade, naquele incêndio e impetuosa moção que lhe causa o serafim, provocando nela grande fervor e amoroso desfalecimento, ao mesmo tempo sente a ferida penetrante e a força do veneno com que vivamente estava ervada aquela seta, qual uma ponta afiada a enterrar-se na substância do espírito, a traspassar-lhe o mais íntimo da alma.

10. Sobre este íntimo ponto da ferida, que parece atingir a profundidade da medula do espírito, onde o deleite é mais intenso, quem poderá falar convenientemente? Na verdade, a alma experimenta ali como um

grão de mostarda de tamanho mínimo, vivíssimo e extremamente incendido, o qual projeta em derredor um vivo e abrasado fogo de amor. Este fogo, proveniente da substância e força daquele ponto ardente onde por sua vez se acha a substância e virtude do veneno, a alma o sente difundir-se por todas as suas veias substanciais e espirituais, segundo a sua capacidade e fortaleza. Com isto, de tal maneira nela cresce e tão forte se torna o abrasamento do fogo, e esse mesmo abrasamento intensifica tanto o amor, que dá a impressão de mares de fogo amoroso cujas águas inundam todas as alturas e profundidades da alma, enchendo tudo de amor. Parece-lhe, então, que todo o universo é um oceano de amor, no qual está ela engolfada, não alcançando avistar termo nem fim onde se acabe esse amor, pois, como dissemos, sente a alma dentro de si mesma o vivo ponto e centro do amor.

11. O gozo da alma chegada a esta altura não se pode descrever senão dizendo que aí experimenta quão real é a comparação evangélica do reino dos céus ao grão de mostarda, o qual, sendo tão vivo, embora pequenísimo, cresce como o maior dos arbustos (Mt 13,31). Com efeito, a alma se vê transformada num imenso fogo de amor que nasce daquele ponto abrasado no centro do espírito.

12. Poucas almas chegam a tanto. Algumas, contudo, têm chegado, mormente aquelas cuja virtude e espírito se haveria de difundir na sucessão dos filhos espirituais; porque Deus costuma conceder aos que hão de ser cabeças de novas famílias espirituais as primícias do espírito, segundo o maior ou menor número dos discípulos que hão de herdar sua doutrina e espírito.

13. Volvamos, pois, à obra daquele serafim, a qual verdadeiramente consiste em chagar e ferir interiormente no espírito. Se Deus, por vezes, permite que se produza algum efeito exterior, nos sentidos, semelhante ao que se passou no espírito, aparece a chaga e ferida no corpo. Assim aconteceu quando o serafim feriu a

São Francisco: chagando-o de amor na alma com as cinco chagas, também se manifestou o efeito delas no corpo, ficando as chagas impressas na carne, tal como foram feitas na alma ao ser chagada de amor. Em geral, não costuma Deus conceder alguma mercê ao corpo, sem que primeiro e principalmente a conceda no interior, à alma. E então, quanto mais intenso é o deleite, e maior a força do amor que produz a chaga dentro da alma, tanto maior é também o efeito produzido na chaga corporal, e crescendo um, cresce o outro. Sucede deste modo, porque, nestas almas já purificadas e estabelecidas em Deus, aquilo que lhes causa dor e tormento à carne, corruptível, é doce e saboroso para o espírito forte e são. Daí vem o maravilhoso contraste que é sentir crescer a dor no gozo. Tal maravilha foi bem experimentada por Jó em suas chagas quando disse a Deus: "Voltando-te para mim, maravilhosamente me atormentas".[1] Na verdade é grande maravilha e digna daquela abundância de suavidade e doçura que Deus reserva para os que o temem (Sl 30,20): fazer com que gozem tanto maior sabor e deleite quanto mais sentem dor e tormento! Quando, porém, a chaga é feita somente na alma, sem comunicar-se ao exterior, pode o deleite chegar a ser ainda mais intenso e mais subido. Com efeito, como a carne traz sob seu freio o espírito, quando participa dos bens espirituais a ele comunicados, puxa as rédeas para o seu lado, e enfreia a boca desse ligeiro cavalo do espírito, apagando-lhe o brio, pois se ele pudesse livremente usar de sua força, decerto arrebentaria as rédeas. Até que assim venha a acontecer, o corpo mantém sempre o espírito oprimido em sua liberdade, conforme a palavra do Sábio: "O corpo que se corrompe torna pesada a alma, e esta morada terrestre abate o espírito que pensa muitas coisas (Sb 9,15).

14. Digo tudo isto para que se entenda como quem quiser buscar a Deus, arrimando-se na habilidade e ra-

1. Jó 10,6. A *Vulgata* diz: "Voltando-te para mim, tu me atormentas de modo terrível" (N. do T.).

ciocínio humano, jamais será muito espiritual. Há muitas pessoas, de fato, que imaginam poder com a pura força e operação do sentido — em si mesmo baixo e não além da natureza — alcançar as forças e elevação do espírito sobrenatural, a que não se chega senão quando o sentido corporal com suas operações já está mortificado e apartado. É outra coisa quando o efeito espiritual se deriva do espírito para o sentido: neste caso, pode acontecer que haja grande abundância de efeitos sobrenaturais no sentido, conforme dissemos a respeito das chagas, produzidas no exterior em conseqüência da força da operação interior. Sirva de exemplo São Paulo, que pelo grande sentimento das dores de Cristo na sua alma redundavam elas no corpo, segundo ele próprio o dá a entender aos gálatas, dizendo: "Trago no meu corpo os estigmas do Senhor Jesus" (Gl 6,17).

15. Basta o que dissemos do cautério e da chaga; sendo tais como foram descritos, qual não será, pois, a mão com que é impresso este cautério, e qual o seu toque? No verso seguinte a alma bem o exprime, e mais o encarece do que o explica, dizendo:

Oh! mão tão branda! Oh! toque delicado!

16. Esta mão, como vimos, simboliza o Pai onipotente e misericordioso. Dela devemos saber que, sendo tão generosa e liberal quanto é poderosa e rica, concederá preciosas e magníficas dádivas quando se abrir para fazer mercês à alma. Eis por que esta lhe dá o nome de mão tão branda. Como se dissesse: "Oh! mão tanto mais branda para mim, por me tocares brandamente; pois se tocasses um pouco mais pesadamente, seria bastante para aniquilares todo o universo! Porque só com o teu olhar a terra estremece (Sl 103,32), os povos desfalecem e os montes se desfazem. Oh! mão tão branda, direi ainda, se foste dura e vigorosa para Jó, tocando-o de modo um tanto rude, agora és para mim tanto mais amigável e graciosa, tocando-me com brandura, afeto e graça, quanto mais pesada foste para ele. Na verdade, tu fazes morrer e fazes viver, e não há

quem possa fugir de ti! Tu, porém, oh! divina vida! nunca matas a não ser para dar vida, assim como nunca chagas a não ser para sarar. Quando castigas, basta que toques de leve, para logo ser consumido o mundo; mas quando regalas, muito determinadamente te pousas sobre a alma, e não se podem contar as delícias de tua suavidade. Chagaste-me para curar-me, oh! divina mão! e mataste em mim aquilo que me mantinha morta sem a vida de Deus na qual me vejo agora viver. Isto fizeste com a liberalidade de tua generosa graça de que usaste para comigo, quando me tocaste com esse toque do resplendor de tua glória e figura de tua substância (Hb 1,3), que é teu unigênito Filho; nele, que é tua Sabedoria, tocas fortemente atingindo de um fim até outro fim (Sb 8,1). E este teu unigênito Filho, oh! mão misericordiosa do Pai, é o toque delicado com que me tocaste e me chagaste na força de teu cautério.

17. Oh! pois, toque delicado, tu, ó Verbo, Filho de Deus, que, pela delicadeza de teu ser divino, penetras sutilmente a substância de minha alma, e tocando-a toda, delicadamente, em ti a absorves toda com tão divinos gêneros de deleites e suavidades, "como jamais se ouviu na terra de Canaã, nem se viu em Teman"! (Br 3,22). Oh! pois, muito e muitíssimo delicado toque do Verbo, tanto mais delicado para mim, quanto te fizeste sentir suave e fortemente ao Profeta no sopro da branda viração depois de derrubados os montes e despedaçadas as pedras no monte Horeb, com a sombra de teu poder e força que caminhava à tua frente! (1Rs 19,11-12). Oh! aragem branda, que sopras tão tênue e delicada, dize: como tocas sutil e delicadamente, ó Verbo, Filho de Deus, se és tão terrível e poderoso? Oh! ditosa e mil vezes ditosa a alma em que tocas sutil e delicadamente, tu que és tão terrível e possante! Dize isto ao mundo! Ou antes, não o queiras dizer ao mundo, porque ele não entende de aragem branda, e não te sentirá, pois não te pode receber nem te pode ver (Jo 14,17). Só poderão ver-te e sentir teu toque deli-

cado, Deus meu e vida minha, aqueles que, alheando-se do mundo, se sutilizarem espiritualmente convindo sutil com sutil, e assim se tornem aptos para te sentir e gozar. A esses, tanto mais delicadamente tocas, quanto, estando já sutil, polida e purificada a substância da alma, estranha a toda criatura e a todo vestígio e toque de coisa criada, estás tu escondido no seu íntimo, morando e permanecendo nela. E nisto os escondes no esconderijo de tua Face — que é o Verbo, — a salvo da conturbação dos homens (Sl 30,21).

18. Oh! pois, outra vez e muitas vezes delicado toque, tanto mais forte e poderoso, quanto mais delicado! Porque com a força de tua delicadeza, desfazes e apartas a alma de todos os demais toques de coisas criadas, e te apossas dela somente para ti, unindo-a contigo. Tão delicado efeito e impressão nela deixas, que qualquer outro toque de todas as coisas altas ou baixas lhe parece grosseiro e indigno, tendo por ofensa até mesmo o olhar para elas e sentindo grande pena e tormento em as tratar e tocar!

19. Convém saber que um objeto tem tanto mais extensão e capacidade, quanto mais imaterial; e tanto mais será difuso e comunicativo, quanto maior for sua sutileza e delicadeza. O Verbo que é o toque dado na alma é imensamente sutil e delicado; esta, por sua vez, é o recipiente já amplo e disposto pela delicadeza e purificação extrema em que se acha neste estado. Oh! pois, toque delicado! Tanto mais copiosa e abundantemente te infundes em minha alma, quanto mais tens tu de sutileza, e mais tem ela de pureza!

20. Devemos também saber que o toque, quanto mais sutil e delicado é, tanto maior deleite e regalo comunica àquilo que toca; e quanto menos o for, menos extensão e volume terá. Este toque divino nenhuma extensão e volume tem, porque o Verbo que o produz é alheio a todo modo e gênero de extensão, forma, figura e acidentes, que são os limites e medidas que põem termo à substância. Assim, este toque referido aqui sendo um

toque substancial, a saber, da divina substância, é inefável. Oh! pois, toque inefavelmente delicado do Verbo, dado na alma nada menos do que com teu simplicíssimo e puríssimo Ser, o qual, sendo infinito, é infinitamente delicado, e conseqüentemente toca de modo tão sutil, amoroso, eminente e delicado,

Que a vida eterna sabe.

21. Efetivamente é certo sabor de vida eterna, embora não ainda em grau perfeito, que a alma goza neste toque de Deus, como já dissemos. E não é incrível que seja assim, quando se crê, como na verdade se deve crer, que se trata aqui de um toque substancial, isto é, da substância de Deus à substância da alma, a que nesta vida têm chegado muitos santos. Daí a delicadeza inexprimível do deleite sentido neste toque; nem queria eu falar nisso, para não se pensar que é apenas como eu digo, e não mais. Na verdade, não há termos capazes de declarar coisas tão subidas de Deus, como as que se passam nestas almas; por isto, a linguagem própria é somente entender dentro de si, e sentir no íntimo, calando e gozando quem o recebe. Claramente vê a alma aqui como, de certo modo, são essas graças como aquela pedra branca que, diz São João, é dada ao vencedor, e na pedra está escrito um nome novo, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe (Ap 2,17). E assim, verdadeiramente, só se pode dizer que "a vida eterna sabe". Embora nesta vida não se goze perfeitamente deste toque como na glória, contudo, por ser toque de Deus, a vida eterna sabe. Goza então a alma nele de todas as coisas de Deus que lhe comunica, e sua fortaleza, sabedoria e amor, formosura, graça, bondade, etc. Como Deus encerra em si todas essas perfeições, a alma as saboreia todas num único toque de Deus, gozando delas em suas potências e substância.

22. Deste bem da alma redunda por vezes no corpo a unção do Espírito Santo, que produz gozo em toda a substância sensitiva, nos membros, ossos e medula; não de modo remisso, como acontece geralmente, e sim, com

sentimento de grande deleite e glória, experimentado até nas últimas articulações dos pés e mãos. Tem tanta parte, então, o corpo na glória da alma, que, a seu modo, glorifica a Deus, sentindo-o nos seus próprios ossos, conforme a palavra de Davi: "Todos os meus ossos dizem: quem haverá semelhante a ti?" (Sl 34,10). E como tudo quanto se disser a tal repeito é sempre menos do que a realidade, baste, portanto, dizer, para o corporal e para o espiritual, que sabe a vida eterna

E paga toda divida.

23. Assim o diz a alma, porque, neste sabor de vida eterna que experimenta agora, sente a retribuição dos trabalhos que passou para chegar a este estado, no qual não somente se sente paga e satisfeita com toda a justiça, mas com grande excesso recompensada. Por experiência entende bem a verdade da promessa do Esposo no Evangelho, de dar o cêntuplo por um (Mt 19,23). De fato, não houve tribulação ou tentação, penitência ou outro qualquer trabalho sofrido neste caminho, a que não tenha correspondido o cêntuplo de consolo e deleite ainda nesta vida, de modo a poder muito bem dizer a alma: E paga toda dívida.

24. Para saber como e quais sejam estas dívidas de que a alma se sente paga, devemos notar que ninguém, por via ordinária, pode chegar a este alto estado e reino do desposório espiritual sem passar primeiro por muitas tribulações e trabalhos; porque, segundo dizem os *Atos dos Apóstolos*, "é preciso entrar no reino de Deus por meio de muitas tribulações" (At 14,21). Estas já passaram, no estado em que se acha agora a alma, no qual, estando purificada, daqui por diante não padece mais.

25. Os trabalhos pelos quais são provados os que hão de chegar a este estado são de três espécies; trabalhos e desconsolos, temores e tentações que lhes vêm do século, por vários modos; tentações, securas e aflições, que procedem do sentido; tribulações, trevas, angústias, desamparos, tentações, e outros sofrimentos provenientes do espírito. Todos eles servem de meio para a pu-

rificação da alma segundo as duas partes, a espiritual e a sensitiva, conforme dissemos ao explicar o quarto verso da primeira canção. E necessário são tais trabalhos porque assim como um licor muito fino exige um recipiente forte, preparado e purificado, assim também esta altíssima união só pode ser dada a uma alma já fortalecida com trabalhos e tentações, e purificada por meio de tribulações, trevas e angústias; destes trabalhos, uns purificam e fortalecem o sentido, e outros afinam, purificam e dispõem o espírito. Para se unirem a Deus na glória, passam na outra vida pelas penas do fogo os espíritos que estão ainda impuros; de modo semelhante, para alcançarem aqui na terra a união perfeita hão de passar pelo fogo destas penas que descrevemos, o qual obra mais fortemente em alguns, e menos em outros; naqueles, por largo tempo, nestes mais brevemente, segundo o grau de união a que Deus os quer elevar e conforme o que há neles a ser purificado.

26. Por meio destes trabalhos com que Deus prova o espírito e o sentido, vai a alma cobrando virtudes, força e perfeição, com amargura; pois a virtude se aperfeiçoa na fraqueza (2Cor 12,9), e no exercício de sofrimentos vai sendo lavrada. Com efeito, na inteligência do artífice não pode o ferro servir e tomar alguma forma, a não ser por meio do fogo e do martelo, conforme diz o profeta Jeremias a respeito daquele fogo por cujo meio Deus lhe deu inteligência: "Enviou do alto fogo nos meus ossos e ensinou-me" (Lm 1,13). E do martelo, também fala o mesmo Jeremias: "Castigaste-me, Senhor, e fui ensinado" (Jr 31,18). Por isto declara o Eclesiástico: "Que sabe aquele que não foi tentado? E o que não tem experiência poucas coisas conhece" (Ecl 34,9.10).

27. Aqui nos convém notar a causa pela qual há tão poucos que cheguem a tão alto estado de perfeição na sua união com Deus. Não é porque ele queira seja diminuto o número destes espíritos elevados, antes quereria fossem todos perfeitos; mas acha poucos vasos capazes de tão alta e sublime obra. Provando-os em coisas

pequenas, mostram-se tão fracos que logo fogem do trabalho, e não querem sujeitar-se ao menor desconsolo e mortificação; em conseqüência, não os achando fortes e fiéis naquele pouquinho com que lhes fazia mercê de começar a desbastá-los e lavrá-los, vê claramente como o serão ainda menos em coisa maior. Não vai, pois, adiante em os purificar e levantar do pó da terra pelo trabalho da mortificação para a qual seria mister maior constância e fortaleza do que mostram. E assim há muitos que desejam passar adiante e mui continuamente pedem a Deus os traga e conduza a esse estado de perfeição; mas quando Deus quer começar a levá-los pelos primeiros trabalhos e mortificações, conforme para isso é necessário, não aceitam sofrê-los, e furtam o corpo, fugindo do caminho estreito da vida, para buscarem a via larga de seu próprio consolo, que os leva à perdição. Procedendo deste modo, não dão ensejo a Deus para conceder-lhes o que pedem, mal o começa a dar. Quedam-se como vasos inúteis; pois, querendo alcançar o estado dos perfeitos, não somente não quiseram ser levados pelo caminho dos trabalhos que conduz a essa perfeição, mas nem sequer consentiram em começar a entrar pelo sofrimento de trabalhos menores, a saber, as pequenas provações que ordinariamente todos padecem. A estes tais se pode responder com as palavras de Jeremias: "Se te fatigaste em seguir, correndo, os que iam a pé, como poderás competir com os que vão a cavalo? E se não estiveste em sossego numa terra de paz, que farás no meio da soberba do Jordão?" (Jr 12,5). É o mesmo que dizer: Se com os trabalhos que na via comum sucedem, ordinária e humanamente, a todos os que andam nesta terra, custavas tanto a agüentar, por causa de teu passo diminuto, que imaginavas correr, como poderás igualar o passo do cavalo, isto é, sofrer trabalhos acima dos ordinários e comuns, para os quais se requer mais força e ligeireza do que a do homem? Se não quiseste abandonar a paz e o gosto de tua terra, que é a tua sensualidade, e te

recusaste a fazer-lhe guerra ou contradizê-la em alguma coisa, não entendo como quererás entrar pelas águas impetuosas das tribulações e trabalhos do espírito, que são mais profundas.

28. Ó almas desejosas de andar seguras e consoladas nas coisas do espírito! Se soubésseis quanto vos convém padecer sofrendo, para alcançar esta segurança e consolo! E como, sem isto, é impossível chegar ao que a alma deseja, antes, ao contrário, é voltar atrás, jamais buscaríeis consolo de modo algum, nem em Deus, nem nas criaturas. Carregaríeis, de preferência, a cruz, e, nela pregadas, desejaríeis beber fel e vinagre puro e o teríeis por grande ventura, vendo como pela vossa morte ao mundo e a vós mesmas viveríeis para Deus, em deleites espirituais. E assim, sofrendo com paciência e fidelidade este pouquinho de trabalho exterior, mereceríeis que pusesse Deus seus olhos em vós, para vos purificar e limpar mais intimamente, por meio de alguns trabalhos espirituais mais interiores, com o fim de conceder-vos graças mais profundas. Na verdade, hão de ter feito muitos serviços a Deus, com grande paciência e constância em seu amor, tornando-se muito agradáveis diante dele pela vida e pelas obras, aqueles aos quais o Senhor faz tão assinalada mercê, como seja a de tentá-los mais interiormente para avantajá-los em dons e merecimentos. Foi o que ele fez ao santo Tobias a quem disse São Rafael: "Porque tu eras aceito a Deus, por isso foi necessário que a tentação te provasse" (Tb 12,13), a fim de seres mais engrandecido. De fato, o tempo que lhe restou de vida, após aquela tentação, foi cheio de gozo, como atesta a Sagrada Escritura (Tb 14,4). O mesmo sucedeu ao santo Jó: quando Deus aceitou suas obras diante dos espíritos bons e maus, logo lhe fez a mercê de enviar aqueles grandes trabalhos, com o fim de glorificá-lo muito mais depois, como realmente fez, multiplicando-lhe os bens espirituais e temporais.

29. Do mesmo modo procede Deus com os que quer avantajar segundo a vantagem principal: a estes faz e deixa tentar, com o fim de elevá-los à maior de todas as alturas, que consiste na união com a Sabedoria divina, a qual, como diz Davi, é prata examinada com fogo, provada na terra (Sl 11,7), isto é, em nossa carne, purificada sete vezes, ou, por assim dizer, o mais possível. Não há razão para nos determos aqui a explicar quais sejam estas sete purificações, e qual deve ser cada uma, para a alma chegar a esta sabedoria, nem como a elas correspondem sete graus de amor, nesta mesma Sabedoria. Aqui na terra, por maior que seja a união, é ela sempre para a alma como a prata de que fala Davi, mas na outra vida será como ouro.

30. Convém muito, pois, à alma ter grande paciência e constância em todas as tribulações e trabalhos, interiores e exteriores, espirituais e corporais, maiores ou menores, em que Deus a queira pôr, recebendo tudo como das mãos dele para seu bem e remédio. E não fuja dos sofrimentos, porque neles está a sua saúde; antes tome a este respeito o conselho do Sábio que diz: "Se o espírito daquele que tem o poder baixar sobre ti, não abandones o teu posto" (isto é, o lugar e posto de tua provação, situado naquele trabalho que Deus te envia), "porque este remédio te curará dos maiores pecados" (Ecl 10,4). Por assim dizer: cortará em ti as raízes de teus pecados e imperfeições, que são os maus hábitos; porque o combate dos trabalhos, angústias e tentações, extingue esses hábitos maus e imperfeitos da alma, purificando-a e fortalecendo-a. Deve ela, pois, ter em grande estima os trabalhos interiores e exteriores que Deus lhe envia, compreendendo como são muito poucos os que merecem ser consumados por sofrimentos, e os padecem a fim de chegar a tão alto estado.

31. Voltemos agora à nossa explicação. Conhece aqui a alma como tudo foi para seu bem, e que "como foram as suas trevas é agora a sua luz"; e assim como foi participante das tribulações, agora o é das consolações

e do reino de Deus. Vê que aos trabalhos interiores e exteriores corresponderam os bens divinos, tanto para o espírito como para o corpo, e como não houve sofrimento sem ser premiado com grande galardão. E assim o confessa já bem satisfeita dizendo: "E para toda dívida". Agradece a Deus neste verso, do mesmo modo que o fez Davi no seu, quando cantou no Salmo em ação de graças por ter sido libertado dos trabalhos: "Quantas tribulações numerosas e amargas me fizeste provar! Mas, voltando-te para mim, deste-me novamente a vida, e dos abismos da terra outra vez me tiraste. Multiplicaste a tua magnificência, e voltando-te para mim, me consolaste" (Sl 70,20-21). Antes que chegasse a este estado, achava-se a alma como Mardoqueu quando estava sentado do lado de fora das portas do palácio, chorando nas praças de Susa, à vista do perigo que corria sua vida, e, coberto de cilício, recusava aceitar as vestes que lhe enviava a rainha Ester (Est 4,1; 6,3.11). Não havia recebido galardão algum pelos serviços prestados ao Rei, nem pela fidelidade que havia tido em defender-lhe a honra e a vida. Eis que num dia, — como foi feito ao mesmo Mardoqueu, — pagam-lhe todos os trabalhos e serviços, e não só a fazem apresentar-se diante do Rei, adornada com as vestes reais, mas também lhe dão coroa e cetro, além do trono, com a posse do anel real, para que faça tudo o que quiser, e o que não quiser, não faça, no reino de seu Esposo; porque os que chegam a este estado alcançam tudo quanto querem. Com isto, fica a alma bem paga, e, mais ainda, são aniquilados os judeus, seus inimigos, isto é, os apetites imperfeitos que procuravam tirar-lhe a vida espiritual em que agora ela vive plenamente, segundo as suas potências e apetites. E, assim, logo acrescenta:

Matando, a morte em vida me hás trocado.

32. Na verdade, a morte não é mais que a privação da vida; em chegando esta, já não há mais vestígio daquela. Sob o ponto de vista espiritual, há duas maneiras de vida. Uma é a vida beatífica, a qual consiste em

ver a Deus, e esta se há de alcançar pela morte corporal e natural, conforme diz São Paulo: "Sabemos que se esta nossa casa de barro for destruída, temos nos céus morada de Deus" (2Cor 5,1). A outra é a vida espiritual perfeita, ou seja, a posse de Deus por união de amor; e esta se alcança pela mortificação total dos vícios e inclinações, e da própria natureza. Enquanto isto não se efetua, impossível é chegar à perfeição dessa vida espiritual de união com Deus, segundo afirma também o Apóstolo dizendo assim: "Se viverdes segundo a carne, morrereis. Mas se pelo espírito mortificardes as obras da carne, vivereis" (Rm 8,13).

33. Devemos, pois, saber que a alma designa aqui pelo nome de morte a todo o homem velho, isto é, ao exercício das potências, memória, entendimento e vontade, ocupado e empregado nas coisas do século, bem como os apetites e gostos de criaturas. Tudo isto é exercício de vida velha, a qual é morte da vida nova, que é a espiritual. Nesta última, não poderá viver a alma perfeitamente, se não morrer também perfeitamente o homem velho, conforme admoesta o Apóstolo dizendo: "Despojem-se do homem velho e se revistam do novo, criado segundo Deus onipotente, em justiça e santidade" (Ef 4,22). Nessa vida nova, ou seja, quando é alcançada a perfeição da união com Deus, como vamos dizendo aqui, todos os apetites e potêncais da alma em suas inclinações e operações — que por si mesmas eram obras de morte e privação da vida espiritual, — trocam-se agora em divinas.

34. Cada ser vivo, dizem os filósofos, vive por sua operação; logo a alma, tendo em Deus suas operações em virtude da sua união com ele, vive a própria vida de Deus, e assim a sua morte foi trocada em vida, isto é, a sua vida animal se trocou em vida espiritual. O entendimento, antes dessa união, compreendida naturalmente, com a força e vigor de sua luz natural, por meio dos sentidos corporais; agora, porém, é movido e penetrado por outro princípio mais alto que é a luz

sobrenatural de Deus, deixando de parte os sentidos. Trocou-se, pois, em divino, porque, pela união do mesmo entendimento ao de Deus, tudo é uno. A vontade anteriormente amava de modo baixo e morto, só com seu afeto natural; agora foi trocada em vida de amor divino, porque ama elevadamente com afeto divino, movida pela força e virtude do Espírito Santo, no qual vive sua vida de amor; de fato, por meio desta união da vontade humana à divina, há só uma vontade na alma. A memória, que de sua parte só percebia as figuras e imagens das criaturas, é trocada nesta divina união de modo a ter na mente os anos eternos, como fala Davi (Sl 76,6). O apetite natural que antes se inclinava, com toda a sua habilidade e força, somente ao gozo da criatura que produz morte, agora está trocado em divino gosto e sabor, movido e satisfeito então por outro princípio que o torna mais vivo, e que é o deleite de Deus com quem está unido; e em conseqüência, já é apetite só de Deus. Finalmente, todos os movimentos, operações e inclinações que a alma tinha anteriormente, e que provinham do princípio e força de sua vida natural, já nesta união são transformados em movimentos divinos; ficam mortos à sua própria operação e inclinação, e tornam-se vivos em Deus. Com efeito, a alma já é movida em tudo pelo espírito de Deus, como verdadeira filha de Deus, conforme ensina São Paulo: "Todos os que são movidos pelo Espírito de Deus, estes são os filhos de Deus (Rm 8,14). Deste modo, repetimos ainda aqui, o entendimento da alma é entendimento de Deus; sua vontade é vontade de Deus; sua memória é memória de Deus; e seu deleite é deleite de Deus. A substância da alma, embora não se possa tornar substância de Deus, porque impossível lhe é transformar-se substancialmente em Deus, contudo, nessa união em que está vinculada e absorvida em Deus, torna-se Deus por participação de Deus. Tal é o que acontece no estado perfeito da vida espiritual, todavia, não tão acabadamente como na eternidade. Está, portanto, morta a alma a

tudo quanto era em si mesma, isto é, ao que era morte para ela; e se acha viva para o que é Deus em si mesma. Eis a razão por que, ao falar de seu estado, diz com muito acerto o verso: Matando, a morte em vida me hás trocado. Daí lhe vem poder apropriar-se bem das palavras de São Paulo: "Vivo, já não eu, mas é Cristo que vive em mim" (Gl 2,20). Trocou-se, afinal, a morte desta alma em vida de Deus. Quadra-lhe também a expressão do Apóstolo: "A morte foi absorvida pela vitória" (1Cor 15,54). E ainda o que diz o profeta Oséias falando pela pessoa de Deus: "Ó morte! eu hei de ser a tua morte" (Os 13,14). Como se dissera: Eu que sou a vida, sendo a morte da morte, ficará a morte absorta na vida.

35. Desta maneira acha-se a alma absorta em divina vida, alheia a tudo quanto seja temporal deste mundo, bem como a todo apetite natural. É introduzida nos aposentos do Rei, onde se goza e alegra no Amado, "lembrada de que os seus peitos são melhores do que o vinho", e assim diz: "Eu sou trigueira, mas formosa, filhas de Jerusalém" (Ct 1,3-4) porque minha negrura natural trocou-se na formosura do Rei celestial.

36. Em tão perfeito estado de vida, sempre anda a alma como em festa, no interior e no exterior; com grande freqüência saboreia no seu espírito um grande júbilo de Deus, qual um cântico novo, sempre novo, envolto em alegria e amor, e em conhecimento de seu feliz estado. Por vezes fica cheia de gozo e fruição, repetindo em seu espírito aquelas palavras de Jó: "A minha glória sempre se renovará; e multiplicarei meus dias como a palmeira" (Jó 29,20.18). Como a dizer: Deus, que permanece em si mesmo imutável, e todas as coisas renova, como diz o Sábio (Sb 7,27), estando unido agora à minha glória, sempre a renovará, isto é, não a deixará volver atrás como era antes; e multiplicarei meus dias como a palmeira, isto é, meus merecimentos crescerão até o céu, assim como para o céu ergue a palmeira seus ramos. De fato, os merecimentos da alma,

neste estado, são geralmente grandes em número e qualidade. Também se ocupa de ordinário em cantar a Deus em seu espírito tudo o que diz Davi no Salmo cujo início é assim: "Eu te glorificarei, Senhor, porque me recebeste" (Sl 29,1.12.13). E particularmente os dois últimos versículos que dizem: "Tu converteste o meu pranto em gozo; tu rasgaste o meu saco e me cercaste de alegria. Para que eu te cante na minha glória, e não tenha mais penas; Senhor Deus meu, eu te louvarei eternamente" (Sl 29,1.12.13). Não é de maravilhar que a alma ande com tanta freqüência nestes gozos, júbilos, e louvores, na fruição de Deus; porque, além do conhecimento que tem das graças recebidas, sente o seu Amado tão solícito em mimoseá-la com tão preciosas, delicadas, e encarecidas palavras, engrandecendo-a com estas e outras mercês, que lhe parece não ter ele outra pessoa no mundo a quem regalar, nem outra coisa em que se ocupar, mas que ele todo é só para ela. E, experimentando-o assim, confessa como a Esposa dos *Cantares*: "O meu Amado é para mim, e eu para ele" (Ct 2,16).

Canção III

Oh! lâmpadas de fogo,
Em cujos resplendores
As profundas cavernas do sentido
— Que estava escuro e cego, —
Com estranhos primores
Calor e luz dão junto a seu querido!

EXPLICAÇÃO

1. Seja Deus servido de dar aqui seu favor, pois, decerto, é muito necessário para explicar a profundidade desta canção. E quem ler este comentário, é mister fazê-lo com advertência, porque, se não tiver experiência, talvez lhe pareça algo obscuro e prolixo; mas se a tiver, porventura, o achará claro e saboroso. Encarece a alma,

nesta canção, e agradece a seu Esposo, as grandes mercês recebidas da união que tem com ele; diz como, por meio desta união, concede-lhe o Amado numerosos e magníficos conhecimentos de si mesmo, cheios de amor, com os quais são iluminadas e enamoradas as potências e os sentidos da alma, que antes estavam obscuros e cegos. Agora, portanto, esclarecidos e abraçados no amor como se acham, podem dar luz e amor aquele que os esclareceu e enamorou. De fato, quem verdadeiramente ama, só está satisfeito quando emprega no Amado todo o seu ser, e tudo quanto vale, tem e recebe; e quanto mais possui, tanto maior é o seu gosto em dar. Disto se alegra aqui a alma: de poder, com os resplendores e o amor recebidos, resplandecer por sua vez diante do Amado e dar-lhe amor. Segue-se o verso:

Oh! lâmpadas de fogo!

2. Quanto ao primeiro termo, precisamos saber que as lâmpadas têm duas propriedades: brilhar e aquecer. Para entendermos quais sejam estas lâmpadas mencionadas pela alma, e como brilham e ardem dentro dela, produzindo calor, convém advertir o seguinte. Deus, em seu ser único e simples, encerra todas as virtudes e grandezas de seus atributos. É onipotente, sábio, bom, misericordioso; é justo, forte, amoroso, e o mesmo podemos dizer de outros infinitos atributos e virtudes que nos são desconhecidos. Ora sendo Deus todas estas coisas na simplicidade de seu ser divino, quando há por bem abrir o entendimento da alma que lhe está unida, vê ela então distintamente nele todas essas virtudes e grandezas, isto é, onipotência, sabedoria, bondade, misericórdia, e tudo o mais. Cada um desses atributos é o mesmo ser de Deus numa pessoa, seja no Pai, ou no Filho, ou no Espírito Santo, sendo cada atributo o próprio Deus. E por ser Deus luz infinita, e fogo divino infinito, como já dissemos, conseqüentemente cada um desses inumeráveis atributos resplandece e produz calor como o mesmo Deus; assim cada um deles é uma lâmpada que brilha na alma, dando-lhe calor de amor.

3. Num só ato desta união, a alma recebe conhecimentos sobre todos os atributos divinos; deste modo, podemos afirmar que Deus é para ela como muitas lâmpadas juntas que distintamente brilham em luz de sabedoria e produzem calor de amor. De cada uma dessas lâmpadas recebe um conhecimento particular, e ao mesmo tempo é inflamada em amor. A alma, pois, ama a Deus em cada uma dessas lâmpadas de modo especial e em todas elas conjuntamente, no fogo de amor com que elas a inflamam, sendo todos esses atributos, conforme tornamos a dizer, o mesmo e único ser de Deus. Logo, todas as lâmpadas são uma só lâmpada, a qual, segundo as virtudes e atributos divinos, brilha e arde como muitas lâmpadas. Por esta razão, a alma, num só ato provocado pelo conhecimento dessas lâmpadas, ama a Deus por meio de cada uma delas, e simultaneamente por todas juntas, levando nesse ato qualidade de amor por cada uma e de cada uma, de todas juntas e por elas todas; porque o resplendor que se irradia desta lâmpada do ser divino em seu atributo de onipotência traz à alma luz e calor de amor de Deus enquanto é onipotente; neste caso, Deus é para ela como lâmpada de onipotência, que a ilumina e lhe dá o conhecimento desse atributo. Se o replendor que irradia esta lâmpada do ser de Deus é o da sua sabedoria, produz na alma notícia e inflamação de amor de Deus enquanto é sábio; neste caso, Deus para ela é lâmpada de sabedoria. Quando resplandece esta lâmpada de Deus irradiando sua bondade, recebe a alma luz e calor de amor de Deus enquanto é ele bom, e assim, para ela, é lâmpada de bondade. De maneira semelhante, ser-lhe-á Deus lâmpada de justiça, de fortaleza, de misericórdia, e de todos os demais atributos que ali se representam à alma, todos juntos, em Deus. A luz que recebe deles comunica-lhe o calor do amor de Deus com que ela o ama, porque todas estas perfeições divinas são o mesmo Deus; portanto, nesta comunicação de si mesmo em que Deus se mostra à alma, e que, para mim, é a maior de

quantas lhe possa fazer nesta vida, manifesta-se ele como inumeráveis lâmpadas que lhe trazem conhecimento e amor de Deus.

4. Estas lâmpadas, viu Moisés no monte Sinai, quando, à passagem de Deus, prostrou-se em terra e começou a clamar mencionando algumas, com estas expressões: "Dominador, Senhor, Deus misericordioso e clemente, paciente e de muita misericórdia, e verdadeiro, que conservas a misericórdia em milhares de gerações, que tiras a iniqüidade e as maldades e os pecados, e ninguém diante de ti é inocente por si mesmo" (Ex 34,6-7). Donde se vê que Moisés conheceu ali, sobretudo, os atributos de onipotência, domínio, divindade, misericórdia, justiça, verdade e retidão de Deus, em altíssimo conhecimento do Senhor; e como na mesma medida do conhecimento recebeu também o amor, conseqüentemente o deleite e fruição de que ali gozou foi elevadíssimo.

5. Daqui se pode observar que o deleite recebido pela alma em arroubamento de amor, e comunicado pelo fogo que se irradia dessas lâmpadas, é admirável e imenso; porque é tão abundante como de muitas lâmpadas juntas, em que cada uma abrasa a alma em amor; e se vão unindo o calor de uma ao da outra, bem como a chama de uma à da outra, e a luz de uma à da outra, pois qualquer um dos atributos divinos revela os outros. Assim, todas as lâmpadas juntas tornam-se uma só luz e um só fogo, e cada uma delas é, por sua vez, luz e fogo, sendo então a alma imensamente absorvida em delicadas chamas, e sutilmente chagada de amor em cada uma delas, e ainda mais chagada em todas juntas, toda viva em amor de vida de Deus; vê muito claramente que aquele amor é de vida eterna, na qual está o conjunto de todos os bens. E pela experiência que, de certo modo, aqui lhe é dada, conhece bem a alma a verdade daquela expressão do Esposo nos *Cantares* quando disse que as lâmpadas do amor eram lâmpadas de fogo e chamas (Ct 8,6). "Oh! quão formosa

és em teus passos e calçados, filha do príncipe!" (Ct 7,1). Quem poderá decrever a magnificência e estranheza de teu deleite e majestade, no admirável resplendor e amor de tuas lâmpadas?

6. A Sagrada Escritura refere como uma destas lâmpadas passou outrora diante de Abraão, causando nele grandíssimo horror tenebroso, porque era a lâmpada da justiça rigorosa que Deus iria exercer contra os cananeus (Gn 15,12-17). Se, pois, todas estas lâmpadas de conhecimento de Deus brilham diante de ti com tanto amor e benevolência, ó alma enriquecida, quanto maior luz e deleite de amor te hão de trazer, do que trouxe de horror e treva aquela que brilhou diante de Abraão? Qual não será, portanto, a grandeza, a riqueza, e a multiplicidade de teu gozo, se de todas e em todas essas lâmpadas recebes fruição e amor, e por elas comunica-se Deus às tuas potências, segundo seus divinos atributos e perfeições? De fato, quando uma pessoa ama e faz bem a outra, age segundo a sua própria condição e natureza; deste modo, teu Esposo, estando em ti como quem é, assim te faz suas mercês. Sendo onipotente, ama-te e faz bem a ti com onipotência; sendo sábio, sentes que te faz bem e ama com sabedoria; por ser infinitamente bom, sentes que te ama com bondade; sendo santo, sentes que te ama e te agracia com santidade; sendo justo, sentes que te ama e faz mercês com justiça. Por ser misericordioso, piedoso e clemente, sentes sua misericórdia, piedade e clemência; sendo ele forte, sublime, e delicado em seu divino ser, sentes que te ama com força, elevação e delicadeza. Como é simples e puro, sentes que com pureza e simplicidade te ama; como é verdadeiro, sentes que te ama com verdade. Sendo liberal, conheces que te ama e beneficia com liberalidade, sem interesse algum, só para fazer-te bem; como é a virtude da suma humildade, com suma humildade e com suma estimação te ama, chegando a igualar-te com ele, e a revelar-se a ti nestas vias do conhecimento de seu divino ser; e o faz alegremente, com a

sua face cheia de graças, dizendo-te nesta união de seu amor, não sem grande júbilo teu: eu sou teu e para ti, e gosto de ser tal qual sou para ser teu e dar-me a ti.

7. Quem dirá, pois, o que experimentas, ó ditosa alma, quando te vês assim amada e com tal estima engrandecida? Teu ventre, isto é, tua vontade, é como o da esposa, semelhante ao monte de trigo, todo coberto e cercado de lírios (Ct 7,2); e enquanto saboreias estes grãos de pão de vida, os lírios das virtudes que te cercam, te estão deleitando. Estas virtudes são as filhas do rei, as quais, no dizer de Davi (Sl 44,10), te encheram de gozo com a mirra e o âmbar e as demais espécies aromáticas; porque os conhecimentos comunicados a ti pelo Amado sobre suas graças e virtudes são suas filhas, e nelas estás de tal modo engolfada e submergida que podes também ser comparada àquele poço de águas vivas a correrem impetuosamente do monte Líbano, que é Deus (Ct 4,15). Nele te é dada, então, uma alegria maravilhosa, que penetra toda a harmonia de tua alma, e até mesmo de teu corpo; e és toda transformada em um paraíso regado por águas divinas, realizando-se em ti esta palavra do Salmo: "O ímpeto do rio alegra a cidade de Deus" (Sl 45,5).

8. Oh! realidade admirável! Neste tempo está a alma transbordando águas divinas, toda feita uma fonte caudalosa que de todos os lados derrama essas divinas águas! Pois embora seja verdade que esta comunicação de que vamos tratando é luz e fogo das lâmpadas de Deus, contudo, esse fogo aqui é tão suave, — como já dissemos, — que com ser fogo imenso, torna-se como águas vivas que fartam a sede do espírito, segundo a violência do seu desejo. Deste modo estas lâmpadas de fogo são águas vivas do Espírito, como as que vieram sobre os apóstolos (At 2,3), as quais, sendo lâmpadas de fogo, ao mesmo tempo eram águas puras e limpas; assim as chamou Ezequiel em sua profecia sobre a vinda do Espírito Santo com estas palavras: "Derramarei sobre vós, — diz o Senhor — uma água pura, e porei

meu espírito no meio de vós" (Ez 36,25). Embora, pois, seja fogo, é também água. É figurado pelo fogo do sacrifício que Jeremias escondeu na cisterna, o qual se transformou em água enquanto esteve escondido, e depois, quando era tirado dali para com ele se oferecer o sacrifício, volvia a ser fogo (2Mc 1,20-22). De maneira semelhante, este espírito de Deus, quando se acha escondido no seio da alma, está como água suave e deleitosa, fartando a sede do espírito; e quando se exercita em sacrifício de amor a Deus, está como chamas vivas de fogo, que são as lâmpadas do ato de dileção, isto é, daquelas chamas de que fala o Esposo nos *Cantares*, já referidas acima. Por esta razão a alma aqui as denomina chamas; pois não somente as experimenta em si como águas, mas também as exercita em amor de Deus, como chamas. E porquanto na comunicação espiritual destas lâmpadas é a mesma alma inflamada, e posta em exercício de amor, em ato de amor, antes lhes dá o nome de lâmpadas do que de águas, dizendo: Oh! lâmpadas de fogo. Tudo quanto se pode dizer nesta canção, fica aquém da realidade porque a transformação da alma em Deus é indizível. Tudo es resume nesta palavra: a alma é feita Deus de Deus por participação dele e de seus atributos por ele chamados aqui lâmpadas de fogo.

Em cujos resplendores.

9. Para entendermos quais sejam estes resplendores das lâmpadas de que a alma fala aqui, e como a mesma alma neles resplandece, precisamos saber que estes resplendores são os conhecimentos amorosos a ela comunicados pelas lâmpadas dos atributos de Deus. Unida, segundo suas potências, a eles, a alma também resplandece como eles, transformada, então, em resplendores amorosos. Esta ilustração de resplendores que fazem a alma por sua vez resplandecer, em fogo de amor, não é semelhante à das lâmpadas materiais que, com seus clarões, iluminam os objetos que as rodeiam; mas sim como de lâmpadas que se acham dentro das chamas,

porque a própria alma está dentro desses resplendores. Por esta razão diz: em cujos resplendores, isto é, dentro deles; e não somente isto, mas até transformada e convertida em resplendores. E assim podemos dizer que é como o ar que se acha dentro da chama, abrasado e transformado na própria chama. Esta, aliás, não se compõe de outra coisa a não ser do ar inflamado; e os movimentos e os resplendores daquela chama não são produzidos somente pelo ar, nem somente pelo fogo, mas pelos dois elementos juntos; são resplendores que o fogo produz no ar inflamado em seu calor.

10. Nesta mesma disposição, podemos compreender, acha-se a alma com as suas potências, toda resplandecente, dentro dos resplendores de Deus. Os movimentos desta chama divina, isto é, as vibrações e labaredas de que falamos acima, não provêm somente da alma transformada nas chamas do Espírito Santo; nem são produzidas só por ele; mas, sim, pelo Espírito Santo e pela alma, conjuntamente, movendo ele a alma, como faz o fogo com o ar que inflama. Daí, estes movimentos de Deus e da alma juntos vêm a ser não só resplendores, mas também glorificações de Deus na alma; porque tais movimentos e labaredas são como jogos e festas joviais que o Espírito Santo realiza na alma, conforme dissemos no segundo verso da primeira canção; e neles, parece que sempre está o Espírito Santo querendo acabar de dar à alma a vida eterna, e chegar enfim a transportá-la a sua perfeita glória, introduzindo-a verdadeiramente dentro de si mesmo. De fato, em todos os benefícios que Deus faz à alma, os primeiros como os últimos, os maiores como os menores, sempre os concede com o fim de conduzi-la à vida eterna. É como a chama cujos movimentos e labaredas, produzidos no ar inflamado, tem por fim levá-lo consigo ao centro de sua esfera, e todos aqueles movimentos são como uma porfia para conquistá-lo mais e mais para si. Como, porém, o ar se encontra em sua própria esfera, não o pode levar o fogo para a sua; assim, estes movimentos do

Espírito Santo, — aliás eficacíssimos para absorver a alma em glória imensa, — todavia, não acabam de absorvê-la inteiramente até chegar o tempo em que haja ela de sair da esfera desse ar terreno que é a vida mortal, e enfim possa entrar no centro do espírito que é a vida perfeita em Cristo.

11. Convém notar que esses movimentos mais são da alma do que de Deus, pois Deus não se move. Estes vislumbres de glória, dados aqui à alma, são, portanto, estáveis, perfeitos e contínuos, com firme serenidade em Deus. Tais serão eles na alma na vida eterna, sem alteração para mais ou para menos, e sem interpolação de movimentos; então verá claramente a alma que Deus, embora parecesse mover-se dentro dela, na realidade é imutável em seu ser, assim como o fogo também não se move em sua esfera; conhecerá como aqueles movimentos e labaredas que lhe davam sentimento de glória, ela os sentia porque não estava ainda perfeitamente glorificada.

12. Por tudo quanto dissemos, e ainda vamos dizer agora, entender-se-á com maior clareza qual seja a sublimidade dos resplendores dessas lâmpadas de que tratamos; a eles pode ser dado também o nome de obumbrações. Para inteligência disso, é preciso saber que obumbração significa a "ação da sombra"; ora, fazer sombra é o mesmo que amparar, favorecer, conceder graças. Efetivamente, quando a sombra de uma pessoa vem cobrir alguma outra, é sinal de que está perto para favorecer e amparar a esta última. Eis a razão pela qual o arcanjo Gabriel usou deste termo para comunicar à Virgem Maria a grande mercê da conceição do Filho de Deus, dizendo: "O Espírito Santo virá sobre ti, e a virtude do Altíssimo te fará sombra" (Lc 1,35).

13. Para entender bem como seja esta projeção da sombra de Deus, ou obumbração, ou resplendores, — pois tudo isto é o mesmo, — convém notar que cada coisa tem sua sombra e a produz conforme o seu ta-

manho e propriedades. Por exemplo, se o objeto é opaco e escuro, projeta sombra escura; se é claro e leve, faz sombra clara e leve. A sombra, pois, de uma treva será também treva, em proporção da primeira; e a sombra de uma luz será outra luz semelhante àquela.

14. Estas virtudes e atributos de Deus são lâmpadas acesas e resplandecentes; logo, achando-se tão perto da alma, como dissemos, não poderão deixar de projetar sobre ela suas próprias sombras, as quais são também acesas e resplandecentes na mesma proporção das lâmpadas que as projetam; e assim, tais sombras serão resplendores. Conseqüentemente, a sombra, produzida na alma pela lâmpada da formosura de Deus, será outra formosura proporcionada ao talhe e propriedade daquela mesma formosura divina; a sombra que faz a fortaleza será também fortaleza na medida daquela de Deus; a sombra da sabedoria divina será igualmente sabedoria semelhante à de Deus; assim do mesmo modo, em todas as outras lâmpadas, ou, por melhor dizer, a sombra será a mesma sabedoria, ou a mesma formosura, ou a mesma fortaleza de Deus, transformada em sombra, porque na terra jamais a alma o poderá compreender perfeitamente. Sendo esta sombra tão conforme à medida e propriedade de Deus, que é o próprio Deus, por ela bem conhece a alma a sublimidade de Deus.

15. À luz deste raciocínio, quais serão, pois, as sombras que fará o Espírito Santo nesta alma revelando-lhe as grandezas das virtudes e atributos seus, se está ele tão perto dela que não somente chega a tocá-la com estas sombras, mas a ela se une em sombras e resplendores? Como não entenderá e gozará a alma, em cada uma delas, a Deus, segundo a propriedade e medida do próprio Deus nelas? Na verdade, entende e saboreia o poder divino, em sombra de onipotência; entende e goza a sabedoria divina, em sombra de sabedoria divina; entende e goza a bondade infinita, em sombra que a cerca de bondade infinita, e assim por diante. Finalmente, experimenta a glória de Deus, em sombra de glória, sa-

boreando a propriedade e medida da glória de Deus. E tudo isto se passa no meio de claras e incendidas sombras, produzidas por aquelas claras e incendidas lâmpadas, todas unidas numa só lâmpada, isto é, no único e simples ser de Deus que resplandece atualmente sob todas estas formas.

16. Oh! pois, que sentirá agora a alma ao experimentar aqui o conhecimento e comunicação daquela figura vista por Ezequiel (Ez 1,5-25; 2,1), daquele animal de quatro faces, e daquele carro de quatro rodas! Vê como o aspecto dessa figura é semelhante ao de carvões ardentes e de lâmpadas acesas; percebe como aquela roda, que é a sabedoria de Deus, está cheia de olhos por dentro e por fora, — símbolo dos conhecimentos divinos e dos resplendores das virtudes de Deus; sente em seu espírito aquele ruído produzido pela passagem desse carro, ruído semelhante ao de multidões e exércitos, significando as magnificências divinas, que a alma aqui conhece distintamente, num único som de um só passo de Deus nela. Finalmente, goza daquele sopro de um bater de asas, comparado pelo Profeta ao ruído do Deus altíssimo; o que significa o ímpeto das águas divinas já referido acima, as quais invadem a alma quando se ala o Espírito Santo na chama de amor alegrando a alma, fazendo-a gozar da glória de Deus em sua semelhança e sombra, conforme declara também o Profeta dizendo que a visão daquele animal e daquela roda era a visão da semelhança da glória do Senhor. Qual seja a elevação em que se sente agora esta ditosa alma, quão imensa a grandeza que contempla em si mesma, quanta admiração experimenta ao ver-se naquela formosura santa, — quem o poderá dizer? Achando-se investida, assim, com tanta profusão pelas águas destes divinos resplendores, percebe claramente que o Pai eterno lha há concedido com mão larga esta divina rega, tanto para a parte superior como para a inferior do seu ser, como sucedeu a Aesa a quem seu pai concedeu a terra de regadio quando ela suspirava (Js 15,18-19); porque estas

águas, quando correm, penetram alma e corpo, que são a parte superior e inferior.

17. Oh! admirável excelência de Deus! Embora estas lâmpadas dos atributos divinos sejam um simples ser e só neles se gozem, todavia, cada uma delas se vê distintamente, tão abrasada uma como a outra, e na realidade cada uma é substancialmente a outra. Oh! abismo de deleites! Tua abundância é tanto maior quanto mais recolhidas se acham as tuas riquezas na unidade e simplicidade infinita de teu único ser, onde de tal maneira se conhece e goza de um atributo que não é isto impedimento para conhecer e gozar perfeitamente de outro; ao contrário, cada graça e virtude que há em ti é luz a revelar qualquer outra grandeza tua; porque pela tua pureza, ó Sabedoria divina, muitas coisas se vêem em ti quando se contempla uma só delas. Na realidade, és tu o depósito dos tesouros do Pai, o resplendor da luz eterna, espelho sem mancha, e imagem de sua bondade (Sb 7,26). Em cujos resplendores

As profundas cavernas do sentido.

18. Estas cavernas são as potências da alma, — memória, entendimento e vontade. São tanto mais profundas quanto mais capazes de receber grandes bens; pois, para enchê-las, é preciso nada menos do que o infinito. Pelo que padecem quando estão vazias, podemos avaliar, de certo modo, quanto gozam e se deleitam quando estão cheias de Deus; pois um contrário esclarece o outro. Em primeiro lugar, notemos que estas cavernas das potências, quando ainda não se acham vazias, purificadas e limpas de toda afeição pela criatura, não sentem o grande vazio de sua profunda capacidade. Com efeito, nesta vida, qualquer ninharia que a elas se apegue, basta para as manter tão embaraçadas e enfeitiçadas, que não sentem quanto lhes prejudica; não percebem os imensos bens que possuem nem conhecem a sua capacidade para eles. É coisa espantosa que sendo as potências capazes de bens infinitos, no entanto, baste o menor deles para as impedir de receber os in-

finitos, até que de todo fiquem vazias, conforme vamos explicar. Quando, porém, estão vazias e purificadas, é intolerável a sede, fome, e ânsia da parte espiritual; porque sendo profundos os estômagos destas cavernas, penam profundamente, uma vez que é também profundo o manjar que lhes falta, a saber, o próprio Deus. Este tão grande sentimento padece a alma de ordinário, perto do fim da sua iluminação e purificação, antes que chegue à união, onde já súas ânsias são satisfeitas. De fato, como o apetite espiritual se acha vazio e purificado de toda criatura e afeição dela, tendo perdido sua inclinação natural, inclina-se agora para o divino, e, por achar-se vazio, está disposto para ele; como, porém, não lhe é ainda comunicado este divino na união com Deus, a pena deste vazio e sede chega a ser pior do que a morte. Isto acontece, sobretudo, quando, por alguns visos ou resquícios, transluz algum raio divino sem, todavia, lhe ser comunicado. Tais são as almas que padecem com amor impaciente, e não podem ficar muito tempo sem receber, ou morrer.

19. Quanto à primeira caverna, — o entendimento — de que falamos aqui, o seu vazio é sede de Deus; tão imensa é esta sede, quando o entendimento está disposto, que não achando Davi outra melhor comparação, iguala-a à do cervo, que dizem ser veementíssima, e deste modo se exprime: "Assim como o cervo suspira pelas fontes das águas, assim minha alma deseja a ti, Deus" (Sl 41,1). E esta sede é das águas da sabedoria de Deus, objeto do entendimento.

20. A segunda caverna é a vontade e o seu vazio é fome de Deus tão grande que faz a alma desfalecer, segundo as palavras também de Davi: "suspira e desfalece minha alma nos tabernáculos do Senhor" (Sl 83,3). E esta fome é da perfeição de amor que a alma pretende.

21. A terceira caverna é a memória; o seu vazio leva a alma a desfazer-se e derreter-se pela posse de Deus, como nota Jeremias — dizendo: "Lembrar-me-ei sem cessar com a memória, e derreter-se-á minha alma den-

tro de mim" (Lm 3,20). Revolvendo estas coisas em meu coração, viverei na esperança de Deus.

22. Profunda é, pois, a capacidade destas cavernas, porquanto nelas só pode caber o que é profundo e infinito, ou seja, o mesmo Deus. Assim, de certo modo a sua capacidade será infinita; sua sede, também infinita; sua fome, igualmente profunda e infinita; seu desfalecimento e pena é morte infinita; e embora não seja sofrimento tão intenso como na outra vida, contudo, é uma viva imagem daquela privação infinita, por achar-se a alma de certo modo já disposta para receber o que pode enchê-la plenamente. Este penar, no entanto, é de outra qualidade, porque está situado nas profundezas do amor da vontade; e não traz este amor alívio à pena, pois quanto maior é ele, tanto mais impaciente se torna pela posse de seu Deus, pelo qual suspira com intenso desejo a cada momento.

23. Oh! valha-me Deus! Se é certo que a alma, quando deseja a Deus com toda a sinceridade, já possui o seu Amado, conforme diz São Gregório no comentário a São João, como, pois, padece por aquilo que já possui? No desejo que, segundo diz São Pedro (1Pd 1,12), têm os anjos de ver o Filho de Deus, não há pena ou ânsia alguma, porque já o possuem; logo, parece também que a alma, possuindo a Deus na mesma medida em que o deseja, goza dele com deleite e fartura. Assim, de fato, se dá com os anjos: estão satisfazendo seu desejo, e na posse acham deleite, pois sempre estão fartando sua alma com o desejo, sem que haja fastio na fartura; de modo que, não havendo neles fastio, sempre estão desejando; e como há posse não podem sofrer. A alma, portanto, deveria sentir agora não só dor e pena mas tanto maior fartura e deleite, quanto mais intenso é o seu desejo, pois na medida em que deseja, possui a Deus.

24. Nesta questão muito convém observar a diferença existente entre possuir a Deus em si somente pela graça, e possuí-lo também pela união. No primeiro caso, há

amor mútuo, e, no segundo, além do amor, há comunicação de um ao outro. É tanta essa diferença, como a do noivado para o matrimônio. No noivado, há o sim de parte a parte, e os dois se unem na mesma vontade; a noiva está ornada com as jóias que lhe dá graciosamente o noivo. No matrimônio, porém, além disso, há comunicação das pessoas que se unem, e isto não existe ainda nos esponsais, embora haja por vezes visitas do noivo à noiva, com oferta de presentes; não se realiza, contudo, a união das pessoas, na qual está o fim dos esponsais. Nem mais nem menos acontece à alma, quando chega a tal pureza em si mesma e em suas potências, que a vontade já se acha muito purificada de quaisquer gostos e apetites estranhos, tanto na parte inferior como na superior; e tendo dado inteiramente o "sim" a Deus a respeito de tudo isso, com a sua vontade plenamente unida à de Deus, por seu próprio e livre consentimento, chegou a ter em Deus, pela graça de sua vontade, tudo quanto pode possuir por esta via da vontade e da graça. Em correspondência a este "sim" da alma, Deus lhe dá de sua parte o "sim" verdadeiro e total de sua graça.

25. É um estado muito sublime este do noivado espiritual da alma com o Verbo; nele, o Esposo lhe concede grandes mercês, e muitas vezes visita-a amorosissimamente, cumulando-a, nessas visitas, de imensos benefícios e deleites. Não se comparam, todavia, aos do matrimônio; antes são disposições para a união do matrimônio. Sem dúvida, tudo se passa em alma já purificadíssima, de toda afeição de criatura, pois não se realiza o desposório espiritual enquanto não se chega a este ponto. São necessárias, contudo, outras disposições positivas de Deus na alma, operadas mediante visitas e dons divinos, em que ele vai purificando-a mais, e também aformoseando-a e afinando-a, a fim de ser convenientemente preparada para tão alta união. Isto requer tempo, mais longo para umas e menos para outras, porque Deus vai agindo conforme à feição da alma. Esta

preparação é figurada pela das donzelas que foram escolhidas para o rei Assuero (Est 2,12); embora já houvessem sido tiradas de sua terra e da casa de seus pais, permaneciam um ano inteiro encerradas no palácio antes de serem levadas ao leito do rei; empregavam metade desse ano em dispor-se com certos ungüentos de mirra e diversas espécies aromáticas, e a outra metade, com outros ungüentos mais finos; só depois disto é que iam ao leito do rei.

26. No tempo, pois, deste desposório e espera do matrimônio, que se passa nas unções do Espírito Santo, quando mais sublimes são os ungüentos de disposições para a união com Deus, as ânsias das cavernas da alma costumam ser extremas e delicadas. Como tais ungüentos são agora mais proximamente dispositivos para a união de Deus, por serem mais chegados a ele, dando-lhe conseqüentemente o gosto de Deus e estimulando delicadamente o seu apetite de possuí-lo, tornam o seu desejo mais delicado e profundo, porque esse mesmo desejo de Deus é disposição para unir-se com ele.

27. Oh! que boa ocasião seria esta, para avisar as almas levadas por Deus a tão delicadas unções, que olhem bem o que fazem, e em que mãos se põem, para não retrocederem! Parecerá talvez sair fora do assunto de que vamos tratando. Causa-me, porém, tão grande impressão e lástima ao coração ver as almas voltarem atrás, e considerar que não somente elas não se deixam ungir de modo a passarem adiante, mas chegam até a perder os efeitos já produzidos pela unção divina! E, assim, não posso deixar de dar-lhes aqui alguns avisos a este respeito, dizendo-lhes o que devem fazer para evitar tanto prejuízo; e, embora tenha de demorar-me um pouco em voltar ao assunto, logo tornarei a ele; aliás, tudo servirá para melhor explicar as características destas cavernas, como será muito necessário não só para estas almas que vão tão prósperas, mas para todas as outras que andam a buscar seu Amado, por isto quero dizê-lo.

28. Primeiramente, estejamos certos de que se a alma busca a Deus, muito mais a procura o seu Amado; se ela dirige a ele seus amorosos desejos, — tão perfumados aos olhos de Deus como a nuvenzinha de fumaça que se eleva das espécies aromáticas da mirra e do incenso (Ct 3,6), — o Esposo, por sua vez, envia-lhe o perfume de seus ungüentos com que a atrai e faz correr para ele, os quais são suas divinas inspirações e toques. Pelo fato de serem de Deus, vêm moderados e regulados pela perfeição da lei de Deus e da fé, e nesta perfeição é que a alma há de ir chegando sempre mais à união com Deus. Isto deve ela compreender: o desejo de Deus em todas as mercês que lhe concede, nas unções e olores de seus ungüentos, é dispor a alma para outros mais subidos e delicados ungüentos, os quais serão mais conformes ao feitio de Deus, até fazê-la chegar a tão delicada e pura disposição que mereça, enfim, a união divina, e a transformação substancial em todas as suas potências.

29. Considere, pois, a alma, como nesta obra é principalmente Deus quem age; é ele aqui como o guia de cego que há de levá-la pela mão aonde ela jamais saberia ir, isto é, às coisas sobrenaturais, incompreensíveis ao seu entendimento, vontade e memória; todo o seu cuidado, portanto, há de consistir, sobretudo, em não pôr obstáculo àquele que a guia pelo caminho ordenado por Deus, na perfeição da lei divina e da fé, conforme dissemos. Tal impedimento pode advir à alma, quando ela se deixa levar e guiar por outro cego. Ora, os cegos que a poderiam apartar do caminho são três: o diretor espiritual, o demônio, e ela mesma. Para que entenda, pois, como isto possa acontecer, trataremos um pouco de cada um deles.

30. Vejamos o primeiro cego. É sobremaneira conveniente à alma, que quer adiantar-se no recolhimento e perfeição, olhar em que mãos se põe; porque qual o mestre, tal o discípulo e qual for o pai, tal será o filho. Note-se bem que para este caminho, ao menos para o

que nele há de mais elevado, e ainda mesmo para o mediano, dificilmente se achará um guia cabal que tenha todos os requisitos necessários. Com efeito, além de ser sábio e prudente é mister que tenha experiência; porque para guiar o espírito, embora o fundamento seja o saber e a prudência, se não houver experiência do que é puro e verdadeiro espírito, não será possível atinar a dirigir a alma nele, quando Deus lho dá, e nem mesmo haverá compreensão do que seja.

31. Deste modo, muitos diretores espirituais prejudicam grandemente muitas almas; como não entendem as vias e peculiaridade do espírito, ordinariamente, induzem as almas à perda destas unções de delicados perfumes com que o Espírito Santo as vai ungindo e dispondo para si. Ocupam-se em dirigi-las por outros caminhos mais comuns que eles conhecem por experiência, ou por leituras, e que servem apenas para principiantes. Não sabem guiar senão a estes, e praza a Deus sejam aptos para isso! E assim não querem deixar que as almas se adiantem — mesmo quando Deus as quer levar — além daqueles princípios de oração discursiva e imaginária, para que não excedam e ultrapassem a capacidade natural cujo lucro para a alma é diminuto.

32. A fim de entendermos qual seja esta condição de principiantes devemos saber que o estado e exercício deles é de meditação, fazendo atos e exercícios discursivos com a imaginação. É, portanto, necessário à alma, neste estado, que lhe seja fornecida matéria de meditação em que possa discorrer; convém fazer de sua parte atos interiores, aproveitando-se do sabor e suco, sensitivo nas coisas espirituais; porque nutrindo o apetite com o sabor do que é espiritual, se vai desarraigando dos gostos sensíveis e morrendo às coisas do século. Quando, porém, o apetite já se acha um tanto alimentado pelas coisas do espírito e de certo modo habituado a elas, com alguma fortaleza e constância, logo começa Deus a desmamar a alma, por assim dizer, pondo-a em estado de contemplação. Isto, em algumas pessoas

costuma suceder muito depressa, mormente quando professam o estado religioso, pois, renunciando mais prontamente às coisas do século, conformam a Deus o sentido e apetite, e assim passam aos exercícios do espírito, sob a ação de Deus. Então cessam os atos discursivos e a meditação em que se exercitava a própria alma, bem como aqueles primeiros gostos e fervores sensíveis; já não pode a alma discorrer como antes, nem acha mais apoio algum para o sentido, ficando este na secura, porquanto todo o seu caudal passou para o espírito que não cai sob o sentido. Como naturalmente a alma só pode ter suas operações por meio do sentido, decorre daí que, neste estado, é Deus quem age, e a alma está passiva sob a ação divina; porque permanece como alguém que recebe e em quem se age, enquanto Deus é quem dá e faz sua obra na alma, concedendo-lhe os bens espirituais na contemplação, que consiste conjuntamente em conhecimento e amor divino, isto é, conhecimento amoroso, sem que a alma de sua parte se exercite em atos ou discursos naturais, pois não lhe é mais possível usar deles como antes.

33. Em conseqüência disso, a alma, neste tempo, há de ser levada de modo totalmente contrário ao que seguia até então. Se lhe davam matéria para meditar, e tinha meditação, agora lhe seja tirada e não medite; porque, torno a dizer, não poderá, por mais que o queira, e, em vez de recolher-se, distrair-se-á. Se antes buscava e achava gosto, amor e fervor, já não o queira nem procure, porque não somente lhe será impossível achá-lo com sua diligência, mas, ao contrário, só encontrará secura; porque, pela obra que quer fazer por meio do sentido, afasta-se do bem pacífico e tranqüilo que lhe está sendo infundido secretamente no espírito, e assim perde este sem lucrar aquele, pois já não consegue receber os bens divinos por meio do sentido como outrora. Por tal razão, quando a alma se acha neste estado, de modo algum se lhe há de impor que medite e se exercite em atos determinados, nem que

procure sabor ou fervor. Seria, com efeito, pôr obstáculo a quem nela age de modo principal, isto é, a Deus, como digo, pois é ele que em segredo e quietação anda a infundir na alma sabedoria e conhecimento amoroso, sem especificação de atos, embora por vezes mova a alma a fazê-los distintamente, durante algum tempo. De sua parte, a alma também se há de conduzir somente com essa atenção amorosa a Deus, sem atos particulares, mantendo-se, conforme dissemos, passivamente, sem fazer diligências por si mesma, e só com determinação e atenção amorosa, simples e singela, como quem abre os olhos, com atenção de amor.

34. Se então Deus, no modo de comunicar-se, usa com a alma deste saber simples e amoroso, também a alma, de sua parte, trate com ele do mesmo modo, recebendo a comunicação divina mediante este mesmo saber, e atenção simples e amorosa, para que assim possam juntar-se saber com saber e amor com amor; porque é conveniente ao que recebe adaptar-se ao modo daquilo que recebe e não a outro, a fim de poder receber e conservar como lhe dão, segundo o axioma dos filósofos: aquilo que se recebe é recebido conforme o recipiente que o recebe. Logo, está claro que, se a alma não abandonasse então seu modo natural ativo, não receberia aquele bem senão de modo natural, e, portanto, não o receberia, mas ficaria apenas com um ato natural; pois o sobrenatural não cabe no modo natural, e nada tem a ver com ele. Assim, e querendo a alma agir por si mesma, fazendo mais do que permanecer naquela atenção amorosa de que falamos, com muita passividade e quietação sem produzir ato natural, a não ser quando Deus a inspirasse a isto, é certo que, de modo total, põe obstáculo aos bens que Deus lhe está comunicando sobrenaturalmente mediante o conhecimento amoroso. Esta comunicação, ao princípio, é feita no exercício da purificação interior padecida pela alma, como referimos atrás; só depois lhe é concedida com suavidade de amor. O conhecimento amoroso, conforme

tenho dito e assim é na verdade, recebe-o a alma passivamente mediante a comunicação sobrenatural de Deus, e não segundo sua maneira natural; logo, para recebê-lo, a alma há de estar muito aniquilada em suas operações naturais, livre e desocupada, quieta, pacífica e serena, conforme ao modo de Deus. É assim como o ar, o qual na medida em que estiver mais limpo de vapores, e mais puro e sereno, mais será iluminado e aquecido pelo sol. Daí, a necessidade para a alma de não estar apegada a coisa alguma, seja a exercício de meditação ou raciocínio, seja a qualquer sabor, sensitivo ou espiritual; nem a outros quaisquer conhecimentos; porque se requer o espírito tão livre e aniquilado acerca de tudo, que o mínimo vestígio de pensamento ou discurso, ou gosto, a que então a alma quiser apoiar-se, servirá de impedimento; e trará inquietação e ruído ao profundo silêncio que deve haver tanto na parte sensitiva como na parte espiritual para tão profunda e delicada audição, qual seja a da voz de Deus ao coração, na soledade, conforme a palavra do profeta Oséias (Os 2,14). Isto se realiza em suma tranqüilidade e paz, escutando e ouvindo a alma o que fala nela o Senhor Deus, segundo diz Davi (Sl 84,9); pois, na verdade, a voz de Deus fala esta paz nesta solidão.

35. Quando acontecer, portanto, que a alma deste modo se sinta pôr em silêncio e escuta, há de olvidar até mesmo o exercício de advertência amorosa de que falei, a fim de permanecer livre para o que dela então quer o Senhor. Com efeito, só deve usar daquela atenção amorosa quando não se sente pôr em solidão ou ócio, interior, ou em olvido e escuta espiritual. E para que o entenda, é mister saber que isto sempre se manifesta com certa quietação cheia de paz e recolhimento interior.

36. Conseqüentemente, qualquer que seja a ocasião e tempo em que a alma começar a entrar neste simples e ocioso estado de contemplação, no qual já não pode meditar, nem acerta a fazê-lo, não há de querer procurar

meditações nem apoiar-se aos gostos e sabores espirituais; ao contrário, é preciso estar sem arrimo, e de pé, com o espírito desapegado de tudo e acima de todas essas coisas, conforme declara Habacuc que havia de fazer para ouvir a palavra do Senhor: "Estarei, diz, em pé sobre minha guarda, e firmarei meu passo sobre minha munição, e contemplarei o que me for dito" (Hab 2,1). Como se dissera: levantarei minha mente sobre todas as operações e conhecimentos que possam cair sob meus sentidos, e o que estes possam guardar e reter em si, deixando tudo abaixo; e firmarei o passo sobre a munição de minhas potências, não as deixando andar em atividades próprias, a fim de poder receber na contemplação o que me for comunicado da parte de Deus; pois, como dissemos, a contemplação pura consiste em receber.

37. Esta altíssima sabedoria e linguagem de Deus, qual é a contemplação, não pode ser recebida senão quando o espírito está posto em silêncio, e já desarrimado de todos os gostos e conhecimentos discursivos. De fato, assim o declara Isaías por estas palavras: "A quem ensinará ciência, e a quem fará Deus ouvir sua palavra?" E responde: "Aos desmamados do leite", — isto é, dos gostos e sabores — "e aos apartados dos peitos" (Is 28,9), a saber, dos conhecimentos e apreensões particulares.

38. Ó alma espiritual! Tira os grãos de pó, os pêlos e as névoas, e purifica teus olhos; brilhará então o sol claro, e verás claro. E tu, ó mestre espiritual, põe a alma em paz, tirando-a e libertando-a do jugo e servidão deste cativeiro do Egito que é a fraca operação de sua própria capacidade, onde tudo consiste pouco mais do que em juntar palhas para cozinhar barro; conduze-a à terra de promissão que mana leite e mel. Olha bem, que para essa liberdade e santo ócio dos filhos de Deus é a alma chamada por ele ao deserto, para aí andar vestida de festa, ataviada com jóias de ouro e prata. Já abandonou o Egito, — a parte sensitiva, — deixando-o

vazio de suas riquezas. E não só isto. Já estão agora afogados os egípcios no mar da contemplação; com efeito, o egípcio, que é o sentido, não podendo mais tomar pé, ou achar apoio, afoga-se. Deixa ele então livre o filho de Deus, que é o espírito desembaraçado dos limites e servidão das operações naturais dos sentidos, ou seja, do seu mesquinho entender, do seu baixo modo de sentir, da sua pobre maneira de amar e gozar; e assim se torna apto o mesmo espírito para receber de Deus o suave maná cujo sabor — encerrando embora todos os gostos e sabores aos quais tu queres trazer a alma com seu próprio trabalho —, é tão delicado que se desmancha na boca, e não poderá ser saboreado com mistura de qualquer outro gosto ou alimento. Quando, pois, a alma for chegando a este estado, procura de tua parte tirar-lhe o apoio de todos os desejos de gostos, experiências, sabores e meditações espirituais; não a inquietes com cuidados e solicitudes de espécie alguma, seja mesmo do céu, e menos ainda da terra; procura, ao contrário, pôr a alma no maior alheamento e solidão que for possível. Na verdade, quanto melhor alcançar isto, e quanto mais depressa chegar a esta ociosa tranqüilidade, tanto mais abundantemente lhe irá sendo infundido o espírito da divina sabedoria, que é amoroso, tranqüilo, solitário, pacífico, suave e inebriante para o espírito humano, o qual se sente terna e brandamente chagado e roubado, sem saber por quem, nem donde, nem como. A causa disso é que a comunicação foi feita sem o concurso da própria alma.

39. Um pouquinho que Deus opere na alma, neste santo ócio e soledade, é um bem inapreciável, por vezes muito maior do que a própria alma ou quem a dirige possam imaginar. E embora não se veja tanto na ocasião, a seu tempo manifestar-se-á. O mínimo que a alma então pode alcançar é sentir um alheamento e estranheza em relação a tudo, algumas vezes com maior intensidade do que em outras; ao mesmo tempo sente inclinação para a soledade, e tédio de todas as criaturas

deste mundo, enquanto respira suavemente amor e vida no espírito. E, assim, tudo quanto não é este alheamento e estranheza causa-lhe dissabor; pois, como se costuma dizer, quando goza o espírito, a carne fica sem prazer.

40. São, porém, inestimáveis os bens que esta comunicação e contemplação silenciosa deixam impressos na alma, sem ela então o sentir, conforme dissemos. De fato, são unções secretíssimas, e, portanto, delicadíssimas, do Espírito Santo, que ocultamente enchem a alma de riquezas, dons e graças espirituais; porque sendo operações do próprio Deus, ele as faz necessariamente como Deus.

41. Estas unções, pois, e matizes, têm a delicadeza e sublimidade do Espírito Santo, e, por causa de sua finura e sutil pureza, não podem ser entendidas pela alma nem por quem a dirige, mas unicamente por aquele que opera tais primores para comprazer-se mais na alma. E muito facilmente acontece que o mínimo ato que a alma queira fazer de sua parte, seja com a memória, o entendimento, ou a vontade, seja aplicando ali o sentido, ou desejo, ou conhecimentos ou ainda procurando gozo e sabor, basta para perturbar ou impedir essas unções no seu íntimo, — o que constitui grave prejuízo e dor, e motivo de pena e grande lástima.

42. Oh! É caso importante e digno de admiração: não aparecendo o prejuízo, nem quase nada o que se interpôs naquelas santas unções, é mais doloroso e irremediável do que se fossem prejudicadas e perdidas muitas outras almas comuns, ordinárias, que não se acham neste estado, onde recebem tão subido esmalte e matiz. É como se num rosto de primorosa e delicada pintura trabalhasse uma tosca mão, com ordinárias e grosseiras cores; seria então o prejuízo, maior e mais notável, mais para lastimar, do que se manchassem muitos rostos de pintura comum. Na verdade, se o lavor daquela mão delicadíssima do Espírito Santo veio a ser estragado por outra mão grosseira, quem acertará a refazê-lo?

43. E sendo este prejuízo maior e mais grave do que se possa encarecer, todavia, é tão comum e freqüente, que mal achará um diretor espiritual capaz de não o causar nas almas que Deus começa a recolher nesta maneira de contemplação. Com efeito, muitas vezes Deus está ungindo a alma contemplativa com alguma dessas unções delicadíssimas de conhecimento amoroso, sereno, pacífico, solitário, mui remoto para o sentido, e além de quanto se pode imaginar, sem que seja possível meditar ou pensar em objeto algum, nem gozar de coisa do céu ou da terra, pois a alma está ocupada por Deus naquela unção solitária, e inclinada à solidão e ócio. Vem o diretor espiritual, que não sabe senão martelar e bater com as potências qual ferreiro, e pelo fato de não ensinar mais do que aquilo, nem saber mais do que meditar, dirá: vamos, deixai-vos destes repousos, pois isto é ociosidade e perda de tempo; ocupai-vos em meditar e fazer atos interiores, porque é necessário agir de vossa parte quanto vos for possível; essas coisas são iluminismos e enganos de néscios.

44. E, assim, por não entenderem tais diretores os graus de oração e vias de espírito, não percebem como aqueles atos nos quais obrigam a alma a exercitar-se e também o querer levá-la pelo caminho do raciocínio é trabalho já feito, pois essa alma já chegou à negação e silêncio do sentido e do raciocínio; alcançou a via do espírito, que é a contemplação, na qual cessa a atividade do sentido e do raciocínio, próprio da alma, e agora é só Deus que age, falando secretamente à alma solitária, e ela se cala. Havendo esta alma atingido a via do espírito, conforme descrevemos, se então quiserem que ela caminhe segundo o sentido, decerto há de retroceder e distrair-se. Quem já chegou ao fim, e se põe a caminhar para alcançar esse fim, além de ser coisa ridícula, forçosamente se afastará do termo do caminho. À alma, pois, que chegou, pela operação das suas potências, ao recolhimento e quietação que todo espiritual pretende, e em que cessam todas as opera-

ções das mesmas potências, não somente lhe seria vão ocupar-se de novo em atuar com as potências para alcançar tal recolhimento, mas até ocasionaria prejuízo, porquanto serviria de distração, levando-a a deixar aquele recolhimento já alcançado.

45. Não entendem estes mestres espirituais, como digo, o que seja recolhimento e solidão espiritual da alma, nem as propriedades que encerra; não sabem que em tal solidão Deus opera na alma estas subidas unções; por isto, sobrepõem ou interpõem, outros ungüentos de mais baixo exercício espiritual, levando, como dissemos, a alma a agir. A diferença entre o que eles querem e o que a alma tem é tão grande como a de obra humana a obra divina, e do natural ao sobrenatural; porque de um modo é Deus que age sobrenaturalmente, na alma, e de outro, é só a alma que age naturalmente. Ainda acontece pior: em exercitar-se com a sua operação natural, perde a alma a solidão e recolhimento interior, e, conseqüentemente, perde a sublime obra que Deus executava nela; e assim, tudo se resume em martelar o ferro, prejudicando uma obra, sem aproveitar a outra.

46. Advirtam tais guias espirituais de almas, e considerem que o principal artífice, guia e inspirador das almas em semelhante obra é o Espírito Santo, e não eles. Este Espírito divino jamais perde o cuidado delas; os diretores são apenas instrumentos para dirigir as almas na perfeição, mediante a fé e a lei de Deus, e segundo o espírito que ele vai dando a cada uma. Toda a solicitude que eles devem ter, portanto, seja em não as sujeitar ao próprio modo e condição deles, mas sim em olhar bem se sabem o caminho por onde Deus as conduz; porque se o não sabem, deixem-nas, e não as perturbem. Conformando-se ao caminho e espírito em que Deus as leva, procurem dirigir sempre estas almas à maior solidão, tranqüilidade e liberdade de espírito; concedam-lhes latitude para que não fique preso o sentido corporal e espiritual a coisa alguma particular, interior ou exterior, quando Deus as quer levar por esta

soledade; e não se aflijam eles, nem se preocupem, julgando que nada se faz; pois, embora a alma fique inativa, é Deus então quem nela age. Procurem os guias espirituais desembaraçar a alma, pondo-a em ociosidade de modo que não esteja atada a qualquer conhecimento particular, seja do céu ou da terra; e que não se incline para algum sabor ou gosto, ou a alguma outra apreensão, permanecendo vazia em pura negação de toda criatura, e estabelecida em pobreza espiritual. Isto convém fazer a alma, de sua parte, como aconselha o Filho de Deus dizendo: "Quem não renuncia a tudo quanto possui não pode ser meu discípulo" (Lc 14,33). E esta renúncia se entende não só quanto às coisas temporais segundo a vontade, mas também quanto à desapropriação das coisas espirituais, que inclui a pobreza espiritual a que o mesmo Filho de Deus chama bem-aventurança (Mt 5,3). Se a alma procurar desocupar-se assim de todas as coisas, chegando a ficar vazia e desapropriada de todas elas, — que é tudo quanto pode então fazer, como dissemos, — tendo ela feito o que era de sua parte, é impossível que Deus deixe de fazer a dele em comunicar-se à alma, pelo menos em segredo e silêncio. Isto é mais impossível do que deixar de brilhar o raio de sol em lugar sereno e descoberto. Na verdade, assim como o sol está madrugando para penetrar em tua casa, se lhe abrires a janela, assim Deus que não dorme em guardar a Israel (Sl 120,4), também está vigilante para entrar na alma vazia e enchê-la de bens divinos.

47. Deus está como o sol sobre as almas, para comunicar-se a elas; os que as guiam contentem-se em as dispor para isto, segundo a perfeição evangélica, que consiste na desnudez e vazio do sentido e espírito. Não queiram passar adiante, para edificar, pois este ofício pertence unicamente ao Pai das luzes donde desce toda boa dádiva e todo dom perfeito (1Tg 1,17). Efetivamente, como diz Davi, se o Senhor não edifica a casa, em vão trabalham os que a edificam (Sl 126,11). E sendo Deus o artífice sobrenatural, construirá sobrenatural-

mente em cada alma o edifício que lhe aprouver, se tu, ó mestre espiritual, a preparares, procurando aniquilar a atividade dela em suas operações e afeições naturais, pois estas não lhe dão força nem habilidade para o edifício sobrenatural, e, ao contrário, servirão antes de estorvo do que de auxílio. É de teu ofício realizar esta preparação da alma; e compete a Deus, como diz o Sábio (Pr 16,1-9), dirigir o seu caminho, isto é, levá-la aos bens sobrenaturais, usando de meios e modos que nem tu, nem a alma, podem entender. Não digas, portanto: Oh! Esta alma não progride, porque nada faz! Pois se é verdade que nada faz, por esta mesma razão de não agir, provar-te-ei aqui como faz muito. Quando o entendimento se vai despojando de conhecimentos particulares, sejam naturais ou espirituais, vai progredindo; e quanto mais ficar vazio de qualquer conhecimento determinado, e de todos os atos que lhe são próprios, tanto mais se adianta o mesmo entendimento no seu caminho para o sumo bem sobrenatural.

48. Oh! Dirás que a inteligência nada entende distintamente, e assim não poderá ir adiante. Ao contrário, eu te digo, se entendesse distintamente, não iria adiante. A razão é esta: Deus, a quem se encaminha o entendimento, ultrapassa o mesmo entendimento; e, portanto, é incompreensível e inacessível ao entendimento; se, pois, o entendimento vai entendendo, não se vai aproximando de Deus, mas vai antes se apartando dele. Logo, é necessário que o entendimento se aparte de si mesmo e de sua compreensão para aproximar-se de Deus, caminhando na fé, e que vá crendo, e não entendendo. Deste modo chegará o entendimento à perfeição, pois só pela fé e não por outro meio é que se junta com Deus; e mais se aproxima a alma de Deus não entendendo do que entendendo. Não há motivo para te afligires com isto; se o entendimento não volver atrás (o que aconteceria se ele quisesse ocupar-se em conhecimentos distintos, e em outros raciocínios e compreensões, quando é necessário que queira permanecer ocio-

so) é certo que irá adiante; porque irá ficando vazio de tudo quanto poderia encerrar em si, e que não era Deus, pois, como dissemos, Deus não pode caber dentro dele. Nesta questão de perfeição, o não volver atrás é progredir; e o progredir, para o entendimento, é caminhar cada vez mais na fé, e, portanto, caminhar mais na obscuridade, porque a fé é treva para o entendimento. Daí a necessidade de caminhar para Deus, a ele rendido sem entender, pois o entendimento não pode ter a compreensão de Deus. Assim, para obter resultado, convém ao entendimento seguir o que tu condenas, isto é, não ocupar-se em conhecimentos distintos, visto que mediante eles não lhe é possível chegar a Deus, mas, ao contrário, só podem embaraçá-lo para aproximar-se dele.

49. Oh! Dirás que o entendimento não entendendo distintamente, a vontade ficará ociosa, e não se exercitará no amor e a isto sempre é necessário fugir na vida espiritual pois a vontade não pode amar senão aquilo que conhece o entendimento. É verdade, sobretudo quanto às operações e atos naturais da alma, que a vontade só ama o que distintamente percebe o entendimento; mas na contemplação de que tratamos, por meio da qual Deus infunde algo de si mesmo na alma, não há necessidade de conhecimento distinto, nem de atos da inteligência feitos pela alma; porque, num só ato, Deus está comunicando luz e amor ao mesmo tempo; tal é o conhecimento sobrenatural e amoroso a que podemos chamar luz abrasadora, pois esta luz enamora a alma aquecendo-a; e esse conhecimento é confuso e obscuro para o entendimento, por ser conhecimento de contemplação, o qual, no dizer de São Dionísio, é raio de treva para o mesmo entendimento. Por este motivo, do mesmo modo que a inteligência é dada ao entendimento, o amor é também comunicado à vontade. Como este conhecimento infundido por Deus no entendimento é geral e obscuro, sem inteligência distinta, assim também a vontade ama de modo geral, sem distinção alguma de coisa particular que haja entendido. Deus

é divina luz e amor: na comunicação feita de si mesmo à alma, infunde inteligência e amor igualmente às duas potências, que são entendimento e vontade. Ora, não sendo ele inteligível nesta vida, o conhecimento só pode ser obscuro, como digo, e do mesmo modo o amor na vontade. Sem dúvida, nesta comunicação delicada, por vezes Deus se comunica mais a uma potência do que a outra, ferindo-a mais intensamente; acontece à alma ter então mais inteligência do que amor, ou, ao invés, mais amor do que inteligência; em outras ocasiões, tudo será conhecimento, sem amor; e, às vezes, tudo será amor sem nenhuma inteligência. Digo, portanto, que em se tratando de atos naturais da alma por via de razão, é certo que não pode ela amar sem entender; mas nos atos que Deus opera e infunde na alma, como faz nesta de que vamos tratando, é diferente, e pode muito bem comunicar-se ele a uma potência e não a outra. Pode inflamar a vontade ao contato da chama de seu amor, sem que o perceba o entendimento, tal como uma pessoa pode ser aquecida pelo fogo sem o ver.

50. Destarte, muitas vezes sentir-se-á a vontade inflamada, ou enternecida, e enamorada, sem saber nem entender coisa mais distinta do que anteriormente, ordenando Deus nela o amor, como diz a Esposa nos *Cantares*: "Introduziu-me o Rei na adega de seus vinhos, e ordenou em mim a caridade" (Ct 2,4). Logo, não há razão para temer a ociosidade da vontade neste caso; se deixa de fazer atos de amor sobre conhecimentos particulares, é porque agora é Deus quem nela os faz, embriagando-a secretamente em amor infuso, seja por meio do conhecimento de contemplação ou sem isto, conforme dissemos. E tais atos são tanto mais saborosos e meritórios do que se a própria alma os fizera, quanto mais perfeito é aquele que causa e infunde este amor, a saber, o próprio Deus.

51. Este amor, Deus o infunde na vontade quando está vazia e desapegada de outros gostos e afeições particulares, celestes e terrestres. Por esta razão, convém ter

cuidado em manter a vontade assim vazia e despojada de suas afeições; porque se não volver atrás em busca de algum sabor ou gosto, embora no momento não o sinta em Deus, irá para diante, ultrapassando todas as coisas para chegar a Deus, pois em nenhuma delas acha gosto. E ainda que não goze de Deus de modo muito particular e distinto, e não o ame com ato bem determinado, contudo o goza secretamente naquele conhecimento geral e obscuro, mais do que em todas as coisas distintas. De fato, a alma percebe claramente que nada lhe dá tanto gosto como aquela quietude solitária. Ama então a Deus acima de todas as coisas amáveis, pois já se desprendeu de todos os gostos e sabores de todas elas, e os acha insípidos. Não há motivo, portanto, para lastimar-se, desde que a vontade vai adiante quando não pode deter-se em exercícios e gostos de atos particulares. Aqui, o não volver atrás, abraçando algo de sensível, é ir adiante ao inacessível, que é Deus, e assim não é de admirar que a alma não o sinta. Com efeito, para a vontade encaminhar-se a Deus, mais há de ir desprendida de tudo quanto é deleitoso e saboroso do que apegando-se a isto; assim cumpre bem o preceito do amor, que é amar a Deus sobre todas as coisas; o que não é possível sem desapego e vazio de todas elas.

52. Tampouco há que temer, quando a memória se esvazia de suas imagens e figuras. Deus não tem forma ou figura; logo, há segurança para ela em ir vazia dessas formas e figuras, e mais se aproxima então de Deus; porque quanto mais se apoiar à imaginação, mais se afastará de Deus, e correrá maior perigo, pois sendo Deus incompreensível, não pode ser captado pela imaginação.

53. Os diretores espirituais a que nos referimos não entendem estas almas que seguem por esta via de contemplação quieta e solitária, em razão de não terem eles chegado a isso, ou ignorarem o que seja sair dos raciocínios na meditação, como já dissemos. Pensam que estão elas ociosas, e por isto as estorvam, impe-

dindo aquela paz da contemplação sossegada e quieta que Deus lhes dava; querem que elas continuem no caminho da meditação e discurso imaginário e exercício da imaginação, e que façam atos interiores; em todos estes exercícios as almas acham então grande repugnância, secura e distração, pois desejariam permanecer em seu santo ócio, e naquele recolhimento quieto e pacífico. Como vêem os tais diretores que nesse recolhimento o sentido não acha em que gozar, nem em que se prender, nem mesmo em que se ocupar, persuadem as almas a procurar gostos e fervores, quando, na verdade, deveriam aconselhar o contrário. E como essas almas não o podem fazer nem acham gozo como antes, por ter já passado o tempo disto, e não ser mais este o caminho que seguem, perdem a paz duplamente, pensando que estão perdidas; e eles as ajudam a crer que assim é, pondo-lhes o espírito na secura e tirando-lhes aquelas preciosas unções com que Deus as favorecia na solidão e tranqüilidade. Este modo de dirigir, torno a dizer, é de grande prejuízo para as almas, enchendo-as de aflição e fazendo-as errar, pois de uma parte perdem, e de outra sofrem sem proveito.

54. Tais diretores não sabem o que seja espírito. Fazem a Deus grande injúria e desacato, querendo meter sua mão grosseira na obra divina; na verdade, muito caro custou a Deus levar estas almas até aqui, e muito se preza de as haver conduzido a esta solidão e vazio das potências e atividades, a fim de poder falar-lhes ao coração, e este é o desejo permanente de Deus. Toma ele agora a alma pela mão, e já tem dentro dela o seu reino, com abundância de paz e sossego; faz com que desfaleçam os atos naturais das potências que trabalhavam toda a noite sem nada conseguir; é já o espírito que apascenta essas potências, sem concurso nem trabalho do sentido, porque este com sua obra não tem capacidade para o espírito.

55. Bem mostra Deus quanto preza esta tranqüilidade e adormecimento ou alheamento do sentido, ao fazer,

no livro dos *Cantares*, aquela conjuração tão notável e eficaz: "Conjuro-vos, filhas de Jerusalém, pelas cabras e cervos campestres, que não desperteis ou acordeis minha amada até que ela queira" (Ct 5,3). Nestas palavras, dá a entender quanto ama aquele adormecimento e olvido solitário, pois menciona animais tão solitários e esquivos. Esses guias espirituais, porém, não querem deixar a alma repousar ou aquietar-se, mas exigem que trabalhe sempre, e esteja continuamente agindo, de modo a não permitir que Deus aja: e assim o que ele vai obrando vai sendo desfeito e inutilizado pela operação da alma; parecem aquelas raposinhas que destroem a vinha florida da alma, razão pela qual se queixa o Senhor por Isaías dizendo: "Vós destruístes minha vinha" (Is 3,14).

56. No entanto, estes ainda erram com boa intenção, porque a mais não chega sua ciência. Não lhes serve isto de escusa, todavia, nos conselhos que temerariamente dão, sem primeiro se informarem do caminho e espírito em que Deus conduz a alma, intrometendo sua mão grosseira naquilo que não entendem, e não deixando que a alma seja entendida por outrem. Não é coisa de pouco peso e de pequena culpa fazer uma alma perder bens inestimáveis, e até deixá-la, por vezes, muito prejudicada por temerário conselho. E, assim, quem temerariamente erra, quando estava obrigado a acertar, — como cada um o deve estar em seu próprio ofício, — não ficará sem castigo, em proporção ao prejuízo que ocasionou. Nestas coisas de Deus, havemos de tratar com muita ponderação, e com os olhos bem abertos, mormente em caso tão importante e em negócio tão sublime como é o destas almas, onde se aventura um ganho quase infinito em acertar, e uma perda quase infinita em errar.

57. Se, porém, quiseres dizer que tens alguma escusa, embora eu não a veja, ao menos não poderás achar que é digno de desculpa o diretor de uma alma que, guiando-a, jamais a deixa sair de sua direção, seja mesmo

pelos vãos motivos e razões que acha justos, mas que não hão de ficar sem castigo. Essa alma, para ir adiante, e progredir no caminho espiritual, contando sempre com a ajuda de Deus, decerto há de mudar em seu modo e estilo de oração, e terá necessidade de outra mais elevada doutrina e espírito, do que este diretor lhe ensinou até então; porque nem todos têm ciência para todos os casos e dificuldades que há no caminho espiritual; não é concedido a todos espírito tão cabal que lhes dê a conhecer como deve ser levada e dirigida a alma em qualquer estado da vida espiritual. Pelo menos, não pense o diretor que possui dom para tudo, nem julgue que Deus quer deixar de levar mais adiante aquela alma. Não basta que alguém saiba desbastar a madeira, para saber também entalhar a imagem; nem aquele que sabe entalhar, saberá esculpir e polir; o que sabe polir não saberá pintar; e qualquer um que saiba pintar não saberá dar à imagem a última demão e perfeição. De fato, cada um destes artistas não poderá trabalhar na imagem além daquilo que sabe, e se quiser passar adiante será para estragá-la.

58. Vejamos agora, ó guia espiritual, se és apenas desbastador, isto é, capaz de pôr a alma no desprezo do mundo e mortificação de seus apetites, ou se és, quando muito, entalhador, com o ofício de iniciá-la em santas meditações, e não sabes mais do que isto, como poderás levar esta alma até à última perfeição da mais delicada pintura, cujo trabalho não consiste mais em desbastar ou entalhar, nem mesmo em dar-lhe certo perfil, mas é agora obra que só Deus pode realizar na alma? E assim, se a tua doutrina, sendo sempre a mesma, mantém essa alma sempre atada, claro está que há de fazer com que ela volte atrás, ou, ao menos, não vá para diante. Rogo que me digas, com efeito, em que estado há de ficar a imagem, quando continuamente a queres martelar e desbastar, isto é, deixá-la sempre no exercício das potências? Quando se concluirá a imagem? Como, ou quando se há de deixar que Deus mesmo

a pinte? Será possível que tenhas capacidade para todos esses ofícios, e que te julgues tão consumado, para a alma não ter necessidade senão de ti?

59. Mesmo no caso de teres essa capacidade para alguma alma, porque talvez não lhe seja dado talento para ir mais adiante, é quase impossível que o tenhas para todas aquelas que não deixas sair de tuas mãos. A cada uma leva Deus por caminho diferente; apenas se achará um espírito que seja semelhante a outro, sequer na metade do seu modo de caminhar. E quem haverá como São Paulo, que tenha a graça de fazer-se tudo a todos para ganhar a todos? E tu, de tal maneira tiranizas as almas, e de tal sorte lhes tiras a liberdade, adjudicando para ti a amplidão da doutrina evangélica, que não somente empenhas para que elas não te deixem, mas ainda fazes pior: porque se acaso chegas a saber que alguma dessas almas foi tratar alguma coisa com outro diretor, que porventura não lhe seria conveniente tratar contigo, ou a levaria Deus a fazer assim para aprender daquele outro o que não lhe ensinaste, procedes então com ela — e com que vergonha o digo! — como costumam fazer as pessoas casadas, em suas contendas de ciúmes. E não penses que são zelos da honra de Deus ou do proveito daquela alma, pois não convém presumires que deixando a ti para consultar outro, faltou a Deus; mas estes ciúmes provêm de tua soberba e presunção, ou de outro motivo imperfeito de tua parte.

60. Muito indignado se mostra Deus contra tais guias de espírito, e lhes promete castigo por Ezequiel dizendo: "Bebíeis o leite de meu rebanho, e vos cobríeis com sua lã, e não apascentáveis meu rebanho; tomarei contas, diz ele, do meu rebanho que está em vossa mão" (Ez 34,3).

61. Os mestres espirituais devem, pois, dar liberdade às almas. Estão obrigados a fazer-lhes boa cara quando elas quiserem buscar seu progresso; não sabem, com efeito, os meios que Deus empregará para adiantar

aquela alma; mormente quando ela já não se sente bem com a sua direção, sinal certo de que não está mais aproveitando, seja porque Deus a quer levar adiante, seja porque deva agora seguir outro caminho diverso daquele por onde a conduz o diretor, ou ainda por ter este mudado sua maneira de dirigir. Os próprios diretores hão de aconselhar isto; tudo o mais nasce de louca soberba e presunção, ou de alguma outra pretensão.

62. Deixemos, porém, agora este modo de proceder, e tratemos de outro mais pernicioso, adotado por esses diretores, e ainda de outros piores de que usam. Por vezes está Deus ungindo algumas almas com ungüentos de santos desejos e motivos de abandonar o mundo e pensam em mudar sua maneira e estado de vida, para servir a Deus, no desprezo do século; e muito se preza ele de haver conseguido levar as almas até este ponto, pois as máximas do século não estão de acordo com a sua vontade. Eis que os tais diretores, por motivos e respeitos humanos muito contrários à doutrina de Cristo e a sua humildade e desprezo de todas as coisas, buscam seu próprio interesse, ou gosto, ou ainda se enchem de temores onde não há que temer. E, assim, dificultam ou retardam às almas a realização desses bons desejos, e, o que é pior, procuram tirar-lhos do coração. Têm eles o espírito pouco devoto, e todo imbuído das máximas do mundo, e, conseqüentemente, pouco conformado a Cristo; e como não entram pela porta estreita que conduz à vida, assim também não deixam entrar os outros. A estes ameaça nosso Salvador por São Lucas dizendo: "Ai de vós! que tomastes a chave da ciência, e não entrais nem deixais entrar os outros!" (Lc 11,52). Na verdade, tais guias estão postos como barreira e pedra de tropeço na entrada da porta do céu, impedindo o acesso àqueles mesmos que lhes pedem conselho; e, contudo, estão bem cientes de que Deus lhes manda não só que deixem entrar as almas e as ajudem nisso, mas que cheguem até a compeli-las, segundo as palavras do Evangelho de São Lucas: "Obriga-os e

compele-os a entrar, para que a minha casa se encha de convidados" (Lc 14,23). Eles, ao contrário, estão compelindo as almas a que não entrem. Com este modo de agir, o diretor é um cego que pode perturbar a vida da alma, a qual consiste no Espírito Santo. Acontece isto com os guias espirituais, de muitos outros modos além dos referidos aqui, às vezes sabendo eles o que fazem, e outras por ignorância. Tanto uns como outros, porém, não ficarão sem castigo; pois, sendo este o seu ofício, estão obrigados a saber e olhar o que fazem.

63. O segundo cego que poderia empatar a alma, neste gênero de recolhimento, é, como dissemos, o demônio, o qual, por ser cego, quer que também o seja a alma. Nestas altíssimas solidões em que se infundem as unções delicadas do Espírito Santo, tem ele grande pesar e inveja, vendo que a alma não somente é enriquecida, mas lhe foge em alto vôo, deixando-o sem poder mais apanhá-la. E estando a alma solitária, despida e apartada de toda criatura ou rastro de criatura, procura o demônio introduzir neste alheamento alguns véus de conhecimentos e névoas de gostos sensíveis, por vezes até bons, para nutrir mais a alma e fazê-la assim voltar aos conhecimentos distintos e à obra do sentido. Leva-a então a reparar naqueles gostos e conhecimentos bons que lhe apresenta, e a induz a acolhê-los, a fim de chegar-se a Deus apoiada neles. Com isto, muito facilmente distrai a alma, tirando-a daquela solidão e recolhimento em que, conforme temos dito, o Espírito Santo está realizando seus portentos secretos. E como a alma por si mesma é inclinada a sentir e provar, mormente quando anda atrás de gostos, e não compreende o caminho que segue, com grande facilidade também se apega àqueles conhecimentos e sabores apresentados pelo demônio, e se retira da solidão em que Deus a havia posto. Efetivamente, naquela solidão e quietude das potências, a alma nada fazia, e como vê agora que pode fazer alguma coisa, julga ser isto melhor. Motivo é aqui de grande lástima o não entender-se a alma! Pois para comer um

bocadinho de conhecimento particular, ou alimentar-se com algum gostinho, perde a ocasião de que Deus a coma toda, pois não é outra coisa o que ele faz naquela solidão em que a põe, e onde a absorve em si mesmo, mediante solitárias unções espirituais.

64. Deste modo, por um pouco mais do que nada, causa o demônio gravíssimos prejuízos, fazendo a alma perder grandes riquezas, tirando-a com um pedacinho de isca, como ao peixe, do pélago das águas límpidas do espírito onde se achava ela engolfada e submergida em Deus sem achar pé nem arrimo. Puxa-a para a margem, oferecendo-lhe apoio e arrimo para que tome pé e ande com seus passos na terra com trabalho, e já não possa nadar nas águas de Siloé que correm em silêncio, banhada nas unções de Deus. O demônio faz tanto caso disso, que é motivo de admiração: sendo para ele de maior vantagem prejudicar um pouco a uma alma neste estado, do que prejudicar muito a uma multidão de outras almas, como dissemos. Dificilmente se achará uma só que vá por este caminho sem que ele lhe ocasione grandes prejuízos, fazendo-a sofrer grandes perdas; porque este maligno se coloca com muita astúcia na passagem que vai do sentido ao espírito, e procura enganar e cevar as almas mediante o mesmo sentido; interpõe coisas sensíveis à alma, sem que ela julgue haver ali prejuízo; por esta razão deixa ela de entrar no interior onde está o Esposo, e queda-se à porta para ver o que se passa do lado de fora, na parte sensível. O demônio vê tudo quanto é elevado, assim afirma Jó (Jó 41,25), isto é, conhece a altitude espiritual das almas, para combatê-la. Daí, quando, porventura, acontece a uma alma entrar em elevado recolhimento, não podendo o inimigo distraí-la, pelos meios já referidos, ao menos procura fazê-lo com terrores, medos e dores corporais; serve-se de ruídos exteriores e sensíveis, forcejando por trazê-la a ocupar-se com o sentido, a fim de arrancar e divertir a alma para fora daquele recolhimento interior, até que, não conseguindo, finalmente a deixa. É com

grande facilidade, todavia, que consegue o demônio estorvar e estragar as riquezas dessas preciosas almas; e assim, embora considere bem mais importante isso do que derrubar muitas outras, não acha muito tudo quanto faz, pois o sucesso lhe é fácil e custa pouco. A este propósito podemos compreender o que do inimigo disse Jó a Deus: "Absorverá um rio e não se admirará, e tem confiança de que o Jordão cairá em sua boca" (Jó 40,18), o que se aplica, em nosso caso, ao mais alto grau de perfeição. — "Em seus próprios olhos o caçará como com um anzol, e lhe perfurará as narinas com sovelas" (Jó 40,19). Significa isto que, ferindo a alma com a ponta dos conhecimentos, distrair-lhe-á o espírito, porque o ar que sai comprimido pelas narinas espalha-se por muitas partes se elas estão perfuradas. E adiante acrescenta: "Debaixo dele estarão os raios do sol, e derramará o ouro debaixo de si como lodo" (Jó 41,21). Por estas palavras se dá a entender que o demônio faz perder admiráveis raios de divinos conhecimentos às almas esclarecidas, tirando e derramando por terra o ouro precioso dos esmaltes divinos de que estavam enriquecidas.

65. Eia, pois, almas! Quando Deus vos fizer tão soberanas mercês, e vos levar por esse estado de solidão e recolhimento, apartando-vos do vosso trabalhoso sentir, não volteis ao sentido. Largai vossas atividades naturais; se anteriormente, quando éreis principiantes, elas vos ajudavam na renúncia ao mundo e a vós mesmas, agora, quando Deus vos faz mercê de ser ele mesmo o artífice, tornar-se-ão grave obstáculo e embaraço. Tende apenas o cuidado de não ocupar vossas potências em coisa alguma, desapegando-as e desimpedindo-as de tudo; é só isto que vos compete neste estado, juntamente com a atenção amorosa, simples, de que falei acima; e até nesta atenção, deveis empregar-vos do modo que ficou dito, isto é, quando vos sentirdes atraídas a tê-la; porque não convém forçar de modo algum a alma, a não ser para desprendê-la e libertá-la de tudo, a fim de não

a perturbar, nem alterar a paz interior; então, ao ver-vos assim desimpedidas, Deus vos alimentará com uma refeição celestial.

66. O terceiro cego é a própria alma. Não se entendendo a si mesma, como dissemos, perturba-se e prejudica-se. Como não sabe agir senão mediante o sentido e com o discurso do entendimento, quando Deus a quer pôr naquele vazio e soledade onde não pode usar das potências ou fazer atos distintos, vendo ela que nada faz, procura agir. Conseqüentemente, vem a distrair-se, ficando árida e descontente. No entanto, estava gozando, naquela ociosidade, da paz e silêncio espiritual em que Deus secretamente a estava pondo. Acontece até estar Deus porfiando para manter a alma naquela silenciosa quietação, e a alma de sua parte também porfiando para querer agir por si mesma com a imaginação e com o entendimento. Nisto procede como um menino que a mãe quisesse carregar nos braços, e fosse gritando e esperneando para andar com seus pés, e assim, nem anda ele, nem deixa andar a mãe; ou como a imagem em que um pintor trabalhasse, e alguém se pusesse a movimentá-la; não poderia ser pintada, ou, então, ficaria borrada.

67. É preciso que a alma advirta que, nesta quietude, embora não se sinta caminhar ou fazer qualquer coisa, adianta-se muito mais do que se andasse com seus pés, pois Deus a leva em seus braços; e, assim, está caminhando ao passo de Deus, mesmo sem o sentir. E conquanto não trabalhe com as potências, trabalha muito mais do que com elas, porque é Deus quem age. Não é maravilha que o deixe de perceber a alma, pois o que Deus nela faz então, o sentido não pode alcançar, porque ele age em silêncio; e, como diz o Sábio, as palavras da Sabedoria se ouvem em silêncio (Ecl 9,17). Abandone-se a alma nas mãos de Deus, e não queira ficar em suas próprias mãos nem nas desses dois cegos; fazendo assim, e não ocupando em algo as potências, irá segura.

68. Voltemos agora ao nosso assunto, tratando das profundas cavernas das potências da alma. Dizíamos que o sofrimento da alma costuma ser grande, no tempo em que Deus a anda ungindo e dispondo com os mais subidos ungüentos do Espírito Santo, para uni-la consigo. Tais ungüentos são já tão sutis e de tão delicada unção, que penetram na profundidade da íntima substância da alma, dispondo-a e deliciando-a; e assim é sem limites o que ela padece, desfalecendo em desejo e com o vazio imenso dessas cavernas. Daí podemos concluir: se os ungüentos que dispõem as cavernas da alma para a união do matrimônio espiritual com Deus são tão elevados como os descrevemos, qual não será a posse, de conhecimento, amor e glória, concedida ao entendimento, memória e vontade, quando a alma chega à referida união com Deus? Por certo conforme a sede e fome dessas cavernas, será também a satisfação, fartura e deleite de que hão de gozar; e em proporção à delicadeza das disposições será o primor da posse da alma bem como a fruição do seu sentido.

69. Pelo sentido da alma compreende-se aqui a virtude e força que possui a substância íntima da mesma alma para saborear e sentir os objetos das potências espirituais, com as quais goza da sabedoria, do amor e da comunicação de Deus. Por isto, estas três potências — memória, entendimento e vontade — são denominadas pela alma, neste verso, profundas cavernas dos sentidos; porque mediante elas e nelas, sente e goza profundamente as grandezas da sabedoria e excelência de Deus. Pelo que, mui propriamente lhes dá o nome de cavernas profundas; com efeito, percebe que podem conter os profundos conhecimentos e resplendores das lâmpadas de fogo, e, conseqüentemente, conhece que têm tanta capacidade e tantas cavidades, quantas são as coisas distintas que lhes são dadas, seja inteligências ou sabores, gozos ou deleites, de Deus. Todas estas graças são recebidas e firmadas neste sentido da alma, o qual, como digo, é a virtude e capacidade que ela tem

para poder sentir, possuir e saborear tudo quanto lhe é proporcionado pelas cavernas das potências. Assim como os sentidos corporais concentram no sentido comum da imaginação todas as imagens de seus objetos, tornando-se este o receptáculo e arquivo de todas as imagens, assim o sentido comum da alma por sua vez se torna receptáculo e arquivo das grandezas de Deus; tanto mais rico e iluminado fica, quanto maiores e mais sublimes são os bens que possui.

Que estava obscuro e cego.

70. Assim estava, convém notar, antes que Deus o esclarecesse e iluminasse, como dissemos. Para compreender isto, é necessário saber que por dois motivos o sentido da vista pode deixar de ver: ou por achar-se às escuras, ou por estar cego. Deus é a luz e objeto da alma; se esta luz não a ilumina fica a alma às escuras mesmo que tenha a melhor vista. Quando está em pecado, ou quando ocupa o apetite em outras coisas fora de Deus, então está cega; e neste caso, por mais que dardeje sobre ela a luz divina, por estar cega, não a vê a obscuridade da alma, isto é, sua ignorância, pois até que Deus e ilumine no estado de transformação, permanece obscura e ignorante quanto aos imensos benefícios de Deus. Assim estava o Sábio antes que a Sabedoria o iluminasse, conforme diz: "Iluminou minhas ignorâncias" (Eclo 51,26).

71. Espiritualmente falando, uma coisa é estar no escuro e outra estar em trevas; porque estar em trevas é o mesmo que estar cego, em pecado, como dissemos. Estar às escuras, porém, é possível sem estar em pecado, e pode ser de duas maneiras: acerca das coisas naturais, não tendo luz sobre algumas delas, ou acerca das coisas sobrenaturais, faltando a luz sobre certas verdades sobrenaturais. A alma diz agora que o seu sentido estava às escuras quanto aos dois modos referidos, antes de chegar a esta preciosa união. Até dizer o Senhor: *fiat lux,* estavam as trevas sobre a face do abismo dessa caverna do sentido da alma; este abismo

do sentido, quanto mais profundo é, e quanto mais profundas e insondáveis são as suas cavernas, tanto mais profundas são também as trevas em que se acha a respeito do sobrenatural, quando Deus, que é sua luz, não o ilumina. Assim lhe é impossível alçar os olhos à divina luz, ou admiti-la em seu pensamento, porque, não havendo visto essa luz, não sabe como ela é. Logo não poderá desejá-la; ao contrário, todo o seu desejo é pelas trevas, pois sabe por experiência o que elas são, e poderá ir de uma treva à outra, sendo guiado pela mesma treva; com efeito, uma treva não pode conduzir senão à outra. É como diz Davi: "O dia conduz ao dia, e a noite ensina a ciência à noite" (Sl 18,3). Destarte, um abismo atrai outro abismo, isto é, um abismo de luz chama outro abismo de luz, e um abismo de trevas outro abismo de trevas, atraindo cada semelhante ao seu, e comunicando-se entre si os semelhantes. Assim, a luz da graça, dada anteriormente por Deus a esta alma, e que já iluminara os olhos do abismo que é o espírito, abrindo-o à divina luz, e tornando desde então a alma agradável a ele, chamou outro abismo de graça que é esta transformação divina da alma em Deus. Por efeito de tal transformação, fica tão ilustrado e agradável a Deus o olhar do sentido, que, podemos dizer, a luz de Deus e a da alma se identificam numa só, pois a luz natural da alma se une com a luz sobrenatural de Deus, brilhando já unicamente esta última; assim a luz criada anteriormente por Deus se uniu à luz do sol, e agora brilha apenas esta sem faltar a outra.

72. O sentido da alma estava cego também, quando se ocupava em outras coisas; porque a cegueira da parte superior e racional é o apetite, que como catarata e névoa se interpõe e coloca no olhar da razão, a fim de não lhe permitir a visão dos objetos que se acham diante dela. E propondo ao sentido qualquer gosto, tornava-o cego para a vista das grandes riquezas e formosura divina, ocultas sob a catarata. De fato, basta pôr alguma venda sobre os olhos, mesmo que seja mí-

nima, para impedir-lhe a vista de outros objetos presentes, por maiores que estes sejam; do mesmo modo, é suficiente um leve apetite ou uma ação inútil da alma, para impedir-lhe todas as grandezas divinas que se acham além dos gostos e inclinações preferidos então por ela.

73. Oh! Quem pudera dizer aqui o quanto é impossível a uma alma, que conserva seus apetites, julgar as coisas de Deus como elas são! Na verdade, para julgar as coisas de Deus, é necessário lançar fora todo gosto e apetite, e não as julgar por eles, sob pena de vir infalivelmente a considerar essas coisas divinas como não sendo de Deus, e as que não são de Deus, como se o fossem. Enquanto permanece sobre o olho do juízo aquela catarata e nuvem do apetite, não vê ele senão a catarata, ora de uma cor, ora de outra, conforme as aparências que se manifestam; e a alma pensa que aquilo é Deus, pois, como digo, não vê mais do que aquela catarata que se interpõe no sentido; Deus, porém, não pode caber no sentido. Deste modo, o apetite e gostos sensíveis impedem o conhecimento das verdades mais elevadas. Bem o dá a entender o Sábio nestas palavras: "O engano da vaidade obscurece os bens, e a inconstância da concupiscência transtorna o sentido sem malícia" (Sb 4,12), isto é, o reto juízo.

74. Eis a razão pela qual as pessoas que ainda não chegaram a ser muito espirituais, por não estarem purificadas em seus apetites e gostos, e ainda se inclinarem a eles, levadas por algo do homem animal, acreditam que as coisas mais vis e baixas para o espírito, que são as mais próximas do sentido, — pelo qual elas ainda vivem — merecerão maior apreço; e, ao contrário, as de maior valor e elevação para o espírito, que são as mais remotas do sentido, terão em pouca conta, e não as estimarão, reputando-as até por loucura, segundo afirma São Paulo quando diz: "O homem animal não percebe as coisas de Deus; são para ele loucura, e não as pode entender" (1Cor 2,14). Por homem animal é

aqui designado quem ainda vive entregue aos seus apetites e gostos naturais; pois mesmo no caso de os gostos derivarem do espírito para o sentido, se o homem quiser apegar-se a eles com seu apetite natural, tornam-se não mais do que naturais. Pouco importa que o objeto ou motivo seja sobrenatural. Se o apetite por ele for natural e tiver aí sua origem e força, não passará então de apetite natural; pois tem a mesma substância e natureza que teria se fosse acerca de motivo ou objeto natural.

75. Dir-me-ás: daí se segue que ao apetecer a alma a Deus, não o deseja sobrenaturalmente, e assim aquele desejo não é meritório diante de Deus. Respondo: na verdade, o desejo que a alma tem de Deus nem sempre é sobrenatural; só o é quando infundido pelo próprio Deus, que produz então a força de tal apetite e este é muito diferente do desejo natural; e enquanto Deus não o infunde, muito pouca coisa ou nada merece a alma. Quando, de tua parte, queres ter apetite de Deus, é apenas um desejo natural; não chegará a ser mais até que Deus queira inspirá-lo sobrenaturalmente. Quando, pois, por teu próprio movimento, queres apegar o apetite às coisas espirituais, e procuras prender-te ao sabor que elas têm, exercitas só o teu natural apetite; então, estás pondo cataratas nos olhos e és homem animal. Conseqüentemente não poderás entender, e muito menos julgar, o que é espiritual, situado além de todo sentido e apetite natural. Se ainda tens outras dúvidas, não sei o que te diga, senão que tornes a ler o que está escrito aqui, e porventura entenderás; pois já está explicada a substância da verdade, e não é possível alongar-me em mais explicações.

76. O sentido da alma, pois, o qual estava antes obscuro sem esta divina luz de Deus, e cego, por causa de seus apetites e afeições, agora se acha não só iluminado e resplandecente com suas cavernas profundas mediante esta divina união com Deus, mas, além disso,

transformado, com as cavernas de suas potências, numa luz resplandecente.

Com estranhos primores
Calor e luz dão junto a seu Querido.

77. Estão estas cavernas das potências, como dissemos, já tão deslumbrantes e tão maravilhosamente penetradas pelos admiráveis resplendores daquelas lâmpadas que nelas ardem, que, além da entrega feita de si mesmas, enviam a Deus em Deus esses mesmos resplendores recebidos com amor e glória. Inclinam-se para Deus em Deus, quais lâmpadas acesas e inflamadas nos resplendores das lâmpadas divinas; dando ao Amado aquela mesma luz e calor de amor que recebem. Com efeito, neste estado, na proporção em que recebem, dão a quem lhes dá, e com os mesmos primores com que o próprio Deus lhes envia seus dons. Tornam-se como o vidro que fica todo resplandecente quando nele reverbera o sol; todavia, isto se realiza na alma de modo bem mais sublime, pela intervenção do exercício da vontade.

78. Com estranhos primores, isto é, estranhos e alheios a tudo quanto se pode ordinariamente pensar, bem como a todo encarecimento, e a todos os modos e maneiras. De fato, na medida do primor com que o entendimento recebe a sabedoria divina, tornando-se um com Deus, assim também é o primor com que retribui o dom de Deus; pois não pode retribuir senão do mesmo modo com que recebe. Conforme o primor da vontade unida à bondade divina, retribui a alma a Deus em Deus essa mesma bondade, porque não recebe senão para dar. Semelhantemente segundo o primor com que conhece a grandeza de Deus, à qual se une, resplandece e irradia calor de amor; e assim por diante, nos demais atributos divinos que Deus comunica à alma neste estado, como sejam fortaleza, formosura, justiça, etc., os

mesmos primores deles recebidos são os que o sentido, em seu gozo, está dando a seu Querido em seu Querido, isto é, essa mesma luz e calor que está recebendo de seu Amado. Está a alma, neste tempo, feita uma só coisa com ele, e, portanto, de certo modo, torna-se Deus por participação; e embora não ainda tão perfeitamente como na outra vida, é, segundo dissemos, como uma sombra de Deus. Desta maneira, sendo ela como sombra de Deus, por meio desta substancial transformação, age em Deus por Deus do mesmo modo que ele age nela por si próprio, e de modo idêntico ao seu, porque a vontade dos dois é uma só, e assim a operação de Deus e a dela é somente uma. Logo, na medida em que Deus a ela se dá, com livre e graciosa vontade, tendo a mesma alma também a vontade tanto mais livre e generosa quanto mais unida a ele, faz o dom de Deus ao mesmo Deus em Deus, e esta dádiva da alma a Deus é total e verdadeira. Conhece então que Deus verdadeiramente é todo seu, e que ela o possui como herança, com direito de propriedade, como filha adotiva de Deus pela graça concedida por ele, ao dar-se a si mesmo a ela; vê que, como coisa própria sua, o pode dar e comunicar a quem quiser, por sua livre vontade. E, assim, a alma o dá a seu Querido, que é o mesmo Deus que a ela se deu; e, nisto, paga a Deus tudo quanto lhe deve, pois voluntariamente lhe dá tanto quanto dele recebe.

79. Por ser esta dádiva da alma a Deus o próprio Espírito Santo, que ela lhe dá como coisa sua, numa entrega voluntária, — para que ele se ame no mesmo Espírito Santo como merece, — a alma sente inestimável deleite e fruição, pois vê que pode ofertar a Deus, como coisa própria, um dom proporcionado ao Seu infinito ser. A alma, é certo, não pode dar Deus outra vez a Deus, porque ele em si é sempre o mesmo; contudo, de sua parte, assim o faz, com toda a perfeição e realidade, quando dá a Deus tudo o que ele lhe havia dado, em paga de amor, e isto consiste em dar tanto

quanto recebe. Deus fica pago com aquela dádiva da alma e, a não ser com isto, não se daria por pago. Recebe ele agradecido esse dom que lhe faz a alma daquilo que a ela pertence; e nessa mesma dádiva, a alma ama a Deus com um novo amor de retribuição. Forma-se, deste modo, entre Deus e a alma um amor recíproco, como na união e entrega do matrimônio em que os bens são comuns a ambos. Esses bens consistem na divina essência, e cada um os possui livremente em razão da entrega voluntária de um ao outro, possuindo-os ao mesmo tempo conjuntamente, e assim podem dizer um ao outro o que o Filho de Deus disse ao Pai no Evangelho de São João: "Todos os meus bens são teus, e os teus bens são meus, e eu sou glorificado neles" (Jo 17,10). Realiza-se isto na outra vida em fruição perfeita, sem intermissão; todavia acontece por vezes aqui na terra, neste estado de união, quando Deus opera na alma o ato de transformá-la nele, embora não se efetue com a mesma perfeição da eternidade. Que a alma possa fazer tal dom, embora o valor intrínseco ultrapasse seu próprio ser e capacidade, é evidente; tanto como um soberano que possui muitos reinos e povos sob o seu domínio, embora sejam de muito maior importância do que ele, tem poder para os doar a quem quiser.

80. Aqui está a grande satisfação e alegria da alma: ver que dá a Deus mais do que ela própria é e vale em si mesma, e que o faz com aquela luz divina e calor divino que recebe de Deus. Esta igualdade de amor se realiza na vida eterna mediante a luz da glória; e aqui na terra, pela fé já muito esclarecida. Assim, as profundas cavernas do sentido, com estranhos primores, calor e luz dão junto a seu Querido. Junto, diz a alma, porque conjuntamente se comunicam a ela o Pai e o Filho e o Espírito Santo, que nela são luz e fogo de amor.

81. A respeito dos primores com que a alma faz esta entrega, notemos aqui brevemente como seja. Para isto,

havemos de advertir que, gozando aqui a alma certa imagem de fruição celeste, — a qual provém da união do entendimento e do afeto com Deus, — inundada de deleite, e cheia de reconhecimento por tão grande mercê, realiza essa entrega de si a Deus e de Deus a ele mesmo, de maravilhosas maneiras. No exercício do amor, procede a alma para com Deus com estranhos primores, agindo de maneira idêntica no rastro de fruição que experimenta e no louvor que a ele dá, e também quanto ao agradecimento.

82. Quanto ao amor, tem ele três primores principais: o primeiro é amar a Deus não por si mesma, mas por ele só. Aí se encerra uma perfeição admirável, porque ama pelo Espírito Santo, como o Pai e o Filho se amam, conforme diz o próprio Filho por São João: "O amor com que me amaste esteja neles e eu neles" (Jo 17,26). O segundo primor é amar a Deus em Deus. De fato, nesta veemente união, a alma se absorve no amor de Deus, e ele, por sua vez, com grande veemência se entrega à alma. O terceiro e principal primor de amor é amar a alma a Deus, nesta transformação, por ser ele quem é; não o ama, com efeito, pela generosidade, bondade, e glória com que Deus se comunica a ela, mas o ama de modo muito mais forte, porque Deus em si mesmo contém essencialmente todos esses atributos.

83. Quanto à maravilhosa imagem da fruição celeste, tem outros três primores maravilhosos e importantes. Primeiro, a alma goza de Deus por ele mesmo; pois, unindo o seu entendimento à onipotência, sabedoria, bondade e mais atributos divinos, deleita-se extraordinariamente em todos eles por um conhecimento distinto de cada um, conforme já explicamos, embora não goze ainda de modo tão claro como será na outra vida. O segundo e principal primor desta deleitação é que a alma toma suas delícias em Deus só, em perfeita ordem, sem mescla de criatura alguma. O terceiro primor consiste em gozar a alma de Deus unicamente por ser ele quem é, sem mistura de satisfação pessoal.

84. Quanto ao louvor que a alma dá a Deus nesta união, há também outros três primores particulares. O primeiro é louvá-lo para cumprir seu dever, pois bem conhece a alma que Deus a criou para que o louvasse, como declara Isaías ao dizer: "Este povo formei para mim; cantará meus louvores" (Is 43,21). O segundo primor do louvor da alma a Deus é que o faz pelos bens recebidos e pela alegria de louvá-lo. O terceiro primor consiste em louvar a Deus pelo que ele é em si; e ainda que a alma não sentisse alegria alguma, louvaria sempre a Deus por ser ele quem é.

85. Quanto ao agradecimento, há outros três primores. O primeiro consiste em agradecer os dotes naturais e espirituais, e todos os benefícios recebidos. O segundo é o imenso deleite com que a alma dá graças a Deus, pois com grande veemência se absorve nesse louvor. O terceiro primor está em o louvar unicamente pelo que ele é; e este louvor se torna assim muito mais forte e deleitável.

Canção IV

Quão manso e amoroso
Despertas em meu seio
Onde tu só secretamente moras;
Nesse aspirar gostoso,
De bens e glória cheio,
Quão delicadamente me enamoras!

EXPLICAÇÃO

1. Volta-se aqui a alma para seu Esposo com muito amor, manifestando-lhe seu apreço e agradecimento por duas mercês admiráveis que ele algumas vezes nela produz mediante esta união. Refere também a maneira com que o Esposo age num e noutro caso, e a conseqüência que então nela resulta.

2. O primeiro efeito é um despertar de Deus na alma, e o modo pelo qual se realiza é todo de mansidão e

amor. O segundo efeito é uma aspiração de Deus na alma, e o modo como se manifesta consiste em comunicar-lhe bens e glória nessa mesma aspiração. E a conseqüência disso é enamorá-la com ternura e delicadeza.

3. Vem a ser como se a alma dissesse: Ó Verbo Esposo meu! Quando despertas no centro e fundo de minha alma, isto é, na sua mais pura e íntima substância onde moras sozinho, escondido e silencioso, como único Senhor, — e não só como em tua casa, ou em teu mesmo leito, mas como em meu próprio seio, na mais estreita e íntima união, — oh! quão manso e amoroso te manifestas! Sim, com grande mansidão e amor! e na deliciosa aspiração que me comunicas nesse teu despertar, tão saborosa para mim, pela plenitude de bem e glória que encerra, com que imensa delicadeza me enamoras e afeiçoas a ti! Nisto se assemelha a alma a alguém que, ao despertar de um sono, respira. Na verdade, assim o experimenta ela aqui. Segue-se o verso:

Quão manso e amoroso
Despertas em meu seio.

4. São muitas as maneiras deste despertar de Deus na alma; tantas, que se nos puséssemos a enumerá-las, jamais acabaríamos. Este de agora, porém, que a alma quer exprimir como sendo feito pelo Filho de Deus, é, a meu parecer, dos mais sublimes e de maior proveito para ela; porque consiste num movimento do próprio Verbo na substância da alma, com tanta grandeza, majestade e glória, e de tão íntima suavidade, que ela sente como se todos os bálsamos e espécies aromáticas e todas as flores do universo fossem revolvidos e agitados, combinando-se pra exalar seus mais suaves perfumes. Parece-lhe também que se movimentam todos os reinos e senhorios do mundo, juntamente com as potestades e virtudes do céu. Não somente isto, mas ainda todas as virtudes e substâncias, perfeições e graças, encerradas nas coisas criadas, reluzem e se põem, por sua vez, em movimento uníssono e simultâ-

neo. Porquanto todas as coisas, como nos diz São João, são vivas no Verbo de Deus (Jo 1,3-4), e o apóstolo São Paulo afirma, de sua parte, que em Deus elas têm vida, movimento e ser (At 17,28). Daí, ao mover-se no íntimo da alma este altíssimo Imperador, o qual, segundo a palavra de Isaías (Is 9,6), traz sobre o ombro o seu principado, isto é, as três máquinas, celeste, terrestre e infernal, com tudo o que nelas há, sustentando-as todas com o verbo de sua virtude, como diz São Paulo (Hb 1,3), conseqüentemente todas as coisas criadas parecem mover-se ao mesmo tempo que ele. Acontece de modo semelhante ao que se dá com a terra cujo movimento arrasta consigo todas as coisas materiais a se moverem também, como se nada fossem. Assim é quando se move este Príncipe, trazendo consigo a sua corte, e não esta a ele.

5. Bastante imprópria é ainda esta comparação; porque não somente todos os seres criados parecem movimentar-se, mas também desvendam à alma as belezas próprias de cada um deles, bem como suas virtudes, encantos e graças, e a raiz de sua duração e vida. De fato, a alma ali verifica como todas as criaturas superiores e inferiores têm em Deus sua vida, força e duração; vê claramente o que o Senhor diz no livro dos Provérbios: "Por mim reinam os reis, por mim imperam os príncipes, e os poderosos exercitam a justiça e a compreendem" (Pr 8,15-16). E embora seja certo perceber a alma que todas essas coisas são distintas de Deus, enquanto tem nele seu ser de criaturas, e também veja que em Deus elas têm sua força, raiz e vigor, todavia, é tão grande o conhecimento de que Deus contém eminentemente em seu ser infinito todas essas coisas, que ela as conhece melhor no ser de Deus do que nelas mesmas. Eis aí o grande deleite deste despertar: conhecer as criaturas por Deus, e não a Deus pelas criaturas; isto é, conhecer os efeitos pela causa, e não a causa pelos efeitos, o que seria conhecimento secundário, enquanto o primeiro é essencial.

6. Maravilhoso é este movimento na alma, sendo Deus imutável; porque embora Deus realmente não se mova, parece à alma que na verdade se move. Sendo ela renovada e movida por Deus, para que perceba esta vista sobrenatural, e sendo-lhe manifestada de modo tão novo aquela vida divina, na qual se encerra o ser e a harmonia de todas as criaturas, com seus movimentos em Deus, por isto lhe parece ser Deus quem se move, tomando então a causa o nome do efeito que produz. Segundo tal efeito, podemos dizer que Deus se move, como afirmam as palavras do Sábio: "A sabedoria é mais móvel do que todas as coisas móveis" (Sb 7,24). E assim é, não porque ela se mova, mas por ser o princípio e raiz de todo movimento; e, permanecendo em si mesma imóvel, como adiante dissemos, renova todas as coisas. Significam, portanto, essas palavras que a sabedoria é mais ativa do que todas as coisas ativas. Por esta razão dizemos aqui que a alma, neste movimento, é movida e despertada do sono de sua natural percepção à vista sobrenatural. Por isso, com muito acerto dá a este efeito o nome de despertar.

7. Na verdade, sempre está Deus assim, conforme a alma o vê agora, movendo, regendo, dando ser e virtude, graças e dons, a todas as criaturas. Ele as tem em si de modo virtual, atual e substancial. E o que Deus é em si mesmo, e o que é nas suas criaturas, a alma o conhece numa só percepção, como se lhe fosse aberto um palácio, e nele visse a eminência da pessoa que aí se acha, e ao mesmo tempo o que está fazendo. Assim, o que entendo quanto ao modo de produzir-se este despertar e esta vista da alma é o seguinte: estando ela em Deus substancialmente, como está toda criatura, tira-lhe ele alguns dos muitos véus e cortinas que a alma tem diante de si a fim de que o possa ver como ele é. Transparece, então, e dá-se a perceber algum tanto, embora obscuramente — porque não são tirados todos os véus, — aquela sua face cheia de graças, a qual, como está movendo todas as coisas com a sua

virtude, toma a semelhança daquilo que está fazendo, e parece mover-se Deus nas criaturas, e as criaturas em Deus, com movimento contínuo. Eis o motivo de se afigurar à alma que ele se moveu e despertou, quando de fato ela é que foi movida e despertada.

8. Tal é a baixeza de nossa condição nesta vida: do mesmo modo que somos, pensamos que também são os outros; e assim como estamos, julgamos aos demais; o nosso juízo provém de nós mesmos, e não de fora. Como, por exemplo, se dá com o ladrão: pensa ele que os outros também furtam. O luxurioso imagina que os demais também o são; o malicioso julga que os outros são igualmente maliciosos, porque forma o seu juízo por sua própria malícia. O bom, ao contrário, pensa bem dos demais, pois o seu juízo vem da bondade que tem no seu íntimo. Ao que é descuidado e vive dormindo, parece-lhe ver o mesmo nos outros. Daí sucede, quando estamos descuidados e sonolentos diante de Deus, o parecer a nós que é ele quem está adormecido, e descuidado de nós, como se observa no Salmo 43 onde Davi diz a Deus: Levanta-te, Senhor, por que dormes? Levanta-te!" (Sl 43,23). A Deus é atribuído então o que havia nos homens, pois estando eles adormecidos e prostrados, pedem ao Senhor que se levante e desperte, quando na verdade jamais dorme aquele que guarda Israel (Sl 120,4).

9. É certo, todavia, quando todo o bem do homem procede de Deus, e ele nenhuma coisa boa pode fazer de si mesmo, — podermos verdadeiramente dizer que nosso despertar é despertar de Deus, e nosso levantar é levantar de Deus. Seria, pois, como se dissesse Davi: Levanta-nos duas vezes, e desperta-nos, porque estamos adormecidos e estendidos por terra de duas maneiras. E estando a alma adormecida em um sono do qual jamais pudera por si mesma despertar, sendo Deus o único que lhe pôde abrir os olhos e fazer esta ação de despertá-la, com muito acerto dá o nome de "despertar de Deus" ao que nela se realizou, dizendo: Despertas

em meu seio. Desperta-nos, Senhor, e ilumina as nossas almas, a fim de reconhecermos e amarmos os bens que nos pões diante dos olhos, e então conheceremos que te moveste a fazer-nos tuas graças, e te lembraste de nós.

10. É de todo indizível o que a alma conhece e sente da grandeza de Deus neste despertar. Trata-se, com efeito, de uma comunicação da excelência de Deus à substância da alma, isto é, "no seu seio", como aqui ela refere; e assim, ressoa na alma com uma imensa força, como a voz de uma multidão de grandezas, e milhares de milhares de virtudes incontáveis de Deus. E a alma, ali, imóvel, no meio delas, acha-se firme e terrível como um exército em ordem de batalha; e ao mesmo tempo se queda suavizada e agraciada com todas as suavidades e graças das criaturas.

11. Surge, porém, a dúvida: como pode suportar a alma tão forte comunicação na fraqueza da carne, se com efeito não tem capacidade e força para agüentar tanto sem desfalecer? A rainha Ester, ao apresentar-se diante do rei Assuero em seu trono com as vestes reais, resplandecentes de ouro e pedras preciosas, teve tão grande temor só ao vê-lo tão terrível em seu aspecto, que chegou a desfalecer; ela mesma o confessa dizendo que temeu à vista de tão grande glória, parecendo-lhe o rei como um anjo, com a face cheia de graças, e por isto desmaiou (Est 15,16); tanto é verdade que a glória esmaga o que a percebe quando não o glorifica. Quanto maior razão teria, pois, a alma de desfalecer agora, se não é apenas um anjo que vê, mas o próprio Deus, com sua face cheia de todas as graças que há nas criaturas, e com tremenda glória e majestade, na voz de uma multidão de grandezas? E, segundo a expressão de Jó, se temos ouvido com tanta dificuldade uma gota do que de Deus se pode dizer, quem poderá suportar a grandeza de seu trovão? (Jó 26,14). O mesmo Jó diz em outra parte: "Não quero que com muita fortaleza ele se aproxime de mim e trate comigo, nem que me oprima com o peso de sua grandeza" (Jó 23,6).

12. A causa, porém, de a alma não desfalecer nem temer neste despertar tão cheio de poder e glória tem dois fundamentos. Primeiro: porque achando-se em estado de perfeição como aqui se acha, e, em conseqüência disso, tendo já a parte inferior muito purificada e conformada à espiritual, não padece o detrimento e pena que nas comunicações espirituais costumam sentir o espírito e o sentido ainda não purificados e dispostos para recebê-las. Não é, todavia, suficiente esta razão para a alma não sentir detrimento diante de tanta grandeza e glória; pois mesmo estando muito purificado o natural, como a comunicação recebida o excede, sofreria por isto alguma perda, assim como um estímulo sensível demasiado prejudica a sensibilidade; é a este propósito que se aplicam as palavras de Jó citadas acima. O segundo fundamento, que mais vem ao caso, está nas palavras do primeiro verso no qual diz a alma que Deus se lhe manifesta com mansidão. Efetivamente, assim como Deus mostra sua grandeza e glória à alma, com o fim de regalá-la e engrandecê-la, assim também favorece-a, amparando-lhe o natural, para que não padeça detrimento. Revela ao espírito sua grandeza com brandura e amor, para poupar-lhe o natural; não sabe então a alma se aquilo se passa no corpo ou fora dele. É coisa bem possível àquele que com sua destra amparou Moisés para que pudesse ver sua glória. Deste modo, tanto de mansidão e amor sente a alma em Deus, quanto de poder, majestade e grandeza pois nele tudo é uma só coisa. Conseqüentemente, forte é o deleite, e também forte é o amparo, em mansidão e amor, para suportar a força daquele gozo. A alma, então, mais poderosa e forte se acha, do que desfalecida. Se Ester desmaiou, foi porque o Rei, a princípio, não se mostrou favorável e, pelo contrário, manifestou, em seus olhos chamejantes, o furor de seu peito. Logo, porém, que a favoreceu, estendendo-lhe o cetro para tocá-la, e abraçando-a depois, a Rainha voltou a si, tendo ouvido que o Rei lhe dizia: sou teu irmão, não temas (Est 15,16).

13. Aqui, desde logo procede o Rei do céu amorosamente com a alma; trata-a como de igual para igual, como se fora seu irmão; e assim desde logo não sente ela mais temor; porque manifestando Deus à alma com muita mansidão, e não com furor, a fortaleza de seu poder e o amor de sua bondade, comunica-lhe fortaleza e amor de seu coração. Levantando-se de seu trono que é o íntimo da alma onde se achava escondido, vem, qual esposo que sai de seu tálamo; inclina-se para ela, e, tocando-a com o cetro de sua majestade, abraça-a como irmão. Ali, as vestes reais com seu perfume, — que são as virtudes admiráveis de Deus, o resplendor do ouro que é a caridade, o brilho das pedras preciosas, isto é, o conhecimento das substâncias superiores e inferiores, a face do Verbo cheia de graças, investem e revestem, a alma rainha. Deste modo, transformada nestas virtudes do Rei do céu, vê-se feita rainha, a ponto de poder ser dita a seu respeito aquela palavra de Davi referindo-se a ela no Salmo: "A rainha esteve à tua direita, com veste de ouro, cercada de variedade" (Sl 44,10). Como tudo isto se passa na íntima substância da alma, ela acrescenta logo:

Onde tu só secretamente moras.

14. Diz que em seu íntimo o Esposo secretamente habita, por ser no ponto mais profundo da substância da alma, como já explicamos, que se realiza este doce abraço. Convém saber que Deus habita escondido e silencioso dentro da substância de todas as almas; se assim não fora, não poderiam elas permanecer com vida. Há, porém, diferença, e muito grande no modo desta morada. Em algumas mora sozinho, e em outras não; em umas, habita contente; em outras, descontente; naquelas mora como em sua casa, governando e regendo tudo; nestas, mora como estranho em casa alheia onde não o deixam mandar nem fazer coisa alguma. A alma em que moram menos apetites e gostos próprios, esta é onde o Esposo mora mais só e mais satisfeito, e mais como em sua própria casa, regendo-a e gover-

nando-a. E tanto mais secretamente mora, quanto mais está só. Assim, nesta alma que já não abriga dentro de si apetite algum, nem figuras e formas, ou afetos de quaisquer criaturas, aí reside o Amado mui secretamente, e o seu abraço é tanto mais íntimo, interior e apertado, quanto mais pura e solitária se acha ela de tudo que não é Deus, como dissemos. Assim, está ele na verdade escondido, porque a este ponto e a este abraço, não pode o demônio chegar, nem o entendimento humano tem capacidade para saber como é. À própria alma, porém, que alcançou a perfeição, não é secreta tal presença do Amado, pois sente dentro de si mesma este íntimo abraço, contudo, nem sempre o experimenta como nas ocasiões desse despertar de Deus nela; porque nesses momentos em que Deus lhe faz tal mercê, parece à alma que, de fato, ele desperta em seu seio, onde antes se achava adormecido; e embora ela o sentisse e gozase, era como se ele estivesse adormecido em seu seio. Ora, quando um dos dois está adormecido, não pode haver entre eles comunicação de pensamentos e de amores, até que ambos estejam acordados.

15. Oh! quão ditosa é a alma que sente de contínuo estar Deus descansando e repousando em seu seio! Oh! quanto lhe convém apartar-se de todas as coisas, fugir de negócios, e viver com imensa tranqüilidade, para que nem mesmo com o menor ruído ou o mínimo átomo venha a inquietar e revolver o seio do Amado! Está ele aí ordinariamente como adormecido neste abraço com a esposa, na substância de sua alma, e ela muito bem o sente e de ordinário o goza; porque se estivesse ele sempre acordado, comunicando-lhe conhecimentos e amores, para a alma seria estar já na glória. Com efeito, se por alguma vez somente que o Esposo desperta um pouquinho abrindo os olhos, põe a alma em tal estado, como temos descrito, que seria se de contínuo permanecesse no seu íntimo, para ela bem desperto?

16. Outras almas há, não chegadas a esta união, nas quais Deus habita; embora não esteja aí descontente, porque, enfim, se acham em estado de graça, todavia,

como não estão ainda dispostas, mora em segredo para elas; não o sentem ordinariamente, salvo quando ele lhes faz algumas vezes essa mercê do despertar cheio de gozo, sem que, no entanto, este seja do mesmo genero e quilate daquele a que nos referimos aqui, e nada tenha a ver com ele. Nem é este favor de Deus tão secreto como aquele, para o entendimento e o demônio, pois é possível perceber algo pelos movimentos do sentido, o qual, até chegar ao estado de união, não está bem subjugado, e manifesta ainda algumas operações e movimentos em relação à parte espiritual, por não se achar espiritualizado de modo total e completo. No despertar, porém, que o Esposo opera nesta alma perfeita, tudo o que se passa e realiza é já perfeito, porque tudo é obra dele. À semelhança de uma pessoa quando acorda e respira, a alma sente um peregrino deleite na aspiração do Espírito Santo em Deus, no qual soberanamente ela se glorifica e enamora. Por esta razão diz os versos seguintes:

Nesse aspirar gostoso,
De bens e glória cheio,
Quão delicadamente me enamoras!

17. Em tal aspiração, cheia de bens e glória, e de delicado amor de Deus para a alma, não quisera eu falar, nem mesmo o desejo porque vejo claro que não tenho termos com que o saiba exprimir, e pareceria que os tenho, se o dissesse. Na verdade, trata-se de uma aspiração feita por Deus na alma, em que por meio daquele despertar — que é conhecimento sublime da Divindade, — o Espírito Santo a aspira na mesma medida da inteligência e notícia de Deus que lhe concede, absorvendo-a o mesmo Espírito Santo de modo profundíssimo, e enamorando-a com primor e delicadeza divina correspondentes ao que a alma viu em Deus. Sendo essa apiração cheia de bens e glória, por ela o Espírito Santo encheu a alma de bens e glória, e nisto a enamorou de si mesmo, além de toda expressão e sentimento, nas profundezas de Deus a quem seja dada honra e glória. Amém.

Terceira Parte

EPISTOLÁRIO

Na literatura hagiográfica, as cartas se revestem de excepcional importância. São, ao mesmo tempo, relíquias e tesouros doutrinais. Uma carta, de preferência a qualquer outro escrito, faz-nos sentir sensivelmente mais próximo à figura do Santo, e, ao lê-la, entramos logo em contato com seu espírito. Parece que a tinta se torna transparente, como que refletindo no fundo o tipo do Santo, tal como a imagem ao espelhar-se na água cristalina.

São João da Cruz escreveu muitas cartas. Por motivo de cortesia, e, ainda mais, por zelo apostólico. Foi pródigo e generoso em sua correspondência epistolar. Bem o sabiam os frades e monjas carmelitas, assim como amigos, benfeitores e principalmente aqueles que lhe haviam confiado o destino de sua vocação e santidade, seus filhos e filhas espirituais. Somente a falta de tempo material poderia explicar que São João da Cruz deixasse uma carta sem resposta, pois, do contrário, o fazia tão logo lhe chegasse à mãos. Entretanto, por uma cruel ironia da história, deste epistolário que supomos ingente, só chegou até nós um número muito limitado de cartas; algumas completas, outras fragmentárias ou através de testemunhos indiretos. Suficiente para que se possa conhecer e aquilatar o valor da literatura epistolar sanjuanista, mas muito pouco para saciar nosso apetite e desejo de páginas e escritos saídos da pena do Doutor Místico. É que, também para nós, como para os contemporâneos, as cartas de São João da Cruz apresentam algo de graça e virtude das epístolas paulinas.

Sendo as cartas como que uma biografia espiritual e psicológica, podemos vislumbrar através delas a pessoa mística do frade carmelita. E constitui para nós gratíssima impressão defrontarmo-nos nessas breves páginas com um São João da Cruz, a um tempo extremamente humano e sublimemente divino. Bastariam as cartas para reduzir a pó a lenda, já ultrapassada, aliás, de um São João da Cruz frio, duro, incompreensivo. Suas cartas respiram um humanismo e uma delicadeza espiritual que só se podem compreender quando se conhecem as alturas em que pairava o espírito do autor. É sincero até ao ponto de revelar com toda a franqueza suas simpatias e antipatias; é afetuoso, sabe amar, corresponder aos que vivem unidos a ele em Cristo; é terno, maternal com seus filhos espirituais; pensa sempre e em todo lugar na sua perfeição, suspira por sua presença, a fim de ajudá-los e confortá-los: rasgos de um coração que sabe amar divinamente.

Sob o ponto de vista doutrinal, o epistolário *é como um punhado de páginas arrancadas da* Subida *ou da* Noite: *desnudez de criaturas, vazio e aspereza, olvido e renúncia dos deleites espirituais, Cristo na cruz. É esta a mensagem do Santo carmelita. Jamais o esquecerão os que lerem suas cartas com olhos sinceros.*

Publicamos numeradas, numa série única, tanto as cartas ou fragmentos de cartas, como aquelas de que temos apenas alguma referência, através de documentos ou biografias antigas. Enquanto não se fizer uma pesquisa sistemática, com vistas a extrair ainda alguma possível riqueza desses veios preciosos contidos nos Processos de beatificação e canonização e em outras fontes documentais de São João da Cruz, não se poderá classificar definitivamente a lista de suas cartas. É um trabalho que temos em mãos.

[1]

[A UMA RELIGIOSA DE ÁVILA]
[Ávila 1572–1577]
(referência)

"*E, para mais confirmá-la na verdade de nossa fé, deixou-lhe (refere-se a uma religiosa possessa do demônio)* escrito num papel e assinado de seu próprio punho, aquilo que lhe havia ensinado oralmente, *para que quando o demônio — embora tomasse sua forma e seu nome — lhe dissesse coisa diferente, ela pudesse conhecê-lo com facilidade, comparando as afirmações emitidas pelo falso mestre* com as que foram escritas pela mão de seu verdadeiro pai e confessor" (JERÔNIMO, *História*, p. 192).

[2]

[A SANTA TERESA DE JESUS, EM ÁVILA]
[Ávila, 10 de novembro de 1577]
(referência)

... "*Veja Vossa Mercê que a casa ficará em confusão (Encarnação de Ávila)*, segundo Fr. João hoje me escreveu neste bilhete" (Carta 199 da Santa: B.M.C. 8,125).

[3]

[A FREI JOÃO DE SANTA EUFÊMIA, CARMELITA DESCALÇO, NA GRANJA DE SANTA ANA (CASTELLAR DE SANTISTEBAN)]
[Baeza, por volta de 1580]
(referência)

"Por este tempo, estando esta testemunha na granja chamada de Santa Ana, situada num lugar deserto a seis léguas desta cidade, foi acometido de grande aflição. Tendo disso notícia, o dito Santo Pai escreveu-lhe uma carta com palavras e razões acerca do padecer por Deus, Nosso Senhor, e de suportar as provações. *Ao lê-la, sentiu esta testemunha a alma inundada de fervor, pela chama espiritual que as palavras do citado Pai irradiavam; com isso, ficou cheio de consolo e sentiu novo alento para padecer aquele trabalho e outros muitos que se oferecessem por Deus, Nosso Senhor"* (Declaração do próprio destinatário: Ms. 12.738 BNM, p. [150]-151)

[4]

[A SANTA TERESA DE JESUS]
[Da Andaluzia, princípios de 1581]
(referência)

... *"Saiba que, consolando eu certa vez a Fr. João da Cruz, da pena que experimentava por ver-se em Andaluzia (ele não suporta aquela gente), disse-lhe que quando Deus nos concedesse província, havia de procurar trazê-lo para cá. Agora:*

— Cobra-me a promessa e tem medo que o elejam em Baeza.

Escreve-me que:

— Suplica a Vossa Paternidade que não o confirme". (Carta da Santa ao Pe. Graciano: BMC 9,46-47).

[5]

[A SANTA TERESA DE JESUS]
[Baeza, 6 de julho de 1581]
(referência)

"Embora não saiba do seu paradeiro, quero escrever-lhe estas linhas, confiando que Nossa Madre há de remetê-las"... (Carta do Santo a Catarina de Jesus, nº 6 de nossa edição, que, segundo se pode verificar, lhe remetia juntamente com uma *outra à Santa*).

[6]

[A CATARINA DE JESUS, CARMELITA DESCALÇA]
[Baeza, 6 de julho de 1581] [1]

(Sobrescrito) É para a Irmã Catarina de Jesus, carmelita descalça, onde estiver. [2]

Jesus esteja em sua alma, minha filha Catarina.

Embora não saiba de seu paradeiro, quero escrever-lhe estas linhas, confiando que Nossa Madre [3] há de

1. Ms 12.738 BNM., p. [741], cópia de Alonso da Mãe de Deus, que acrescenta a seguinte nota no autógrafo: Catarina de Jesus "guardou consigo, até a morte, esta carta, como uma relíquia, entre as outras que possuía; ao morrer, deixou-a com Madre Isabel da Mãe de Deus, religiosa que foi mais tarde designada para a fundação de Calatayud, onde foi priora, pelo ano de 1619, sendo que, por esse tempo, conservava ainda a citada carta em seu poder, como relíquia" [*E o trecho prossegue, agora com a letra de Jerônimo de São José*]. "E agora foi colocada num relicário artisticamente adornado e conserva-se naquela casa; nos dias de grandes festas, costuma ser exposta na igreja, como adorno, juntamente com a de nossa Santa Mãe". O original do Santo, que permaneceu guardado nas carmelitas de Calatayud, até fins do século XVIII, encontra-se hoje desaparecido.

2. Catarina de Jesus, natural de Valderas (León), professou nas carmelitas descalças de Valladolid no dia 13 de dezembro de 1572. Em 1580, foi para Palência, onde se encontrava na ocasião em que o Santo lhe escreveu a citada carta. Quando a Santa saiu de Ávila para a fundação de Burgos, em meados de janeiro de 1582, passou em Palência e, entre outras monjas, levou consigo esta religiosa para a nova casa. Nas primeiras eleições canônicas da nova comunidade, em 21 de abril de 1582, sob a presidência do Padre Jerônimo Graciano, Madre Catarina de Jesus foi eleita subpriora, por unanimidade de votos, menos o seu. Mais tarde, passou às descalças de Sória, onde morreu santamente [PADRE SILVÉRIO]. Esta carta, como se depreende do próprio texto, foi enviada por intermédio de Santa Teresa.

3. Santa Teresa.

remetê-las, caso não esteja com ela. E se não estiver em sua companhia, console-se comigo, que mais desterrado e só ando por estas paragens. Depois que aquela baleia me engoliu e vomitou neste estranho porto,[4] nunca mais mereci vê-la, nem aos santos daí. Deus o fez por bem, pois enfim o desamparo é instrumento de purificação, e resulta em grande luz o padecer trevas. Praza a Deus não andemos nelas!

Oh! quantas coisas quisera dizer-lhe! Mas escrevo essas linhas muito às cegas, sem saber ao certo se lhe chegarão às mãos. Por isso interrompo sem terminar.

Encomende-me a Deus. Nada lhe direi daqui, pois não sinto disposição para isso.

De Baeza, 6 de julho de 1581

Seu servo, em Cristo,
FREI JOÃO DA †

[7] – [8]

[A ANA DE SOTO, EM BAEZA]
[Beas, 8 de outubro de 1581]
[A ISABEL DE SÓRIA, EM BAEZA]
[Beas, 11 de outubro de 1581]
(referência)

"No mês de setembro do corrente ano, tendo nosso Santo Padre sido chamado pelo Pe. Diogo da Trindade, vigário provincial de Andaluzia, chegou a Beas, de onde, segundo supomos, escreveu duas cartas: uma no dia 8 de outubro, respondendo a Ana de Soto e a outra, a 11 do mesmo mês, a Isabel de Sória, duas senhoras piedosas de Baeza.

4. Refere-se, com esta conhecida alusão bíblica (Jo 2,1-2), à sua prisão de Toledo.

Em ambas as cartas
— exorta a prosseguirem nas práticas religiosas e na assídua recepção dos sacramentos. Consola-as da sua ausência, dizendo que no momento sua presença era mais necessária em Beas que em Baeza" (ALONSO, *Vida*, f. 111 v).

[9]

[ÀS DESCALÇAS DE GRANADA]
[Granada, 1582]
(referência)

"*Por este mesmo tempo, num grande transporte de amor que o arrebatou por muitos dias em Deus, escreveu uma carta a este convento de suas descalças:*
— convidando-as a buscarem a solidão, escondida e retirada, onde Deus comunica seu verdadeiro espírito e luz" (ALONSO, *Vida*, f. 114 v).

[10]

[A ANA DE SANTO ALBERTO, FUNDADORA
E PRIORA DE CARAVACA]
[Granada, 1582] [1]
(fragmento)

"*Doutra feita, estando ele em Granada, onde era prior, escreveu-lhe acerca de certas coisas que se estavam passando com ela, dizendo o seguinte:*
...Como não me diz nada, digo-lhe eu que deixe de ser boba e não dê entrada a temores que acovardam

1. Madre Ana de Santo Alberto, a quem é dirigida esta carta, igualmente querida e apreciada pelos dois reformadores do Carmelo, era natural de Malagón. Nesta cidade tomou o hábito no convento que a Santa ali fundou

a alma. Dê a Deus o que ele lhe deu e continua dando todos os dias; ou pretende, talvez, medir a Deus pela medida de sua capacidade? Não há de ser assim. Trate de se preparar porque Deus quer fazer-lhe uma grande mercê" (*Ms. 12.738 BNM*, p. [566]: declaração da própria destinatária, ainda que a letra seja de Fr. João Evangelista).

[11]

[A ANA DE SANTO ALBERTO, PRIORA DE CARAVACA]
[Granada, 1582]
(fragmento)

"Em certa ocasião foi esta testemunha assaltada por grandíssimos escrúpulos que lhe causavam atroz tormento, e pensou consigo mesma que só poderia encontrar algum alívio se se abrisse com o Santo. E eis que ele lhe escreveu uma carta, talhada para aquela circunstância dizendo:

...Até quando, filha, pretende ficar em braços alheios? Desejo vê-la com grande desnudez e desapego das criaturas, de modo que nem o inferno inteiro seja capaz de perturbá-la. Que lágrimas tão descabidas são essas que derrama nestes dias? Quanto tempo aproveitável calcula ter perdido com esses escrúpulos? Se deseja confiar-me as suas penas, vá àquele *espelho sem mancha* (Sb 7,26) do Pai Eterno, que é seu Filho,[1] pois é ali que contemplo sua alma cada dia. Sem dúvida, sairá consolada e já não sentirá necessidade de mendigar pelas portas de gente pobre" (*Ms. 12.738 BNM*, p. [566]–567: como na carta anterior).

em 1568. Quando em 1575 passou por lá a Madre Reformadora para a fundação de Sevilha, levou-a consigo a Beas e da capital andaluza, fiada no talento e discrição de Madre Ana, a enviou como fundadora do Convento de Caravaca, onde foi priora muitos anos. Aí teve oportunidade de comunicar-se com o Santo, nas diversas ocasiões em que esteve naquela cidade [PADRE SILVÉRIO].

1. [que es su Hijo] *Esta frase foi transcrita da primeira impressão desta carta nos preliminares da edição príncipe do Santo* (Alcalá, 1618) p. XVIII.

Nota: Para os termos entre colchetes, cf. o original espanhol.

[12]

[A MARIA DE SOTO, EM BAEZA]
[Granada, fins de março de 1582] [1]

Jesus esteja em sua alma, minha filha em Cristo.

Fez-me grande caridade escrevendo aquela carta e quisera, sinceramente, fazer o que nela me diz e proporcionar-lhe muito contentamento, assim como às suas irmãs. Mas como Deus determina de modo diferente do que pensamos, havemos de nos conformar com a sua vontade.

Já me fizeram prior desta casa de Granada, terra muito propícia para servir a Deus. Sua Majestade dispõe sempre tudo do melhor modo. Oxalá Vossa Mercê e suas irmãs residissem aqui, pois assim as poderia contentar de algum modo. Deus fá-lo-á, e superabundantemente, segundo espero.

Tenha cuidado de não deixar suas confissões e diga o mesmo às suas irmãs. E todas me encomendem muito a Deus, que de minha parte nunca as esquecerei.

Não deixe de procurar o Pe. Frei João, [2] embora ande mais cansado. E fique-se com Deus. Que Sua Majestade lhe dê o seu santo espírito. Amém.

Servo de V. Mercê em Cristo,
FREI JOÃO DA †

Dos Santos Mártires de Granada, em março de 1582.

1. O autógrafo se conserva nas carmelitas descalças de Gmunden (Áustria). Quem descobriu e publicou pela primeira vez a fotocópia e o texto da carta foi o PADRE FILIPE ZUAZUA, o.c.d., em seu artigo: *Nova carta autógrafa de São João da Cruz*, nas *Ephemerides Carmeliticae* 17 (Roma 1966) [491-508]. Em nossa primeira edição já havíamos feito referência e dado um breve resumo desta carta com o mesmo nº 12, sob o qual oferecemos agora o seu texto completo. Maria de Soto fazia parte do grupo de fervorosas seculares ("senhoras piedosas" ou "beatas", como eram então chamadas), dirigidas do Santo durante o tempo de seu reitorado em Baeza (1579-1582) e que continuaram a se aproveitar de seus conselhos e direção através da correspondência (vejam-se as cartas 7-8, dirigidas a Ana de Soto, provavelmente uma das irmãs de Maria de Soto, e a Isabel Sória, e a carta 13, escrita a "outra senhora piedosa, muito pobre"). A carta é de "fins de março de 1582" (ALONSO, *Vida*, f. 112v).

2. Provavelmente o Padre João de Santa Ana, fiel discípulo e amigo do Santo (Veja-se a carta 39).

[13]

[A UMA SENHORA MUITO DEVOTA DE BAEZA]
[Granada, 3 de julho de 1582]
(referência)

"Escreveu também outra carta de Granada, com data de 3 de julho de 1582 e dirigida a outra senhora piedosa, uma beata muito pobre, se bem que muito virtuosa, a quem tinha pedido que saísse de Baeza, a fim de fazer companhia a uma senhora que se encontrava muito só. O santo lhe dá o seguinte conselho:

— Só faça esta obra de caridade depois de reiteradas instâncias da pessoa em questão e de outras que por ela intercederem, a fim de deixar bem claro que o motivo que a leva a executá-la é a caridade e não a leviandade" (ALONSO, *Vida*, f. 112 v).

[14] – [15]

[A ANA DE JESUS, EM GRANADA]
[Granada 1584]
[A DONA ANA DE PEÑALOSA, EM GRANADA]
[Granada, 1584]
(referência)

"Em algumas cartas suas, escritas a essas duas pessoas, que lhe haviam pedido o comentário dessas canções (do "Cântico e da "Chama" respectivamente), desculpa-se da demora em atendê-las dizendo:

— Devem ser comentadas com o mesmo espírito com que foram compostas; cumpre, pois, esperar que Deus o conceda novamente" (ALONSO, *Vida*, f. 126 v).

[16]

[A ANA DE SANTO ALBERTO, PRIORA DE CARAVACA]
[Granada, maio de 1586]
(referência)

"Quando já estava de partida de Granada para a fundação de Córdova, escrevi-lhe às pressas" (Carta do Santo à mesma destinatária; figura em nossa edição sob o nº 18).

[17]

[A ALGUNS SENHORES, EM CARAVACA (?)]
[Sevilha, primeiros dias de junho de 1586]
(referência)

"...Recebi as cartas... desses senhores... Digo-o a esses senhores aos quais escrevo" (Carta do Santo a Ana de Santo Alberto; nº 18 de nossa edição).

[18]

[A ANA DE SANTO ALBERTO, PRIORA DE CARAVACA]
[Sevilha, primeiros dias de junho de 1586] [1]

(Sobrescrito) Para a Madre Ana de Santo Alberto, priora nas carmelitas descalças em Caravaca.

Jesus esteja em sua alma.

Quando já estava de partida de Granada para a fundação de Córdova, escrevi-lhe às pressas; e, depois, aqui

1. O autógrafo conservava-se em Duruelo e aí permaneceu até a exclaustração dos regulares, no século XIX. O Padre Silvério o descobriu mais tarde em casa da Exma. Sra. Marquesa de Reinosa, Dona Fernanda Calderón de la Barca Montalvo Collantes, condessa viúva de Autol. Desapareceu na guerra civil espanhola. Conservava-se a fotografia que dela publicou o Padre Silvério no tomo 4º da sua edição crítica do Santo, que acrescentava a seguinte descrição do autógrafo (id. p. 256, nota): "Compõe-se de duas folhas; dá segunda, falta a metade superior. A primeira termina com a frase: da entrada de Dona Catarina, porque desejo dar. O restante que lemos na carta, acha-se nas cópias antigas que dela foram tiradas. A metade inferior [da segunda folha] do autógrafo, contém apenas a assinatura do Santo e um pós-escrito seu. Com a carta autógrafa está também o endereço".

em Córdova, recebi as suas cartas e as daqueles senhores que iam a Madri, os quais provavelmente pensaram que me encontrariam na Junta.[2] Pois saiba que ainda não se chegou a fazer nem se fará enquanto não terminarem essas visitas e fundações, pois o Senhor está agora com tanta pressa que não temos mãos a medir.

Concluiu-se em Córdova a fundação de frades e com a benevolência e entusiasmo de toda a cidade, como nunca se dera ali com qualquer outra religião. Reuniu-se o clero de Córdova em peso, afluíram as confrarias e o Santíssimo Sacramento foi trazido da igreja principal com grande solenidade. As ruas estavam muito bem ornamentadas e o povo apinhado, como no dia de Corpus Christi. Isto foi no domingo, depois da Ascensão.[3] Veio o Sr. Bispo e, durante o sermão, teceu-nos muitos elogios. A casa está situada no melhor ponto da cidade; fica na paróquia da igreja maior.

Estou, presentemente, em Sevilha por causa da mudança de nossas monjas, que adquiriram umas casas excelentes. Custaram quase quatorze mil ducados, porém valem mais de vinte mil. Elas já se encontram lá; no dia de São Barnabé, o Cardeal levará o Santíssimo Sacramento com muita solenidade. Antes de partir, pretendo deixar aqui outro convento de frades, e, assim, haverá dois em Sevilha. Até a festa de São João devo ir a Ecija, onde, com o favor de Deus, havemos de fundar outro. Daí, irei a Málaga, e, em seguida, à Junta.[4]

Oxalá tivesse eu comissão para executar essa fundação como tenho para estas; então não estaria à espera de muitas andanças. Entretanto, confio em Deus que se há de realizar e na Junta farei quanto me for possível. Diga-o a esses senhores aos quais escrevo.

2. Junta de definidores sob a presidência do provincial Padre Nicolau de Jesus Maria.
3. 18 de maio de 1586.
4. No dia 13 de maio do citado ano, as monjas mudaram da rua da Pajeria (atualmente de Saragoça) para a casa que hoje têm na paróquia da Santa Cruz, rua de Santa Teresa. Nem a segunda fundação de descalços em Sevilha, nem a da Ecija se realizaram naquela ocasião (PADRE SILVÉRIO).

Fiquei pesaroso por não haverem feito logo a escritura com os padres da Companhia, pois não os tenho em conta de gente que mantém a palavra dada. E, assim, creio que não só voltarão atrás em alguns pontos, mas até, caso haja demora, acabarão por desfazer tudo, se isso lhes parecer conveniente. Por isso, esteja atenta ao que lhe digo: sem nada dizer, nem a eles, nem a pessoa alguma, trate o assunto com o Sr. Gonçalo Muñoz [5] para a compra da casa que fica do outro lado e lavrem as escrituras, pois eles, como têm tudo na mão, fazem-se de rogados. E pouco importa que depois se venha a saber que as compramos apenas para pôr fim àquela perseguição. Assim eles se renderão à razão, sem tantas dores de cabeça e ainda os faremos chegar até onde quisermos. Trate disso com poucos, e mãos à obra, pois às vezes não se pode vencer uma astúcia sem outra. [6]

Desejava que me enviasse o livrinho dos *Cantares da Esposa*, pois certamente a Mãe de Deus já terminou de copiá-lo. [7]

Esta Junta está demorando muito e tenho pena, por causa da entrada de Dona Catarina porque desejo dar...

De Sevilha, em junho de 1586. [8]

Caríssima filha em Cristo. *Seu servo,*

FREI JOÃO DA †

5. Dom Gonçalo era pessoa influente em Caravaca e muito afeiçoado às descalças (PADRE SILVÉRIO).

6. Tratava-se de uma casa com seu quintal, pertencente à Ir. Isabel de São Paulo; ficava contígua ao colégio dos padres da Companhia e vinha-lhes a propósito para ampliar um pouco mais a sua propriedade. Os padres alegaram certo direito a essas casas, baseado, talvez, em alguma promessa que lhes teria feito Dona Florência Vásquez, mãe de Isabel de São Paulo, e de fato as ocuparam. Isso ocasionou aborrecimentos entre ambas as comunidades. E ainda que, segundo se depreende, o Padre Reitor houvesse dado à Madre Priora boas esperanças de chegarem a um acordo, o Santo, considerando que os interesses da própria casa podiam levar o citado padre a mudar de opinião, aconselha a Madre Ana que não se fie muito em palavras e tome todas as precauções necessárias para defender o que mais conviesse à sua comunidade. Em suma, tratava-se de uma questão que cada um dos conventos defendia com razões que lhe pareciam justas e válidas, como freqüentemente acontece na vida [PADRE SILVÉRIO].

7. Alude ao *Cântico Espiritual*, do qual Francisca da Mãe de Deus estava tirando uma cópia. Esta religiosa, natural de Caravaca, professou nessa cidade em 1º de junho de 1578 [PADRE SILVÉRIO].

8. [De Sevilha... 1586] *faltava ultimamente no autógrafo. Supre-se com uma cópia tirada em 1607 e existente no arquivo dos carmelitas descalços de Ávila.*

Não se esqueça de recomendar-me muito ao Sr. Gonçalo Muñoz a quem não escrevo para poupar-lhe fadiga e porque V. Reverência lhe transmitirá o que digo nesta carta.

[19]

[A UMA CARMELITA DESCALÇA, PROVAVELMENTE MARIA DO NASCIMENTO, EM MADRI]

[Durante a viagem de Granada a Madri, por volta de agosto de 1586]

(fragmento)

"*Vindo de Granada à fundação* [*de*] *Madri, e entendendo que uma religiosa tinha* [*necessidade*] *dele, pôs-se, em condições muito precárias, a escrever-lhe o seguinte:*

— Filha, n[o va]zio e aspereza de todas as coisas é que Deus há de provar os que são soldados [fortes] para vencer sua batalha; aqueles que sabem beber a água no ar s[em en]costar o peito na terra, como os soldados de Gedeão (Jz 7,5-7.16-23), que venceram com *barro seco e lanternas acesas dentro*, o que significa a secura do sentido e no interior o espírito bom e ardoroso" (*Ms. 12.738 BNM*, p. 1.005: Declaração de uma religiosa anônima).[1]

1. É quase certo ser a Madre Maria do Nascimento, subpriora e uma das fundadoras de Madri, a destinatária desta carta, como se depreende da declaração de uma descalça que estabelece relação entre esta carta e a outra que, com absoluta certeza, foi dirigida à Madre: *Ms. 12.738 BNM*., p. 1.005 (veja-se a carta 38).

As letras ou palavras entre parênteses faltam no manuscrito por estar dilacerado. Na carta procuramos supri-las pela cópia publicada pelo Padre André da Encarnação, *Memórias históricas*, *Ms. 13.482 BNM*, letra I nº 13, f. 144r.

[20]

[ÀS CARMELITAS DESCALÇAS DE BEAS]
[Málaga, 18 de novembro de 1586] [1]

Jesus esteja em suas almas, filhas minhas.

Pensam, porventura, que por estar eu tão calado as tenha perdido de vista e deixe de considerar com que grande facilidade podem ser santas e com que sumo gozo e seguro amparo podem andar em deleites do amado Esposo? Pois eu irei aí e então hão de ver como não andava esquecido, e veremos as riquezas adquiridas no amor puro e nas sendas da vida eterna e os belos passos que dão em Cristo, cujas delícias e coroas são as suas esposas: coisa digna não de andar rolando pelo chão, mas de ser tomada entre as mãos dos serafins e por eles colocada, com apreço e respeito, na cabeça de seu Senhor.

Quando o coração anda em coisas rasteiras, a coroa rola pelo chão e cada uma delas a empurra com o pé; mas quando *o homem se achega ao coração elevado* de que fala Davi (Sl 63,7), então *Deus é exaltado*, com a coroa daquele coração elevado de sua esposa, com que *é coroado no dia do júbilo do seu coração* (Ct 3,11), em que encontra as *suas delícias em estar com os filhos dos homens* (Pv 8,31). Estas águas de deleites interiores não nascem na terra; é para o lado do céu que se há de abrir a boca do desejo, vazia de tudo o mais, para que assim a boca do apetite, não contraída nem apertada com nenhum bocado de outro gosto, se conserve bem vazia e aberta para aquele que disse: *"Abre e dilata a tua boca e eu a encherei"* (Sl 80,11). De maneira que o que busca gosto em alguma coisa já não se conserva vazio para que Deus o replene de seu inefável deleite e, assim, como vai a Deus também o deixa porque leva as mãos embaraçadas e não pode pegar o

1. Na paróquia de Pastrana e procedente do antigo convento de descalços, conserva-se o apógrafo desta carta (e não o autógrafo como se julgou durante algum tempo).

que ele lhe havia de dar. Deus nos livre de tão desastrosos embaraços, que tão doces e saborosas liberdades dificultam.

Sirvam a Deus, minhas amadas filhas em Cristo, seguindo-lhe as pegadas de mortificação, em toda a paciência, em todo o silêncio e em todo o desejo de padecer, transformadas em verdugos dos prazeres, mortificando-se, se porventura resta ainda algo por morrer que dificulte a ressurreição interior do Espírito, o qual habita em vossas almas. Amém.

De Málaga, 18 de novembro de 1586.

Seu servo,
FREI JOÃO DA †

[21]

[AOS DESCALÇOS DE CÓRDOVA: ESTALAGENS DE ALCOLEA]
[Entre 1586 e 1587]
(referência)

"Dirigia-se de Córdova a Bujalance e ao chegar às Estalagens de Alcolea, saiu à porta da venda uma mulher de aspecto e traje muito levianos, agindo licenciosamente e dizendo palavras indecorosas, incitando ao mal aqueles que a olhavam. Como nosso venerável Pai a visse, tomado de fervoroso zelo, pôs-se a repreendê-la severamente, assumindo um tom imperioso e com palavras tão eficazes que, como se lhe soasse um trovão aos ouvidos, aquela mulher dissoluta ficou profundamente perturbada e, como que atônita, o fitava sem poder articular uma palavra sequer... Finalmente, depois de algum tempo, a mulher voltou a si, pedindo confissão e dizendo que estava decidida a emendar-se e a servir a Deus. Esteve o venerável Pai um bom espaço de tempo com ela, exortando-a a que pusesse por obra o seu bom propósito. E percebendo que a sua consciência, depois de uma longa vida tão desregrada, tinha necessidade de

um exame mais cuidadoso e de uma disposição mais amadurecida para bem confessar-se, deu-lhe uma carta de apresentação a fim de que em nosso convento de Córdova a confessassem" (JERÔNIMO, *Hist.* p. 580-581).

[22]

[A ANA DE JESUS E DEMAIS CARMELITAS DESCALÇAS DE BEAS]

[Granada, 22 de novembro de 1587] [1]

(Sobrescrito) A Ana de Jesus e às demais Irmãs Carmelitas Descalças do Convento de Beas: [2]

Jesus e Maria estejam em suas almas, minhas filhas em Cristo. Muito me consolei com vossa carta. Que Nosso Senhor vo-lo pague.

Se não lhes escrevi, não foi por falta de vontade, pois desejo sinceramente o vosso aproveitamento, e sim por me parecer que o que já se disse e se escreveu é suficiente para executar o que importa; e o que falta — se é que algo está faltando — não é o escrever e o falar, pois isso, ordinariamente, sobra, mas o calar e obrar. Além do que, o falar distrai, enquanto o calar e obrar recolhem e fortalecem o espírito. E, assim, logo que uma pessoa sabe o que lhe disseram para o seu aproveitamento, já não tem necessidade de ouvir nem de falar e sim de executar deveras, com silêncio e cuidado, em humildade, caridade e desprezo de si mesma. E não andar, logo depois, em busca de outras coisas que não servem senão para satisfazer o apetite no exterior (e ainda sem consegui-lo) e deixar o espírito fraco e vazio, sem virtude interior. E daqui vem que não aproveitam nem de uma coisa e nem de outra. É como quem come

1. Na falta do original, que se guardava antigamente nas carmelitas descalças de Saragoça e que desapareceu provavelmente na guerra da Independência, seguimos a cópia impressa que se conserva incorporada à *Vida* do Santo pelo Padre Alonso, fl. 144.

2. Este sobrescrito foi tirado da cópia do Padre Manuel de Santa Maria: Ms. 13.245, BNM, fl. 247v.

sobre a porção mal digerida; acontece que repartindo-se o calor natural entre um e outro alimento não tem força para fazer com que a assimilação se processe plenamente, ocasionando a enfermidade. É muito necessário, minhas filhas, saber furtar o espírito ao demônio e à nossa sensualidade. A não ser assim, achar-nos-emos, sem saber como, muito sem progresso e muito alheios às virtudes de Cristo, e depois, amanheceremos com o nosso trabalho e obra feitos às avessas; e supondo levar a lâmpada acesa, encontrá-la-emos como que extinta, porque os sopros que ao nosso parecer dávamos para avivá-la, quiçá ainda mais a enfraqueciam. Digo, pois, que, para evitar que assim aconteça e para guardar o espírito, como disse, não há melhor remédio que padecer, agir e calar e fechar os sentidos com prática e inclinação de soledade e olvido de toda criatura e de todos os acontecimentos, ainda que o mundo venha abaixo. Nunca, por bem nem por mal, deixar de aquietar o coração com entranhas de amor para padecer em todas as ocasiões que surgirem. Porque a perfeição é de tão inestimável valor, e o deleite de espírito de tão elevado preço, que queira Deus que ainda tudo isso baste, pois não é possível progredir senão agindo e padecendo virtuosamente, e tudo envolto em silêncio.

Isto entendido, filhas: a alma que se entrega facilmente a conversas e passatempos, mostra estar muito pouco atenta a Deus. Porque, quando o está, logo sente um vigoroso puxão interior para que cale e fuja de todo entretenimento. É que Deus mais deseja que a alma se deleite com ele do que com qualquer criatura, por mais excelente que seja e por mais a propósito que pareça.

Encomendo-me às orações de Vossas Caridades e tenham por certo que, apesar de ser pouco, a minha caridade está tão concentrada aí que não me esqueço daquelas a quem tanto devo no Senhor, o qual esteja com todos nós. Amém.

De Granada, 22 de novembro de 1587.

FREI JOÃO DA †

O que mais precisamos fazer é conservar-nos calados na presença deste grande Deus, com o apetite e com a língua, pois a linguagem que ele ouve é o amor [3] silencioso.

[23]

[A PRIORA E MESTRA DAS DESCALÇAS DE SABIOTE]

[Granada, por volta de 1588]

(referência)

"*Sendo a Madre Leonor de Jesus, religiosa do convento de Beas, mestra de noviças num outro convento da Ordem, foi recebida, às instâncias e pedido de um bispo, certa noviça cujo espírito, tanto a mestra como a prelada, perceberam logo não convir para a religião; todavia, contemporizavam, tardando em despedi-la, por causa do bispo. Achando-se ambas muito embaraçadas e hesitantes na resolução a tomar, receberam nesta ocasião uma carta do venerável Padre, então em Granada, que lhes dizia que:*

— sem contemplação alguma mandassem logo a noviça sair, pois de nenhuma maneira servia para a religião, por se tratar de um espírito muito enganado pelo demônio e que, assim sendo, não havia razão para esperar nem se deter em respeitos humanos" (JERÔNIMO, *História*, p. 507).

[24]

[A MADRE LEONOR BATISTA, CARMELITA DESCALÇA EM BEAS]

[Granada, 8 de fevereiro de 1588) [1]

Jesus esteja com Vossa Reverência.

Não pense, filha em Cristo, que não me compadeci

3. [Amor] *imprimiu-se, a princípio,* de amor. *Mas depois eliminou-se o* de.

1. O autógrafo, que durante algum tempo esteve guardado no Convento de carmelitas de Perpiñán, conservava-se ultimamente nas descalças de Barcelona. Ao que parece, perdeu-se na guerra civil de 1936. Fotografia: GERARDO, p. 48-49. Leonor Batista, nascida em Alcaraz (Albacete) e professa em Beas em 1578, chegava ao fim de seu ofício de priora da citada comunidade, quando o Santo lhe escreveu esta carta.

de seus desgostos, assim como daquelas que deles participaram, mas consolo-me recordando que Deus chamando-a à vida apostólica, que é vida de desprezo, a conduz por esse caminho. Deus quer que o religioso seja de tal maneira que tenha acabado com tudo e que tudo tenha acabado para ele, pois o mesmo Deus deseja ser sua riqueza, consolo e glória deleitável. Grande graça fez ele a Vossa Reverência, porque agora, completamente esquecida de todas as coisas, poderá, bem a sós, deleitar-se em Deus, nada se lhe dando que façam de si o que quiserem, por amor de Deus, já que não se pertence a si mesma, senão a ele.

Mande-me dizer se é certa a sua partida para Madri e se a Madre Priora vem. Encomende-me muito as minhas filhas Madalena e Ana e a todas; não posso agora escrever-lhes.

De Granada, 8 de fevereiro de 1588.

FREI JOÃO DA †

[25]

[AO PE. AMBRÓSIO MARIANO, CARMELITA DESCALÇO, PRIOR DE MADRI]
[Segóvia, 9 de novembro de 1588] [1]

Jesus esteja com Vossa Reverência.

Como é de seu conhecimento, é muito grande a necessidade de religiosos, devido às numerosas fundações; por isso, é preciso ter paciência e deixar partir daí o Pe. Frei Miguel a esperar o Pe. Provincial em Pastrana,

1. Primitivamente esta carta esteve em poder do bispo de Ávila Dom Melchior de Moscoso e Sandoval. Logo passou a Duruelo e atualmente é de propriedade das carmelitas descalças de São José de Ávila, encontrando-se bem conservada. Como primeiro definidor, e na ausência do Padre Nicolau Dória, comunica ao Padre Mariano as providências tomadas em relação a alguns religiosos da Província da Castela (PADRE SILVÉRIO). Fotografia: GERARDO, p. 50-53.

porque tem de acabar logo a fundação daquele convento de Molina.[2]

Pareceu, também, acertado aos padres, providenciar logo um subprior a Vossa Reverência, e assim indicaram o Pe. Frei Ângelo,[3] por entenderem que combinará bem com o eu prior, que é o que mais convém num convento; e dê Vossa Reverência a ambos as respectivas patentes.

Convém que Vossa Reverência esteja sempre alerta para não permitir a nenhum deles, seja ou não sacerdote, intrometer-se a tratar com os noviços, pois, como sabe, não existe coisa mais perniciosa que passarem por muitas mãos ou que andem outros comunicando-se com eles. E já que os noviços são tão numerosos, convém ajudar e aliviar o Pe. Frei Ângelo e dar-lhe autoridade, como agora se lhe conferiu de superior, para que em casa lhe tenham mais respeito.

No momento, o Pe. Frei Miguel talvez não fosse tão necessário aí e poderia servir mais a Religião em outro lugar.

Acerca do Pe. Graciano não há novidade alguma, a não ser que o Pe. Frei Antônio já está aqui.[4]

De Segóvia, 9 de novembro de 1588.

FREI JOÃO DA †[5]

2. Essa fundação não teve êxito. Para ela destinava o Padre Miguel de Jesus, subprior de Madri [PADRE SILVÉRIO].

3. Frei Ângelo de São Gabriel.

4. Na referência ao Padre Graciano, alude à delicada questão que já então fervilhava e resultou na sua expulsão. Tanto o Santo como o Padre Mariano estimavam o Padre Graciano, ainda que no último não se pudesse fiar muito. Como membro da Consulta, que governava a descalcez, o Padre Antônio devia residir em Segóvia, segundo o que ficou estabelecido por ela, já que não houve outra dispensa nesse ponto senão em favor do Padre Mariano, que continuou com o priorado de Madri [PADRE SILVÉRIO].

5. Logo depois da assinatura do Santo, o Padre Gregório de Santo Ângelo escreveu o seguinte: "O Padre Frei Gregório de Santo Ângelo beija as mãos de Vossa Reverência".

[26]

[A DONA JOANA DE PEDRAZA, EM GRANADA]
[Segóvia, fins de 1588 ou princípio de 1589]
(referência)

"Há poucos dias atrás, escrevi-lhe por intermédio do Pe. Frei João, respondendo à sua última carta. Nela lhe disse como segundo me parece:

— Recebi todas as suas cartas e tenho me compadecido de suas queixas, males e soledades...

Já lhe disse que:

— Não havia para que... senão que faça o que lhe têm mandado, e, quando lhe impedirem, obedeça e avise-me, que Deus proverá do melhor modo" (Carta do Santo à mesma destinatária: n. 27 de nossa edição).

[27]

[A DONA JOANA DE PEDRAZA, EM GRANADA]
[Segóvia, 28 de janeiro de 1589] [1]

Jesus esteja em sua alma.

Há poucos dias atrás escrevi-lhe, por intermédio do Pe. Frei João, [2] respondendo à sua última carta que me foi tanto mais grata quanto mais eu a havia esperado. Na que lhe respondi disse, como segundo me parece, recebi todas as suas cartas e tenho me compadecido de suas queixas, males e soledades, os quais no seu silêncio clamam tão alto, que nem a pena consegue declarar. Tudo são golpes e toques na alma a fim de

1. O autógrafo que, em meados do século XVIII, se encontrava nas carmelitas descalças de Turim, venera-se atualmente nas carmelitas descalças de Concesa (Itália). Dona Joana de Pedraza era uma fiel discípula do Santo a quem confiou cegamente a sua alma, tendo lucrado muitíssimo com tal magistério e chegado a um elevado grau de virtudes [PADRE SILVÉRIO]. Fotografia: GERARDO, p. 54-57. As dobras do papel em que a carta foi escrita fizeram desaparecer algumas palavras, que indicamos com reticências.

2. Seu querido discípulo Frei João Evangelista.

estimulá-la no amor; levam-na a ter mais oração e despertam espirituais anseios por Deus, para que ele conceda aquilo que ela lhe suplica. Já lhe disse que não há motivo para inquietar-se com aquelas ninharias, mas faça o que lhe têm mandado e quando lhe impedirem, obedeça e avise-me, que Deus proverá do melhor modo. Deus cuida do que diz respeito àqueles que lhe querem bem, sem que seja necessário que eles andem solícitos.

Com relação às coisas da alma, o melhor meio de segurança é não ter apego a coisa alguma, nem apetite de nada; e convém ser muito leal e reta com quem a dirige, pois, de outro modo, seria não querer ser guiada. E quando a direção é segura e adequada, todos os outros pareceres, ou não são oportunos ou prejudicam. Não se apegue a alma a coisa alguma, pois, se permanecer fiel à oração, Deus terá cuidado de seus haveres, já que não pertencem a outro dono, nem hão de pertencer. Isto observo em mim mesmo: quanto mais as coisas são minhas, mais tenho nelas a alma, o coração e o cuidado porque o objeto amado se faz uma só coisa com o amante, e assim Deus faz também com quem o ama. Daqui vem que não pode alguém esquecer o objeto amado sem esquecer a própria alma e chega até a esquecer-se da alma pelo objeto amado, porque mais vive nele do que em si.

Oh! grande Deus de amor e Senhor! quantos tesouros depositais naquele que só a vós ama e não acha seu prazer se não em vós! Pois entregai-vos a vós mesmo e vos tornais uma só coisa com ele por amor! E nisto lhe dais a amar e saborear aquilo que a alma mais deseja em vós e o que mais lhe aproveita! Entretanto, porque convém que não nos falte cruz,[3] como ao nosso Amado, até a morte de amor, ele ordena as nossas paixões no amor do que mais desejamos, a fim de que façamos maiores sacrifícios e tenhamos mais mérito. Porém, tudo é breve, apenas o tempo de levantar o

3. *Autógrafo:* †

cutelo e Isaac permanece vivo e recebe a promessa de multiplicada posteridade (cf. Gn 22,1-18).

É preciso armar-se de paciência nesta pobreza, filha minha, que é útil para sair bem da nossa terra e para entrar na vida de perfeito gozo, a qual é... de vida.

Por enquanto, ainda não sei quando poderei ir até aí. Estou bem, ainda que a alma ande muito atrasada.

Encomende-me a Deus e entregue as cartas a Frei João ou às monjas, com mais freqüência, segundo lhe for possível; e se não fossem tão breves, seria melhor.

De Segóvia, 28 de janeiro de 1589.

FREI JOÃO DA †[4]

[28]

[A UMA JOVEM DE NARROS DEL CASTILLO (ÁVILA), ASPIRANTE A CARMELITA DESCALÇA EM MADRI]

[Segóvia, fevereiro de 1589 (?)][1]

Jesus esteja em sua alma.

O mensageiro cruzou comigo numa ocasião em que não dava para responder, quando ele estava a caminho e ainda agora está à espera. Que Deus lhe dê sempre sua graça, minha filha, para que se empregue toda e

4. *A assinatura do autógrafo está deste modo:* f. J. da †

1. O Padre Jerônimo de São José publicou esta carta na Vida do Santo (*Hist.* liv. VI, c. VII, nº 3), acrescentando, também, as seguintes informações que a ilustram: "A segunda carta, escreveu-a o venerável Pai a uma jovem de Madri, que desejava ser religiosa descalça e depois o foi num convento fundado numa cidade da Castela, a nova, denominada Arenas, que mais tarde se transferiu para Guadalajara. Era natural de Narros del Castillo, região pertencente ao bispado de Ávila, e estando ela em casa de Dona Guiomar de Ulhoa, em Ávila, tratava coisas de sua alma com o venerável Pai, ao tempo em que este era confessor da Encarnação e, depois, costumava escrever-lhe. Chamou-se em religião Ana da Cruz, como respeitosa homenagem de apreço ao seu pai espiritual. Foi de vida muito exemplar e elevada contemplação, tendo suportado grandes dificuldades". O autógrafo encontra-se atualmente nas carmelitas descalças da Imagem, em Alcalá de Henares, após ter, numa época imprecisa (neste século), desaparecido dali, não havendo notícias de seu paradeiro. Procuramos suprir entre colchetes (recorrendo à *História* do Padre Jerônimo, p. 664-665 e ao manuscrito 12.738 BNM, p. 758) as palavras que ficaram ilegíveis no autógrafo, por causa de cortes e dobras do papel.

em tudo em seu santo amor, segundo está obrigada a fazer, uma vez que foi só para [isso que ele a criou e remiu].

Com relação aos três pontos que me pergunta, haveria muito o que dizer sobre eles, bem mais do que comporta a brevidade desta carta, mas dir-lhe-ei outros três que lhe serão proveitosos.

Acerca dos pecados, que Deus tanto abomina, que o levaram à morte, convém-lhe, para chorá-los devidamente e não vir a cair neles, ter o menor trato possível com as pessoas do mundo, esquivando-se delas e nunca falar mais do que o necessário em cada coisa porque o alargar-se no trato com os outros, além do estritamente necessário e razoável, nunca beneficiou a ninguém por mais santa que fosse; e, com isso, observar a lei de Deus com grande exatidão e amor.

Com relação à paixão do Senhor, procure ser rigorosa pora com o corpo, com discrição; procure também renunciar-se a si mesma e a se mortificar. Não queira fazer sua vontade em coisa alguma, nem ter gosto em nada, pois foi esta a causa de sua paixão e morte. E o que fizer seja sempre com o conselho de sua mãe.

Sobre o terceiro, que é a glória, para pensar nela como convém e tê-la em grande estima, considere toda a riqueza do mundo e os deleites que ela oferece como lodo, vaidade e fadiga, como na realidade o são e não tenha em apreço coisa alguma, por grande e preciosa que pareça, senão o estar bem com Deus, pois tudo o que há de melhor neste mundo, comparado com os bens eternos para que fomos criados, é feio e amargo, e ainda que seja passageira sua amargura e fealdade, ficará indelevelmente impresso na alma de quem o estimar.

[Do] seu [negócio eu não me esqueço; mas por agora não se po]de fazer mais, não obstante meu grande desejo. Encomende muito a Deus este assunto e tome por advogados [do caso] a Nossa Senhora e a São José.

Encomende-me muito a sua mãe e que ela [tenha] por sua esta carta. Uma e outra encomendem-me [a Deus e peçam às suas amigas] que o façam também por caridade.

Deus lhe dê o seu espírito.

De Segóvia, fevereiro.

FREI JOÃO DA †

[29]

[A UM RELIGIOSO CARMELITA DESCALÇO, SEU FILHO ESPIRITUAL]

[Segóvia, 14 de abril de 1589 (?)] [1]

A paz de Jesus Cristo esteja sempre em sua alma, filho.

Recebi a carta em que Vossa Reverência me fala sobre os grandes desejos que Nosso Senhor lhe concede, para aplicar exclusivamente nele a sua vontade, amando-o sobre todas as coisas, e na qual me pede alguns conselhos que o auxiliem a consegui-lo.

Folgo muito de que Deus lhe tenha dado tão santos desejos e muito mais folgarei de que os ponha em prática. Para isso é necessário ter bem presente que todos os gostos, gozos e afeições da alma nascem sempre da vontade e querer das coisas que se lhe oferecem como boas, convenientes e deleitáveis por lhe parecerem elas gostosas e preciosas; e, segundo isto, se movem os apetites da vontade em relação a elas e as espera, nelas se deleita quando as possui, receia perdê-las e

1. Nós a publicamos conforme a antiga cópia que se encontrava no *Ms. 12.738 BNM.*, p. 745-747. Foi publicada pela primeira vez pelo Padre Jerônimo, em sua *História*, p. 660-664, ainda que com algumas variantes com relação ao texto que apresentamos. Não se conhecem mais cópias deste escrito do Santo *em forma de carta;* sete manuscritos o reproduzem quase por completo e com numerosas variantes, como dois capítulos da *Subida do Monte Carmelo*, a saber: Mss, 2.201 e 13.498 BNM. Carmelitas de Madri, Tardonense-Granadino, Carmelitas Descalças de Pamplona, Universidade de Barcelona, Duruelo-Alcaudete.

sofre vendo-se sem elas; e, assim, segundo as afeições e gozos das coisas, anda a alma perturbada e inquieta.

Portanto, para aniquilar e mortificar estas afeições de gosto acerca de tudo o que não é Deus, deve Vossa Reverência notar que tudo aquilo de que a vontade pode gozar distintamente é o que é suave e deleitável, por lhe parecer isso saboroso; mas nenhuma coisa agradável e suave em que ela possa gozar e deleitar-se é Deus, porque assim como Deus não pode ser apreendido pelas demais potências, tampouco pode ser objeto dos apetites e gostos da vontade, porque assim como nesta vida a alma não pode saborear a Deus essencialmente, assim também toda a suavidade e deleite que experimentar, por sublime que seja, não pode ser Deus; e também porque tudo o que a vontade pode gostar e apetecer distintamente provém do conhecimento adquirido por meio de tal ou tal objeto.

E, assim sendo, como a vontade nunca saboreou a Deus tal como ele é, nem o conhece sob qualquer apreensão de apetite, e, por conseguinte, não sabe como Deus é, não pode saber qual é o seu sabor, nem pode o seu ser, apetite e gosto chegar a saber apetecer a Deus, pois está acima de toda a sua capacidade, logo, claro está que nenhuma coisa distinta, de quantas a vontade pode gozar, é Deus. Por isso, para unir-se a ele se há de esvaziar e desapegar de qualquer afeto desordenado de apetite e gosto de tudo o que distintamente pode gozar, tanto celeste como terreno, temporal ou espiritual, a fim de que purgada e limpa de quaisquer gostos, gozos e apetites desordenados toda ela se empregue em amar a Deus e para ele dirija todos os seus afetos.

Porque se de alguma maneira pode a vontade atingir a Deus e unir-se com ele, não é por qualquer meio apreensivo do apetite e sim pelo amor; e como não é amor o deleite e suavidade, ou qualquer gosto que a vontade possa experimentar, segue-se que nenhum dos sentimentos saborosos pode ser meio adequado para que a vontade se una a Deus, mas unicamente operação

da vontade, pois há grande diferença entre a operação da vontade e o seu sentimento: pela operação une-se com Deus e nele põe o seu termo, o que é amor, e não pelo sentimento e apreensão do seu apetite, que se assenta na alma como fim e remate. Os sentimentos não podem servir de moção para amar, se a vontade quer passar adiante e nada mais. De si os sentimentos são saborosos e não encaminham a alma para Deus, antes, a fazem deter-se neles mesmos, porém, a operação da vontade que é amar a Deus, só nele põe o afeto, gozo, gosto, contentamento e amor da alma, afastadas todas as coisas, e amando-o acima de todas elas.

De onde vem que se alguém se move a amar a Deus não [2] por causa da suavidade que sente, já deixa atrás essa suavidade e põe o amor em Deus, a quem não sente; porque se o pusesse na suavidade e gosto que experimentou, reparando e detendo-se nele, isto seria pô-lo em criatura ou coisa referente a ela, e transformar o motivo em fim e termo. Por conseguinte, a obra da vontade seria viciosa; e sendo Deus inacessível e incompreensível, a vontade não há de pôr a sua operação de amor — para a pôr em Deus — naquilo que o apetite pode tocar e apreender, mas no que não pode compreender nem alcançar por meio dela. E, desta maneira, a vontade fica amando com fundamento e deveras, ao gosto da fé, também em vazio e despreendimento e às escuras de seus sentimentos sobre todos os que ela pode alcançar com o entendimento de suas inteligências, crendo e amando além de tudo quanto pode entender.

E, assim, muito insensato seria aquele que, por lhe faltar a suavidade e deleite espiritual, pensasse que por isso lhe falta Deus, e, quando a tivesse, se regozijasse e deleitasse pensando que por isso possuía a Deus. E mais insensato ainda seria se andasse a buscar esta

2. [no] *Jerônimo e ms. 12.738 o omitem, assim como todos os mss. mencionados na nota nº 1, menos o 2.201 BNM e o dos carmelitas de Madri; deles o adotamos por ser necessário à compreensão.*

suavidade em Deus e se se dispusesse a deleitar-se e a deter-se nela, porque desta maneira já não andaria buscando a Deus com a vontade fundada em desnudez de fé e caridade, mas estaria indo ao encalço do gosto e suavidade espiritual, que é criatura, deixando-se, assim, arrastar pelo seu gosto e apetite. E deste modo, já não estaria amando a Deus puramente, sobre todas as coisas — que consiste em concentrar nele toda a força da vontade — porque apegando-se e apoiando-se àquela criatura com o apetite, não se eleva a vontade por ela até Deus, que é inacessível, já que é coisa impossível que a vontade consiga chegar à suavidade e deleite da divina união, nem chegue a prelibar os doces e deleitosos abraços de Deus, a não ser em desnudez e vazio de apetite em todo o gosto particular, quer se trate de coisas celestes quer das terrenas. Foi o que Davi quis significar (Sl 80,11) quando disse: *"Dilata os tuum, et implebo illud"*.

Convém, pois, saber que o apetite é a boca da vontade, a qual se dilata [3] quando não se embaraça nem se ocupa com qualquer bocado de algum gosto; porque quando o apetite se apega a alguma coisa, nisso mesmo se restringe, pois fora de Deus tudo é estreiteza. E assim, para que a alma acerte no caminho para Deus e se una a ele há de ter a boca da vontade aberta apenas para o mesmo Deus, vazia e desapropriada de todo bocado de apetite, a fim de que ele a encha e replene de seu amor e doçura, conservando essa fome e sede de Deus só, sem querer satisfazer-se com outra coisa, pois aqui na terra não se pode saborear a Deus tal como ele é, e mesmo aquilo que se pode saborear (se interfere o apetite, digo), também o impede. Isso ensinou Isaías (55,1) ao dizer: *"Todos vós que tendes sede, vinde às águas etc."*; por essas palavras convida os que têm sede exclusivamente de Deus e estão desprovidos da prata do apetite, para que bebam à saciedade das águas divinas da união com Deus.

3. [dilata] *assim se encontra em Jerônimo l. c., p. 663; no nosso ms.* dilatou.

Convém, pois, muito a Vossa Reverência, e é de grande importância, se deseja gozar de grande paz na sua alma e chegar à perfeição, entregar-lhe inteiramente a sua vontade para assim se unir a ele e não a empregar nas coisas vis e mesquinhas da terra.

Sua Majestade o faça tão espiritual e santo quanto eu desejo.

De Segóvia, 14 de abril.

FREI JOÃO DA †

[30]

[A MADRE MARIA DE JESUS, PRIORA DE CÓRDOVA]
[Segóvia, 7 de junho de 1589] [1]

Jesus [2] esteja com vossa Reverência e a faça tão santa e pobre de espírito como deseja e alcance-me o mesmo de Sua Majestade.

Aí vai a licença para as quatro noviças; veja que sejam boas para Deus. Agora, quero responder a todas as suas dúvidas. Fá-lo-ei brevemente, porque disponho de pouco tempo. Ventilei-as previamente com os padres daqui, pois o nosso está ausente, anda por aí, Deus o traga. [3]

1. Que já não há disciplina de varinhas, mesmo quando se reza o ofício da féria, porque esse costume cessou com o ofício carmelitano, [4] o que se fazia poucas vezes, ocorrendo, então, raramente a recitação do ofício ferial.

1. O autógrafo se encontra nas carmelitas descalças de Bruxelas. Falta o sobrescrito, porém é quase certo que a dirige a sua boa filha, a priora das carmelitas de Córdova Maria de Jesus, grande apaixonada da pobreza; como depositava muita confiança no Santo e estava à frente da nova comunidade, costumava consultá-lo sobre algumas dúvidas de governo que lhe ocorriam [PADRE SILVÉRIO]. Fotografia: PADRE SILVÉRIO. Examinando pessoalmente o autógrafo em Bruxelas, pudemos corrigir certos pontos que haviam sido interpretados erroneamente e assim continuavam sendo reproduzidos.

2. [Jesus] *no original está coberto com papel.*

3. Refere-se aos padres, membros da Consulta, da qual, naquela ocasião, o Santo era presidente, devido à ausência do Padre Nicolau Dória, Vigário Geral, que se encontrava ocupado na visita canônica da Andaluzia.

4. Em 1586, os carmelitas descalços haviam renunciado ao antigo rito jerosolimitano então em uso na Ordem, adotando o missal e o breviário romanos.

2. Segundo, que de um modo geral não se conceda licença a todas, nem a alguma em particular, para que em lugar de uma ou outra prática se disciplinem três vezes por semana. Seus [6] casos particulares serão aí examinados, como se costuma fazer. Observe-se o comum.

3. Que não se levantem comumente mais cedo do que prescrevem as Constituições. Refiro-me à comunidade como tal.

4. Que as licenças expiram quando cessa o mandato, e por isso, através desta, [6] remeto-lhe nova permissão para que, em caso de necessidade, possam entrar no Convento o confessor, o médico, o barbeiro [7] e operários.

5. O quinto ponto é que, como agora há muitos lugares vagos, quando se fizer necessário o que me refere, pode-se tratar da dúvida da Ir. Aldonza. Recomende-me a ela, e a mim a Deus. Fique-se com ele, que não posso alargar-me mais.

De Segóvia, 7 de junho de 1589.

FREI JOÃO DA †

[31]

[A MADRE LEONOR DE SÃO GABRIEL, CARMELITA DESCALÇA DE CÓRDOVA]
[Segóvia, 8 de julho de 1589] [1]

(Sobrescrito) A Madre Leonor de São Gabriel, Carmelita Descalça em Córdova.

5. [Sus] *eis como está no autógrafo. Até agora imprimiu-se Sim, mudando-se, assim, o sentido da frase.*

6. [Esta] *interl. do próprio Santo.*

7. Naquele tempo os barbeiros faziam também sangrias para debelar a febre, segundo a medicina precária da época (N. do T.).

1. *Ms. 12.738 BNM.* p. 767. A insere o (PADRE JERÓNIMO), *História*, p. 666-667. Leonor de São Gabriel, natural da Cidade Real, havia professado em Malagón, em 1571. Quando a Santa passou por ali, rumo à fundação de Sevilha, levou-a consigo. Jovem franca e muito viva, "um anjo por sua simplicidade", como o disse a Santa numa carta, foi sempre uma excelente

Jesus esteja em sua alma, minha filha em Cristo.

Agradeço-lhe a carta que me mandou e também a Deus por ter querido utilizá-la nessa fundação, pois Sua Majestade assim dispôs para seu maior bem; é que, quanto mais ele deseja dar, tanto mais faz desejar, até deixar-nos vazios para encher-nos de bens. Bem pagos irão os que deixa agora em Sevilha do amor das irmãs, pois que os bens imensos de Deus não cabem nem caem senão em coração vazio e solitário. Por isso a quer o Senhor, porque a quer bem, bem só, com desejo de ser ele a fazer-lhe toda a companhia. E é preciso que Vossa Reverência procure esforçar-se por se contentar só com ela, para que nela encontre todo o seu agrado; pois mesmo que a alma se encontre no céu, se a vontade não se conformar com isso, não estará contente. Assim também nos acontece em relação a Deus: ainda que ele esteja sempre conosco, se temos o coração afeiçoado a outra coisa fora dele, não estaremos contentes.

Estou certo de que as de Sevilha lhe sentirão a falta, mas, porventura, Vossa Reverência já tinha sido útil ali quanto pôde e quererá Deus que o seja agora aí,[2] porque a fundação há de ser de importância. E, assim, procure ajudar muito a Madre Priora em todas as coisas, com grande concórdia e amor, ainda que bem vejo não ser necessário recomendar-lhe, pois como tão antiga e experimentada, já sabe o que se costuma passar nessas fundações. Foi por isso que a escolhemos, porque monjas, havia muitas por aqui, entretanto, não serviriam.

À Irmã Maria da Visitação dê Vossa Reverência muitas recomendações e à Irmã Joana de São Gabriel,

religiosa e conquistou tanto o amor da Mãe fundadora como o de São João da Cruz. Sem dúvida, foi por indicação do Santo, que pouco antes de partir para Córdova havia combinado em Sevilha, que foi subpriora da nova fundação. Realizou-se essa, em uma ermida de Santa Ana, da qual tomaram posse no dia 28 de junho de 1589 [PADRE SILVÉRIO].

2. [ahi] *tanto o Ms. 12.738, como o Pe. Jerônimo, lêem "y". Cremos que o Santo deve ter escrito "ay", segundo costumava; um corte no papel, ou coisa semelhante, terá apagado o "a", ficando apenas o "y" e assim foi transcrita a citada palavra. Mas o contexto está exigindo* "ahí".

agradeça as que me mandou. E que Deus dê o seu espírito a Vossa Reverência.

De Segóvia, 8 de julho de 89.

FREI JOÃO DA †

[32]

[A MADRE MARIA DE JESUS, PRIORA DAS DESCALÇAS DE CÓRDOVA]
[Segóvia, 18 de julho de 1589] [1]

(Sobrescrito) Para a Madre Maria de Jesus, Priora do Convento de Santa Ana de Córdova, de Carmelitas Descalças etc.

Jesus [2] esteja em sua alma.

Obrigadas estão a responder ao Senhor de modo digno do entusiasmo com que foram recebidas, o que constituiu para mim um real consolo, ao ler o relato que me enviaram. O fato de terem entrado em casas tão pobres e com tão excessivo calor, foi disposição de Deus, para que possam ser motivo de alguma edificação e dêem a entender a vida que professam, que é Cristo em total desnudez, a fim de que as que se inclinarem a abraçá-la, saibam de que espírito devem vir animadas.

Aí lhe envio todas as licenças; olhem bem o que recebem no princípio, porque conforme isso será o demais. E tratem de conservar o espírito de pobreza e desprezo de tudo — a não ser assim, podem estar certas de que hão de cair em mil necessidades espirituais e temporais — e contentem-se apenas com Deus. Saibam que não terão nem sentirão mais necessidades senão aquelas a que quiserem sujeitar o coração, porque o [3] pobre de espí-

1. Autógrafo nas descalças de Córdova. Fotografia: GERARDO, p. 58-61. O sobrescrito é do *Ms. 12.738 BNM*, p. 761.
2. [Jesús] *esta palavra desapareceu por estar danificada a parte superior do autógrafo.*
3. [el] *corr. de* al.

rito sente-se mais contente e alegre na penúria, uma vez que colocou o seu tudo em pouca coisa, e mesmo em [4] nada e, assim, encontra em tudo grande dilatação de coração. Ditoso nada e ditoso esconderijo do coração que tanto valor possuem, a ponto de tudo sujeitar, não querendo sujeitar coisa alguma para si e perdendo cuidados para poder abrasar-se mais em amor.

Saúde no Senhor a todas as irmãs em meu nome e diga-lhes que, visto Nosso Senhor as ter escolhido como primeiras [5] pedras, que olhem bem quais [6] devem ser, pois, como em mais fortes, nelas se hão de apoiar as outras; que se aproveitem deste primeiro espírito que Deus concede nestes princípios, para enveredar com novo ardor pelo caminho da perfeição, em toda humildade e desprendimento, tanto interior como exterior, não com ânimo pueril mas com vontade inquebrantável; continuem a se exercitar na mortificação e na penitência, querendo que este Cristo lhes custe algo e não sendo como os que buscam sua comodidade e consolo, seja em Deus ou fora dele; e sim o padecer, quer em Deus ou fora dele, por ele, em silêncio, esperança e amorosa lembrança. Diga isso a Gabriela e [7] às suas de Málaga, que para as outras escreverei. E que Deus lhe dê o seu espírito. Amém.

De Segóvia, 18 de julho de 1589.

FREI JOÃO DA †

O Pe. Frei Antônio e os outros padres se recomendam. Apresente Vossa Reverência minhas saudações ao Pe. Prior de Guadalcázar.

4. [en] e *corr. sobre* y.
5. [primeras] pri *interl.*
6. [cuales] *is falta, atualmente, por ruptura do papel à margem.*
7. [y] *corr. de* a.

[33]

[A MADRE MADALENA DO ESPÍRITO SANTO, CARMELITA DESCALÇA EM CÓRDOVA]
[Segóvia, 28 de julho de 1589] [1]

Jesus esteja em sua alma, minha filha em Cristo.

Alegrei-me por ver as boas disposições reveladas por sua carta. Louvo a Deus, cuja providência se estende a todas as coisas, pois isso lhes será bem necessário nestes princípios de fundações, para suportar calores, privações, pobrezas e trabalhos de todos os gêneros, sem considerar se dói ou não dói. Olhe que nestes princípios Deus quer almas, não indolentes, nem cheias de melindres e muito menos egoístas. E para isso, Sua Majestade ajuda ainda mais nestes tempos, de modo que, com um pouco de esforço, podem ir fazendo progressos consideráveis no caminho da virtude. Já foi uma assinalada graça e favor de Deus o haver deixado outras e tê-la escolhido. E ainda que lhe tenha custado muito o que deixa, não importa, já que, de um modo ou de outro, tudo isso haveria de deixar em breve. E para ter a Deus em tudo, convém não ter nada em tudo, pois se o coração é de um, como há de pertencer todo a outro?

À Irmã Joana digo o mesmo e que me recomende a Deus. E que ele esteja na sua alma. Amém.

De Segóvia, 28 de julho de 1589.

FREI JOÃO DA †

1. Publicada segundo a cópia autógrafa da própria destinatária, que se conserva no Ms. 12.944 (132) BNM, fol. 16v-17. Ao final dela se lê esta nota de Madre Madalena: "Ainda que o venerável Pai tenha escrito outras muitas cartas e conselhos às irmãs deste convento, não se pensou em conservá-los, como era justo fazê-lo".

[34]

[AO PE. NICOLAU DE JESUS MARIA (DÓRIA), VIGÁRIO-GERAL DOS CARMELITAS DESCALÇOS] [Segóvia, 21 de setembro de 1589] [1]

Jesus e Maria estejam com Vossa Reverência.

Muito nos alegramos de que V. Reverência tivesse chegado bem e que por aí esteja tudo tão bem, assim como o Sr. Núncio. Espero que Deus há de olhar pela sua família. Por aqui os pobres passam bem e em boa harmonia. Procurarei despachar logo o que Vossa Reverência ordenou, embora até o presente não tenham chegado os interessados.

1. Ms. 12.738 BNM, p. 759, onde se encontra a seguinte nota: "Esta carta foi copiada com fidelidade pelo Padre Frei Antônio da Mãe de Deus, conventual de Burgos, em Valladolid; tirou-a de uma carta que ali se encontrava, escrita por nosso Pai Frei João da Cruz". Para a boa compreensão desta carta, assim como das outras que se seguem, é conveniente saber que, em 19 de abril de 1587, o Santo terminou o seu ofício de vigário provincial da Andaluzia e o elegeram novamente prior de Granada. A 17 de junho de 1588, domingo dentro da oitava de Corpus Christi, o Padre Provincial Frei Nicolau Dória convocou em Madri um novo capítulo para executar o Breve de Sisto V, que ordenava a divisão da Descalcez em províncias, presididas pelos respectivos provinciais e que tivessem, além disso, um vigário-geral que as governasse através da assistência e conselho de uma espécie de junta suprema, que se denominou Consulta, constituída por seis conselheiros. Foi eleito vigário-geral o Padre Nicolau de Jesus Maria e os seis conselheiros na seguinte ordem: João da Cruz, Antônio de Jesus, Ambrósio Mariano de São Bento, João Batista (o andaluz), Luís de S. Jerônimo e Bartolomeu de Jesus. No princípio, os conselheiros continuaram a desempenhar os cargos de que já estavam investidos, ficando, assim, o Santo no priorado de Granada; porém, vendo-se logo que o Vigário-Geral tinha permanente necessidade da companhia deles para a solução dos negócios que ocorriam e eram levados à Consulta, ficou decidido que renunciassem aos seus priorados, determinação essa que logo entrou em vigor. De início, fixou-se em Madri a sede da Consulta, e estabeleceu-se que não haveria prior na casa, pois nunca faltaria ali um superior geral que lhe fizesse as vezes; bastaria, apenas, o subprior para o governo das coisas menores. Porém o bulício da corte não favorecia a solidão e o retiro requeridos para a solução dos negócios. Por isso, um mês e meio depois de estabelecida a Consulta em Madri, transferiu-se para Segóvia, seguindo-se uma sugestão apresentada pelo Santo. Este convento era bastante retirado e não ficava longe da Corte, para quando se oferecesse um caso em que fosse necessário recorrer a ela. Apesar do que ficou estabelecido, o Padre Mariano, por necessidades especiais, continuava sendo prior do convento de Madri. A 10 de agosto de 1588, a Consulta já estava instalada em Segóvia. No dia 16 de setembro, o Padre Nicolau saiu de Segóvia para visitar algumas províncias da Descalcez, de modo que o Santo, na qualidade de primeiro definidor, ficou como presidente do Definitório, da Consulta, e também superior da casa [PADRE SILVÉRIO].

Sobre a questão de receber em Gênova [2] sem o curso de gramática, dizem os padres que pouco importa não sabê-la desde que entendam o latim com a suficiência ordenada pelo Concílio, de maneira que sejam capazes de construir bem; e que se só com isso se ordenam lá, parece que poderão ser recebidos. Entretanto se os ordinários de lá não se satisfazem só com isso, e acham que não é suficiente para cumprir a determinação do Concílio, então seria difícil virem aqui estudar e ordenar-se. E, na verdade, não desejariam que passassem por aqui muitos italianos.

Como V. Reverência disse, as cartas irão para o Pe. Frei Nicolau, a quem Nosso Senhor nos guarde, como vê que é preciso.

De Segóvia, 21 de setembro de 89.

FREI JOÃO DA †

[35]

[A DONA JOANA DE PEDRAZA, EM GRANADA]
[Segóvia, 12 de outubro de 1589] [1]

(Sobrescrito) À dona Joana de Pedraza, em casa do Arcediago de Granada, em frente do Colégio dos Abades.

Jesus esteja em sua alma e seja ele louvado por ma ter dado para que não me esqueça dos pobres como de uma sombra, segundo me escreveu; ficaria muito triste se seu pensamento correspondesse às suas palavras! Muito mal seria se isso acontecesse, depois de haver dado tantas provas, e mesmo quando menos o

2. Em 1584 o Padre Dória havia fundado em Gênova o primeiro convento de carmelitas descalços da Itália, e tendo saído de Segóvia para a visita aos conventos da Reforma, como vigário-geral, provavelmente, de Madri, propôs à Consulta uma série de dúvidas que se ofereciam no momento, acerca da admissão de alguns jovens italianos ao hábito da Ordem [PADRE SILVÉRIO].

1. O autógrafo é venerado nas carmelitas de Valladolid. Fotografia: GERARDO, p. 66-71. Deixamos entre colchetes umas palavras escritas por outra mão e coladas.

mereço. Não me faltava mais nada agora, senão esquecê-la. Considere bem e veja se se pode esquecer de quem está assim na alma.

Como anda nessas trevas e vazios [2] de pobreza espiritual, pensa que tudo e todos lhe faltam, mas não é de admirar, pois nesse estado, lhe parece que até [Deus lhe falta, entretanto, não é assim, nada lhe falta nem] tem necessidade de tratar de nada, nem tem de que nem o sabe nem o achará, porque tudo é suspeita sem fundamento. Quem não quer outra coisa senão a Deus, não anda nas trevas, por mais escuro e pobre que se veja; e quem não anda em presunções, nem em gostos próprios, de Deus ou das criaturas, nem faz a própria vontade, seja no que for, não tem em que tropeçar, nem de que tratar. Tenha ânimo, que tudo vai bem; deixe-se disso e alegre-se; quem imagina ser, para ter cuidado de sua pessoa? Que bela figura faria!

Nunca esteve melhor do que agora, porque nunca esteve tão humilde, nem tão submissa, nem com opinião menos lisonjeira a seu respeito, nem com menor estima pelas coisas do mundo; antes não se conhecia por tão má nem a Deus por tão bom, nem o servia tão pura e desinteressadamente como agora o faz; já não vai atrás das imperfeições e interesses da sua vontade, como, talvez, costumava.

Que mais quer? Que vida ou modo de proceder idealiza neste mundo? Que pensa que seja servir a Deus, senão abster-se do mal, observando seus mandamentos e trilhando os seus caminhos como pudermos? E, quando isso se faz, que necessidade temos de outras apreensões ou de outras luzes ou sucos, lá de cima ou daqui de baixo, nos quais não faltam, ordinariamente, tropeços ou perigos para a alma que se engana e deslumbra com essas apreensões e apetites, [induzida ao erro por suas mesmas potências? E], assim, é grande mercê quando Deus as obscurece e empobrece a alma a ponto de não poder errar com elas. E já que deste modo não

2. [vacios] *segue-se uma letra* "q".

se cai em erro, que há ainda para acertar? É só seguir pelo chão batido da lei de Deus e da Igreja, vivendo apenas em fé obscura e verdadeira,[3] em esperança certa e em caridade inquebrantável, andando por aqui como peregrinos, pobres, desterrados, órfãos, em aridez, sem caminho e sem nada, esperando tudo do céu!

Alegre-se e confie em Deus que já lhe deu várias provas de que muito bem o pode e deve fazer. Senão, não será de admirar que se desgoste, vendo-a andar tão tola, quando ele a conduz pelo caminho que mais lhe convém, tendo-a colocado em posto tão seguro. Nada queira, a não ser este modo, e procure pacificar a alma, que vai bem, e comungue como de costume. Confesse-se quando houver coisa clara e nada de consultas. Quando for necessário, escreva-me; escreva logo e com mais freqüência. Poderá fazê-lo por intermédio de Dona Ana, quando não for possível mandar pelas monjas.

Estive um tanto indisposto, mas já sarei; João Evangelista é que está mal.[4] Encomende-o a Deus e a mim também, minha filha no Senhor.

De Segóvia, 12 de outubro de 1589.

FREI JOÃO DA †

[36]

[A UMA CARMELITA DESCALÇA]
[Segóvia, entre 1588 e 1590]
(referência)

"[Carta] 17.ª Para outra carmelita descalça, na qual informa a respeito de dois decretos ou determinações da Junta ou Definitório, *que, no provincialado de nosso venerável Dória, costumava se reunir na Religião. É*

3. [y verdadera] *interl.*
4. Refere-se à Dona Ana de Peñalosa (veja-se carta 52, 53 e 59) e ao Padre Frei João Evangelista (veja-se carta 62).

muito provável que a religiosa em questão fosse prelada de algum convento. O original se encontra no Colégio de Ávila *e para sua impressão deve-se ver sua Diligência" (André da Encarnação, Escritos colocados em ordem de impressão, de nosso Santo Pai*: Ms. 3.653 BNM, Preliminar 4, f. 6[r]).

[37]

[A ISABEL DA ENCARNAÇÃO, CARMELITA DESCALÇA EM GRANADA]
[Segóvia, 1588–1590]
(referência)

"E, em outra ocasião, com o grande interesse que tinha pela minha perfeição e aproveitamento, de que sempre esteve animado durante sua vida, estando ausente, em Segóvia, escreveu-me uma carta para Granada, *na qual me anunciou um grande sofrimento que me adviria e que realmente aconteceu no tempo indicado pelo Santo".*

(Declaração autógrafa da Madre Isabel, carmelitas descalças de Jaén. f. [2][v]).

[38]

[A MARIA DO NASCIMENTO, EM MADRI]
[Provavelmente de Segóvia, por volta de 1590]
(referência)

"À Madre Maria do Nascimento, que foi priora em Madri, escreveu outra carta *da qual ela muito se admirou, por ver como respondia às dúvidas que se lhe passavam no interior, estando ele a tantas léguas de distância.* De algumas palavras em me recordo, pelas quais lhe ensinava:

— A buscar o tesouro escondido no campo, ainda que lhe parecesse que não o encontraria, pois se o achasse,

ele já não seria escondido, e, por conseguinte, não seria tesouro" (Declaração de outra descalça: *Ms. 12738 BNM, p. 1005).*

[39]

[A JOÃO DE SANTA ANA, EM ANDALUZIA]
[Segóvia, 1590] [1]
(fragmento)

"Tendo um de seus filhos tido notícia do rigor de sua penitência, escreveu-lhe por este tempo, da Andaluzia para Segóvia, suplicando-lhe que a moderasse e não acabasse de esgotar suas forças, pedindo-lhe isso pelo amor de Deus. O Santo Pai lhe respondeu humilhando-se e depreciando o que fazia, dizendo que tudo aquilo era nada; repreendeu-o amorosamente, animando-o a seguir a vida penitente. E concluiu a carta do seguinte modo:

...Se em algum tempo, meu filho, alguém quiser persuadi-lo — seja ele prelado ou não — a seguir alguma doutrina de liberdades e facilidades, não lhe dê crédito nem a abrace ainda que ele a confirme com milagres. Dê, antes, preferência à penitência e ao maior desapego de todas as coisas; e não busque a Cristo sem cruz" (ALONSO, *Vida* f. 156[v]).

[40]

[A UMA PRIORA CARMELITA DESCALÇA QUE PADECIA DE ESCRÚPULOS]
[Sem mencionar o lugar nem a data. Pouco antes de Pentecostes] [1]

Jesus Maria.

Nestes dias mantenha o interior ocupado em desejos da vinda do Espírito Santo e na festa de Pentecostes, e

1. O PADRE JERÔNIMO *(História,* p. 676) também a transcreve, com diversas variantes.

1. Em razoável estado de conservação este autógrafo é venerado nas carmelitas descalças de São José e Santa Ana de Madri. É provável que a

depois em sua contínua presença; e seja tanta a diligência e o apreço com que deve tratar disso, que não se ocupe de outra coisa, nem nela se detenha, quer sejam penas [2] ou lembranças importunas; em todos esses dias, ainda que haja faltas em casa, não as considere, por amor ao Espírito Santo e pelo que se deve à paz e quietação da alma em que lhe apraz habitar.

Se pudesse acabar com seus escrúpulos e não se confessar nestes dias, creio que seria melhor para a sua tranqüilidade, mas se o fizer, seja da seguinte maneira:

Acerca das advertências e pensamentos, quer seja de juízos, de objetos ou representações desordenadas e outros quaisquer movimentos que se apresentem, sem que a alma os queira ou admita e sem querer deter-se advertidamente neles, não os confesse, nem faça caso deles, nem lhes dê atenção, pois o melhor é esquecê-los, por mais que sofra a alma; quando muito, pode acusar de uma maneira geral a omissão ou incúria que, porventura, tenha tido acerca da pureza e da perfeição que deve ter nas potências interiores, memória, entendimento e vontade.

Acerca das palavras, o excesso e pouco recato em que, talvez, possa ter incorrido em falar com verdade e retidão, necessidade e pureza de intenção.

Acerca das obras, a falta que pode haver do reto e solitário fim, sem respeito algum, que é só Deus.

E, confessando-se deste modo, pode ficar satisfeita, sem descer a detalhes ou particularidades nestas coisas, por mais que se sinta aguilhoada por elas. Comungue em Pentecostes, além [3] dos dias habituais.

Quando se lhe oferecer algum contratempo ou desgosto, lembre-se de Cristo crucificado e cale-se.

destinatária tenha sido uma religiosa dessa comunidade, estabelecida em Madri desde 1586 e cuja existência começou com filhas espirituais do Santo. Contra o seu costume não menciona o lugar de onde escreveu nem a data. Talvez tenha sido escrita na própria Corte, numa das várias viagens que empreendeu no período compreendido entre 1589 a 1591. Escreveu alguns dias antes de Pentecostes (PADRE SILVÉRIO). Fotografia: GERARDO, p. 74-77.

2. [pena] p. *corr.*

3. [demás] *precedido de "eso", riscado pelo próprio Santo.*

Viva em fé e esperança, ainda que seja às escuras, que nestas trevas Deus ampara a alma. Lance seus cuidados em Deus, que ele a ajudará; não a esquecerá. Não pense que a deixa só, pois isso seria fazer-lhe agravo.

Leia, reze, alegre-se em Deus, seu bem e salvação, o qual lhe conceda e conserve tudo até o dia da eternidade. Amém, Amém.

FREI JOÃO DA †

[41]

[A UMA SUA DIRIGIDA]
[Sem fazer menção do lugar nem da data] [1]

Filha, você viu como é bom não ter dinheiro que nos furtem e com que nos inquietem, e que os tesouros da alma estejam igualmente escondidos e em paz, de modo que nem nós mesmos os conheçamos, nem os alcancemos com a vista, porque não há pior ladrão que o de dentro de casa.

Deus nos livre de nós mesmos. Ele nos dê o que lhe agradar e nunca no-lo mostre até que ele queira. Porque, enfim, aquele que entesoura por amor, para outrem o faz, e é bom que Deus o guarde e o goze, pois tudo é para ele; e nós não devemos querer vê-lo com os olhos nem gozar dele, para não defraudar a Deus do gosto que experimenta na humildade e desnudez do nosso coração e desprezo das coisas do século por ele.

É tesouro bem patente e mui deleitável ver que a alma anda a dar-lhe gosto às claras, não fazendo caso dos insensatos do mundo que não sabem guardar nada para depois.

As missas serão celebradas e eu irei de bom grado, se não me avisarem. Deus a guarde.

FREI JOÃO DA †

1. Esta carta foi tirada do *Ms. Tardonense-Granadino*, p. 35-36. Fotografia: SOBRINO, p. 53-55. Outra cópia no Ms. 639 da Abadia de Montserrat, fol. 5; e um extrato no Ms. 567 da B.N. do México, fol. 43v.

[42]

[A BRÍGIDA DA ASSUNÇÃO, CARMELITA DESCALÇA]
[Sem mencionar o lugar nem a data]
(referência)

"*A uma nossa religiosa descalça do Carmo, que se chamava Brígida da Assunção,* escreveu uma carta, dando certas orientações necessárias ao aproveitamento de sua alma. *Conservou ela por muito tempo esta carta, e, de vez em quando, a relia, para afervorar seu espírito no amor e serviço de Deus; já estava tão apagada que, com o tempo, lhe foram faltando alguns trechozinhos e letras, de modo que não se conseguiu mais lê-la. Perguntando-lhe se conseguia ler algo do que ali estava escrito, ela respondeu que todos os conselhos que eram de importância para a sua alma se conservaram intatos, ao passo que os trechos que não apresentavam tão grande interesse se haviam gasto e apagado, tornando-se ilegíveis*" (Pe. JOSÉ DE VELASCO: *Vida e virtudes do venerável varão Francisco de Yepes*, Valladolid, 1616, p. 102).

[43]

[A DONA ANA DEL MERCADO E PEÑALOSA, EM GRANADA]
[Caravaca, sem mencionar a data]
(referência)

"*Declara esta testemunha que, certa vez, o Santo Pai escreveu daqui* umas cartas a Dona Ana de Peñalosa, *as quais teve oportunidade de ver, pois lhe foram entregues para que as fechasse. Nessas cartas tratava de alguns negócios e de outros assuntos referentes à alma dessa senhora, consolando-a. Mais tarde, chegou um mensageiro de Granada, onde Dona Ana se encontrava, trazendo algumas cartas desta para o Santo. Como se*

já as houvesse lido, o Santo tinha respondido de antemão, nas primeiras, a tudo quanto ela lhe perguntava. Esta testemunha dá fé do citado fato, pois leu tanto umas como outras. Como esta testemunha se pusesse a rir por ver como havia respondido às cartas antes de recebê-las, ele lhe disse: "De que se ri, sua boba? Não foi melhor ter eu escrito aquelas cartas à noite, quando podia dormir, e agora empregar o tempo a discorrer sobre coisas de Deus?" [Declaração de Ana de Santo Alberto: Ms. 12.738 BNM, p. 567].

[44]

[A MADRE MARIA DE JESUS, PRIORA DAS DESCALÇAS DE CÓRDOVA]
[Madri, 20 de junho de 1590] [1]

Jesus esteja em sua alma, minha filha em Cristo.

A causa de não ter escrito durante todo esse tempo de que fala, é, antes, porque Segóvia está tão fora de mão, do que por falta de vontade, pois esta é sempre a mesma e espero em Deus que assim o [2] será. Compadeci-me de seus males.

Não queria que tivesse tanto cuidado a respeito das precisões temporais dessa casa, pois assim Deus se irá esquecendo dela e ver-se-ão em muita necessidade temporal e espiritual, porque o que nos faz necessitados é a nossa solicitude. *Minha filha, lance em Deus os seus cuidados e ele a sustentará* (Sl 54,23); pois aquele que dá e quer dar o mais, não há de faltar no menos. Cuide que não lhe falte o desejo de que lhe faltem as coisas e de ser pobre, porque senão, nessa mesma hora lhe faltaria o espírito e iria afrouxando nas virtudes. E, se antes desejava a pobreza, agora que é prelada, há de desejá-la e amá-la muito mais ainda; porque mais há

1. Autógrafo das descalças de Córdova. Fotografia: GERARDO, p. 62-65, e SILVÉRIO.
2. [lo] *corr. de* la.

de governar e prover a casa com virtudes e ardentes desejos do céu do que com cuidados e expedientes do temporal e terreno. O Senhor nos diz (Mt 6,25.31-34) que *não nos lembremos nem da comida nem do vestido do dia de amanhã.*

O que deve fazer é procurar conservar [3] a sua alma e a das suas monjas em toda a perfeição e religião, unidas com Deus, esquecidas de toda a criatura e de tudo quanto diz respeito a elas, abismadas em Deus e alegres com ele só, e eu lhe asseguro tudo o mais. Pensar, portanto, que as outras casas lhe darão ainda alguma coisa, estando num lugar tão bom como esse e recebendo tão boas monjas, parece-me difícil. Entretanto, se vir que há uma oportunidade para isso, não deixarei de fazer o que puder.

À Madre Subpriora desejo muito consolo. Espero que o Senhor lho concederá, se ela se animar a levar com amor, por ele, a sua peregrinação e desterro. Aqui lhe escrevo. Às filhas Madalena, São Gabriel, Maria de São Paulo, Maria da Visitação, São Francisco e a todas as outras, muitas recomendações minhas em nosso Bem. [4] Esteja ele sempre com o seu espírito, minha filha. Amém.

De Madri, 20 de junho de 1590.

FREI JOÃO DA †

Breve voltarei a Segóvia, ao [5] que me parece.

[45]

[A LEONOR DE SÃO GABRIEL, CARMELITA DESCALÇA EM CÓRDOVA]
[Madri, julho de 1590] [1]

(Sobrescrito) A Madre Leonor de São Gabriel, Subpriora das Carmelitas Descalças de Córdova.

Jesus esteja em sua alma, minha filha em Cristo.

3. [procurar traer] *antes o Santo escreveu* "traer pro" *que riscou, deixando em seguida* "procurar traer".
4. [Bien] *o* n *corr.*
5. [a] *corr.*
1. O autógrafo é conservado nas descalças de Sanlúcar a Maior, juntamente com uma carta da Santa. Para acomodá-las no relicário de forma

Ao ler sua carta, fiquei penalizado pelo sofrimento de que me fala e lastimo que assim seja, pelo dano que dele lhe pode advir ao espírito e até à saúde. Saiba, entretanto, que não me parece haver razão para isso porque não vejo nosso Pai com nenhum gênero de aborrecimento a seu respeito, nem mesmo sombra de tal coisa; e ainda que haja tido, com o seu arrependimento já se terá abrandado; se, todavia, houver ainda algo, eu terei o cuidado de dispô-lo favoravelmente. Nenhuma pena lhe cause isso, nem faça caso, pois não há motivo para tanto. E, assim, tenho por certo que esse pensamento é tentação do demônio, para que se ocupe nele, em vez de se ocupar em Deus. Tenha ânimo, minha filha, e dê-se muito à oração, esquecendo-se disso e de tudo o mais, que afinal não possuímos outro bem, nem arrimo, nem consolo, senão este; depois de havermos abandonado tudo por Deus, é justo que não procuremos arrimo nem consolo em coisa alguma, a não ser somente nele. E ainda que seja grande meu...[2] no-lo ter, porque nos qu... com ele e não se lhe dê nada q... da alma tudo se lhe bu... só e pensando ela que... Sua Majestade estará sa... como não estejamos em desgr... por... que seja não é... o farei...

De Madri, julho...

oval em que foram colocadas, recortaram as bordas do papel, ficando elas muito incompletas [PADRE SILVÉRIO]. Na Abadia de Montserrat (Ms. 639, fol. 90) conserva-se uma cópia tirada quando o autógrafo se encontrava em melhor estado, mediante a qual se pôde completar o texto; entretanto, para não complicá-lo sem necessidade, dispensamo-nos de assinalar graficamente, já que os casos são tão numerosos. Fixamos o ano de 1590, porque, como esta carta foi escrita no mês de julho, não parece provável ter sido em 1589, como a anterior, ocasião em que a Madre Leonor acabava de chegar a Córdova; nem é tampouco verossímel que seja de 1591, quando já São João da Cruz havia perdido o prestígio e a autoridade junto ao Padre Dória, o que reconhece a Madre Leonor, como se infere do texto.

2. Deste ponto em diante nem a cópia de Montserrat pôde conseguir mais dados do que os que o autógrafo oferece atualmente: "máximo conteúdo legível".

[46]

[A MADRE ANA DE JESUS, EM SEGÓVIA]
[Madri, 6 de julho de 1591] [1]

(Sobrescrito) A Madre Ana de Jesus, carmelita descalça em Segóvia.

Jesus esteja em sua alma.

Agradeço-lhe muito o haver-me escrito, e com isso fico-lhe ainda mais grato do que era. O fato de que as coisas não tenham sucedido segundo desejava, deve ser antes motivo de consolo e de render muitas graças a Deus, pois havendo Sua Majestade disposto desse modo, é o que mais convém a todos nós. Só resta abraçarmos tudo com a vontade, para que, assim como é verdade, assim também no-lo pareça; porque as coisas que não dão gosto, por boas e convenientes que sejam, parecem más e adversas e esta vê-se bem que não o é, nem para mim, nem para ninguém: para mim é muito favorável, porquanto com a liberdade e desencargo de almas, caso deseje, posso, mediante o favor divino, gozar da paz, da solidão e do delicioso fruto do esquecimento próprio e de todas as coisas; para os outros também é vantajoso que eu fique de lado, pois assim se livrarão das faltas em que incorreriam levados por minha miséria.

1. Quando o Santo, como membro da Consulta, fixou residência em Segóvia e se tornou confessor das descalças, foi a Madre Ana de Jesus uma das mais afeiçoadas à sua direção e das que mais se aproveitaram dela. O entranhado e santo afeto que votava ao Doutor Místico manifesta-se através da réplica (maravilhosa sobre toda ponderação e que patenteia o que grau de desprendimento espiritual havia chegado) dirigida à missiva de sua boa filha espiritual. Que delicadeza e profundidade de sentimento tinham essas boas filhas de São João da Cruz, e quanto aliviaram-lhe os sofrimentos, assim como os do Padre Graciano, nos últimos anos destes dois beneméritos primitivos da Descalcez. Refere-se ao seguinte acontecimento: a 6 de junho de 1591, convocou-se o Capítulo geral da Reforma na Corte da Espanha; e quando as monjas de Segóvia, como quase todas as descalças, julgavam que o Santo seria confirmado no cargo que vinha exercendo, ou designar-lhe-iam um outro de muita projeção, saiu do Capítulo sem cargo algum. Sobre este assunto o Doutor Místico responde à presente carta da Madre Ana de Jesus e a outras muitas que então recebeu [PADRE SILVÉRIO]. O Padre Silvério afirma que o autógrafo se conservava nas carmelitas descalças de Corpus Christi, de Alcalá. Na guerra de de 1936, desapareceu, sem que disponhamos de fotocópia alguma que nos haja transmitido tal autógrafo sanjuanista — se de fato o era. Seguimos a cópia do Ms. 12.738 BNM, p. 756 e, para o sobrescrito, a outra, existente no mesmo Ms. p. 742.

O que lhe peço, filha, é que suplique ao Senhor que de todas as maneiras me leve adiante esta mercê, pois ainda receio que me mandem ir a Segóvia e não me deixem de todo livre, embora faça eu todo o possível por livrar-me também disto. Mas, se não puder ser, tampouco se terá livrado a Madre Ana de Jesus das minhas mãos, como pensa, e por isso não morrerá com essa mágoa de que acabou, segundo imagina, a oportunidade de ser muito santa. Porém, agora, quer eu me vá, quer fique, onde e como for, não a esquecerei nem abandonarei o seu interesse porque deveras desejo o seu bem para sempre.

Agora, enquanto aguardamos que Deus nos dê no céu esse bem, entretenha-se exercitando as virtudes de mortificação e paciência, desejando, de algum modo, tornar-se semelhante, no padecer, a este nosso grande Deus humilhado e crucificado, pois que esta vida não é boa se não for para o imitar.

Sua Majestade a conserve e a faça crescer no seu amor, como a santa amada sua. Amém.

De Madri, 6 de julho de 1591.

FREI JOÃO DA †

[47]

[A MADRE MARIA DA ENCARNAÇÃO, PRIORA DAS DESCALÇAS EM SEGÓVIA]
[Madri, 6 de julho de 1591]

"Outro tanto respondeu à priora Maria da Encarnação, que lhe havia escrito com o mesmo desalento, a quem, entre outras coisas, disse estas palavras:

...Quanto ao que me diz respeito, filha, não fique penalizada porque a mim nenhuma pena dá. Com o que me entristeço, e muito, é que se lance a culpa em quem não a tem; pois estas coisas não são dispostas pelos homens e sim por Deus, que sabe o que nos convém e

as ordena para o nosso bem. Não pense outra coisa senão que tudo é ordenado por Deus. E onde não há amor, ponha amor e colherá amor".

(JERÔNIMO, *História*, p. [701-702])

[47 bis] *

[A MADRE MARIA DA ENCARNAÇÃO, PRIORA DAS DESCALÇAS EM SEGÓVIA]
[Segóvia, meados de julho de 1591]

(Sobrescrito) A Me. Priora.

Jesus esteja em sua alma, minha filha em Cristo.

Agradeço-lhe o mandar-me chamar, determinada e claramente, porque assim minha hesitação já não me deterá; fica, pois, certo que irei amanhã, ainda que o tempo não esteja lá tão favorável, nem eu passando muito bem. Por isso, não me alargo mais; digo-lhe, apenas, que me compadeço das enfermas e estou satisfeito por ver o ânimo varonil de Vossa Reverência a quem Nosso Senhor faça habitar nele, a fim de que não se impressione com as tolices que sempre surgem.

FREI JOÃO DA †

[48]

[A JOÃO DE SANTA ANA, CARMELITA DESCALÇO, EM GRANADA]
[La Peñuela, agosto de 1591]
(referência)

"No que escreve *ao Pe. Frei João de Santa Ana, que estava em Granada, falando-lhe desta preparação da provisão para a tal embarcação, revela-lhe:*

* O autógrafo desta carta se conserva com as carmelitas descalças de Antignano-Livorno (Itália). Deu-o a conhecer, publicando pela primeira vez seu texto com fotocópia do mesmo, o Pe. Tomás da Cruz (Álvarez), num artigo que apareceu na revista *Ephemerides Carmeliticae* de Roma, fascículo 2, do ano de 1973.
— Trata-se de uma nova carta de S. João da Cruz, acrescentada como suplemento à edição *Obras completas de São João da Cruz*, pelo Pe. Simeão da Sagrada Família, 2.ª edição, Burgos, "O Monte Carmelo", 1972.

— quão ricas Índias é o céu e quão grandes e certos seus tesouros;

aconselha-lhe:

— cesse de tratar de passar a outras Índias que não estas;

mostra-lhe:

— o consolo que era para ele ver-se sem ofício" (ALONSO, *Vida*, f. 165r).

[49]

[A VÁRIOS RELIGIOSOS CARMELITAS DESCALÇOS DE GRANADA]
[La Peñuela, agosto de 1591]
(referência)

"*Daqui* o servo do Senhor respondeu a algumas cartas que lhe enviaram certos religiosos *da província de Granada, que havia recebido em Madri, nas quais eles se ofereciam para acompanhá-lo na jornada das Índias. Disse-lhes:*

— Como hão de ver, ele não irá para as Índias.

E depois de lhes haver agradecido aquela resolução e a caridade que tiveram para com ele, acrescenta:

— ter vindo aqui a Peñuela a fim de preparar a provisão para as Índias do céu e que nisso pensava ocupar-se até findar ali os poucos dias que lhe restavam de vida" (ALONSO, *Vida*, fs. 164v-165r).

[50] – [51]

[AO PADRE ANTÔNIO DE JESUS, PROVINCIAL DE ANDALUZIA]
[La Peñuela, pelos meados de agosto de 1591]
(referência)

"*Estando eu em Vélez Málaga, cuidando daquela casa, sendo provincial o Pe. Frei Antônio de Jesus, disse-me*

ele: Ainda não lhe contei como o Padre João da Cruz veio para esta província e encontra-se na Peñuela; escreveu-me ele o seguinte:

— Padre, vim para ser súdito de Vossa Reverência. Vossa Reverência veja o que deseja que eu faça e onde tenho de ir.

Então, perguntei ao provincial Pe. Frei Antônio: Que lhe mandou dizer Vossa Reverência? Respondeu-me: Mandei-lhe dizer que visse e escolhesse a casa e a província que mais lhe agradasse e que fosse para lá. Ao que ele respondeu:

— Padre, eu não vim para fazer minha vontade nem para escolher casa. Vossa Reverência veja aonde deseja que eu vá e para lá irei".

(Declaração autógrafa de ALONSO DE SANTO ALBERTO: *Ms 12.738 BNM*, p. [850]).

[52]

[A DONA ANA DEL MERCADO Y PEÑALOSA]
[La Peñuela, meados de agosto de 1591]
(referência)

"*Embora* tenha escrito *via Baeza, dando notícias de minha viagem... Ali lhe dizia como:*

desejaria ficar neste deserto de La Peñuela, situado a seis léguas aquém de Baeza...

Já disse em minha outra carta que:

— pode escrever-me via Baeza, porque há correio. É só encaminhar as cartas para os padres descalços de lá, pois já os avisei que me enviem".

(Carta do Santo à mesma destinatária; nº 53 da nossa edição).

[53]

[A DONA ANA DEL MERCADO Y PEÑALOSA]
[La Peñuela, 19 de agosto de 1591] [1]

Embora tenha escrito via Baeza, dando notícias da minha viagem, fiquei contente com a passagem desses dois criados do Sr. D. Francisco, para escrever estas linhas que irão com mais segurança.

Dizia-lhe, ali, como desejaria ficar neste deserto de La Peñuela, a seis léguas aquém de Baeza, aonde cheguei, haverá nove dias. Acho-me muito bem, glória ao Senhor, e estou bom; porque a amplidão do deserto ajuda bastante a alma e o corpo, ainda que a alma esteja muito pobre. Deve o Senhor querer que também a alma tenha o seu deserto espiritual; seja muito embora e como ele for melhor servido. Sua Majestade já sabe o que valemos por nós mesmos. Não sei quanto isto durará, porque o Pe. Frei Antônio de Jesus escreve-me de Baeza e me faz ameaças, dizendo que pouco tempo me deixarão aqui. Todavia, seja lá como for, acho-me muito bem, sem nada saber e o exercício do deserto é admirável.

Hoje cedo, já colhemos o grão-de-bico e o mesmo faremos todas essas manhãs. Depois devemos debulhá-los. É lindo manusear estas criaturas mudas; é melhor do que ser manuseado pelas vivas. Que Deus permita que assim continue. Peça-lho, minha filha. Mas, apesar de me sentir tão satisfeito, não deixarei de ir quando ele quiser.

Tenha cuidado da alma e não ande confessando escrúpulos, nem primeiros movimentos, nem pensamentos que ocorrem involuntariamente, sem que a alma queira deter-se neles; olhe pela saúde corporal e não falte à oração quando houver possibilidade.

1. Extraído do *Ms. Tardonense-Granadino*, p. 32-34. Fotografia: SOBRINO, p. 40-45. Outra cópia completa, no Ms. 639 da Abadia de Montserrat, até o final; um extrato, no Ms. 567 da Universidade do México.

Já disse na outra carta (ainda que esta chegará mais depressa) que me pode escrever via Baeza, porque há correio, encaminhando as cartas aos padres descalços de lá, pois já os deixei prevenidos para que mas remetam.

Dê minhas recomendações ao Sr. Doutor Luís e a minha filha, Dona Inês. Deus lhe dê seu Espírito, como desejo. Amém.

Da Peñuela, 19 de agosto de 1591.

FREI JOÃO DA †

[54]

[A MARIA DE SÃO JOÃO, CARMELITA DESCALÇA EM GRANADA]
[La Peñuela, por volta de 20 de agosto de 1591]
(referência)

"E em outra carta *que escreveu nesta mesma ocasião à Madre Maria de São João, monja da sua Ordem em Granada, fala-lhe, entre outras coisas:*

— do consolo que experimentava naquela solidão, sem ofício" (ALONSO, *Vida*, f. 165[r]).

[55]

[A UMA PESSOA DE BAEZA]
[La Peñuela, 22 de agosto de 1591]
(referência)

"E em outra [carta] escrita em 22 de agosto *a uma pessoa de Baeza, respondendo-lhe a certos pontos espirituais, manifesta também a mesma satisfação* [*por encontrar-se na solidão de La Peñuela*], *dizendo:*

ser tal, que não devia saboreá-la a sós, sem comunicá-la aos conhecidos" (ALONSO, *Vida*, f. 165[r]).

[56]

[A UMA SUA DIRIGIDA, PROVAVELMENTE ANA SOTO OU MARIA SOTO, EM BAEZA]
[La Peñuela, 22 de agosto de 1591] [1]

...Deus nos dê reta intenção [em tod]as as coisas e não nos deixe admitir pecado [com] plena deliberação, pois sendo [assim], ainda que as investidas sejam grandes e de muitas maneiras, irá segura e tudo se converterá em coroa [...].

Dê lembranças a sua irmã, e a Isabel de Sória, uma grande saudação no Senhor; diga-lhe que me causou estranheza saber que ela não está em Jaén, uma vez que há ali mosteiro.

O Senhor esteja em sua alma, filha em Cristo.

De La Peñuela, 22 de agosto de 91.

FREI JOÃO DA †

[57]

[A MADRE ANA DE SANTO ALBERTO, PRIORA DAS DESCALÇAS DE CARAVACA]
[La Peñuela, entre agosto e setembro de 1591]
(fragmento)

"Escreveu-me, de La Peñuela, uma breve carta, na qual dizia:

... Já sabe, filha, os trabalhos que agora se padecem. Deus assim permite para provar seus escolhidos. *A vossa fortaleza estará no silêncio e na esperança* (Is 30,15).

Deus a guarde e a faça santa.

Encomende-me a Deus" (Declaração autógrafa da própria destinatária: *Ms 12.738 BNM*, p. [1004]).

1. Fragmento autógrafo do Santo, conservado nas carmelitas descalças da rua Arco Mirelli, Nápoles. Suprimos, entre colchetes, as palavras um tanto apagadas ou não de todo claras.

[58]

[A MARIA DA MÃE DE DEUS, CARMELITA DESCALÇA DE GRANADA]
[La Peñuela, entre agosto e setembro de 1591]
(referência)

"*Estando* [o *Santo*] *em La Peñuela, esta testemunha escreveu-lhe algumas cartas,* e o dito Frei João da Cruz respondia *e escrevia a esta testemunha e a outras religiosas deste convento* [...]. *Essas cartas eram tão eficazes e fervorosas, que pareciam epístolas de santos, de modo que, para ter contemplação, essa testemunha não tinha necessidade de outra coisa, a não ser as cartas do citado servo de Deus, João da Cruz*" (Processo Apostólico de Granada, Ms. Vat. 2.864, f. 18ᵛ).

[59]

[A VÁRIOS CARMELITAS DESCALÇOS]
[La Peñuela / Úbeda, agosto / novembro 1591]
(referência)

"*A outros religiosos que lhe escreviam, aconselhando a que se queixasse das tais informações ao Vigário-Geral e Definitório e que se defendesse das acusações, ele a todos respondia com grande serenidade:*
— ser um verme, e, como tal, ninguém lhe fazia agravo e que aquilo que seu Criador lhe reservara, competia-lhe abraçar por seu amor e não outra coisa" (ALONSO, *Vida*, f. 176ᵛ).

[60]

[A DONA ANA DEL MERCADO Y PEÑALOSA]
[La Peñuela, 21 de setembro de 1591] [1]

Jesus esteja em sua alma, minha filha em Cristo. Recebi, aqui em La Peñuela, o pacote de cartas tra-

1. Autógrafo do Santo nas descalças de Salamanca. Faltam algumas frases, que completamos mediante cópias antigas. Fotografia: GERARDO, p. 72-73.

zido pelo criado. Agradeço-lhe muito a atenção. Amanhã irei a Úbeda [2] tratar-me de umas febrículas, pois como há mais de 8 dias me acometem e não me deixam, [3] parece-me ter necessidade do auxílio da medicina; contudo, tenho a intenção de regressar em breve para cá, pois é certo que nesta solidão acho-me muito bem. Quanto ao que me diz, isto é, que evite a companhia do Padre Antônio, pode estar segura de que o farei, assim como em tudo o mais em que me pedir cuidado, guardar-me-ei na medida do possível. [4]

Alegrei-me muito em saber que o Sr. Dom Luís já é sacerdote do Senhor. Que o seja por muitos anos e que Sua Majestade realize os desejos de sua alma. Oh! Que bom estado esse para deixar, de uma vez, os cuidados e enriquecer depressa a alma com ele! Apresente-lhe as minhas [5] congratulações; não me atrevo a pedir-lhe que, algum dia, durante o santo sacrifício, se recorde de mim; eu, como devedor, sempre o hei de fazer, e, embora eu seja tão esquecido, não poderei deixar de me lembrar dele, por ser tão unido a sua irmã, a quem trago sempre na memória.

À minha filha, Dona Inês, de minha parte, muitas recomendações no Senhor [6] e roguem ambas a ele que se digne dispor-me para levar-me consigo.

2. Na realidade não partiu até o dia 28 pela manhã, chegando a Úbeda ao entardecer.

3. [que, como... quitan] *falta no autógrafo; completamos com o Ms. 12.738 BNM., p. 743 (cópia do Padre Alonso, o Asturicense).*

4. Já era um tanto inveterada aquela espécie de crise de ciúme que o Padre Antônio de Jesus tinha do Padre Graciano, motivada pelas deferências da Santa para com esse religioso, o que deu ocasião a pequenos partidos de que ela fala em cartas escritas nos últimos anos de sua vida. É sabido que o Santo sempre se inclinou muito ao Padre Graciano, embora não desconhecesse os defeitos que este religioso pudesse apresentar, compensados, aliás, superabundantemente, por suas inúmeras virtudes e serviços prestados à Mãe Fundadora e à sua Descalcez. Este afeto ao Padre Graciano, assim como o zelo que manifestou na defesa de certos direitos das religiosas, deu lugar a que muitos se retraíssem, já não votando ao Santo a mesma simpatia e apreço, sendo que o Padre Antônio primou em mostrar seu desagrado. Entretanto, portou-se bem na enfermidade e na morte do Santo, a quem assistiu. Quis a providência que este religioso, que havia proporcionado pequenos desgostos ao Santo e à Santa, fechasse os olhos a ambos, como superior provincial [PADRE SILVÉRIO].

5. [mi] *corr.*

6. [en el Señor] *interl.*

Por agora não me recordo de mais nada e também, em atenção à febre, aqui termino, ainda que desejasse estender-me mais.

De La Peñuela, 21 de setembro de 1591.

FREI JOÃO DA †

Não me diz nada sobre o pleito, se prossegue ou se está [7]

[61]

[A UMA CARMELITA DESCALÇA DE SEGÓVIA]
[Úbeda, outubro / novembro de 1591]
(fragmento)

"E que, nesta ocasião, escreveu uma carta a uma religiosa de Segóvia, exortando-a a levar com paciência as contradições, e dizia em particular estas palavras:

... Ame muito os que a contradizem e não lhe têm amor, porque assim se engendra amor no coração desprovido dele; é o que Deus faz conosco: ele nos ama para que o amemos, mediante o amor que tem por nós".

(Declaração de LUÍSA DE SANTO ÂNGELO: *Ms. 8.568, BNM*, p. [66]).

[62]

[AO PADRE JOÃO DE SANTA ANA, CARMELITA DESCALÇO EM MÁLAGA]
[Úbeda, outubro / novembro 1591]
(fragmento)

"Como o Pe. Frei João de Santa Ana lhe escrevesse, muito aflito com o que se dizia dele, isto é, que lhe haviam de tirar o hábito, respondeu:

7. [no me escribe... está] *tirado do Ms. 13.245 BNM., f. 278v (cópia de Manuel de S. Maria); no Ms. 12.738, p. 1.223, termina assim:* si anda o si está.

...Filho, não se aflija por isso, pois o hábito não me podem tirar a não ser que eu me mostre incorrigível ou desobediente, e eu estou bem preparado para emendar-me de tudo aquilo em que tiver errado e para obedecer em qualquer penitência que me derem".

(QUIROGA, *História*, p. 860-861).

[63]

[AO PADRE JOÃO EVANGELISTA, CARMELITA DESCALÇO EM MÁLAGA]
[Úbeda, outubro / novembro de 1591]
(referência)

"*E ele respondeu-lhe* [*a Frei João Evangelista*]:

— que sua alma estava muito longe de se entristecer com tudo quanto lhe diziam do que se estava fazendo contra ele; ao contrário, tivesse por certo que essas notícias lhe despertavam maior amor para com Deus e para com o próximo.

E aduz, a seu propósito, aquelas palavras:

— "Os filhos de minha mãe levantaram-se contra mim" (Ct 1,5).

Acrescentou:

— que o encomendasse a Deus, pois seu fim estava próximo" (ALONSO, *Vida*, f. 176[r]).

[64]

[AO SACERDOTE CLEMENTE DE ESPINOSA, PREBENDADO NA SANTA IGREJA DE ALMERÍA]
[Ávila, data desconhecida]
(referência)

"*O dito Servo de Deus* [*Frei João da Cruz*], *escreveu-lhe* uma carta *de Ávila à cidade de Almería, onde então*

se encontrava esta testemunha [...] *cheia de celestial doutrina e salutares conselhos"* (Processo Apostólico).

[65]

[A ANA DE JESUS, NATURAL DE TORREJÓN DE VELASCO, CARMELITA DESCALÇA DE BEAS]
[Lugar e data desconhecidos]
(referência)

"A esta testemunha escreveu [o *Santo*] três cartas *em particular" (Ms. 12.738,* p. 441: *BMC* 13, p. 388).

[66]

[A CATARINA DE CRISTO, CARMELITA DESCALÇA EM GRANADA]
[Lugar e data desconhecidos]
(referência)

"A esta testemunha escreveu algumas cartas, *quando estava ausente dessa cidade, cartas às quais respondeu, sendo todas elas ajustadas às epístolas de São Paulo e a uma celestial doutrina".*

(Processo Apostólico de Granada, Ms. Vat. 2.864, f. 19').

Quarta Parte

ESCRITOS OFICIAIS

Num mero afã de oferecer aos estudiosos de São João da Cruz tudo quanto brotou de sua pena privilegiada, reunimos aqui estes escritos oficiais, onde ficaram impressas as pegadas do Santo, como superior e homem de governo. São simples documentos protocolares e, por isso, geralmente destituídos de valor doutrinal ou espiritual. Contudo, é certo que mesmo na materialidade fria de uma ata de fundação ou de um documento público, Frei João da Cruz deixou, por vezes, uma centelha de seu espírito íntimo. Estes documentos lacônicos têm principalmente o mérito de evocar com precisão alguns momentos particulares da existência terrena de São João da Cruz e de focalizar, de modo incisivo e breve, a missão providencial do Santo nos vinte primeiros anos da Reforma teresiana. São como sinais luminosos indicando as múltiplas ocorrências de sua vida. É lastimável que não sejam mais numerosos! Far-nos-iam sentir de modo mais perene e mais real, ainda neste mundo, a presença do frade carmelita. Ao depararmos com uma assinatura de São João da Cruz, sentimo-nos sugestionados pelo seu valor histórico e biográfico, e ficamos sem saber se é obra da fantasia ou do amor; mas o fato é que nosso espírito experimenta uma emoção muito íntima diante daquele traçado firme e decidido, ligeiro e abreviado. Tudo o que leva o selo do Doutor místico é de valor para nós, e de grande valor.

Publicamos, como é natural, apenas os documentos que se devem única e principalmente a São João da

Cruz; porém não os emanados de Capítulos ou da Consulta, onde a sua assinatura figura entre outras. Não temos a pretensão de apresentar uma relação completa; ao contrário, estaremos atentos em recolher qualquer outro dado que possa enriquecê-la.

ESCRITOS OFICIAIS

Reformador em Duruelo (1568-1570)

1. Ata da primitiva fundação de Duruelo.
2. Fórmula de sua própria profissão em Duruelo.

Reitor em Baeza (1579-1582)

3. Ata da eleição de priora em Caravaca.

Vigário Provincial de Andaluzia (1585-1587)

4. Licença para que os Descalços de Sevilha possam efetuar um contrato.
5. Ata da eleição de priora em Granada.
6. Profissão de Maria de Santo Alberto em Granada.
7. Profissão de Ana de Jesus em Granada.
8. Licença para a profissão da filha de Dom Henrique Freyle.
9. Licença para que as descalças de Sevilha comprem nova casa.
10. Relação da fundação das descalças em Málaga.
11. Ata da fundação de descalços em Mancha Real.
12. Licença às descalças de Málaga para a aquisição de umas casas.
13. Ata da eleição de priora em Granada.
14. Licenças para o exercício do ministério em faovr de dois descalços.
15. Estatutos da Confraria dos Nazarenos.
16. Autorização para que as descalças de Caravaca possam mover uma ação judiciária.
17. Licença aos descalços de Fuensanta.

Prior de Granada (1588-1589)

18. Vistoria de alguns inventários de objetos preciosos.

Definidor, membro da Consulta, prior de Segóvia (1588-1591)

19. Licença à priora das descalças de Barcelona.
20. Confirmação da priora de Valência.
21. Recibo acerca de alfaias de sacristia.
22. Ata da compra das penhas de Segóvia.

[1]

[ATA DA PRIMITIVA FUNDAÇÃO DE DURUELO] [1]

No ano do Senhor de 1568, aos 28 dias do mês de novembro, fundou-se na localidade de Duruelo este mosteiro de Nossa Senhora do Monte Carmelo. No qual citado mosteiro, começou-se a viver e observar a Regra primitiva em seu rigor, segundo nos legaram nossos primeiros padres, com o favor e a graça do Espírito Santo, sendo provincial desta província o mui Revdo. Padre Mestre Frei Alonso González. Começaram a viver a Regra em todo o rigor, com a graça divina, os irmãos Frei Antônio de Jesus, Fr. João da Cruz e Frei José de Cristo. Doou-nos a casa e o terreno o ilustre senhor Doutor Rafael Mejía Velázquez, senhor da dita povoação. Deu consentimento para fundar a citada casa e mosteiro o ilustríssimo Sr. Doutor Álvaro de Mendoza, bispo de Ávila.

[2]

[FÓRMULA DE SUA PRÓPRIA PROFISSÃO NA REFORMA] [2]

Eu, Frei João da Cruz, faço profissão e prometo obediência, castidade e pobreza a Deus, Nosso Senhor, e à

1. Apurando as afirmações de algumas testemunhas e historiadores antigos, podemos ter como provável a intervenção de São João da Cruz na redação literária dos dois primeiros documentos oficiais desta parte, que se referem aos primórdios da Reforma Descalça. Esta *Ata* se conservava no livro primitivo de Duruelo e dele foi copiada pelo Pe. Jerônimo de São José: *Ms. 8020 BNM*, f. 92r, segundo o qual a publicamos.

2. Segundo a tradição recolhida pelo Pe. Jerônimo de São José (Ms. 8020 BNM, f. 99), São João da Cruz teria emitido novamente a sua profissão na Reforma uma vez terminado o ano em Duruelo. No livro primitivo dessa casa, onde se registraram as profissões dos demais religiosos, faltavam a do Pe. Antônio de Jesus e a do Santo, se bem que para elas se havia deixado um espaço conveniente em branco, sendo que a deste último já se tinha começado a escrever: *Eu, Fr. João da Cruz, natural de Medina do Campo, filho* de..." posto que depois tivessem cancelado essas palavras. Publicamos a fórmula da profissão do Santo segundo o texto que nos dá Luis de Santo Ângelo, em sua declaração de Alcaudete para os processos de beatificação do Santo, segundo CRISÓGONO, p. 102, n. 73.

Virgem Maria, Nossa Senhora, e ao Revdo. Padre Frei João Batista, geral da dita Ordem, segundo a Regra primitiva, sem mitigação, até a morte.

[3]

[ATA DE ELEIÇÃO DE PRIORA E DEMAIS OFÍCIOS NO CONVENTO DE CARAVACA]
[Caravaca, 28 de junho de 1581] [3]

Jesus Maria.

Frei João da Cruz e as Irmãs de Caravaca da Ordem de Nossa Senhora do Monte Carmelo da Regra primitiva, a nosso mui Revdo. Padre Frei Jerônimo Graciano da Mãe de Deus, provincial da dita Ordem, saúde e graça do Espírito Santo.

Levo ao conhecimento de Vossa Reverência, que, tendo-se reunido a 28 de junho de 1581 as ditas irmãs do citado convento no lugar conveniente, ao toque da sineta segundo é de praxe, a fim de eleger priora para o dito convento, presidindo eu, Frei João da Cruz, por determinação de Vossa Reverência, com meu companheiro Frei Gaspar de São Pedro, procedendo juridicamente a dita eleição, achando-se presentes treze vogais, nenhuma delas admitida nem tampouco excluída contra o direito e nossas sagradas Constituições, e provando estarem absolvidas pelo sufrágio apostólico para poder eleger e ser eleitas, receberam treze cédulas, cada uma a sua, e escreveram secretamente seus votos, cada uma o seu, e dobrando-as as puseram através da grade numa urna para este efeito preparada, segundo a forma do santo Concílio Tridentino, e esvaziando a dita urna achamos o mesmo número de cédulas, treze, e nelas escritos treze votos, em cada uma o seu, dos quais um teve a Madre Teresa de Jesus, outro teve a Irmã Maria de Jesus, que

3. O original com a letra do companheiro do Santo e com a assinatura autógrafa deste conserva-se no Livro de Eleições e Profissões das Descalças de Caravaca.

presentemente é conventual de Beas; todos os demais, que são onze, teve a Madre Ana de Santo Alberto, que presentemente é vigária deste convento de São José de Caravaca; e assim foi canonicamente eleita da primeira vez. Portanto, suplica a Vossa Reverência queira estabelecê-la e confirmá-la como mãe espiritual e guia de suas almas.

Logo, do mesmo modo, e no mesmo dia e hora, procedeu-se à eleição de subpriora para o dito convento e foi reeleita, prima vice, a Irmã Bárbara do Espírito Santo, subpriora do triênio passado, porque reuniu todos os votos, exceto um, que foi dado à Irmã Francisca de São José, conventual do mesmo convento. Suplicam a Vossa Reverência tenha por bem que ela exerça o citado ofício.

E, a seguir, procedeu-se à eleição de clavárias, tendo cada uma das Irmãs escrito em sua cédula três nomes, e da primeira vez saíram eleitas a Irmã Bárbara do Espírito Santo como 1ª clavária, porque teve nove votos; e a Irmã Joana de São Jerônimo, que teve também nove votos, ficou 2ª clavária por ser menos antiga, e a Irmã Ana da Encarnação, porque teve igualmente nove votos, ficou 3ª clavária por ser menos antiga que as duas precedentes.

Dando fé do ocorrido, eu, o dito Frei João da Cruz, meu companheiro e as sobreditas Irmãs colocamos a nossa assinatura e selamos com o selo comum.

Caravaca, 28 de junho de 1581.

FREI JOÃO DA †
e
FREI GASPAR DE SÃO PEDRO

(Selo)
(Seguem-se as assinaturas das religiosas capitulares).

[4]

[LICENÇA PARA QUE OS DESCALÇOS DE SEVILHA POSSAM EFETUAR UM CONTRATO SOBRE LEGÍTIMAS E BENS]

[Granada, 15 de dezembro de 1585] [4]

Jesus Maria.

Frei João da Cruz, Vigário Provincial dos Carmelitas Descalços neste distrito de Andaluzia, etc. Pela presente concedo licença e faculdade ao Revdo. Padre Prior e conventuais de nosso Convento de Nossa Senhora dos Remédios, em Triana de Sevilha, para que possam efetuar o ajuste e o contrato que o dito Convento fez sobre as legítimas e bens de pai e mãe do Frei João de Jesus, filho dos senhores o licenciado Gaspar de Jaén e Dona Isabel de Segura, sua esposa, moradores da mesma cidade, e receber os duzentos e cinqüenta ducados que, por motivo da profissão do citado Frei João de Jesus, seus pais doaram ao Convento, levando-se em conta o que por conta deles se puder provar haver dado ao convento e sobre isso possam outorgar e outorguem quaisquer escrituras e cláusulas firmes e válidas e expedir seus recibos e documentos de quitação e renunciar a outras quaisquer heranças e bens que no presente ou em qualquer outro tempo possam pertencer ao dito convento por parte dos citados senhores, o licenciado Gaspar de Jaén e sua esposa, Dona Isabel de Segura.

Passada em Granada, assinada com o meu nome e selada com o selo de meu ofício, a 15 de dezembro de 1585.

FREI JOÃO DA CRUZ
Vigário Provincial

(Selo em cera vermelha).

4. Autógrafo do Santo 320 x 220mm. Arquivo de protocolo de Sevilha Notariado 8º de Dom Alonso de Civico. Fotografia: *Boletín carmelitano* (Córdova) nº 22, 15 abril, 1929, p. [1].

[5]

[ATA DA ELEIÇÃO DE PRIORA, SUBPRIORA E CLAVÁRIAS DAS DESCALÇAS DE GRANADA]
[Granada, 1º de janeiro de 1586] [5]

Aos treze dias do mês de janeiro do ano de 1586, procedeu-se à eleição de priora, subpriora e clavárias neste Convento do Senhor São José de Granada, estando eu, o abaixo-assinado, presente à citada eleição. E assim, dou fé, que foi eleita priora Madre Ana de Jesus, *nemine discrepante*, por subpriora a Madre Beatriz de São Miguel e por clavárias a Irmã Antônia do SS. Sacramento, a Irmã Beatriz de Jesus [e a Irmã] Beatriz de São Miguel. E por ser [a expressão da verdade, a assinei] no dia, mês e ano *ut supra*.

FREI JOÃO DA †
Vigário Provincial

[6]

[PROFISSÃO DE MARIA DE SANTO ALBERTO]
[Granada, 19 de março de 1586] [6]

Maria de Santo Alberto. [7]

Aos dezenove dias do mês de março do ano de mil quinhentos [8] e oitenta e seis, sendo geral o Revmo. Padre Frei João Batista Cafardo, e Provincial o mui Revdo. Padre Nicolau [9] de Jesus Maria, fez sua profissão para [10]

5. Conservada no "Livro de Atas Capitulares ou Eleições de Ofícios" das Carmelitas de Granada. É a segunda eleição. O que figura entre colchetes está faltando no livro por causa de vários cortes que apresenta. Nós a suprimos com a ata seguinte. Só a assinatura do Santo é autógrafa; o resto é escrito por outra mão.
6. Todo o documento é escrito pelo Santo. Livro de Profissões das Descaiças de Granada — 8ª profissão, f. 8ª.
7. *À margem, com a letra do Santo.*
8. [quinientos] — *a segunda letra "i" foi corrigida.*
9. [Nicolás] s *corrigido.*
10. [para] *corrigido.*

monja conversa a Irmã Maria de Santo Alberto, que no século se chamava Mari López, natural [11] da cidade de Caravaca, filha de João Falcón e Joana de Narváez.

Eu, Maria de Santo Alberto, faço a minha profissão e prometo obediência, castidade e pobreza a Deus, Nosso Senhor, e à Bem-aventurada Virgem Maria e ao Revmo. Padre Frei João Batista Cafardo, Geral da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, e a seus sucessores, segundo a Regra primitiva da citada Ordem, que é sem mitigação, até à morte.

(Seguem-se as assinaturas da professa e testemunhas; a do Santo está cortada).

[7]

[PROFISSÃO DE ANA DE JESUS]
[Granada, 19 de março de 1586] [12]

Ana de Jesus [13]

A 19 de março de 1586, ao tempo em que era geral da Ordem de Nossa Senhora do Carmo o Revmo. Padre Frei João Batista Cafardo e Provincial dos Descalços o mui Revdo. Padre Frei Nicolau de Jesus Maria, fez a sua profissão a Irmã Ana González, natural de Villacastín, [14] a qual passou a chamar-se Ana de Jesus, e professou para conversa.

Eu, Ana de Jesus, faço minha profissão e prometo obediência, castidade e pobreza a Deus, Nosso Senhor, à gloriosa Virgem Maria do Monte Carmelo e ao Revmo. Padre Frei João Batista Cafardo, geral da citada Ordem e a seus sucessores, segundo a Regra primitiva da mesma Ordem, isto é, sem mitigação até à morte.

(Seguem-se as assinaturas da professa e testemunhas. A do Santo está cortada).

11. [natural] *correção nas duas primeiras sílabas.*
12. Todo o documento está escrito com a letra do Santo. Livro de Profissões das Carmelitas de Granada — 9ª profissão — f. 9ᵛ.
13. *À margem, com a letra do Santo.*
14. [Villacastín] *o Santo começou a escrever* Daym [Daimiel], *porém, riscou e deixou* Villacastín.

[8]

[LICENÇA PARA A PROFISSÃO DA FILHA DE DOM HENRIQUE FREYLE, ISABEL DE SANTA FEBRÔNIA]

[Granada, 29 de março de 1586] [15]

Jesus Maria.

Eu, Frei João da Cruz, Vigário Provincial dos padres e monjas carmelitas descalças neste distrito de Andaluzia, pela presente, concedo licença à Madre Isabel de São Francisco, priora das carmelitas descalças de Sevilha, para que possa dar a profissão à filha do Senhor Henrique Freyle, observando nisto o [16] teor de nossas Constituições.

Passada em Granada, assinada [17] por mim e selada com o selo de meu ofício, a 29 de março de 1586.

FREI JOÃO DA †
Vigário Provincial

[9]

[LICENÇA PARA QUE AS DESCALÇAS DE SEVILHA COMPREM NOVA CASA E SE TRANSFIRAM PARA ELA]

[Granada, 13 de abril de 1586] [18]

Jesus Maria.

Pela presente, eu, Frei João da Cruz, Vigário Provincial tanto dos padres como das monjas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo dos Descalços, neste distrito de Andaluzia, concedo licença ao Ilmo. Senhor Pedro

15. Autógrafo do Santo nas descalças de Sevilha. Fotografia: GERARDO p. 82s.
16. [el] *corrigido.*
17. [firmada] *correção nas primeiras letras.*
18. O original se encontrava, por volta dos anos 1928-31, nas descalças de Sevilha, posto que, durante a preparação desta edição, não foi possível localizá-lo, razão pela qual publicamos este documento conforme o texto da BMC. 13,299.

de Cerezo, natural da cidade de Sevilha e nela domiciliado, e à Madre Priora Isabel de São Francisco e monjas descalças do convento de São José da citada cidade, a todos reunidos e a cada um *in solidum*, para que possam ajustar e efetuar a compra das casas que pertenciam a Pedro de Morga, junto à Santa Cruz, e sobre o citado assunto passar e outorgar quaisquer registros de venda e escrituras com seus itens e cláusulas firmes e válidas, em juízo ou fora dele. Para a realização deste contrato e para tudo o que a ele concerne, outorgo-lhes licença com a faculdade e poder de que estou investido, tal qual de direito o devo e posso dar.

Item, concedo licença à citada Madre Priora e monjas do dito convento para que possam mudar-se do lugar e casa onde agora se encontram, para a referida casa, ao tempo que julgarem mais conveniente.

Dando fé do ocorrido, passei o citado documento assinado por mim, de próprio punho, e selado com o selo do meu ofício.

Granada, 12 de abril de 1586.

FREI JOÃO DA †
Vigário Provincial

[10]

[RELAÇÃO DA FUNDAÇÃO DAS CARMELITAS DESCALÇAS DE MÁLAGA]
[Málaga, 1º de julho de 1586] [19]

Jesus Maria.

Para honra e glória da SS. Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas e um só Deus verdadeiro, e

19. Com a letra de Frei Diogo da Conceição e com a assinatura autógrafa do Santo, conservava-se na primeira folha do Livro de Profissões das Descalças de Málaga. O citado livro perdeu-se em 1931, por ocasião do assalto das tropas revolucionárias ao mosteiro. As linhas escritas em caligrafia corrente estavam sublinhadas no manuscrito. Cópia fotográfica em GERARDO, p. 80-81. Cópia autenticada no Ms 6.296, BNM, f. 50v e 51r, segundo a qual a publicamos. A outra cópia está em poder das madres de Málaga.

da gloriosa Virgem Santa Maria do Monte Carmelo, fundou-se este mosteiro do Senhor São José de Málaga, de carmelitas descalças, a 17 de fevereiro do ano de mil quinhentos e oitenta e cinco. Fundou-se com o favor de Dona Ana Pacheco e do Senhor Pedro Verdugo, seu marido, provedor das galeras de Sua Majestade. Alugaram-se, para este feito, as casas de Dona Constança de Ávila. Vieram para a fundação as seguintes monjas: Primeiramente, a Madre Maria de Cristo, que no século se chamava Dona Maria de Ávila, natural da cidade de Ávila, filha de Francisco de Ávila e de Dona Maria de Aguila, sua esposa. Madre Maria de Jesus por subpriora, que no século se chamava Dona Maria de Sandoval, natural da vila de Beas, filha de Sancho Rodríguez de Sandoval Negrete e de Dona Catarina Godínez, sua esposa. Trouxeram consigo a Irmã Lúcia de São José, a Irmã Catarina Evangelista e a Irmã Catarina de Jesus, todas monjas coristas professas.

Fundou-se em pobreza, sem nenhuma garantia temporal. Seja Deus servido de conservá-la assim até a consumação dos séculos, a fim de que com ele se deleitem nas riquezas eternas para sempre. Amém.

Passada no dito convento do Senhor São José, no dia primeiro de julho do ano de 1586, e em cujo documento colocamos as nossas assinaturas.

FREI JOÃO DA †
Vigário Provincial

FREI DIOGO DA CONCEIÇÃO
Companheiro.

[11]

[ATA DA FUNDAÇÃO DE DESCALÇOS DA MANCHA REAL]
[15 de outubro de 1586] [20]

Frei João da Cruz, Vigário Provincial da Ordem dos Carmelitas Descalços da Província de Andaluzia dos reinos de Castela. Em nome da citada Ordem e em virtude da licença e faculdade a mim outorgadas e concedidas pelo mui Revdo. Senhor Frei Nicolau de Jesus Maria, Provincial geral da dita Ordem, e pelos senhores definidores da Junta que se reuniu no convento de Santo Hermenegildo de Madri, a qual licença entrego segundo o original ao presente escrivão para que a coloque e incorpore nesta escritura...

Em virtude da citada licença, e dela fazendo uso, eu, o acima referido Frei João da Cruz, vigário Provincial da citada Ordem na mencionada Província de Andaluzia, em nome da Ordem e dos frades atuais e futuros, declaro que aceito em seu favor esta escritura e recebo na dita Ordem a sua doação e agradeço ao mencionado Senhor Arcediago a mercê que por ela faz a esta Ordem, a qual, assim como seus frades presentes e futuros, se obrigam a guardar e a cumprir todas as condições estipuladas na escritura, que foi imposta à Ordem pelo dito Senhor Arcediago. As citadas condições foram vistas e examinadas por mim, e me são notórias e eu as outorgo e para maior clareza torno a repeti-las de *verbo ad verbum;* o cumprimento das obrigações impostas pela escritura será assumido pela Ordem e pelos frades atuais e aqueles que no futuro farão parte dela, empenhando nisto suas almas e consciências, para que tudo seja observado segundo está estabelecido, sem excetuar nem reservar coisa alguma, salvo as penas e

20. Arquivo de protocolos da Mancha Real (Jaén). Documento assinado pelo Santo. Fotografia: *Boletín de la Real Academia de la Historia*, tomo 69, cadernos I e II, julho-agosto de 1916. Publicamos o texto segundo a transcrição que nos foi enviada.

posturas determinadas nas referidas condições, e mais as que, segundo o direito, porventura, incorrerem pela negligência em cumpri-las ou observá-las; e, outrossim, em virtude da mencionada licença e da faculdade que me foi outorgada e concedida da parte do Senhor Provincial e definidores da citada Ordem, além da obrigação que por meio desta escritura assumo em nome da referida Ordem e de seus membros, no sentido de observar integralmente as condições aqui estipuladas em favor do dito Senhor Arcediago, condições essas que nos possibilitam a fundação do já mencionado mosteiro nas casas por ele doadas sob o título da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, a Virgem Maria, e residindo nela alguns frades da mencionada Ordem, determino para maior segurança que estejam obrigados, o prior e os membros atuais e futuros da comunidade, a cumprir os itens e condições desta escritura e celebrar anualmente, na igreja do mesmo convento, as nove missas estipuladas: das festas de Nossa Senhora, uma no dia de São João Batista, uma no dia de São João Evangelista e outra na festa de Todos os Santos; além disso, as doze missas nos respectivos aniversários, sempre no primeiro dia do mês, como está declarado. E em virtude da licença que me foi concedida e usando da faculdade que me confere o cargo de Vigário provincial desta província, eu as instituo, e determino que assim observem e cumpram como um dever de consciência; e caso seja necessário e o Senhor Arcediago solicite que o prior e frades do citado convento se obriguem a cumprir este termo e façam outra escritura como esta, concedo-lhes plena licença e faculdade para isso, sem que seja preciso uma nova licença ou outra qualquer diligência neste sentido e ordeno ao prior e frades do convento a façam e outorguem. Assim como também confesso e declaro que os bens legados pelo mencionado Senhor Arcediago nesta doação à citada Ordem, a fim de serem empregados na fundação desse mosteiro, são de inestimável valor e qualidade, e que dele tanto a Ordem como os

frades recebem e hão de continuar recebendo grandíssimo benefício e favor em muito maior quantidade do que conseguiriam, e por isso prometem esforçar-se por satisfazer todas as condições e cumprir plenamente, em relação ao Senhor Arcediago, todo o conteúdo e cláusulas desta escritura; ordeno outrossim, à citada Ordem e aos seus membros atuais e futuros, que em todo tempo, segundo ficou dito, guardem e cumpram integralmente as condições aqui declaradas e que não se pronunciem contrários ao seu teor nem lhe oponham obstáculos, quer no presente quer em tempo algum, seja qual for a causa; que não assaquem nem aleguem objeções, levantando suspeitas contra o dito contrato ou escritura, quer considerado no seu todo, quer em algumas de suas partes, nem afirmem que no seu teor tenha havido prejuízo ou dolo grande ou considerável que ultrapasse a metade do justo preço, nem algum outro dano ou qualquer fraude contra a citada escritura, nem indício disso; que não peçam, outrossim, restituição integral contra a mencionada escritura nem contra coisa alguma, nem contra parte dela, por se tratar de igreja e mosteiro, nem por outra causa, nem por outra qualquer razão; e que em tudo se conduzam e cumpram segundo ficou estabelecido; e jamais vão contra ela, quer direta, quer indiretamente, nem sobre isso sejam ouvidos em juízo ou fora dele; e, além disso, que a mencionada Ordem e seus membros não caiam nem incorram em multa de dez mil ducados de ouro — a metade para a câmara e o fisco de Sua Majestade e a outra metade para o dito Senhor Arcediago e seus herdeiros; quer seja a multa saldada ou não, que esta escritura seja firme e válida e que tudo que nela está estabelecido tenha força e solidez. E para que haja fiel cumprimento do que está estabelecido sobre o pagamento e solidez do contrato onero os bens espirituais e temporais da mencionada Ordem, existentes ou por adquirir, e confiro plenos poderes a todo e qualquer tribunal eclesiástico regular, diante dos quais forem

pedidas contas sobre a maneira pela qual estão sendo cumpridas as cláusulas dessa escritura, para que obriguem a dita Ordem e seus membros a conservá-la, guardá-la, cumpri-la e mantê-la, tanto por via de execução como de outra qualquer maneira. E isso de modo pleno, bem assim como se por sentença definitiva de juiz competente houver sido ouvido, determinado, julgado e estabelecido deste modo e a citada sentença ou petição e consentimento da dita Ordem viesse a parar em autoridade de coisa julgada e por ela consentida e aprovada, sobre o qual renuncio a todas e quaisquer leis, como foros e direitos que sejam em seu favor bem como a lei e direito que determinam não ser válida a renúncia total feita de leis. Consentindo no que ficou estabelecido, ambas as ditas partes outorgamos esta escritura diante de Diogo Aranda, escrivão público da citada Vila da Mancha e testemunhas abaixo-assinadas, da dita Vila da Mancha, aos quinze dias do mês de outubro do ano do Senhor de mil quinhentos e oitenta e sete, colocamos as nossas assinaturas, sendo testemunhas Antônio Becerra e João Cano, médico; Tomás Simão de Bergara e João Rodríguez, clérigo; Fernando Serrano, alcaide ordinário e Martinho de Chinchilla, oficial de justiça, morador da mesma vila e Cristóvão Delgado e Alberto Sanchez residente na citada vila. — O arcediago de Úbeda — Frei João da Cruz, vigário provincial — Confere, nihil. — Diogo de Aranda, escrivão público.

[12]

[LICENÇA ÀS DESCALÇAS DE MÁLAGA PARA A AQUISIÇÃO DE UMAS CASAS]

[Málaga, 23 de novembro de 1586] [21]

Frei João da Cruz, Vigário provincial dos carmelitas descalços, tanto de monjas como de frades, do distrito

21. O original desta licença do Santo, hoje perdido, foi enviado a Paris pelo geral da Espanha, Fr. João do Espírito Santo, ao Pe. Fr. Domingos de Jesus, definidor daquela província da França, pelo mês de novembro

de Andaluzia. Pela presente concedo licença à Madre Priora e monjas de nosso convento de São José de São Pedro da cidade de Málaga, para que possam comprar as casas que estão em poder de Dona Úrsula de Guzmán, na qualidade de tutora de seu filho morgado, e passar e outorgar qualquer escritura ou escrituras sobre a venda das citadas casas e que sejam firmes e válidas em juízo e fora dele. E pela presente dou por boa a mencionada compra, e no que é de minha alçada aprovo o preço que por ela se der, assim como qualquer outro contrato que se faça sobre a citada compra.

Passada em Málaga, firmada com o meu nome e rubricada com o selo do meu ofício a 23 de novembro do ano de 1586. [22]

Idem, concedo licença às mencionadas madre Priora e monjas para que, uma vez adquiridas as citadas casas, possam transferir-se para elas quando e como melhor lhes convier. Data *ut supra*.

FREI JOÃO DA CRUZ
Vigário Provincial

[13]

[ATA DA ELEIÇÃO DE PRIORA, SUBPRIORA E CLAVÁRIAS, NAS DESCALÇAS DE GRANADA]

[Málaga, 28 de novembro de 1586] [23]

Aos vinte e oito dias do mês de novembro do ano de mil quinhentos e oitenta e seis, procedeu-se à eleição de priora, subpriora e clavárias neste convento de São José

de 1628. Conserva-se uma cópia tirada por Jerônimo de São José no Ms 12.738 BNM, p. [754], segundo a qual a publicamos.

22. Até aqui estava escrito com a letra do secretário do Santo, no original. O que se segue, escreveu-o de próprio punho o místico Doutor.

23. Do "Livro de Atas Capitulares ou Eleições de Ofícios", terceira eleição. GERARDO, p. 84-85, reproduziu-a em fotografia segundo a qual a publicamos, já que, há alguns anos, foi cortada furtivamente, tendo desaparecido. Anteriormente já tinha sido arrancada a assinatura autógrafa do Santo. O restante do documento não era da lavra de São João da Cruz.

de Granada, estando eu, Frei João da Cruz, vigário provincial, presente à citada eleição. E assim, dou fé que foi canonicamente eleita para priora a madre Beatriz de São Miguel, para subpriora, a madre Ana da Encarnação e, para clavárias, a Irmã Mariana de Jesus, a Irmã Maria de Jesus e a madre Subpriora.

E por ser verdade, o firmei com o meu nome, no dia, mês e ano *ut supra*.

FREI JOÃO DA CRUZ
Vigário Provincial

[14]

[LICENÇAS PARA O EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO EM FAVOR DOS PADRES FRANCISCO DA ASCENSÃO E DIOGO DA RESSURREIÇÃO]

[Granada, 21 de ..... de 1586] [24]

Frei João da Cruz, vigário provincial dos carmelitas descalços no distrito da Andaluzia. Pela presente concedo licença ao Revdo. Padre Frei Francisco da Ascensão, reitor de nosso colégio de Nossa Senhora do Carmo de Baeza, para que possa apresentar-se ao Revmo. Ordiário na diocese de Jaén a fim de obter licença para confessar e pregar, pois segundo me consta está suficientemente habilitado, conforme pede a humana fragilidade. E do mesmo modo, concedo licença ao Revdo. Padre Frei Diogo da Ressurreição, conventual e mestre de estudantes do mencionado colégio, para que possa apresentar-se diante do Revmo. Ordinário a fim de obter licença de pregar e confessar.

Passada em Granada, firmada com meu nome e rubricada com o selo do meu ofício a 21 de [25] ..... de 1586.

FREI JOÃO DA †
Vigário Provincial

24. Publicado conforme a cópia existente no *Ms. 12.738 BNM*, p. [770].
25. *Aqui se deixou um espaço em branco para acrescentar o mês, o que não se fez, por esquecimento.*

[15]

[ESTATUTOS DA CONFRARIA DOS NAZARENOS EM SÃO BASÍLIO DE BAEZA]
[Baeza 1586]

"Neste tempo fundou-se, em nosso Colégio de São Basílio de Baeza, a Confraria dos Nazarenos, ordenando e confirmando o servo de Deus, o respectivo estatuto da sociedade. Entre os itens, estatuía-se:

— Que os confrades comungassem juntos cada mês.

— Que se evitassem e não se permitissem inimizades entre eles.

— Que nenhum vivesse mal.

— Que na procissão comparecessem todos vestidos e calçados da mesma maneira e as correias com o mesmo número de borlas.

— Que as cruzes fossem iguais e colocadas do mesmo jeito".

(ALONSO, f. 135ʳ).

[16]

[AUTORIZAÇÃO PARA QUE AS DESCALÇAS DE CARAVACA POSSAM MOVER UMA AÇÃO CONTRA OS PADRES JESUÍTAS DA MESMA CIDADE]
[Caravaca, 2 de março de 1587] [26]

Frei João da Cruz, Vigário Provincial dos Carmelitas Descalços neste distrito de Andaluzia. Pela presente concedo autorização à Priora de monjas do Convento do glorioso São José, de Carmelitas Descalças, na Vila de Caravaca, para que possam mover ação, diante de qualquer tribunal credenciado, sobre as casas que os padres da Companhia lhes tomaram, pertencentes à chácara de

26. O original, com a assinatura autógrafa do Santo, conserva-se nas Descalças de Caravaca, num quadro de moldura dourada.

seu convento, as quais eram de Alonso de Robres, morador da citada Vila de Caravaca, e que possam, para este fim, delegar poderes a qualquer procurador ou procuradores de qualquer uma das chancelarias de Sua Majestade, segundo lhes parecer mais conveniente, e possam prosseguir nesta demanda conforme as determinações do direito; para tudo isto e para quanto disser respeito a este assunto, lhes concedo plenos poderes e autorização, tanto em meu nome como em nome da Ordem, tão ampla quanto permite o direito.

Em fé do que outorgo esta autorização firmada com o meu nome e selada com o selo de meu ofício.

Passada em nosso convento de Nossa Senhora do Carmo da Vila de Caravaca, a dois de março do ano de 1587.

FREI JOÃO DA †
Vigário Provincial

(Selo).

[17]

[AUTORIZAÇÃO AOS DESCALÇOS DE FUENSANTA, NAS PROXIMIDADES DE VILA NOVA DO ARCEBISPO (JAÉN)]

[Baeza, 8 de março de 1587] [27]

Frei João da Cruz, Vigário Provincial dos Carmelitas Descalços do distrito da Andaluzia. Pela presente concedo autorização ao Padre Prior e conventuais de Fuensanta para que possam fazer qualquer contrato ou ajuste segundo lhes for mais conveniente com João Ruiz de Ventaja sobre o legado e a aplicação feita por seu filho, Frei Francisco de Jesus Maria, ao mencionado Convento da Fuensanta e fazer qualquer cessão ou cessões e renúncias acerca do mencionado patrimônio.

27. O documento original com a letra de Frei João Evangelista e com a assinatura autógrafa do Santo conserva-se na Câmara Municipal de Úbeda. Fotografia: *Boletín Carmelitano*, 15 de março de 1928, nº 10, p. [1].

Idem, concedo licença para que se possa combinar com João Sánchez de Guzmán, irmão do Irmão Frei Francisco de São José (sic), acerca da renda que ele deseja doar ao mencionado convento e sobre isto se possa fazer qualquer escritura ou escrituras, contratos e convenções e receber os legados que o dito Frei Francisco fizer, e o mesmo possam fazer com o mencionado João Ruiz de Ventaja.

Passada no nosso Colégio de Baeza, firmada com o meu nome e selada com o selo de meu ofício, a oito de março do ano de 1587.

FREI JOÃO DA †
Vigário Provincial

(Selo).

[18]

[VISTORIA DE ALGUNS INVENTÁRIOS DE OBJETOS PRECIOSOS]

[Málaga (?), 2 de julho de 1588] [28]

Eu, Frei João da Cruz, por comissão de nosso Padre Provincial, vistoriei, com o meu companheiro abaixo-mencionado, a dois de junho de mil quinhentos e oitenta e oito, estes inventários. Achei os objetos conforme a relação aqui mencionada.

[19]

[LICENÇA À PRIORA DAS DESCALÇAS DE BARCELONA PARA A RECEPÇÃO DE TRÊS NOVIÇAS]

[Segóvia, outubro de 1588] [29]

Jesus Maria.

Frei João da Cruz, Definidor Maior da Congregação de Carmelitas Descalços e presidente da Consulta da

28. Cópia autenticada do *Ms 6.296 BNM*, f. 51r, tirada diretamente do fragmento autógrafo do Santo que se conservava no Beatério de Carmelitas Descalças de Málaga.

29. O autógrafo do Santo encontrava-se nas Descalças de Barcelona. Depois da guerra civil espanhola, ignora-se o seu paradeiro. Aqui o publicamos conforme *BMC* 13,303-304.

mencionada congregação, por ausência de nosso mui Revdo. Padre Vigário-Geral etc. Conforme ficou estabelecido em nossa Consulta, nos termos da presente, concedo licença à Madre Priora e religiosas carmelitas descalças de nosso convento da cidade de Barcelona, para que possam receber ao nosso hábito e religião, três noviças, observando, ao recebê-las, a forma e modo prescritos pelas suas leis acerca da admissão das noviças. Dando fé, lavro esta declaração firmada com o meu nome e selada com o selo de nossa Consulta neste convento de Segóvia, no mês de outubro do ano de 1588.

FREI JOÃO DA CRUZ
Definidor Maior

(Selo).
FREI GREGÓRIO DE SANTO ÂNGELO
Secretário.

[20]

[CONFIRMAÇÃO DE MARIA DOS MÁRTIRES COMO PRIORA DE VALÊNCIA]
[Segóvia, 4 de novembro de 1588] [30]

. . . . . .

e Espírito Santo. Amém. Confirmando-a, como pela presente o fazemos, na cura e administração do mencionado convento e de nossas religiosas que aí se encontram. Ordeno, em virtude do Espírito Santo, debaixo de preceito, a santa obediência a todas as religiosas do dito convento que, como priora, a ela se submetam.

Dando fé, lavro esta declaração firmada com o meu nome e o do secretário da Congregação e selada com o

30. Escrita com letra do Pe. Gregório de Santo Ângelo e apresentando a assinatura autógrafa do Santo; este documento se conserva nas Carmelitas Descalças de São José de Valência. No princípio faltam algumas linhas. Fotografia: GERARDO, p. 86-87.

selo de nossa Consulta, neste convento de Segóvia, a quatro de novembro do ano de 1588.

FREI JOÃO DA †
Definidor Maior

(Selo).
FREI GREGÓRIO DE SANTO ÂNGELO
Secretário.

[21]

[RECIBO ACERCA DE ALFAIAS DE SACRISTIA]
[Segóvia, 14 de novembro de 1588] [31]

Frei João da Cruz, Prior do Convento de Nossa Senhora do Carmo da cidade de Segóvia. Declaro que recebi das mãos do Sr. Francisco de Castro os ornamentos e os outros adereços para a capela-mor da Senhora Dona Ana de Peñalosa, segundo se menciona nesta relação.

E por ser verdade o firmei a 14 de novembro de 1588.

FREI JOÃO DA †

[22]

[ATA DA COMPRA DAS PENHAS DO CONVENTO DE SEGÓVIA]
[Segóvia, 21 de janeiro de 1589] [32]

Saibam quantos virem esta certidão e escritura pública, como nós, o Prior, frades e capitulares conven-

31. Autógrafo do Santo colocado embaixo da relação de objetos que acabava de receber para a igreja, sendo prior de Segóvia. Conserva-se no arquivo dos descendentes de Dona Ana de Peñalosa em Segóvia. Fotografia: *Mensajero de Santa Teresa y de San Juan de la Cruz* 7 (1929-30) 352-355.

32. O original, encabeçado pela assinatura do Santo, como definidor maior, encontra-se no Arquivo Histórico Provincial de Segóvia: *Protocolo 317*, fls. 295-296. Cópia autenticada no *Livro do Tombo* do Convento dos Carmelitas Descalços de Segóvia.

tuais do Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo, extramuros da cidade de Segóvia, estando, como de fato estamos, juntos e congregados depois de ter a sineta tocado segundo o costume a fim de nos reunirmos para os negócios que dizem respeito ao mencionado mosteiro, e, especialmente, estando juntos o Padre Frei João da Cruz, Definidor Maior e Presidente da Consulta da Congregação de Carmelitas Descalços, Frei Antônio de Jesus, Conselheiro maior, Frei Luís de São Jerônimo, Frei João Batista e Frei Gregório de Santo Ângelo, conselheiros da mencionada Congregação, Frei Brás de São Gregório e Frei Luís de São João, conventuais e capitulares do citado mosteiro, por nós próprios e por aqueles que estão ausentes, por quem garantimos a confirmação na forma pela qual for abaixo-declarada, sob compromisso que para isso fazemos das rendas e bens do mencionado convento, atuais e futuros, declaramos: como prova do quanto o Deão e o Cabido da Santa Igreja Catedral desta cidade têm feito e continuam a fazer de donativo e esmola ao dito mosteiro de dar-lhe e determinar-lhe as penhas sitas acima da Vera Cruz a fim de que as coloquemos no recinto de nossa propriedade, de acordo com o que mandaram determinar e medir o Licenciado Dom João de Orozco de Covarrúbias, arcediago de Cuéllar, e Dom Antônio Mojica, cônego da mencionada Santa Igreja de Segóvia por ordem dos ditos Deão e Cabido e segundo a medida e declaração que se fez das ditas penhas que nos dão, foi lavrado este documento do seguinte teor:

. . . . . .

As referidas penhas, contidas e declaradas na medida que está mencionado acima, nos deram e dão os ditos Deão e Cabido da Santa Igreja desta cidade ao nosso convento, mediante o pagamento de vinte e quatro reais, que é o preço em que foram taxadas e avaliadas as referidas penhas, segundo acima e atrás ficou referido.

A citada importância, isto é, os vinte e quatro reais, deve ser logo entregue na mordomia de finanças dos

mesmos Deão e Cabido, com a condição de que, se em algum tempo o Mosteiro e Convento de Nossa Senhora do Carmo tiver que ser transferido de onde se encontra para outra localidade, voltem as referidas penhas que presentemente nos dão, para os citados Deão e Cabido, a quem pertencem, e eles possam tomar novamente posse delas, devolvendo ao mesmo mosteiro e convento os vinte e quatro reais, quantia mediante a qual nos cederam e obrigamo-nos a deixá-las exatamente como nos foram entregues.

APÊNDICE

1

NOTAS DIFERENCIAIS ENTRE AS DUAS REDAÇÕES DO "CÂNTICO ESPIRITUAL"

No intuito de facilitar aos leitores e estudiosos o confronto entre o texto e a doutrina das *duas redações* do "Cântico Espiritual" de São João da Cruz, que, em formato manual e em separata, começou-se a publicar pela primeira vez em nossas edições, cremos conveniente transcrever aqui as seguintes páginas de dois eminentes críticos sanjuanistas que trataram desta questão: os carmelitas descalços Padre Silvério de Santa Teresa e Frei João de Jesus Maria.

1. O PADRE JOÃO DE JESUS MARIA, no seu artigo intitulado: O *"Cântico Espiritual de São João da Cruz" e "Amores de Deus e da alma" de A. Antolinez O.S.A., ao ensejo da obra de M. Jean Krynen* ("Ephemerides Carmeliticae", Roma 3 [1949] p. 454-456), pôs em relevo, de modo claro e sucinto, as notas diferenciais dos dois Cânticos, ou seja, de suas duas redações: *Cântico A e Cântico B.*

"Número de estrofes. — O *Cântico* A tem 39 estrofes; o B tem 40, que são as 39 do A, mais a estrofe *Mostra tua presença,* colocada no décimo primeiro lugar.

Ordem das estrofes. Uma série de dez estrofes e outra de oito estrofes acham-se dispostas em ordem diferente nos dois Cânticos. Dez em bloco, e oito que em grupos de dois mudam de lugar.

Das restantes, as dez primeiras conservam o mesmo número de ordem em B que em A, e as outras aumentam em B de uma unidade, pela inserção da estrofe: *Mostra*, no décimo primeiro lugar".

Em seguida, o Padre João propõe um amplo esquema demonstrativo que reduzimos aos elementos essenciais no seguinte prospecto:

	Cântico A		*Cântico B*
Estrofes	1-10	correspondem a	1-10
		própria de B	11
	11-14	correspondem a	12-15
	15-24	passam em bloco para	24-33
	25-26	correspondem a	16-17
	27-28	correspondem a	22-23
	29-30	correspondem a	20-21
	31-32	correspondem a	18-19
	33-39	correspondem a	34-40

"*Os comentários.* — O Cântico B, depois do prólogo e do poema, apresenta um "Argumento" ou sumário da matéria tratada na obra, que não figura no texto A.

Na maior parte dos comentários, a cada uma das estrofes ou "canções", antepõe uma "Anotação para a canção seguinte", ao passo que no texto A, o faz somente para o par de estrofes 13-14. Mais da metade dos parágrafos da primeira redação passam literalmente à segunda, sofrendo, obviamente, a *mudança de lugar* correspondente à nova ordem das estrofes comentadas.

O Cântico B suprime alguns parágrafos do comentário A, retoca ligeiramente os restantes e acrescenta parágrafos novos. Os comentários de algumas estrofes (1,38 de B etc.) apresentam consideráveis retoques.

Significado diverso da ordem das estrofes com seus comentários. — A mudança de lugar das estrofes tem um profundo significado. Catorze das estrofes transportadas, não obstante conservarem, em sua maior parte,

o comentário que tinham em A, com alguns retoques ou parágrafos acrescentados, vêm a assumir um sentido fundamentalmente diverso, correspondente à sua nova posição na estrutura do poema.

Tomamos como ponto de referência a estrofe: *E já entrou a esposa* (que figura com o número 27 em A e 22 em B), na qual dizem ambos os Cânticos, que a alma entra no "matrimônio espiritual": aquelas dez estrofes que, juntas, mudam de lugar, em A a precedem, enquanto em B se encontram depois dela e precisamente para cantar as propriedades da alma que chegou ao "matrimônio espiritual"; pelo contrário, das outras oito estrofes, que em grupos de dois mudam de lugar, quatro se acham em A depois da estrofe: *E já entrou a esposa*, ao passo que em B a precedem e descrevem um estado anterior ao do matrimônio espiritual.

O sentido geral do comentário das cinco últimas estrofes. — O Cântico B explica-as com referência à vida do céu. Isto o faz o texto B com propósito deliberado. No "Argumento", escreve: "E as últimas canções tratam do estado beatífico, que é já a única aspiração da alma naquele estado".

Esta declaração inicial do texto B é repetida na anotação para a canção 36 (a primeira das cinco últimas), onde diz: "...só lhe resta [à alma] uma coisa a desejar, que é usufruir perfeitamente dele na vida eterna.

E, assim, nas canções seguintes e nas outras que se vão sucedendo, ocupa-se em pedir ao Amado este beatífico pábulo em manifesta visão de Deus".

Estes textos são exclusivos de B (não se encontrando em A); a primeira redação declara essas mesmas cinco estrofes sem referi-las à glória eterna; explica-as no sentido de comunicação interior da alma com Deus e de bens espirituais de que a alma perfeita desfruta nesta vida".

2. O *Padre Silvério de Santa Teresa*, no tomo III da sua edição crítica do Santo (BMC, 12) p. XXX-XXXII, oferece-nos, através da seguinte nota, as principais dife-

renças entre o manuscrito de Jaén (o texto do Cântico B de nossa edição) e o de Sanlúcar de Barrameda (Cântico A), numa análise comparativa dos dois documentos:

"*O Prólogo* é igual em ambos. O *Argumento* que vem depois do poema só é registrado pelo de Jaén. Indicaremos este e o de Barrameda pelas letras J e B. As canções estão colocadas na ordem em que são apresentadas no de Barrameda, com o seu equivalente de Jaén.

Canções

1-1 A anotação é nova. O texto bastante alterado e, ao comentário do primeiro verso, acrescenta-se tudo o que está compreendido nos números 7-12 desta edição.
2-2 O texto está bastante retocado.
3-3 A Declaração está notavelmente retocada. Apresenta o comentário ao primeiro verso e modifica um pouco o segundo.
4-4 Igual em ambos.
5-5 Igual nos dois. O último parágrafo da primeira redação serve de anotação à sexta canção no de Jaén.
6-6 Apenas algumas variantes sem importância.
7-7 Como o anterior.
8-8 O último parágrafo do comentário da sétima canção de B serve de anotação à oitava de J. No restante, registram-se inúmeros retoques.
9-9 Anotação própria de J. Algumas variantes nos comentários dos versos.
10-10 Anotação própria de J e variantes nos dois últimos versos.
11-12 Anotação própria de J. Na Declaração registram-se algumas variações.
12-13 Anotação própria de J. No restante, igual.
13-14 A anotação de J compõe-se das primeiras linhas da Declaração de B e de algumas mais, que são

acrescentadas. O restante é igual. Os comentários com algumas ligeiras variantes.

14-15 Os comentários apresentam leves variantes. Ao do último verso acrescentam-se os parágrafos compreendidos sob os números 29 e 30.

16-25 A Anotação é própria de J. O comentário dos dois últimos versos apresenta algumas variantes.

17-26 Anotação própria de J. O comentário do quarto verso apresenta numerosas mudanças: acrescentam-se-lhe os parágrafos do número 13 e modificam-se os restantes comentários da canção.

18-27 Anotação própria de J. Ao comentário do último verso acrescenta-se o parágrafo compreendido sob o número 3.

19-28 Anotação própria de J. Notáveis modificações nos comentários dos versos 4 e 5.

20-29 Anotação própria de J. No início do comentário ao último verso o manuscrito de Jaén acrescenta umas linhas.

21-30 Anotação própria de J. Ao comentário do último se acrescentam os parágrafos compreendidos sob os números 10 e 11.

22-31 Anotação própria de J. Ao terceiro verso acrescenta-se um parágrafo e os dois últimos são bastante retocados.

23-32 Anotação própria de J. Retoques nos dois últimos versos. O parágrafo compreendido sob o número 9 é somente de J.

24-33 Anotação própria de J. Faz-se uma glosa ao primeiro verso, retocam-se os restantes e acrescentam-se alguns parágrafos ao último: *Que graça e formosura em mim deixaste.*

25-16 Anotação própria de J e várias modificações nas glosas aos versos.

26-17 Anotação própria de J e muitas modificações no restante da canção.

27-22 Anotação de J. Retocam-se os comentários sobre todo o primeiro verso.

28-23 Da Declaração de B faz-se Anotação de J, com algumas variantes. Põe nova declaração a J. Introduz modificações nas glosas e no fim do último verso acrescenta o extenso parágrafo compreendido sob o número 6 desta canção.
29-20 Anotação própria de J. A Declaração notavelmente mudada. O comentário igual, com algumas ligeiras modificações e no do último verso são acrescentados os parágrafos que se lêem nos números 12, 13 e 14.
30-21 Muito modificados os comentários.
31-18 Anotação própria de J e algumas variantes nos comentários.
32-19 Anotação de J e muitas variações nos três últimos versos.
33-34 Anotação de J. Acrescentam-se algumas linhas ao comentário do primeiro verso e nos restantes introduzem-se muitas variantes.
34-35 A Anotação de J é a Canção de B. Escreve-se nova canção para J e retoca-se bastante o comentário do último verso.
35-36 Anotação própria de J. Registram-se muitas variantes nos comentários.
36-37 Anotação de J. Introduzem-se notáveis mudanças nas glosas.
37-38 Anotação de J. Alguns comentários estão muito diferentes.
38-39 Anotação e Canção próprias de J. Os comentários apresentam algumas variantes nos do primeiro e segundo versos. No fim deste são acrescentadas algumas linhas e modificadas notavelmente as glosas restantes.
39-40 J. modifica as primeiras linhas da Anotação que é, ao mesmo tempo, Declaração e introduz muitas variantes em todos os versos".

2

AVISOS PARA DEPOIS DE PROFESSOS [1]

Avisos que ajudarão o noviço, depois de professo, para a quietude de sua vida e bem espiritual de sua alma.

(1590-1591)

Uma vez que já se tratou da oração e dos exercícios espirituais e corporais em que os noviços se devem exercitar, resta dar-lhes alguns avisos acerca de como se hão de haver com os prelados, com a comunidade e com a sua profissão, avisos que daí por diante, depois de professos, os auxiliem a manter a quietude de sua vida e o bem espiritual de sua alma; acerca deles, o mestre instruí-los-á explanando o que se diz aqui de modo sucinto; porque tendo de tratar com homens de diferentes temperamentos, será importante receber alguma orientação nesse sentido.

1. Primeiramente, procure manter sempre diante dos olhos de sua alma a razão que o determinou a vir, que foi para dedicar-se ao serviço de Deus na Religião e em tudo quanto a ela se referir, e que escolheu estado de

1. Veja-se o que dissemos a propósito desta obra na p. 130, nota 12. Com respeito à história e autenticidade sanjuanista deste escrito, remetemos o leitor à nossa edição crítica: *São João da Cruz: Avisos para depois de professos; novo escrito do Santo Doutor.* Roma. Facultas Theologica O.C.D. — 1961.

penitência, humildade, obediência etc., a fim de, com isso, tender à perfeição; afaste, pois, de sua alma, o raciocínio e desejo que não se coadunem com isso, ainda que não se trate de pecado, porque o religioso veio à Religião não apenas para procurar não pecar como também para servir ao Senhor e tender à perfeição.

2. Ouça o que for ordenado pelas Constituições e pelos prelados como voz de Deus e obedeça a Deus no homem, que encontrará grande luz nesse exercício e tudo se lhe tornará muito suave.

3. Com relação aos prelados e aos capítulos da Ordem, proceda com muita lealdade; e quando houver uma obrigação neste sentido, ou competir-lhe por dever de ofício, ou for oficialmente interrogado a respeito do que está acontecendo a si próprio, aos outros ou à Religião, declare-o e comunique o que sente e o que se passa, com as razões que tem para o serviço de Deus. E com isso dê-se por satisfeito, submetendo-se ao que eles determinarem, ainda que seja contrário à sua vontade e parecer; este é, com efeito, o ofício do religioso e a sua profissão o obriga a essa submissão, obediência e total adesão, pois foi precisamente para isso que veio: para seguir vontade e parecer de outrem; deve estabelecer isso em sua alma como princípio fundamental, por ser coisa importantíssima para a sua tranqüilidade; o contrário, além do orgulho e desprezo de sua profissão e obrigações a ela inerentes, poder-lhe-ia ocasionar muitíssimas inquietações e aflições.

4. Com o prior do convento onde viver e com os religiosos que aí habitarem — é com eles que há de tratar mais freqüentemente — procure ter amor de filho para com o prior e de irmão para com os religiosos. Isso lhe proporcionará muita luz e paz nos relacionamentos que deverá manter com eles. Obedeça ao prior como se fosse a voz de Deus a ordenar-lhe e, caso sinta disposição para isso, trate com ele as coisas de sua alma; revele-lhe seus desejos e tenha-o por confessor; isso obrigará particularmente o prior a velar por si, e, como

a prelado e confessor, o Senhor lhe concederá maior luz para orientá-lo. Ajude-o no que puder, se isso não implicar em culpa; compadeça-se de suas imprudências e ignorâncias — pois, enfim, é humano — e desculpe-o naquilo que puder, segundo Deus, que tudo isso é ofício de filhos e costuma ser muito agradável ao Senhor. Abstenha-se de murmurar contra ele, revelando-lhe as faltas em público, pois com isso se ofende o Senhor. Com os religiosos faça o papel de irmão, ajudando-os e suportando-os fraternalmente, segundo Deus. E quando houver algo a revelar aos superiores, faça-o com caridade, segundo o espírito das Constituições.

5. Quanto ao que for testemunha ocular do procedimento dos prelados de casa, embora ignorando a causa e os fatos que se passam, aprove-o e não julgue a respeito, nem lhe pareça mal; pois assim como seria temerário alguém se pôr a julgar sem ser juiz e sem examinar o processo, lavrando logo a sentença, assim também acontece com o religioso que age deste modo. E, se tem conhecimento do que se passa, paute-se pelo parecer do prelado, pois foi para isso que veio, e deste modo coibirá a miséria de nossa natureza corrupta que se compraz em desaprovar as ações dos prelados e isto lhe proporcionará uma grande paz.

6. Considere-se como elemento integrante de sua Religião e como tal há de conduzir-se e deixar-se guiar pelos superiores; tenha-se por parte de um todo, amoldando-se ao bem da sua comunidade. Deste princípio lhe advirá grande paz quando não lhe concederem aquilo que deseja e que lhe parece ser conveniente; porque ou se engana, ou o prelado — a quem está obrigado a submeter-se — é de opinião e vontade diversas; ou ainda, considerando o bem comum, isso não deve ser concedido. Pode acontecer, por vezes, que a concessão de alguma coisa a um indivíduo, em particular, não se harmonizando com o bem comum, se torne intolerável. E o prelado deve ter sempre em mira o bem comum, fazendo-o prevalecer sobre o bem particular, tanto na

observância e correção regulares, como nas atitudes, concedendo ou negando, segundo convier em ordem a isso. Agindo deste modo, o religioso coibirá suas veleidades de transferência, seja de casa ou de província, e mesmo a inconstância nos exercícios e não se afligirá quando não for atendido em qualquer outra eventual pretensão.

7. Não tenha amizades particulares, mas ame a todos no Senhor e, ao prelado, mais que os outros; e nunca, seja qual for o motivo, pessoa ou coisa particular, perca esse maior amor e obediência ao prelado, nem faça coisa alguma contra ele.

8. No exterior, siga vida comum, como os demais; e, no interior, singularize-se quanto puder nas virtudes.

9. Não se admire pelo fato de existirem nas Religiões alguns elementos observantes, outros amigos de liberdade e comodidade, porque serem todos bons é coisa do céu, e serem todos maus é próprio do inferno. Esta vida é um tecido mesclado de maus e bons, e nas Religiões também há de haver essa diversidade: achegue-se ao grupo melhor e deixe a Deus o cuidado de todos.

10. Não fique observando se na sua comunidade há quem goze de mais comodidade e conforto nem se entristeça por esse motivo; antes, compadeça-se deles e cuide de olhar para si, pois cada um há de receber o prêmio do que houver feito, e quanto mais observante tiver sido, tanto melhor será para ele.

11. Exercite-se na obediência, simplesmente com a intenção de obedecer e assim afastará mil inconvenientes de sua alma; aquele que busca uma obediência prudente e suave, não busca propriamente obediência e sim prudência e seu prazer em ser governado; ora, isso também os pagãos desejam. A obediência religiosa visa mais alto, e, por meio dela, Deus, nosso Senhor, vai guiando o súdito para o seu bem e perfeição, quando a obediência é prudente e quando é imprudente, quando é suave e quando é rigorosa; desde que não ordene o que implicaria em culpa, ela será sempre para ele a

voz de Deus, através da qual o Senhor o conduz para o seu bem espiritual.

Assim sendo, para que a obediência se torne suave ao religioso, é de suma importância que ele adquira o hábito de obedecer, porque sempre e em tudo encontra o objeto de seu desejo.

12. Na pobreza, grave em seu coração aquilo que a Religião tão judiciosamente ordenou, ou seja, viver em vida comum e igual para todos; deste modo evitará os trabalhos e inconvenientes que a faculdade de poder ter algo para uso particular costuma trazer consigo. Observe este ponto como coisa muito importante e, assim, viverá completamente livre de cuidados.

13. Na castidade, abra os olhos, pois conta com um cruel inimigo intrínseco que combate e, muitas vezes, chega a ferir mortalmente através de um simples ato interior de deleite, praticado a sós, com quanto maior razão não o fará nas companhias e ocasiões. Por este motivo, requer vigilância, jejuns, austeridade de vida, clausura e os santos exercícios que se observam em nossa Religião. Com este inimigo o religioso não pode ter meio-termo, nem trégua, nem paz de espécie alguma. Trata-se de vencer ou de ser vencido. Por isso, tenha em grande apreço esses exercícios e peleje com essas armas. Na verdade, ser amigo de comodidades e ser casto são coisas que não se coadunam. E a alma que tem tão poucas forças espirituais, a ponto de se deixar vencer pela tentação de comidas e de conforto, que é de menor monta, ainda menos resistirá à sedução da sensualidade, que é mais forte, máxime quando, à corrupção da natureza e aguilhoadas do demônio, vêm juntar-se comidas, comodidades e ocasiões perigosas que encontra a cada passo nas saídas freqüentes, em virtude da infidelidade à vida de clausura que professou.

14. Já que veio à Religião para ser obediente, pobre e casto, recorde-se disso quando lhe ordenarem algo contra a sua vontade, quando lhe faltar alguma coisa e para

conservar-se em casa e para ser fiel às penitências da Ordem, que são atos dessas virtudes que professou. Procure alegrar-se com isso e esteja atento em não desejar obediência agradável, pobreza regalada, e castidade fácil e em meio a ocasiões, pois cairá nelas.

15. Considere que já renunciou aos afetos do século em coisas mundanas, quando entrou em Religião, tais como: liberdades, fazer a própria vontade, ter abundância e conforto, ser estimado, mandar, ter prestígio etc. Esteja, pois, atento para impedir que entrem de novo em seu coração esses afetos do mundo, em matéria de Religião, que serão, quiçá, piores em si mesmos e mais difíceis de desarraigar.

16. Qualquer pensamento ou coisa que não for de molde a induzi-lo e movê-lo a cumprir a observância de sua profissão, inclinando-o a ser humilde, a mortificar-se, a não desejar ser conhecido nem estimado etc., devem ser afastados como tentação contrária ao estado que escolheu e professou.

17. Se, como miserável, cair em alguma falta, procure a correção regular e ame a quem lha proporciona, pois uma coisa e outra são meios estabelecidos por Deus, nosso Senhor, e por sua Igreja, visando o seu bem: corrigem o passado e previnem o que está para vir, a fim de que não vá adiante em sua perdição; isto aconteceu a muitos que não tiveram no princípio o auxílio dessa medicina espiritual. E, se o ser corrigido com culpa é um grande bem e remédio, o ser corrigido sem ela é grande mercê do Senhor e coroa; por isso, se tal coisa lhe suceder, alegre-se no Senhor por esse motivo.

18. Em todos os ofícios que lhe designarem, procure tirar, primeiramente, proveito espiritual para si; segundo, para a sua Religião; e, terceiro, para os outros, naquilo que nem a si nem à Religião repugne. Esta é a ordem da caridade e o zelo bem ordenado pelas almas.

19. Durante o tempo em que sua alma experimentar tristeza, securas ou paixões, não tome resolução alguma, ainda que lhe pareça tratar-se de coisa evidente, pois,

serenada a borrasca, talvez lhe parecerá completamente o contrário e então julgará com mais acerto.

20. Não avalie a virtude de sua alma pelos gostos, ainda que pareçam espirituais, pois talvez não o sejam. E ainda que o fossem, a medida não há de ser essa, e sim a humildade, o desejo de mortificação e o hábito das virtudes.

21. Domine logo, de início, em sua alma, os ímpetos de fervor e os desejos, porque muitas vezes ofuscam a razão e causam inconvenientes. E quando se tratar de coisa conveniente, sem isso, conscientemente, segundo Deus, consegui-lo-á depois melhor.

22. Tudo quanto suceder, exceto o pecado pessoal, receba-o como vindo do Senhor e nada será capaz de entristecê-lo. Conduza-se nisso segundo o que lhe pede o Senhor e em tudo fará aquilo que deve. Submeta-se à vontade do Senhor nas ocorrências e assim há de alegrar-se. Dependa do Senhor em tudo e seja a obediência sua norma de vida; com isso prosseguirá na caminhada para o céu com muita paz.